

ROMANOS

ÍNDICE

ROMANS

WILLIAM BARCLAY

Título original em inglês:

The Letter to the Romans

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução às Cartas Paulinas****Introdução à Carta aos Romanos**

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	Capítulo 15
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	Capítulo 16

PREFÁCIO

Há muitas pessoas que sustentariam que a *Carta aos Romanos* é o livro maior dos livros do Novo Testamento. Certamente, não há livro que tenha tido maior influencia sobre a teologia da Igreja protestante, e nenhum livro contém mais da quintessência do pensamento de Paulo. Não é um livro fácil de compreender, porque nele Paulo está guiando aos homens às coisas profundas da fé cristã, e freqüentemente escreve com tal exaltação que é difícil desentranhar o fio de suas palavras. Mas, por difícil que possam ser o estudo e a compreensão, a recompensa do estudo é muito preciosa. E é minha esperança que haja muitos que queiram fazer o esforço mental de uma viagem através deste grande livro.

Romanos é afortunada com seus comentaristas. O volume de W. Sanday y A. C. Headlam, no *International Critical Commentary*, é um dos grandes comentários. O volume de C. H. Dodd, no *Moffatt Commentary*, é um dos dois volumes mais valiosos desta série. Não há uma linha nele que não tenha iluminação. O volume de E. H. Gifford, no *Speaker's Commentary*, está cheio de ajudas. O pequeno volume de K. E. Kirk, em la *Clarendon Bible*, é excelente em todo sentido. A obra do James Denney, no *Expositor's Greek Testament*, é uma das melhores costure que Denney tenha escrito. O comentário de Karl Barth marca o

começo de uma época. E o comentário do Anders Nygren, traduzido ao inglês muito recentemente, é um dos maiores de todos os comentários modernos. Todos estes livros estiveram continuamente a meu lado, e minhas dívidas com Dodd, e Sanday e Headlam são muito numerosas para as mencionar.

A tradução de *Romanos* é especialmente difícil. usei constantemente as versões *American Revised Standard* de Moffatt e J. B. Phillips; mas, para fazer claro o significado, vi-me obrigado não poucas vezes a recorrer à paráfrase mais que à tradução.

foi uma grande experiência viver com Paulo ao longo dos meses em que estive escrevendo este livro; e é minha oração que, alguns dos grandes pensamentos de Paulo, possam brilhar através destas páginas, para o leitor de hoje que busca alcançar o coração do evangelho de Paulo.

William Barclay

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da

comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227). Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja

primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo frequentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se

não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. Logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem —três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho do Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

(1) Há uma saudação.

(2) Roga-se pela saúde dos destinatários.

(3) Agradece-se aos deuses.

(4) Há o conteúdo especial.

(5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação

ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para

outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO À CARTA AOS ROMANOS

Uma epístola diferente

Há uma diferença óbvia entre a carta de Paulo aos Romanos e qualquer outra de suas cartas. Por exemplo, qualquer pessoa que leu primeiro as cartas aos Coríntios, sentirá imediatamente a diferença. Há uma diferença tanto de atmosfera como de método. Uma grande parte desta diferença se deve a um fato básico: quando Paulo escreveu à Igreja de Roma estava escrevendo a uma igreja com a qual não teve parte em sua fundação, e com a qual não teve nenhum contato pessoal. Isto explica por que em *Romanos* há tão poucos detalhes de problemas práticos, como os que enchem as outras cartas. É por isso que *Romanos*, à primeira vista, parece tão impessoal. Como o expressou Dibelius: "É, de todas as cartas de Paulo, a menos condicionada pela situação do momento."

Podemos expressar o de outra maneira. *Romanos*, dentre todas as cartas de Paulo, é a que está mais perto de ser um tratado teológico. Em todas as demais cartas é tratado algum problema imediato, alguma situação aflitiva, algum engano corrente, algum perigo mortal, que estava ameaçando no momento à Igreja à qual escrevia. Mas *Romanos* é a abordagem mais próxima de uma sistemática exposição da própria

posição teológica de Paulo, independentemente de qualquer conjunto de circunstâncias imediatas.

Testamentária e profilática

Por causa disto, dois grandes eruditos aplicaram à carta aos *Romanos* dois adjetivos muito esclarecedores. Sanday a chamou "testamentária". É como se Paulo tivesse escrito sua última vontade e testamento teológico, como se em *Romanos* ele estivesse destilando a própria essência da última palavra a respeito de sua fé e crença. Roma era a maior cidade do mundo, a capital do maior império que o mundo jamais viu. Paulo nunca esteve ali, e não sabia se alguma vez o estaria. Mas, ao escrever a tal Igreja em tal cidade, era adequado que lhes expressasse o próprio centro e coração de sua crença, aquilo pelo qual estava disposto a permanecer ou cair em qualquer momento. Burton chamou-a "*profilática*".

O profilático é algo que protege da infecção. Paulo tinha visto muito freqüentemente quanto dano e problemas podiam causar as idéias errôneas, noções tergiversadas, concepções mal orientadas, a respeito da fé e da crença cristãs. Portanto quis enviar à Igreja que estava na cidade que era o centro do mundo, uma carta que corroborasse a estrutura de sua fé de tal maneira que, mesmo que sempre a atacassem as infecções, tivessem na verdadeira palavra da doutrina cristã uma defesa poderosa e efetiva. Ele sentiu que o melhor amparo contra a infecção do falso ensino era o anti-séptico da verdade.

A ocasião em que Paulo escreveu a Roma

Paulo em toda sua vida esteve acossado pela idéia de Roma. Um de seus sonhos foi sempre o de visitar Roma e pregar ali. Quando esteve em Éfeso se propôs a percorrer outra vez Acaia e Macedônia, e logo vem a sentença obviamente vertida diretamente do coração: "Depois de ter eu

estado ali, *é-me necessário que veja também Roma*” (Atos 19:21, TB). Quando as coisas ficaram difíceis em Jerusalém, e a situação ficou ameaçadora e o fim parecia próximo, teve uma daquelas visões que sempre levantavam seu coração. Nessa visão o Senhor se apresentou e lhe disse: “Paulo, tem ânimo! Porque, como de mim testificaste em Jerusalém, *assim importa que testifiques também em Roma*” (Atos 23:11, RC). Já no primeiro capítulo da carta, anima-se o desejo de Paulo de ver Roma: “Pois tenho grande desejo de ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais firmados” (Romanos 1:11, TB). “Por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma” (Romanos 1:15). Bem se poderia dizer que o nome de *Roma* estava escrito no coração de Paulo.

Quando Paulo realmente escreveu a carta aos Romanos a data foi algum dia do ano 58 d. C., estando ele em Corinto. Estava a ponto de completar um projeto muito querido a seu coração. A Igreja em Jerusalém era a Igreja mãe de todas elas, mas era uma Igreja pobre, e Paulo tinha organizado uma coleta entre as Igrejas jovens para a Igreja de Jerusalém (1 Coríntios 16:1 ss., 2 Coríntios 9:1 ss.). A coleta significava duas coisas. Era uma preciosa oportunidade para seus novos conversos de pôr em ação a caridade cristã, e era a maneira mais prática de inculcar a todos os cristãos a unidade da Igreja cristã, ensinar que eles não eram membros de congregações isoladas e independentes, mas sim de uma grande Igreja, cada uma de cujas partes tinha uma responsabilidade para com todo o resto. Quando Paulo escreveu *Romanos* estava justamente por sair para com Jerusalém com esse donativo para a Igreja de Jerusalém. “Mas, agora, vou a Jerusalém para ministrar aos santos” (Romanos 15:25, RC).

O objetivo da carta

Por que, então, escreveria em tal momento?

(a) Paulo sabia que a viagem a Jerusalém não deixaria de ter seus perigos. Sabia que ali tinha inimigos, e ir a Jerusalém era pôr sua vida e sua liberdade nas mãos deles. Ele desejava as orações da Igreja romana antes de empreender esta expedição. “Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judéia” (Romanos 15:30-31). Paulo estava mobilizando as orações da Igreja antes de embarcar-se nessa perigosa empresa.

(b) Mas Paulo tinha grandes projetos movendo-se em sua mente. Tem-se dito de Paulo que "estava sempre obcecado pelas regiões mais adiante". Nunca via um barco ancorado sem desejar abordá-lo e levar a mensagem das boas novas aos homens além do mar. Nunca via um panorama de montanhas azuis à distância, sem desejar atravessá-las e levar a história da cruz aos homens que nunca a tinham ouvido. Agora, nesta oportunidade, Paulo estava obcecado pela idéia da Espanha: “Quando partir para a Espanha, irei ter convosco” (Romanos 15:24). “Tendo, pois, concluído isto (ou seja, quando tiver entregue a coleta à Igreja de Jerusalém) e havendo-lhes consignado este fruto, passando por vós, irei à Espanha” (Romanos 15:28).

Por que este grande desejo de ir a Espanha? Roma fazia a Espanha acessível. Alguns dos grandes caminhos e edifícios romanos ainda permanecem até o dia de hoje. E assim acontecia que, justamente nesta época, havia um sopro de grandeza na Espanha. Ocorre que muitas das grandes figuras que escreveram seus nomes na história e literatura romanas nesta época eram espanhóis. Havia Marcial, o mestre dos epigramas. Havia Lucano, o poeta épico. Havia Columela e Pomponio Mela, grandes figuras da literatura romana. Havia Quintiliano, o mestre da oratória romana. E, sobre tudo, havia Sêneca, o maior dos filósofos estoicos romanos, tutor do imperador Nero, e primeiro-ministro do Império Romano. Era muito natural que o pensamento de Paulo voasse em direção daquela terra que estava produzindo uma tão cintilante

galáxia de grandeza. O que poderia acontecer se homens como esses pudessem ser ganhos para Cristo? Espanha era a meta inevitável para a fé cristã. Na medida do que sabemos, Paulo nunca chegou ali. Na visita a Jerusalém foi detido e nunca mais foi posto em liberdade. Mas, quando Paulo escrevia aos romanos, este era o seu sonho.

Agora, Paulo era um mestre da estratégia. Como um grande comandante, tinha a visão da disposição total do território. Sentia que na ocasião devia sair da Ásia Menor, que devia deixar a Grécia. Via todo o ocidente diante de si, território virgem para ser ganho para Cristo. Mas, se ia lançar uma campanha no Ocidente, precisava de uma coisa: *precisava de uma base de operações*. Precisava de um quartel general. Precisava de algum lugar do qual partissem suas linhas de comunicação. Havia uma só base semelhante e essa base era *Roma*. Por isso foi que Paulo escreveu sua carta a Roma. Ele tinha este grande sonho em seu coração, e este grande plano em sua mente. Precisava de Roma como base para esta nova campanha. Sabia que a Igreja em Roma devia conhecer o seu nome. Mas também sabia, porque era um realista, que os relatórios que chegassem a Roma podiam ser contraditórios. Seus oponentes não eram incapazes de difundir suas calúnias e suas falsas acusações contra ele. Assim, pois, escreveu esta carta para fazer público na Igreja de Roma um manifesto do mesmo centro e essência de sua crença, de maneira que, quando chegasse o momento da ação, pudesse encontrar em Roma uma Igreja bem disposta, da qual se pudesse tender as linhas de comunicação com a Espanha e o Ocidente. Foi com tal plano, e tal intenção, que Paulo, no 58 d. C. se sentou em Corinto a escrever sua carta à Igreja em Roma.

O esquema da carta

Romanos é ao mesmo tempo uma carta muito complicada e muito cuidadosamente construída. Portanto nos ajudará a encontrar nosso

caminho através dela o ter em mente uma idéia do esquema e estrutura sobre a qual foi escrita. Consta de quatro divisões definidas:

- (1) Capítulos 1-8, que tratam do problema da justiça.
- (2) Capítulos 9-11, que tratam o problema dos judeus, o povo escolhido.
- (3) Capítulos 12-15, que tratam questões práticas da vida diária.
- (4) Capítulo 16, que é uma carta de apresentação para Febe, e uma lista final de saudações pessoais.

(1) Quando Paulo usa o termo *justiça*, entende uma *correta relação com Deus*. O homem justo é o homem que tem uma correta relação com Deus, e cuja vida o manifesta. Paulo começa com um exame do mundo gentio. Basta olhar a decadência e corrupção daquele mundo gentio para saber que o problema da justiça não tinha sido resolvido. Ele considera o povo judeu. Os judeus tinham procurado resolver o problema da justiça mediante uma meticulosa obediência .à lei. Paulo provou por si mesmo este caminho e encontrou frustração e derrota, porque ninguém sobre a Terra pode jamais obedecer totalmente a lei, e, portanto, todo homem deve ter a consciência constante de estar em dívida com Deus e sob a condenação de Deus. Assim Paulo encontra o caminho à justiça no caminho da confiança total e da entrega total. O único caminho para uma correta relação com Deus é crer na palavra de Deus, e lançar-se, tal como se é, à misericórdia e ao amor de Deus. Este é o caminho da fé. É saber que o importante é , não o que nós podemos fazer por Deus, mas o que Deus fez por nós. Para Paulo o centro da fé cristã era que jamais podemos ganhar ou merecer o favor de Deus, nem precisamos fazê-lo.

Toda a questão é uma questão de graça, e tudo o que podemos fazer é aceitar em maravilhado amor e gratidão e confiança o que Deus fez por nós. Mas isto não nos liberta de nossas obrigações, nem nos habilita a fazer o que nos agrada; significa que jamais devemos tentar ser dignos do amor que tanto fez por nós. Mas há uma mudança na vida. Já não

tentamos cumprir as demandas de uma lei severa, austera e condenatória; já não estamos como criminosos diante de um juiz; somos amantes que deram toda a vida em amor Àquele que nos amou primeiro.

(2) O problema dos judeus era um problema torturante. Em um sentido real eles eram o povo escolhido de Deus, e entretanto, quando o Filho de Deus veio ao mundo, ele o rejeitaram. Que explicação poderia haver para este feito que machuca o coração? A única explicação que Paulo podia achar era que, no fim, tudo era obra de Deus. De algum modo o coração dos judeus foi endurecido; mas nem tudo era fracasso, porque sempre houve um remanescente fiel. Nem foi inutilmente, porque o próprio fato de os judeus rechaçarem a Cristo abriu a porta aos gentios. Nem era o fim do assunto, porque no fim os gentios trariam os judeus e todos os homens seriam salvos. Mas Paulo vai mais longe que isto. O judeu sempre pretendia ser membro do povo escolhido em virtude do fato de ser judeu. Era só questão de linhagem, de sangue, de pura descendência racial de Abraão. Mas Paulo insiste em que o verdadeiro judeu não é aquele cuja ascendência de sangue e carne pode ser traçada desde Abraão. O verdadeiro judeu é o homem que fez a mesma decisão de total entrega a Deus em fé amante como fez Abraão.

Portanto — argúi Paulo — há muitos judeus de puro sangue que não são absolutamente judeus no real sentido do termo; e há muitas pessoas vindas de todas as nações que são realmente judeus no verdadeiro sentido desta palavra. O novo Israel não era absolutamente uma questão racial; era constituído por aqueles que tinham a mesma fé e a mesma atitude para com Deus que teve Abraão. Ser membro do povo escolhido não era ser um judeu racialmente puro, mas ter tido a mesma fé em Deus que teve Abraão.

(3) O capítulo doze de Romanos é uma declaração ética tão grande que deve ser posta sempre ao lado do Sermão da Montanha. Aqui Paulo formula o caráter ético da fé cristã. Os capítulos 14 e 15 abordam um problema que sempre volta. Na Igreja havia um partido estreito que cria que deviam abster-se de certas bebidas e comidas, e que consideravam

de grande importância os dias e as cerimônias. Paulo fala deles como dos irmãos mais fracos, porque a fé deles dependia destas coisas externas.

Havia um partido mais amplo e mais liberal, que se tinha libertado destas regras e normas e observâncias externas. Paulo fala deles como dos irmãos que são mais fortes na fé. Paulo deixa bem claro que suas simpatias estão com o partido mais liberal; mas formula o grande princípio de que ninguém nunca deve fazer nada que fira a consciência de um irmão mais fraco ou que ponha uma pedra de tropeço em seu caminho. Seu ponto de vista global é que nunca devemos fazer nada que torne mais difícil para qualquer pessoa o ser cristão; e que isto bem pode significar renunciar a algo que é correto e seguro para nós, por causa do irmão mais fraco. A liberdade cristã nunca deve ser usada de tal maneira que danifique a vida ou a consciência de outro.

(4) A quarta seção, com a qual termina a carta, é uma carta de recomendação para Febe, uma membro da Igreja de Cencreia, que ia a Roma. A carta termina com uma lista de saudações e uma bênção final.

Dois problemas

O capítulo dezesseis de Romanos sempre se apresentou aos eruditos como um problema. Muitos pensaram que realmente não faz parte da *carta aos Romanos*; e que é realmente uma carta para alguma outra Igreja, que foi acrescentada a *Romanos* quando foram coligidas as cartas de Paulo.

Quais são as bases sobre as quais os eruditos chegaram a esta conclusão? Em primeiro lugar, neste capítulo Paulo envia saudações a vinte e seis diferentes pessoas, a vinte e quatro das quais ele menciona pelo nome, e a todas elas parece conhecer muito intimamente. Tão íntimo é seu conhecimento em alguns casos que pode dizer, por exemplo, que a mãe do Rufo foi também uma mãe para ele. Agora, é provável que Paulo conhecesse intimamente a vinte e seis pessoas em *uma Igreja que alguma vez tinha visitado*, que não tinha baseado e na

qual ele alguma vez tinha estado em sua vida? De fato, envia saudações a mais pessoas neste capítulo que o que faz em qualquer outra carta, e entretanto, nunca tinha posto o pé em Roma. Há algo aqui que necessita explicação.

Mas, se este capítulo não foi escrito a Roma, a quem foi escrito originalmente? É aqui onde Priscila e Áqüila entram no argumento. Sabemos que eles tinham deixado Roma em 52 d. C., quando Cláudio proclamou seu decreto expulsando os judeus (Atos 18:2). Sabemos que foram com Paulo para Éfeso (Atos 18:18). Sabemos que estavam em Éfeso quando Paulo escreveu sua carta aos coríntios, menos de dois anos antes de ele escrever Romanos (1 Coríntios 16:19). E sabemos que estavam ainda em *Éfeso* quando foram escritas as epístolas pastorais (2 Timóteo 4:19). É certamente seguro que se tivéssemos encontrado uma carta enviando saudações a Priscila e Áqüila, com segurança teríamos suposto que fora enviada a Éfeso, se não levasse nenhum outro endereço. Há alguma outra evidência que nos faça pensar que o capítulo dezesseis tenha sido enviado a Éfeso em primeiro lugar? Existe a razão perfeitamente geral de que Paulo passou mais tempo em Éfeso que em qualquer outro lugar, e seria natural para ele enviar saudações a muitas pessoas ali. Paulo fala de Epêneto, *primeiro fruto de Acaia*. Éfeso está na Ásia, e tal referência seria muito natural em uma carta a Éfeso, mas não tão natural em uma carta a Roma. Romanos 16:17 fala a respeito de *dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes*, que soa como se Paulo estivesse falando a respeito de uma possível desobediência a seu próprio ensino, e ele nunca ensinou em Roma.

Poder-se-á argüir que o capítulo dezesseis estava originalmente dirigido a Éfeso, mas o argumento não é tão forte como parece. Para começar, não há evidência de que o capítulo tenha sido jamais acrescentado em algum outro lugar que não seja a *carta aos Romanos*. Além disso, é estranho que Paulo não enviou saudações pessoais a Igrejas que conhecia bem. Não há saudações pessoais aos Tessalonicenses, Coríntios, Gálatas e Filipenses, todas as quais eram

Igrejas que ele conhecia bem; no entanto *há* saudações pessoais em Colossenses, outra Igreja na qual Paulo nunca tinha posto o pé. A razão é realmente muito simples. Se Paulo tivesse enviado saudações pessoais a Igrejas que conhecia bem, teria podido provocar ciúmes; por outro lado, quando escrevia a Igrejas que nunca tinha visitado, seu desejo era estabelecer tantos laços pessoais quanto possível.

O próprio fato de Paulo nunca ter estado em Roma torna provável que *buscasse* estabelecer tantas relações pessoais c quanto possível. Novamente, deve-se recordar que Priscila e Áqüila *foram expulsos por um decreto* de Roma. Acaso não é mais provável que, após passados os problemas, seis ou sete anos mais tarde, voltassem para Roma e retomassem o fio de seus negócios depois de estar em outras cidades? E não é mais provável que muitos dos outros nomes sejam nomes de pessoas que compartilharam esse exílio, que fixaram transitoriamente sua residência em outras cidades, que encontraram a Paulo ali, e que logo, quando a costa ficou limpa, voltaram para Roma a seus antigos lares? Paulo estaria encantado em ter tantos contatos pessoais em Roma e poder aferrar-se deles. E além disso, como veremos quando chegarmos a estudar o capítulo dezesseis em detalhe, muitos dos nomes — as casas de Aristóbulo e Narciso, Ampliata, Nereu e outros — se localizam bem em Roma. Apesar dos argumentos em favor de Éfeso, podemos considerar que não há necessidade de separar o capítulo dezesseis da carta aos Romanos.

Mas há um problema mais interessante, e muito mais importante, que este. Os manuscritos mais antigos mostram algumas coisas muito curiosas com respeito aos capítulos 14, 15 e 16. O único lugar para que apareça normalmente uma doxologia é *o próprio final*. Romanos 16:25-27 é uma doxologia, e na maioria dos bons manuscritos aparece no final. Mas em certo número de manuscritos aparece no final do capítulo 14; dois bons manuscritos a têm em *ambos os lugares*; um antigo manuscrito a tem no final do capítulo 15; dois manuscritos não a têm em *nenhum lugar*, mas deixam um lugar vazio para ela. Há um antigo manuscrito

latino que tem uma série de resumos de seções. Nestes resumos os dois últimos são os seguintes:

50: Sobre o perigo daquele que aflige a seu irmão por causa da comida. Que é obviamente Romanos 14:15-23.

51: Sobre o mistério do Senhor, guardado em segredo antes de sua paixão, mas depois de sua paixão revelado.

Isto é, igualmente claro — Romanos 16:25-27 —, a doxologia. Evidentemente, estes sumários foram atos sobre um manuscrito que não continha os capítulos 15 e 16. Agora, há uma coisa que arroja um raio de luz sobre isto. Em um manuscrito a menção de Roma em Romanos 1:7 e 1:15, é *omitida inteiramente*. Não há menção de nenhum destinatário. Tudo isto mostra que Romanos circulou em duas formas: uma forma como a temos com dezesseis capítulos, e uma com quatorze capítulos, e possivelmente também uma com quinze capítulos. A explicação deve ser esta. Quando Paulo a escreveu *a Roma* tinha dezesseis capítulos; mas os capítulos 15 e 16 só têm referência a coisas que tinham acontecido em Roma. Eram particulares e pessoais para Roma. Agora, não há carta que dê um compêndio tal da doutrina de Paulo e que de tal maneira dê a essência destilada de seu evangelho.

O que deve ter acontecido é que Romanos chegou a circular entre todas as Igrejas, com *os dois últimos capítulos locais omitidos*, exceto a doxologia. Devem ter pensado que Romanos era muito fundamental para deter-se em Roma e ficar ali, e assim devem ter tirado as referências puramente locais e deve ter sido enviada a todas as Igrejas em geral. Quando tentamos neste fascinante problema encontramos que, das épocas mais primitivas, a Igreja sentiu que Romanos era uma expressão tão grande do pensamento de Paulo, que devia chegar a ser, não a posse de uma congregação, mas sim de toda a Igreja. Devemos recordar no enquanto a estudemos que os homens consideraram *sempre* a carta aos Romanos como a quintessência da mente e do coração de Paulo.

Romanos 1

Um chamado, um Evangelho e uma tarefa - 1:1-7

A cortesia da grandeza - 1:8-15

Boas novas que orgulham - 1:16-17

A ira de Deus - 1:18-23

Os homens com os quais Deus nada pode fazer - 1:24-25

Uma época indecorosa - 1:26-27

A vida que não leva Deus em conta - 1:27-32

UM CHAMADO, UM EVANGELHO E UMA TAREFA

Romanos 1:1-7

Quando Paulo escreve sua carta aos romanos o faz a uma Igreja que não conhece pessoalmente, situada em um lugar onde nunca esteve, a maior cidade do maior império do mundo, razão pela qual escolhe suas palavras com o maior cuidado.

Paulo começa mostrando seus próprios créditos.

(1) Chama-se a si mesmo escravo (*doulos*) de Jesus Cristo, termo no qual há dois antecedentes de pensamento:

(a) O título favorito de Paulo para Jesus é SENHOR (*kurios*). Este termo em grego se refere a quem tem a posse indiscutida de uma pessoa ou coisa; significa *dono* ou *proprietário*, no sentido mais próprio e absoluto. O oposto do termo SENHOR (*kurios*) é *escravo* (*doulos*). Paulo se considera a si mesmo como escravo de Jesus Cristo, seu Dono e Senhor. Jesus o tinha amado e se deu a si mesmo por ele, portanto tem a segurança de já não pertencer-se mais a si mesmo, mas inteiramente a ele. Sob este aspecto o termo descreve a absoluta obrigação de amor.

(b) Mas o termo escravo (*doulos*) tem outro aspecto. No Antigo Testamento é a palavra comum para referir-se aos grandes homens de Deus. Moisés foi servo, escravo, *doulos* do Senhor (Josué 1:2). O mesmo Josué foi *doulos* de Deus (Josué 24:9). O título mais arrogante dos profetas, aquele que os distingue de outros homens, é o ser servos e

escravos de Deus (Amós 3:7, Jeremias 7:25). Quando Paulo se chama a si mesmo escravo de Jesus Cristo está nada menos que se situando na sucessão dos profetas. A grandeza e a glória destes residia no fato de ser escravos de Deus, e assim também para Paulo. Assim, pois, a expressão *escravo de Jesus Cristo* descreve ao mesmo tempo a obrigação de um grande amor e a honra de um grande ofício.

(2) Paulo se refere a si mesmo como *chamado para ser apóstolo*. No Antigo Testamento os grandes homens foram os que ouviram o chamado de Deus e responderam a ele. Abraão ouviu o chamado de Deus (Gênesis 12:1-3). Moisés respondeu ao chamado de Deus (Êxodo 3:10). Jeremias e Isaías foram profetas porque, freqüentemente contra sua vontade, foram levados a ouvir o chamado de Deus e responder (Jeremias 1:4-5; Isaías 6:8-9). Paulo nunca se considerou um homem que aspirou a alguma dignidade, mas sim como alguém a quem lhe foi dado uma tarefa. Jesus disse a seus homens: "Não me escolheram vós, mas sim eu lhes escolhi a vós" (João 15:16). Paulo nunca considerou a vida em termos do que ele queria fazer, mas sim do que Deus lhe propunha.

(3) Paulo se descreve a si mesmo como *separado para o evangelho de Deus* (*Barcelona: separado para servir as boas novas de Deus*). Ele se achava duplamente separado. Duas vezes em sua vida este mesmo termo (*aphorozein*) usa-se com referência a ele.

(a) Foi separado *por Deus*, ao qual imaginava separando-o até antes de nascer para a tarefa que devia realizar (Gálatas 1:15). Deus tem um plano para cada homem. Todo homem é uma expressão do pensamento de Deus. Nenhuma vida humana carece de propósito, Deus a colocou no mundo para realizar um pouco definido.

(b) Foi separado *para os homens*. Esta é a mesma expressão utilizada em Atos 13:2, quando o Espírito Santo ordenou aos dirigentes da Igreja de Antioquia separar a Paulo e Barnabé para a missão especial aos gentios. Paulo era consciente de ter uma tarefa que devia realizar para Deus e para a Igreja de Deus.

(4) No ato de ser separado, Paulo estava seguro de ter recebido duas coisas. No V. 5 nos diz quais são.

(a) Tinha recebido *graça*. *Graça* indica sempre algum dom absolutamente gratuito e totalmente imerecido. Antes de vir a ser cristão, Paulo esperava obter glória perante os homens e méritos aos olhos de Deus, por meio do meticuloso cumprimento das obras da Lei. Agora chega a compreender que o importante não é o que ele poderia fazer, mas o que Deus tinha feito. Isto foi expresso assim: "A Lei estabelece o que o homem deve fazer; o evangelho, o que Deus tem feito." Paulo compreende agora que a salvação não descansa sobre o que o esforço do homem pode fazer, mas sobre o que o amor de Deus tem feito. Tudo foi de graça, gratuito e imerecido.

(b) Paulo recebeu *uma tarefa*. Foi separado para ser o apóstolo dos gentios. Ele se reconhece eleito, não para receber uma honra especial, mas uma responsabilidade especial. Sabia que Deus o tinha apartado não para sua glória, mas para realizar uma ação laboriosa. Pode ser que haja aqui um trocadilho. Antes Paulo tinha sido fariseu (Filipenses 3:5). O mesmo nome *fariseu* pode muito bem significar *o separado*. É possível que os fariseus fossem chamados assim porque se separaram deliberadamente do povo comum, pois nem sequer permitiam que o bordo de seu manto roçasse a um homem comum. Os fariseus se teriam estremecido com apenas pensar que o oferecimento de Deus pudesse ser dado aos gentios. Para eles os gentios eram "o combustível para os fogos do inferno". Antes Paulo tinha sido como eles, havia-se sentido *separado*, de tal maneira que não tinha senão desprezo para com todo homem comum. Agora se reconhece *separado*, de tal maneira que lhe é imposto dedicar toda sua vida a levar as novas do bom amor a todos os homens de todas as raças. O cristianismo sempre nos separa; mas não por privilégio, nem para a própria glória, nem o orgulho, mas para o serviço, a humildade e o amor para com todos os homens.

Além de apresentar seus créditos, nesta passagem Paulo apresenta em seus esboços essenciais o evangelho que prega. Um evangelho centrado em Jesus Cristo (vs. 3 e 4). Com dois elementos em particular:

(a) Um evangelho da *encarnação*. Paulo fala de um Jesus que era real e verdadeiramente homem. Um dos maiores pensadores da Igreja primitiva o resumiu quando disse de Jesus: "Ele se fez o que nós somos, para nos fazer o que Ele é." Paulo pregava a respeito de alguém que não era uma figura legendária de uma história imaginária, que não era um semideus, metade Deus e metade homem. Ele pregava de alguém que era real e verdadeiramente um com os homens que veio para salvar.

(b) Um evangelho da *ressurreição*. Se Jesus tivesse vivido uma vida bela e fosse morto heroicamente, sendo este seu fim, poderia ter sido contado entre as figuras grandes e heróicas, mas não teria sido mais que um entre muitos heróis. O fato de que foi único está garantido para sempre pelo evento de sua ressurreição. Os outros morreram e passaram, deixando sua lembrança. Jesus continua vivendo e sua presença conserva ainda eficaz poder.

A CORTESIA DA GRANDEZA

Romanos 1:8-15

Depois de quase dezenove séculos a arrebatada emoção desta passagem ainda vibra nele. Podemos sentir o coração de Paulo estremecendo-se de amor pela Igreja que ele nunca viu. Este era o problema de Paulo ao escrever esta carta. Nunca tinha estado em Roma. Não tinha participado da fundação da Igreja romana. Devia desarmar suspeitas. Devia fazê-los sentir que não era um intruso. Que não estava entremetendo-se onde não tinha direito a fazê-lo. O que devia fazer antes de mais nada era derrubar as barreiras de suspeita e estranhamento.

(1) Paulo, combinando sabedoria e amor, começa com um elogio. Expressa-lhes sua ação de graças a Deus pela fé cristã deles, conhecida por todo mundo. Há pessoas cujas línguas estão afinadas para elogiar, e

outras cujas línguas o estão para criticar. Há pessoas cujos olhos estão enfocados para encontrar faltas, e outros cujos olhos o estão para descobrir virtudes.

Diz-se de Tomas Hardy que, se entrava em um campo, nunca veria as flores silvestres, mas o esterco amontoado em um canto. É um fato que sempre obtemos mais das pessoas elogiando-as que criticando-as. Os homens que levam vantagem sobre os outros são os que insistem em ver em outros o melhor que têm. Nunca houve nada tão belo como a civilização dos gregos em sua época de maior esplendor. E dela disse T. R. Glover que foi fundada sobre "uma fé cega no homem comum".

Uma das grandes figuras da guerra de 1914-18 foi Donald Hankey, quem escreveu *The Student in Arms*. Ele conheceu o melhor e o pior dos homens. Em uma oportunidade escreveu a seu casa: "Se sobreviver a esta guerra escreverei um livro chamado 'A bondade vivente', analisando todo o bom e nobre que é inerente às pessoas singela, e tratando de mostrar como isto deve encontrar seu cumprimento e expressão na Igreja." O mesmo Donald Hankey escreveu um magnífico ensaio intitulado *The Beloved Captain*. Aí descreve como o amado capitão tomava os torpes para ensiná-los ele mesmo. "Ele os observava e eles a ele, e todos homens se esforçavam para dar o melhor de si."

Ninguém pode buscar salvar os homens a menos que primeiro confie neles. O homem é um pecador que merece o inferno, mas há também em sua alma um herói dormido. Frequentemente uma palavra de elogio poderá despertar seu dormido heroísmo, quando a crítica e a condenação só poderia levá-lo ao ressentimento e ao desespero.

Aidan foi o apóstolo dos saxões. Tempos antes, no ano 630, o rei saxão fez um pedido a Inglaterra para que fosse enviado um missionário para pregar o evangelho em seu reino. Assim se fez. O missionário voltou falando da "índole obstinada e bárbara dos ingleses". "Os ingleses não têm boas maneiras", disse, "comportam-se como selvagens." Quando informou que a tarefa não tinha futuro, Aidan tomou a palavra. "Penso, irmão", disse, "que você foi muito severo com aqueles ouvintes faltos de

conhecimentos; deveria tê-los guiado gentilmente, dando-lhes primeiro o leite da religião e depois a carne." Assim, Aidan foi enviado a Northumbria, e sua afabilidade ganhou para Cristo aquele povo que a crítica severidade de seu irmão monge tinha rechaçado.

(2) Embora Paulo não conhecia pessoalmente os de Roma, nunca deixou de orar por eles com toda perseverança. É sempre um privilégio e dever cristão apresentar diante do trono da graça nossos amados e todos os companheiros cristãos. Em um de seus sermões sobre o Pai Nosso, Gregório de Nisa tem uma passagem muito lírica a respeito da oração:

"O efeito da oração é a união com Deus e, se alguém estiver com Deus, está afastado do inimigo. Por meio da oração conservamos nossa castidade, controle e moderação e nos afastamos da vaidade. Ela nos faz esquecer injúrias, superar invejas, anular a injustiça e nos dá correção para o pecado. Por meio da oração obtemos bem-estar físico, um lar feliz e uma poderosa e bem ordenada sociedade... A oração é o selo da virgindade e objeto da fidelidade conjugal. Ela ampara o caminhante, protege o que dorme, e dá coragem aos que permanecem em vigília. .. Ela o refrescará quando você estiver arrasado e o confortará na tristeza. A oração é tanto deleite do contente, como refrigério do aflito... A oração é intimidade com Deus e contemplação do invisível... A oração é o gozo das coisas presentes e a substância das coisas por vir."

Até separados das pessoas, sem outro dom que a oferecer-lhes, podemos lhes dar a fortaleza e a defesa de nossas orações.

(3) Paulo, em sua humildade, esteve sempre preparado tanto para receber como para dar. Começa dizendo que quer ir a Roma de modo de poder repartir à Igreja romana algum dom que pudesse confirmá-los na fé. Logo muda. Quer ir a Roma para que ele e a Igreja romana possam confortar-se e fortalecer-se mutuamente, e que cada um possa encontrar riquezas na fé do outro. Há dois tipos de professores. Há aqueles cuja atitude é manter-se acima de seus alunos, dizendo o que deveriam e devem aceitar. E há aqueles que, em efeito, dizem: "Venham, aprendamos isto juntos." Paulo é o maior pensador que a Igreja primitiva tenha dado, e mesmo assim, quando pensa nas pessoas às quais deseja

pregar, considera-se a si mesmo não só como doador mas também como receptor deles. Ter humildade para ensinar é tê-la para aprender.

(4) O versículo 14 tem em grego um duplo significado quase intraduzível. O termo traduzido "não gregos" é literalmente *bárbaros*. Paulo pensava em duas coisas. Era devedor por todas as gentilezas que tinha recebido, e era devedor por causa da obrigação que tinha de lhes pregar. Esta oração tão comprimida significa: "Por tudo o que recebi que deles, e sobretudo pelo que é meu dever lhes dar, sinto-me obrigado a todos os homens." Pode parecer estranho que Paulo fale de *gregos*, quando está escrevendo aos *romanos*. A esta altura o termo *grego* tinha perdido totalmente seu sentido étnico. Não indicava a um nativo do país da Grécia. As conquistas de Alexandre o Grande tinham difundido por todo mundo a língua e o pensamento gregos. De modo que o grego não o era por raça e nascimento. Grego era aquele que tinha a mente e a cultura da Grécia. O bárbaro era, literalmente, aquele que ao falar dizia *barbar*. Quer dizer, aquele que falava uma língua rústica e inarmônica, em contraste com aqueles que falavam a bela e flexível língua dos gregos. Ser grego era possuir uma determinada mente, gênio e cultura. Um deles disse de seu próprio povo: "Os bárbaros podem tropeçar diante da verdade, mas necessitam um grego para entendê-la." O que Paulo quer dizer é que sua mensagem, sua amizade, sua dívida, sua obrigação, era para com o sábio e o simples, o culto e o inculto, o letrado e o letrado. Tinha uma mensagem para o mundo, e sua ambição era dá-lo algum dia também em Roma.

BOAS NOVAS QUE ORGULHAM

Romanos 1:16-17

Chegando a estes dois versículos, passamos os preliminares e ressoa o chamado de trombeta do Evangelho de Paulo. Muitos dos grandes concertos de música clássica começam com um estalo de acordes, para logo anunciar o tema que terá que elaborar e desenvolver. A razão para

isso é que freqüentemente foram primeiro oferecidos em reuniões privadas em grandes mansões. Quando o pianista se sentava ao piano ainda havia cochichos e murmúrios. Tocava então os acordes iniciais para atrair a atenção do grupo, e uma vez obtida introduzia o tema. Previamente a estes dois versículos Paulo esteve fazendo contato com as pessoas à quais escreve, atraindo sua atenção. Feita já esta introdução formula agora o tema.

Temos aqui só dois versículos, mas representam suficientemente a quintessência do evangelho de Paulo para nos manter neles um tempo considerável.

Paulo começa dizendo que está orgulhoso do Evangelho que tem o privilégio de anunciar. É algo surpreendente pensar no pano de fundo desta declaração. Paulo foi prisioneiro em Filipos, foi deslocado de Tessalônica, fugiu da Beréia, escarneceram-se dele em Atenas. Tinha pregado em Corinto onde sua mensagem foi uma insensatez para os gregos e uma pedra de escândalo para os judeus, e sobre este pano de fundo Paulo declara estar orgulhoso do Evangelho. Havia algo no Evangelho que o fazia triunfalmente vitorioso acima o que os homens pudessem lhe fazer.

Nesta passagem encontramos três grandes consigna paulinas. São elas, certamente, os três grandes pilares de seu pensamento e fé.

(1) Encontramos o conceito de *salvação* (*soteria*). Nessa época da história, a salvação era uma das coisas que os homens estavam buscando. Houve um tempo em que a filosofia grega tinha sido especulativa. Quatro ou cinco séculos antes estes homens se dedicavam a discutir o problema de qual seria o elemento básico primitivo da composição do mundo. A filosofia tinha sido especulativa, resultando em uma filosofia natural. Mas pouco a pouco, com o passar dos séculos, a vida decaiu. Os marcos antigos foram destruídos. Tiranos, conquistadores e perigos ameaçaram os homens. Perseguram-nos a degeneração e a fraqueza e a filosofia mudou sua ênfase. Veio a ser prática em vez de especulativa. Deixou de ser filosofia *natural* para converter-se em filosofia *moral*. Seu

meta principal foi construir "um muro de defesa contra o avanço do caos do mundo".

Epicteto chamou sua sala de conferências "o hospital para a alma doente". Epicuro chamou seu ensino "a medicina da salvação".

Sêneca, cuja vida coincidiu no tempo com a de Paulo, afirmou que todos os homens estavam orientados *ad ad salutem*, rumo à salvação. O que precisamos — disse —, é "uma mão que baixe para nos levantar". Os homens, disse ele, têm uma cansativo consciência de "sua fraqueza e ineficácia nas coisas necessárias". Ele disse ser para si mesmo *homo non tolerabilis*, um homem intolerável. Os homens amam seus vícios, disse com certo desespero, e os odeiam ao mesmo tempo. Neste mundo sem esperança — disse Epicteto — os homens buscam paz "não a proclamada pelo César, a não ser por Deus". Dificilmente haverá uma época da história em que os homens busquem a salvação tão universalmente.

Foi precisamente essa salvação, esse poder, essa saída que o cristianismo devia oferecer aos homens.

Consideremos o significado desta *soteria* — salvação — cristã.

(a) Significava *salvação da enfermidade física* (Mateus 9:21; Lucas 8:36). Não era algo totalmente de outro mundo. Tinha como propósito resgatar o homem em corpo e alma.

(b) Significava *salvação do perigo* (Mateus 8:25; 14:30). Não era que a salvação desse ao homem uma vida livre de ameaças e perigos, mas sim lhe conferia algo que dava segurança à sua alma acontecesse o que acontecesse.

A salvação cristã torna o homem seguro, independentemente de qualquer circunstância externa.

(c) Significava *salvação da corrupção da vida*. O homem é salvo de uma geração corrupta e perversa (Atos 2:40). O homem que tem esta salvação cristã possui um tipo de anti-séptico divino que o protege da infecção do mal do mundo.

(d) Significava *salvação da perdição* (Mateus 18:11; Lucas 19:10). Jesus devia buscar e salvar o que se perdeu. O não salvo é o homem que se acha extraviado no caminho errado, um caminho que leva a morte. O salvo é o homem que foi posto no caminho correto.

(e) Significava *salvação do* pecado (Mateus 1:21). Um homem é como um escravo de um amo do qual não pode escapar. É como um paciente que pode diagnosticar a enfermidade, que sabe o que anda mal, mas não pode achar o remédio. A salvação cristã o liberta da tirania do pecado.

(f) Significava *salvação da ira de Deus* (Romanos 5:9). Na passagem seguinte teremos ocasião de discutir o significado desta frase. No momento, basta notar que existe no mundo uma lei moral inexorável, que na fé cristã há um inevitável elemento de juízo. Sem a salvação que Cristo traz, a única possibilidade para o homem é a condenação.

(g) Significava uma *salvação escatológica*. Isto é, encontra sua completa consumação mais além do tempo. Encontrará o seu completo significado e bênção no triunfo final de Jesus Cristo (Romanos 13:11; 1 Coríntios 5:5; 2 Timóteo 4:18; 1 Pedro 1:5).

A fé cristã veio a um mundo desesperado oferecendo salvação – *soteria* – uma segurança que pode manter o homem seguro no tempo e na eternidade.

(2) Encontramos o conceito de *fé*. *Fé*, no pensamento de Paulo é um termo muito rico.

(a) Em seu sentido mais simples significa *lealdade, fidelidade*. Quando Paulo escreveu aos Tessalonicenses quis conhecer a respeito de sua *fé*. Isto é, quis saber em que medida sua lealdade se manteve firme na prova. Em 2 Tessalonicenses 1:4 se combinam *fé* e *paciência*. A fé é a constante lealdade e fidelidade que caracterizam o verdadeiro soldado de Jesus Cristo.

(b) *Fé* significa *crença*. A convicção de que algo é verdadeiro. Em 1 Coríntios 15:17 Paulo diz aos coríntios que se Jesus não ressuscitou

dentre os mortos seu fé é vã. Naufraga tudo o que eles tinham crido. A fé é o assentimento de que a mensagem cristã é verdadeira.

(c) *Fé* significa freqüentemente *a religião cristã*, como nós falamos da fé. Em 2 Coríntios 13:5 Paulo convida seus oponentes a examinar-se para ver se estavam *na fé*, isto é, para ver se ainda estavam na religião cristã.

(d) *Fé* é, muitas vezes equivalente a *esperança indestrutível*. Paulo escreve: "Porque andamos por fé e não por visão" (2 Coríntios 5:7, TB).

(e) Mas em seu uso mais caracteristicamente paulino *fé* significa *aceitação total e confiança absoluta*. Significa "apostar a vida" de que há um Deus". Significa estar absolutamente seguro que o que Jesus disse é verdade, e apoiar o tempo e a eternidade sobre essa segurança. "Creio em Deus", disse Stevenson, "e se despertar no inferno continuarei crendo nEe."

A fé começa com a *receptividade*. Começa quando o homem quer pelo menos ouvir a mensagem da verdade. Continua com o *assentimento intelectual*. Primeiro o homem ouve e logo concorda que é verdadeiro. Mas o assentimento intelectual não se expressa necessariamente em ação. Muitos homens sabem perfeitamente que algo é verdadeiro, mas não mudam suas ações para conformá-las a seu entendimento. A etapa final é quando este assentimento intelectual se torna em uma *entrega total*. Em uma fé totalmente amadurecida o homem ouve a mensagem cristã, concorda em que é verdadeira e logo se entrega a uma vida de total submissão àquela mensagem.

(3) Encontramos o conceito de *justificação*. Em todo o Novo Testamento não há termos mais difíceis de compreender que os termos justificação, justificar, justiça e justo. Teremos muitas ocasiões de encontrá-los nesta epístola. Aqui podemos apenas traçar as linhas principais sobre as quais se move o pensamento de Paulo.

O termo grego que Paulo utiliza para *justificar* é *dikaioun*, cuja primeira pessoa singular do presente indicativo — *justifico* — é *dikaioo*. Devemos deixar bem claro que o termo *justificar*, usado neste sentido,

tem um significado completamente diferente do corrente em nosso idioma. Se justificamos a nós mesmos, significa que damos razões para provar que nossa conduta foi correta. Se outra pessoa nos justificar, significa que dá razões para provar que nossos atos foram corretos. Mas todos os verbos que em grego terminam em **οο** não significam *provar* que uma pessoa ou coisa é algo, nem *fazer* com que uma pessoa ou coisa seja algo; sempre significam estimar, considerar, tratar uma pessoa como algo. Agora, se Deus justifica o pecador não quer dizer que encontrou razões para provar que o pecador estava correto. Justamente o contrário. Nem mesmo significa, até aqui, que ele faz do pecador um homem bom. O que significa é que *Deus trata o pecador como se não fosse pecador*. Em vez de tratar o pecador como um criminoso que deve ser destruído, Deus o trata como um menino que precisa ser amado. Isto é o que significa *justificação*. Significa que Deus nos conta como amigos e não como inimigos, que Deus não nos trata como os maus merecem ser tratados, mas Ele nos trata como os bons merecem. Significa que Ele não nos olhe como transgressores da lei que devem ser castigados, mas sim como homens e mulheres que só devem ser amados. Esta é a verdadeira essência do evangelho.

Isto significa que ser *justificado* é entrar em uma nova relação com Deus, uma relação de amor, confiança e amizade, em lugar de uma relação de distância, inimizade e temor. Já não acudimos a um Deus que irradia castigo terrível, embora justo. Vamos a um Deus que irradia amor perdoador e redentor. Justificação (*dikaiosune*) é a relação correta entre Deus e o homem. O justo (*dikaïos*) é o homem que está nesta correta relação; e aqui está o ponto-chave: não está nesta correta relação por algo que tenha feito, mas sim pelo que Deus tem feito. Não está nesta correta relação porque tenha completo meticulosamente as obras da lei. Está nesta relação porque com fé total se entregou ao maravilhoso amor e misericórdia de Deus.

Lemos, em uma sentença bem compacta: *O justo viverá pela fé*. Agora podemos ver o que esta sentença significa na mente de Paulo: O

homem que está em correta relação com Deus, não por obra de suas mãos, mas sim por sua fé absoluta no que o amor de Deus tem feito, é quem realmente compreende o que é a vida no tempo e na eternidade. E para Paulo, a obra total de Jesus foi tornar os homens capazes de olhar nesta nova e preciosa relação com Deus. O temor foi embora e chegou o amor. O Deus a quem os homens tinham considerado um inimigo, converteu-se em amigo.

A IRA DE DEUS

Romanos 1:18-23

Nas passagens anteriores Paulo considerou a relação com Deus, a qual o homem tem acesso por essa fé que é entrega e confiança totais em contraste com a fé que coloca a ira de Deus que o homem pode atrair por sua deliberada cegueira para com Deus e render culto a seus próprios pensamentos e seus próprios ídolos em vez de adorar a Deus.

Chegamos aqui a um ponto difícil e que deve nos fazer pensar seriamente, pois nos encontramos com o conceito da ira de Deus. Certamente, esta expressão é alarmante e aterradora.

O que significa? O que pensava Paulo ao usá-la?

No Antigo Testamento achamos a ira de Deus. Nas partes mais anteriores do Antigo Testamento a ira de Deus está especialmente relacionada com a idéia do povo da aliança. O povo de Israel estava em uma relação especial com Deus. Deus o escolheu e o devotou a uma especial relação com Ele, uma relação que obteriam na medida em que guardassem a Lei de Deus, condição de tal relação (Êxodo 24:3-8). Isto significa duas coisas:

(a) Significa que na nação qualquer quebrantamento da Lei provocava a ira de Deus. O quebrantamento da Lei destruía a relação, a aliança entre Deus e Israel. Em Números 16 é relatada a rebelião de Coré, Datã e Abirão, e no fim Moisés pede a Arão que realize uma expiação especial pelos pecados do povo “pois de Jeová já saiu a ira”

(Números 16:46, TB). Quando os israelitas se entregaram ao culto de Baal, “a ira do SENHOR se acendeu contra Israel” (Números 25:3). Por estar Israel em tal relação especial com Deus, qualquer quebrantamento da Lei de Deus provoca sua ira.

(b) Mas, além disso, por estar Israel em tão especial e única relação com Deus, qualquer outra nação que o oprima e o submeta à crueldade e injustiça atrai a ira de Deus. Os babilônios maltrataram a Israel, e “Por causa da indignação do SENHOR, não será habitada” (Jeremias 50:13). Porque Israel tem esta especial relação com Deus, seu pecado e o pecado de outros contra ele criam a ira de Deus.

A idéia da ira de Deus aparece também nos profetas, mas com uma ênfase distinta. O pensamento religioso judeu dos profetas em adiante estava dominado pela idéia das duas idades. A idade totalmente má e a idade de ouro totalmente boa. A idade presente e a idade por vir – ambas separadas pelo Dia do Senhor. Este seria um dia de terrível retribuição e juízo, quando se teria que destruir o mundo, aniquilar o pecador, reconstruir o universo antes que viesse o Reino de Deus. Seria então quando a *ira do Senhor* entraria em terrível atividade. “Eis que vem o Dia do SENHOR, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação” (Isaías 13:9). “Por causa da ira do SENHOR dos Exércitos, a terra está abrasada” (Isaías 9:19). Ezequiel (7:19) fala de “dia da indignação do SENHOR”. Deus derramaria sobre as nações sua “indignação e todo o ardor da minha ira” (Sofonias 3:8).

Mas os profetas não pensavam que a ira de Deus seria posposta até esse terrível dia de juízo. Para eles a ira de Deus estava em atividade contínua. Quando Israel se separava de Deus, quando era rebelde e infiel, então a ira de Deus se desatava contra ele e o sumia em ruína, desastre, cativo e derrota.

Para os profetas a ira de Deus era algo que estava continuamente em operação, e que alcançaria sua culminação de terror e destruição no vindouro Dia do Senhor.

Um estudioso contemporâneo expressou-o da seguinte maneira: "Porque Deus é Deus, porque Deus é por natureza santo, não pode tolerar o pecado, e a ira de Deus é sua "reação aniquiladora contra o pecado."

Isto para nós é difícil de entender e aceitar. De fato, é o tipo de religião que associamos ao Antigo Testamento em vez de ao Novo Testamento. Até Lutero o encontrou difícil. Ele falou do amor de Deus como sua *operação própria*, e da ira de Deus como sua *operação alheia*. Era algo desconcertante para a mente cristã.

Tentaremos ver de que maneira Paulo entendeu esta concepção. O Dr. C. H. Dodd escreve sábia e profundamente sobre o assunto. Paulo fala freqüentemente desta idéia da ira. Mas o que chama a atenção é que embora fale da ira de Deus, *nunca fala de que Deus estivesse irado*. Paulo fala do amor de Deus e do Deus amante. Fala da graça de Deus e do Deus graciosamente dadivoso, fala da fidelidade de Deus e do Deus fiel a seu povo. Mas, surpreendentemente, embora fale da ira de Deus, nunca se refere a Deus como um ser encolerizado. De modo que, portanto, aqui há algo diferente. Há algo distinto na relação entre o amor e a ira com Deus.

Ainda mais, Paulo menciona a ira de *Deus* somente em três ocasiões. Aqui, em Efésios 5:6 e em Colossenses 3:6. Nestas duas passagens se refere à ira de Deus que cai sobre os filhos da desobediência. Mas, mais freqüentemente Paulo fala da ira, sem referência a que seja a ira *de Deus*, e o faz de certa maneira impessoal, como se fosse preciso escrever com maiúsculas — A Ira — como uma tipo de força impessoal que opera no mundo. Em Romanos 3:5 pergunta: "Não cometeria Deus uma injustiça desencadeando sobre nós sua ira?" (Bíblia de Jerusalém). Em Romanos 5:9 se refere a ser salvo da Ira. Em Romanos 12:19 adverte os homens a não tomarem vingança por si mesmos, mas darem lugar à Ira. Em Romanos 13:5 se refere à Ira (o castigo) como um poderoso motivo para manter os homens obedientes. Em Romanos 4:5 diz que a Lei produz ira. E em 1 Tessalonicenses 1:10

afirma que Jesus nos libertou da Ira por vir. Agora, aqui se descobre algo estranho. Paulo fala da ira, e entretanto Jesus salva os homens dessa mesma Ira.

Voltemos aos profetas. Os profetas falaram da ira de Deus, e, muito freqüentemente, sua mensagem era que a ira de Deus viria sobre os homens a menos que eles fossem obedientes.

Como apareceria e operaria esta ira? Seria vista como cativo e derrota, e desastre nacional. Em outras palavras, a mensagem profética era: "Se não forem obedientes a Deus, sua ira os sumirá com a ruína e o desastre". Ezequiel expressa isto mesmo de outra maneira vívida: "A alma que pecar, essa morrerá" (Ezequiel 18:4). Se puséssemos isto em linguagem moderna, deveríamos usar um tipo diferente de terminologia. Diríamos: "Há uma ordem moral neste mundo, e o homem que transgrida a lei moral, mais cedo ou mais tarde, é sujeito a sofrimento."

Isto é exatamente o que o grande historiador J. A. Froude disse:

"Uma lição, e somente uma, pode-se dizer que a história repete distintivamente: que, de alguma maneira, o mundo está construído sobre fundamentos morais, que, a longo prazo, é bom para o bom e será mau para o mau."

A mensagem total dos profetas hebreus era que neste mundo há uma ordem moral. A conclusão é clara: essa *ordem moral é a ira de Deus em ação*. Deus fez este mundo de tal maneira que quebrantamos suas leis por nossa conta e risco. Agora, se fôssemos deixados somente à mercê desta ordem moral inexorável e implacável, não poderíamos esperar mais que morte e destruição. Certamente, o mundo é feito de tal maneira que a alma pecadora deve morrer — se somente agir a ordem moral. Mas neste dilema do homem irrompe o amor de Deus, e este amor de Deus, por um ato incrível de graça imerecida, arrebatou o homem das conseqüências do pecado e o salva da ira da qual se fez merecedor.

A ira de Deus é o castigo inevitável do pecado. Está inscrita na estrutura do universo. E é, precisamente, das conseqüências de nossa

rebelião contra essa ordem moral que nos salva o amor de Deus, pelo que Jesus fez por nós.

Paulo continua insistindo em que os homens não podem alegar ignorância de Deus. Pelo mundo de Deus poderiam ter visto como Ele é. Sempre é possível dizer algo de um homem pela obra de suas mãos. E é possível dizer algo a respeito de Deus pelo mundo que Ele criou. Os escritores do Antigo Testamento sabiam disso. O livro de Jó, capítulos 38-41, está baseado nesta mesma idéia. Paulo sabia disso. A partir do mundo, fala com os pagãos de Listra (Atos 14:17).

Tertuliano, o grande pai cristão primitivo, tinha muito arraigada esta convicção de que Deus pode ser contemplado em seu mundo. "Não foi a pena de Moisés a que iniciou o conhecimento do Criador. . . A grande maioria da humanidade, embora nunca tenham ouvido o nome de Moisés — muito menos de seus livros — não conhecem por essa razão menos o Deus de Moisés." "A natureza", disse, "é a professora; a alma é o aluno." "Uma flor do mato — ainda não uma flor dos prados; uma concha de qualquer mar — ainda não uma pérola do Mar Vermelho; uma pena de ave — por não dizer de pavão, acaso falarão de um pobre Criador?" "Se lhe oferecer uma rosa, não desprezará a seu Criador."

No mundo podemos ver a Deus. O argumento de Paulo, completamente válido, é que se observarmos o mundo, *o sofrimento segue ao pecado*. Quebranta as leis da agricultura — a colheita falha. Quebranta as leis da arquitetura — o edifício se desmorona. Quebranta as leis da saúde — seu corpo sofre. Paulo quer dizer: "Olhem o mundo. Note como está construído! De como é o mundo podem inferir como é Deus." O pecador ficou sem desculpa.

Mas Paulo vai um passo mais adiante. O que fez o pecador? *Em lugar de olhar a Deus ele se olhou a si mesmo*. Complicou-se em vãs especulações e pensou que era sábio, sem ver que não era mais que um insensato. Por que? Foi um insensato porque fez de *suas* idéias, *suas* opiniões, *suas* especulações a medida e a lei da vida em lugar da vontade de Deus. A insensatez do pecador consistiu em fazer do "homem senhor

das coisas". Achou suas normas em suas próprias opiniões e não na lei de Deus, porque olhou dentro de si em vez de olhar para Deus. Viveu em um universo centrado em si mesmo, em lugar de centrado em Deus. Em vez de caminhar olhando para Deus, caminhou olhando-se a si mesmo, e, como qualquer homem que não olha por onde vai, caiu.

Qual foi o resultado? O resultado disto foi a *idolatria*. A glória de Deus foi mudada em imagens de formas humanas e animais. Qual é a raiz pecaminosa da idolatria? A raiz pecaminosa da idolatria é o *egoísmo*. O homem faz um ídolo. Traz-lhe ofertas e lhe apresenta suas orações. Por que? *A fim de que sejam promovidos seus próprios esquemas e sonhos e propósitos*. Todo o seu culto é por causa de si mesmo e não por causa de Deus.

Na totalidade desta passagem somos confrontados face a face com o fato de que a verdadeira essência e base do pecado é colocar-se a si mesmo no lugar de Deus. O pecado é que o homem se adore a si mesmo em vez de adorar a Deus.

OS HOMENS COM OS QUAIS DEUS NADA PODE FAZER

Romanos 1:24-25

A palavra traduzida *concupiscência (epithumia)* é a chave desta passagem. Aristóteles define *epithumia* como *um esforço para alcançar o prazer*. Os estóicos a definiram como o esforço para alcançar o prazer *que desafia toda razão*. Clemente de Alexandria a chamou uma tendência e esforço irrazoável para alcançar aquilo *com o que alguém se gratifica a si mesmo*. *Epithumia* é o desejo apaixonado dos prazeres proibidos. É o desejo que leva os homens a fazerem coisas *infames e vergonhosas*. É o tipo de loucura que leva os homens a fazerem aquelas coisas que nunca teriam feito se este desejo não lhes tivesse tirado seu sentido da honra, prudência e decência. É o sinal do homem que pôs o seu coração nas coisas e prazeres que pode dar este mundo e que esqueceu completamente o Criador do mundo. Este é o modo de vida do

homem que de tal maneira mergulhou no mundo que perdeu totalmente o conhecimento de Deus.

É terrível referir-se a Deus como *aquela que abandona* a alguém. E há duas razões para isto.

(1) Deus deu ao homem o livre-arbítrio, e respeita esta escolha. Em última análise nem mesmo Deus pode misturar-se nessa liberdade de escolha. Em Efésios 4:19 Paulo fala dos homens que se abandonaram à lascívia, renderam a ela toda sua vontade. Oséias (4:17) tem a terrível sentença: “Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o.” Colocou-se uma livre opção diante do homem. Tem que ser assim. Sem opção não pode haver bondade, e sem opção não pode haver amor. Uma bondade forçada não é verdadeira bondade; um amor forçado não é de maneira nenhuma amor. Se os homens deliberadamente derem as costas a Deus, depois que Deus enviou a seu Filho Jesus Cristo ao mundo, nem mesmo Ele pode fazer nada a respeito disso. Quando Paulo se refere a Deus como *aquela que abandona* os homens na imundície, a expressão *abandona* está desprovida de toda irritação furiosa. De fato, nem sequer sua nota principal é de condenação e juízo. Sua nota principal é de ansiosa e dolorosa tristeza, como a de um ser amoroso que fez todo o possível e não pode já fazer mais. Descreve exatamente o sentimento do pai que vê a seu filho dar as costas ao lar e ir embora a um país longínquo. Há muito mais tristeza que ira no coração do homem que experimenta semelhante coisa.

(2) E no termo *abandona* há mais que isto — há juízo. É um dos atos inflexíveis da vida que o pecado engendra pecado. Quanto mais pecador é o homem mais fácil é para ele pecar. Pode começar pecando com certo estremecimento de consciência pelo que está fazendo, e acabar pecando sem nem pensá-lo. Não é que Deus esteja castigando o homem, mas sim ele se torna o castigo sobre si mesmo. Ele se empenhou em ser tal que é escravo do pecado. Os judeus sabiam, e tinham grandes ditados a respeito disso. "Todo cumprimento do dever é recompensado com outro; e toda transgressão é castigada com outra." "Quem quer se esforce

por conservar-se puro recebe o poder para fazê-lo; e quem quer que seja impuro as portas do vício se abrem para ele." "Quem levanta um amparo em torno de si está protegido, e quem se rende está entregue." O mais terrível sobre o pecado é justamente este poder para engendrar pecado. A entristecedora responsabilidade do livre-arbítrio é que pode ser utilizado de tal maneira que resulta finalmente destruído e o homem acaba sendo um escravo do pecado, entregue ao caminho errôneo. E o pecado é sempre uma mentira, porque o pecador pensa que seu pecado poderá fazê-lo feliz, sendo que no fim arruína a vida, tanto para ele como para outros, neste mundo e no mundo vindouro.

UMA ÉPOCA INDECORASA

Romanos 1:26-27

Quando lemos Romanos 1:26-32 pareceria que esta passagem é obra de algum moralista quase histórico que exagerou a situação contemporânea pintando-a com cores de exagero retórico. Descreve uma situação de degeneração moral quase sem paralelos na história humana. Mas Paulo não diz nada que os escritores gregos e romanos da época não tenham dito.

(1) Aquela foi uma época em que as coisas pareciam estar, e estavam, fora de controle. Virgílio escreveu:

"O correto e o errado se confundem; há muitas guerras no mundo, muitas formas de engano; nenhuma honra apreciável foi deixado ao arado; os agricultores partiram e os campos produziram lodaçal; a foice endireitou sua curva na folha da espada. No este, o Eufrates se prepara para a guerra, no oeste, Germânia. Ainda mais, as cidades mais estreitamente próximas desfizeram sua mútua associação e descobriram as costas, e a guerra, fúria antinatural dos deuses, brama sobre tudo o mundo; assim como quando os carros no circo irrompem de suas comportas, eles se lançam à carreira, e o condutor, puxando desesperadamente as rédeas, permite-se guiar pelos cavalos, e o carro faz caso omissivo do cordão."

Era um mundo em que a violência corria desenfreada. Quando Tácito chegou a escrever a história deste período, expressou:

"Estou entrando na história de um período rico em desastres, nublado com guerras, esmigalhado por rebeliões, selvagem em suas próprias horas de paz. .. Tudo era um delírio de ódio e de terror; os escravos eram subornados para trair a seus amos, os empregados a seus patrões. Aquele que não tinha inimigos era destruído por seus amigos."

Suetônio, escrevendo sobre o reinado de Tibério, disse: "Não passa um dia sem que alguém seja executado." Foi uma época de terror completo e total. "Roma", disse o historiador Lívio, "nem podia agüentar seus maus, nem tinha os remédios que os pudessem curar." O poeta Propércio escreveu: "Eu vejo Roma, a orgulhosa Roma, perecer vítima de sua própria prosperidade." Foi uma idade de suicídio moral.

Juvenal, o satírico, escreveu: "A terra já não produz nada mais que homens maus e covardes. Por isso Deus, quem quer que seja, olha para baixo, ri-se deles e os despreza." Para o pensador era uma época em que as coisas pareciam estar fora de controle, e quando, como fundo, o homem podia escutar a risada zombadora dos deuses.

Como disse Sêneca, foi uma época "comovida pela agitação de uma alma que já não se governa a si mesma".

(2) Foi uma época de luxo sem paralelo. Nos banheiros públicos de Roma a água fria e quente emanava de torneiras de prata. Calígula até fez orvalhar a areia do circo com pó de ouro em lugar de serragem.

Juvenal disse amargamente: "Um luxo mais desumano que a guerra cobre Roma. . . De nenhuma culpa ou ato de cobiça se carece desde que desapareceu a pobreza romana." "O dinheiro, tutor do vício... e os debilitados ricos escavaram a fortaleza da época com sua detestável luxúria."

Sêneca se referiu ao "dinheiro, a ruína da verdadeira honra das coisas", e disse: "Não perguntamos quanto vale verdadeiramente uma coisa, mas sim quanto ela custa." Era uma época tão enfastiada das coisas comuns que estava ávida de novas sensações. Lucrécio falou de

"aquela amargura que emana da própria fonte do prazer". O crime chegou a ser o único antídoto contra o aborrecimento, até, como disse Tácito, "a maior das infâmias, o mais selvagem dos deleites".

(3) Foi uma época de imoralidade sem paralelo. Não tinha havido um só caso de divórcio nos primeiros 520 anos de história da república romana. O primeiro registro de um romano divorciado de sua esposa foi o de Espúrio Carvillo Ruja em 234 A. C. Mas nesta época, como disse Sêneca, "as mulheres se casam para divorciar-se e se divorciam para casar-se" As damas de linhagem romana datavam os anos pelos nomes de seus maridos e não pelo dos cônsules. Juvenal não podia crer que fosse possível ter a estranha boa sorte de encontrar uma dama de imaculada castidade.

Clemente de Alexandria fala da típica dama romana de sociedade, "rodeada como Vênus com um dourado cinto de vício". Juvenal escreveu: "É suficiente um marido para a Iberina? Antes a persuadiriam de que se contente com um só olho." Cita o caso de uma mulher que teve oito maridos em cinco anos. Cita o incrível caso da Agripina, a própria imperatriz, esposa de Cláudio, que qual estava acostumada a abandonar o palácio real pelas noites para servir em um bordel por causa de uma luxúria totalmente insaciável. "Mostram espírito intrépido naquelas coisas às quais vilmente de atrevem."

Não há nada que Paulo haja dito sobre o mundo pagão que os próprios moralistas pagãos já não tivessem dito. E a imoralidade não se detinha nos vícios crus e naturais. A sociedade, do alto abaixo, estava assoberbada de vícios contra a natureza. Dos primeiros quinze imperadores romanos quatorze foram homossexuais.

Paulo, longe de exagerar o quadro ele o traça com moderação — e era ali onde Paulo estava ansioso para pregar o evangelho, e era ali onde Paulo não se envergonhava do evangelho de Cristo. O mundo necessitava do poder que operasse salvação, e Paulo sabia que em nenhum outro a não ser em Cristo existia esse poder.

A VIDA QUE NÃO LEVA DEUS EM CONTA**Romanos 1:28-32**

Difícilmente haja uma passagem que tão claramente assinale o que o acontece ao homem quando deixou que levar Deus em conta. Não é tanto que Deus envie um juízo sobre o homem, mas sim o homem se torna sobre si mesmo o juízo quando não dá lugar a Deus em seu esquema de coisas. Quando um homem afasta a Deus de sua vida se converte em um determinado tipo de homem, e aqui nesta passagem temos uma das mais terríveis descrições literárias desse tipo de homem. Observemos o catálogo de coisas espantosas que entram na vida sem Deus.

Tais homens fazem aquelas coisas que são indignas de qualquer homem fazer. Os estóicos tinham uma expressão. Falavam da *kathekonía*, com o qual davam a entender *as coisas que são dignas de que um homem faça*. Há certas coisas que são parte essencial, natural, instintiva, inerente da humanidade, e certas coisas que não o são. Assim diz Shakespeare em Macbeth:

"Eu ousou fazer tudo o que pode chegar a fazer um homem; quem se atreve a fazer mais é ninguém."

O homem que desterra a Deus não só perde a divindade; perde também a humanidade.

Logo vem a longa lista de coisas terríveis. Tomemos uma por uma.

Injustiça (adikia). *Adikia* é exatamente o oposto a *dikaíosune*, que significa *justiça*; e os gregos definiam a *justiça como dar a Deus e aos homens o que a eles é devido*. O homem *injusto* é aquele que rouba tanto aos homens como a Deus os seus direitos. Ele levantou um altar a si mesmo no centro das coisas e assim se adora a si mesmo com exclusão de Deus e do homem.

Perversidade (poneria). Em grego este termo significa mais que *maldade*. Há um tipo de maldade que, principalmente, afeta só a pessoa implicada. Não é essencialmente uma maldade que se exterioriza.

Quando afeta a outros, como toda maldade, não o faz deliberadamente. Pode ser inconscientemente cruel, mas não insensivelmente cruel. Mas os gregos definiam *poneria* como *o desejo de fazer o mal*. É a ativa e deliberada vontade de perverter e infligir injúria. Quando os gregos descreviam a uma mulher como *poneria* queriam indicar que seduzia deliberadamente ao inocente para apartá-lo de sua inocência. Em grego, um dos títulos mais comuns para Satanás é o de *hponeros*, *o maligno*, aquele que deliberadamente assalta, ataca e aspira destruir a inocência e a bondade dos homens. *Poneros* descreve o homem que não só é mau, mas também quer fazer a outros tão maus quanto ele; o homem que quer arrastar a outros até seu próprio baixo nível. É uma maldade destruidora.

Avareza (pleonexia). O termo grego está construído sobre duas palavras que significam *ter mais*. Os próprios gregos definiram *pleonexia* como *o maldito amor às posses*. Este é um vício agressivo. Foi descrito como o espírito que persegue seu próprios interesses com total menoscabo dos direitos dos outros, e até de toda consideração pelo simplesmente humano. Seu termo chave é *rapacidade*. O escritor cristão Teodoreto, descreve-o como o espírito que tende a ter mais, o espírito que se apodera de coisas que não tem direito a ter. Pode operar em todas as esferas da vida. Se operar na esfera material, significa apoderar-se de dinheiro e bens, prescindindo da honra e da honestidade. Se operar na esfera ética, significa a ambição que atropela a outros para ganhar algo que não lhe está propriamente destinado. Se operar na esfera moral, significa a cobiça desenfreada que busca o prazer onde não tem direito a fazê-lo. *Pleonexia* é o desejo que não conhece leis.

Maldade (kakia). *Kakia* é o termo grego mais geral para maldade. Descreve o caso do homem desprovido de toda qualidade que possa fazê-lo bom. Por exemplo, um *kakos krites* é um juiz desprovido do conhecimento legal, o sentido moral e a retidão de caráter que lhe são necessários para fazer um juízo justo. É descrito por Teodoreto como "a *inclinação* da alma para com o pior". O termo que utiliza para *inclinação* é *rope*, que significa *a inclinação da balança*. O homem *kakos* é o

homem cuja vida se inclina para com o pior. *Kakia* foi descrito como o vício essencial que inclui todos os vícios. Foi descrito como o precursor de todo outro pecado. É a degradação da qual crescem e florescem todos os pecados.

Inveja (fthónos). Há uma inveja boa e uma má. Há uma inveja que revela ao homem sua própria fraqueza e insuficiência, e que o faz ansioso de emular e ficar à altura de algum grande exemplo. Há a inveja que é essencialmente uma coisa detestável. Olhe à pessoa admirável, e nem tanto movida pela aspiração a aquela admirabilidade, como pelo ressentimento que lhe cria a admirabilidade da outra pessoa. É a mais tortuosa e retorcida das emoções humanas.

Homicídio (fonos). Deve-se recordar sempre que Jesus ampliou incomensuravelmente a visão deste mundo. Jesus insistiu em que não somente os atos de violência, mas também o espírito de ira e ódio deviam ser eliminados. Insistiu que não era suficiente preservar a vida de ações iradas e selvagens. A única coisa suficiente é que até o desejo e a ira sejam desterrados do coração. Podemos não ter golpeado a ninguém em nossa vida, mas quem pode afirmar que alguma vez não quis golpear a ninguém? Faz tempo que Tomás do Aquino disse: "O homem vê a ação, mas Deus conhece a intenção."

Luta (eris). O significado é a *contenção* nascida da inveja, a ambição, o desejo de prestígio, posto, posição e preeminência. O haver ciúmes provém do coração. Se o homem estiver livre de ciúmes avançou muito em ver-se livre de tudo aquilo que incita à luta e à disputa. O ser capaz de alegrar-se tanto pelo êxito dos outros como pelo próprio é um dom de Deus.

Engano (dolos). Podemos chegar melhor ao significado disto por meio do verbo correspondente (*doloun*). *Doloun* tem dois usos característicos. É usado para referir-se à falsificação de metais preciosos e à adulteração de vinhos. *Dolos* é *engano*; descreve a qualidade do homem que tem uma mente tortuosa e retorcida, o homem que não pode agir de uma maneira reta, o homem que se inclina a usar métodos

tortuosos e clandestinos para fazer sua própria vontade, o homem que nunca faz nada se não ser com algum motivo ulterior. Descreve a astúcia ladina do conspirador intrigante que se encontra em toda comunidade e em toda sociedade.

O espírito que dá a todas o pior sentido às coisas (kakoetheia). *Kakoetheia* significa literalmente *inclinação natural ao mal*. Em seu sentido amplo significa *malignidade*. Aristóteles a definiu em um sentido mais estreito que ainda conserva. Disse que era "o espírito que sempre supõe o pior a respeito de outras pessoas". Plínio a chamou "malignidade de interpretação". Jeremy Taylor disse que é "uma degradação da natureza pela qual tomamos as coisas pelo lado mau, e expomos as coisas sempre no pior sentido". Bem pode ser que este seja o mais corrente de todos os pecados. Se houver dois sentidos possíveis que se possam imputar à ação de alguém, a natureza humana escolherá o pior. É aterrador pensar quantas reputações foram assassinadas com falatórios de comadres, quando a pessoa atribui maliciosamente uma má interpretação a uma ação totalmente inocente. Quando estivermos tentados a fazê-lo assim devemos recordar que Deus ouve e lembra cada palavra que falamos.

Murmuradores e caluniadores (psithyristes e katalalos). Estes dois termos descrevem as pessoas de línguas infamantes. Mas há uma diferença entre eles. *Katalalos*, caluniador, descreve o homem que proclama publicamente suas infâmias. Com toda publicidade faz suas acusações e relata seus contos; mas *psithyristes* descreve o homem que murmura suas histórias maliciosas ao ouvido, é aquele que leva um homem a um canto à parte e murmura suas histórias destruidoras. Ambos são maus, mas o murmurador é o pior. A pessoa, pelo menos pode defender-se de um caluniador público, mas é impotente contra o murmurador secreto que se deleita em destruir reputações.

Aborrecedores de Deus (theostygeis). Esta expressão descreve o homem que odeia a Deus, porque sabe que o está desafiando. Sabe que se houver um Deus, tanto pior para ele. Deus é para ele a barreira entre

ele e seus prazeres. Deus é a cadeia que o impede de fazer exatamente o que quer. De boa vontade eliminaria a Deus se pudesse; para ele um mundo sem Deus seria um mundo no qual poderia haver licença, embora não liberdade.

Injuriosos (hybristes). *Hybris* era para os gregos o vício que principalmente conduzia a destruição à mão dos deuses. Há aqui duas linhas principais de pensamento.

(1) Descreve o espírito do homem que é tão orgulhoso que desafia a Deus. É o orgulho insolente que precede à queda. É esquecer que o homem é uma criatura. É o espírito do homem que desafia o destino e a fortuna. É o espírito do homem tão crédulo em sua saúde, seu poder, sua própria força, que pensa que pode viver a vida sozinho.

(2) Descreve o homem que é desenfreada e sadicamente cruel e insultante. Aristóteles o descreve como o espírito que danifica, fere e prejudica a alguém, não por motivo de desforra, nem porque pode ganhar disso alguma utilidade ou vantagem, mas simplesmente pelo mero prazer de fazer mal. Há gente que sente prazer em ver como alguém reage diante de uma palavra cruel. Há pessoas que obtêm um deleite maligno infligindo tristezas mentais e físicas a outros. Isto é *hybris*. É o sadismo que encontra prazer em machucar a outros pelo simples motivo de danificá-los.

Soberbos (hyperefanos). Este é o termo três vezes usado na Escritura quando se diz que Deus resiste aos *soberbos* (Santiago 4:6; 1 Pedro 5:5; Provérbios 3:24). Teofilactio o chamou "a cúpula de todos os pecados". Teofrasto foi um escritor grego que escreveu uma série de famosas peças sobre o caráter, e definiu a *hyperefanía* como "certo desprezo de todos, exceto a si mesmo". Teofrasto escolheu elementos da vida diária que eram signos de tal arrogância. O homem arrogante, quando lhe é feita uma acusação, rejeita-o aduzindo que não tem tempo para regular de seus próprios negócios. Nunca olha as pessoas na rua, a menos que lhe agrade fazê-lo. Convida a um homem a comer e logo ele mesmo não aparece, mas sim envia a seu servo para atender o

convidado. Toda sua vida está rodeada por uma atmosfera de desprezo e se deleita fazendo com que outros se sintam pequenos.

Altivos (alazon). *Alazon* é, em grego, um termo com uma história interessante. Significa literalmente *aquele que anda errante*. Logo chegou a ser a palavra mãe para os enganadores errantes que se gabam de curas que realizaram, e para os marreteiros que alardeiam que suas mercadorias têm uma excelência que em realidade estão longe de possuir. Os gregos definiram *alazoneia* como o espírito que pretende ter o que não tem. Xenófanés disse que este nome corresponde àqueles que pretendem ser mais ricos e bravos do que são, e que prometem fazer aquilo que realmente são incapazes de fazer, e fazem isto para obter algum benefício ou ganho. Novamente, Teofrasto tem um estudo sobre o caráter de tal homem — *o presunçoso, o estirado*. É o tipo de homem que se gaba de grandes negócios que só existem em sua imaginação, de contatos com gente influente que não existe absolutamente, de donativos a obras de caridade e serviços públicos que nunca deu ou prestou. Afirma que a casa na qual vive é muito pequena para ele, e que deverá comprar uma maior. O jactancioso tenta impressionar a outros — e o mundo ainda está cheio de tais pessoas.

Inventores de males (efeuretes kakon). Esta frase descreve o homem que, por assim dizer, não está de acordo com as maneiras comuns e usuais de pecar, mas sim procura novos e recônditos vícios, porque chegou a cansar-se e fartar-se, e busca novas emoções em algum pecado novo.

Desobedientes aos pais. Tanto os judeus como os romanos colocavam muito alto na escala de virtudes a obediência aos pais. Que os pais deviam ser honrados era um dos Dez Mandamentos. Nos primeiros dias da república romana o *pátrio poder*, a autoridade do pai, era tão absoluta que tinha poder de vida e morte sobre sua família. A verdadeira razão para incluir este pecado nesta passagem é que, uma vez destruídos os laços familiares, seguem-se necessariamente inumeráveis depravações.

Néscios (asynetos). Este termo descreve ao homem tolo, aquele que é incapaz de aprender a lição da experiência, aquele que é culpado de incrível sandice, o homem que não quer usar a mente e o cérebro que Deus lhe deu.

Desleais (asynthetos). Esta palavra devia chegar com uma força particular a um auditório romano. Nos grandes dias de Roma, a honra romana era algo admirável. A palavra de um homem era tão boa quanto seu documento. De fato esta era uma das grandes diferenças entre os romanos e os gregos. O grego era um trapaceiro nato. Os gregos costumavam dizer que se fosse confiado a um governador ou magistrado um talento — 1.000 dólares — mesmo que houvesse dez empregados e contadores para controlá-lo, com toda certeza ele conseguiria malversá-lo; ao passo que o romano, fosse um magistrado em função ou um general em campanha, podia ter que dirigir milhares de talentos sob sua única palavra, e nunca faltaria um só centavo. Ao usar este termo, Paulo não estava lembrando aos romanos a ética cristã somente, mas também suas próprias normas de honra de seus dias mais gloriosos.

Sem afeto natural (astorgos). *Storge* era um termo especial dos gregos para referir-se ao amor familiar. Era algo completamente evidente que aquela era uma época na qual o amor familiar estava morrendo. Nunca a vida da criança foi tão precária como naquele tempo. As crianças eram consideradas como uma coisa desafortunada. Quando nascia uma criança, esta era posto aos pés do pai. Se o pai a elevava significava que a reconhecia. Se ele se voltava e a deixava, a criança era literalmente arrojada fora. Não havia noite em que não fossem abandonados no fórum romano trinta ou quarenta crianças. Todas as noites se desprezava literalmente uma quantidade de crianças. Até Sêneca, mente preclara como era, pôde escrever: "Matamos o cão raivoso; aniquilamos o boi furioso; afundamos a faca no gado emprestado para que não infecte o rebanho; *afogamos as crianças nascidas fracas e disformes*." Os laços naturais do afeto humano tinham sido destruídos.

Implacáveis (aneleemon). Não houve outra época em que a vida humana valesse tão pouco. O escravo podia ser morto ou torturado por seu amo, pois era só uma coisa, e a lei dava ao amo um poder ilimitado sobre ele. Conta-se que em uma rica mansão um dos escravos, levando uma bandeja com copos de cristal, tropeçou e um dos copos caiu e se rompeu. No mesmo momento, seu amo o fez arrojado vivo no lago de peixes no meio do pátio, onde as piranhas selvagens o despedaçaram membro por membro e devoraram sua carne viva. Era uma época desumana até nos prazeres, já que foi a grande época dos jogos de gladiadores, quando o povo achava seu deleite em ver os homens matarem-se entre si. Era uma época em que a qualidade da misericórdia tinha desaparecido.

Finalmente, Paulo diz uma última coisa a respeito daqueles que desterraram a Deus da vida. Acontece normalmente que, embora seja pecador, o homem sabe, e, embora ele mesmo se permita algo, sabe que isso mesmo é imperdoável em outros. Mas naqueles dias os homens tinham alcançado um nível tal que eles próprios pecavam e aprovavam quando outros faziam o mesmo e os animavam a fazê-lo.

George Bernard Shaw disse certa vez: "Nenhuma nação sobreviveu nunca à perda de seus deuses", e aqui Paulo nos deu um quadro terrível do que acontece quando os homens deliberadamente deixaram que levar Deus em conta, e, no seu devido tempo, Roma também pereceu. O desastre e a degeneração foram de mãos dadas e acabaram em destruição.

Romanos 2

[A responsabilidade do privilégio - 2:1-11](#)

[A lei natural - 2:12-16](#)

[O verdadeiro judeu - 2:17-29](#)

A RESPONSABILIDADE DO PRIVILÉGIO**Romanos 2:1-11**

Nesta passagem Paulo se dirige diretamente aos judeus. A conexão do pensamento é esta. Nas passagens anteriores Paulo pintou um quadro horrendo e terrível do mundo pagão, um mundo que estava sob a condenação de Deus. Os judeus estavam totalmente de acordo com cada uma das palavras desta condenação. Eles também criam que Deus eliminaria os pagãos por causa de seus pecados. Mas nem por um momento imaginavam que eles estavam sob uma condenação semelhante. Eles pensavam ocupar uma posição privilegiada perante os olhos de Deus. Deus podia ser o juiz dos pagãos, mas era o protetor especial dos judeus. Aqui Paulo aponta enfaticamente aos judeus que eles são tão pecadores quanto os gentios, assim quando o judeu condena o gentio está condenando a si mesmo; o fato de ser racialmente judeu não o salvará certamente do juízo; ele será julgado não por sua herança racial, mas sim pelo tipo de vida que ele próprio tenha vivido.

Os judeus sempre se consideraram a si mesmos em uma posição privilegiada diante de Deus. "Deus", diziam, "dentre todas as nações da Terra ama somente a Israel." "Deus julgará os gentios com uma medida e os judeus com outra." "Todos os israelitas terão participação no reino por vir." "Abraão está sentado junto às portas do inferno e não permitirá que nenhum mau judeu as atravesse."

Justino Mártir, em *Diálogo com Tritón*, ao discutir com o judeu a respeito da posição dos judeus, este diz: "Aqueles que são descendentes de Abraão segundo a carne participarão do Reino eterno de qualquer maneira, embora tenham sido pecadores, infiéis e desobedientes a Deus."

O autor do *Livro de Sabedoria*, comparando a atitude de Deus para com os judeus e para com os gentios, diz: "Pois aos teus provaste como pai que repreende, mas a eles castigaste como rei severo que condena" (Sabedoria 11:10, BJ). "Assim, enquanto nos corriges, sobre nossos inimigos descarregas a milhares os açoites" (Sabedoria 12:22). Os judeus

criam que todos estavam destinados ao juízo, exceto eles próprios. Não era que alguma bondade especial os fizesse imunes à ira de Deus, senão pelo fato de ser simplesmente judeus.

Para enfrentar esta situação Paulo recorda quatro coisas aos judeus.

(1) Diz-lhes simplesmente que eles estão traficando com a misericórdia de Deus. No versículo 4 utiliza três grandes palavras: "Ou desprezas tu as riquezas da sua *benignidade*, e *paciência*, e *longanimidade*?"¹ Vejamos estes três grandes termos.

(a) *Benignidade (crestotes)*. A respeito desta palavra, diz Trench: "É uma bela palavra como para expressar uma bela idéia." Em grego há duas expressões para *bom*; uma *agathos* e a outra *crestos*. A diferença entre as duas é esta: a bondade do homem que é *agathos* bem pode resultar em recriminação, disciplina e castigo; mas a bondade do homem que é *crestos* é sempre essencialmente mansa. Jesus foi *agathos* quando purificou o templo e expulsou os cambistas e os vendedores de pombas na exaltação de sua ira; foi *crestos* quando tratou com amante gentileza à mulher que ungiu seus pés ou à mulher tomada em adultério. Assim, Paulo diz, em efeito: "Vocês, judeus, estão simplesmente tentando tirar vantagens da benignidade de Deus."

(b) *Paciência (anoque)*. *Anoque* é o termo grego utilizado para *trégua*. Significa, sim, uma cessação da inimizade e da hostilidade, mas uma cessação que tem um limite. Por certo, é algo que dá uma oportunidade, mas uma oportunidade que deve ser aproveitada em um momento dado ou se perde. Com efeito, Paulo está dizendo aos judeus: "Vocês pensam que estão seguros porque o juízo de Deus ainda não caiu sobre vocês. Mas Deus não lhes dá *carta branca* para pecar, mas sim lhes está dando uma oportunidade para se arrependerem e emendarem seus caminhos." O homem não pode pecar sempre impunemente.

(c) *Longanimidade (makrothumia)*. *Makrothumia* em grego é um termo que expressa caracteristicamente *paciência com as pessoas*. Crisóstomo a define como a característica do homem que tem em si mesmo o poder de vingar-se, mas que deliberadamente não o usa. É o

espírito daquele que poderia destruir o homem que o fere ou insulta, mas que por misericordiosa paciência sujeita suas mãos.

Assim, pois, Paulo está, praticamente, dizendo aos judeus: "Não pensem que o fato de Deus não castigá-los seja um sinal de que não os pode castigar. O fato de que o pecado não seja seguido imediatamente pelo castigo de Deus não é demonstração de sua impotência. Vocês devem suas vidas à longanimidade de Deus."

Um grande comentarista disse que freqüentemente todos têm o que ele chama "uma vaga e indefinida esperança de impunidade", um certo sentimento de que "isso não pode ocorrer comigo". Os judeus foram além disto; "abertamente pretendiam estar excetuados do juízo de Deus". Os judeus traficavam com a misericórdia de Deus, e há muitos que até hoje procuram fazer o mesmo.

(2) Os judeus consideravam a misericórdia de Deus como um convite para pecar mas do que um incentivo para o arrependimento.

Foi Heine quem fez uma famosa declaração cínica. Ele obviamente não se preocupava com o mundo vindouro. Foi-lhe perguntado por que tinha tanta confiança e sua resposta foi: "Deus perdoará." Foi-lhe perguntado por que estava tão seguro disso e sua réplica foi: "*C'est son métier*", "É o seu trabalho".

Pensem-lo em termos humanos. Há duas atitudes quanto ao perdão humano. Suponhamos que um jovem faz algo que envergonha, entristece e quebranta a seus pais, e suponhamos que por amor é imerecidamente perdoado, e nunca reprova sua ação; ele pode fazer uma de duas coisas: pode ir e fazer o mesmo outra vez, especulando com o fato de que será perdoado novamente; ou pode ser movido a uma tão imensa gratidão pelo perdão imerecido que recebeu, que dedique toda sua vida a buscar ser merecedor dele.

Uma das coisas mais indecentes do mundo é usar a misericórdia e o perdão do amor como desculpa para continuar pecando. Isto é o que faziam os judeus. Isto é o que muita gente ainda faz. A misericórdia de Deus, o amor de Deus, não pretende nos levar a sentir que podemos

pecar e obter vantagem com isso; pretende fazer estalar de amor nossos corações de maneira que procuremos não voltar mais a pecar.

(3) Paulo insiste em que para Deus não há favoritismos. Insiste em que no plano de Deus não há nenhuma cláusula de nação mais favorecida. Pode haver nações que são escolhidas para realizar uma tarefa especial e com uma responsabilidade especial, mas não há nações escolhidas para receber privilégios e considerações especiais.

Pode ser certo, como disse Milton: "Quando Deus tem uma grande tarefa a fazer Ele a encomenda a seus ingleses", mas se trata de uma grande *tarefa*, não de um grande *privilégio*. A totalidade da religião judia estava baseada na convicção de que os judeus tinham uma posição especial de privilégio e favor aos olhos de Deus.

Pode nos parecer que hoje deixamos muito atrás esta atitude. Mas é assim? Não há hoje tal coisa como a barreira da cor? Não há tal coisa como o que Kipling chamava um sentimento consciente de superioridade ou raças inferiores sem lei?" Isto não significa que todas as nações são iguais em talento, em gênio, em habilidade. Mas sim significa que aquelas nações que avançaram mais que outras estão proibidas de olhar a estas com desprezo, e têm a responsabilidade de ajudar às outras a elevar-se até seu próprio nível.

(4) De todas as passagens de Paulo esta é aquela que mais merece um cuidadoso estudo, com o fim de chegar a uma correta noção dos termos paulinos. Argúi-se freqüentemente que a posição de Paulo era que tudo o que importa é a fé. A religião que põe ênfase na importância das obras é freqüentemente posta de lado com menosprezo ao considerá-la totalmente fora de tom com o Novo Testamento. Nada poderia estar mais longe da verdade. "Deus", diz Paulo, "pagará a cada um de acordo com as suas obras." Para Paulo, uma fé que não se expressasse em obras seria uma simulação e paródia da fé. De fato não seria uma fé. Paulo poderia haver dito que a única maneira em que alguém pode ver a fé de um homem é por meio de suas obras. Uma das mais perigosas de todas as tendências religiosas é falar como se fé e obras fossem coisas

inteiramente diferentes e separadas. Não pode haver tal coisa como uma fé que não se expresse em obras, e não pode haver tal coisa como obras que não sejam produto da fé. As obras e a fé estão inextricavelmente vinculadas entre si. Como poderia Deus, em última análise, julgar o homem a não ser por suas obras? Não podemos dizer comodamente: "Eu tenho fé", e deixar a coisa assim. Nossa fé deve expressar-se em obras, porque é por nossas obras que somos aceitos ou rejeitados.

A LEI NATURAL

Romanos 2:12-16

Para entender o sentido da passagem o versículo 16 deveria seguir ao versículo 13, e os versículos 14 e 15 representam um longo parêntese. Deve-se lembrar que Paulo não escreveu esta carta sentado perante um escritório e pensando cuidadosamente cada palavra e cada construção. Devemos imaginá-lo andando de um lado a outro da habitação ditando-a a seu secretário, Tércio (Romanos 16:22), quem se esforçava para escrevê-lo. Isto explica o longo parêntese, mas é fácil obter o significado correto se tiramos o parêntese e passamos diretamente do verso 13 ao 16, e adicionamos os versículos 14 e 15 como uma explicação posterior. Nesta passagem Paulo volta aos gentios. Ocupou-se dos judeus e de suas pretensões de privilégios e favores especiais. Mas os judeus tinham uma vantagem, e esta era a Lei.

Bem poderia ser que um gentio tomasse a desforra dizendo: "É correto unicamente que Deus condenasse os judeus que têm a Lei e deveriam conhecê-la muito bem; mas nós, os gentios, com segurança nos livraremos totalmente do juízo porque não tivemos oportunidade de conhecer a Lei e não conhecemos nada melhor." Em resposta a esta pretensão, Paulo assenta dois grandes princípios.

(1) O homem será julgado pelo que teve a oportunidade de conhecer. Se conheceu a Lei, será julgado como quem conheceu a Lei. Se não conheceu a Lei, será julgado como quem não conheceu a Lei.

Deus é justo. E aqui está a resposta para aqueles que perguntam o que acontece com as pessoas que viveram no mundo antes da vinda de Jesus e não tiveram oportunidade de ouvir a mensagem cristã. A resposta cristã é que o homem será julgado por sua fidelidade ao mais elevado que foi possível conhecer. Se tiver sido fiel ao mais elevado que conheceu, Deus não quer nem pode lhe pedir nada mais.

(2) Mas Paulo continua dizendo que até aqueles que não conheciam a Lei escrita tinham uma lei natural em seus corações. Poderíamos chamá-la conhecimento instintivo do bem e do mal. Os estóicos diziam que no universo operam certas leis que o homem quebranta para seu próprio risco — as leis da saúde, a lei moral, as leis que governam a vida e a subsistência. Os estóicos chamavam a estas leis *fysis*, que significa *natureza*, e insistiam com os homens a viver *kata fysin*, de acordo com a natureza. O argumento de Paulo é que na própria natureza do homem está implantado um conhecimento inato, inerente e instintivo do que deve fazer. Os gregos teriam estado de acordo com isto.

Aristóteles disse: "Os homens ilustrados e de mente livre se comportarão como aqueles que são *lei para si mesmos*".

Plutarco pergunta: "Quem governará o governador?" E responde: "A lei, a rainha de todos os mortais e imortais, como a chamou Píndaro, que não está escrita em rolos de papiro ou tábuas de madeira, mas em sua própria razão dentro da alma, que mora perpetuamente com ele e o protege e nunca deixa sua alma privada de orientação."

Paulo via o mundo dividido em duas classes de pessoas. Via os judeus com sua Lei dada diretamente por Deus e posta por escrito para que todos pudessem lê-la. Via as outras nações, sem essa Lei escrita, mas com um conhecimento instintivo do bem e o mal implantado por Deus em seus corações. Nenhuma podia pretender ser excetuada do juízo. Os judeus não podiam pretender uma isenção por ter um lugar especial no plano de Deus. Os gentios não podiam pretender uma isenção por nunca ter recebido a Lei escrita. Os judeus seriam julgados como aqueles que tinham conhecido a Lei; os gentios seriam julgados como aqueles que,

embora não tinham uma lei escrita, tinham entretanto uma consciência dada por Deus. Deus julgará ao homem de acordo ao que conhece e tem oportunidade de conhecer.

O VERDADEIRO JUDEU

Romanos 2:17-29

Para um judeu, uma passagem como esta deve ter caído como uma experiência frustrante. O judeu estava seguro de viver em uma relação especial com Deus, e de que Deus o considerava com um favor especial, unicamente por sua descendência nacional de Abraão e porque levava o sinal da circuncisão em seu corpo. Mas aqui Paulo introduz uma idéia à qual voltará várias vezes. Ser judeu, insiste, não é de modo algum um assunto racial; ser judeu não tem nada que ver com a circuncisão. Ser judeu é uma questão de conduta. Sendo assim, há muitos chamados judeus, descendentes puros de Abraão, que levam a marca da circuncisão em seus corpos, que não são absolutamente judeus. Por outro lado, há muitos gentios que jamais ouviram falar de Abraão e que nunca imaginaram ser circuncidados, que são judeus no verdadeiro sentido do termo.

Para um judeu isto terá soado como a mais desatinada heresia. Com um só golpe Paulo estava abolindo a própria base do pensamento judeu. Estava excluindo do verdadeiro perfil judeu a muitos e muitos judeus, e introduzindo uma nova concepção que fazia do perfil judeu algo que todas as nações podiam obter, algo tão amplo como a própria Terra. Uma declaração como esta deixaria os judeus furiosos e estupefatos.

O último versículo desta passagem contém um trocadilho totalmente intraduzível. “O louvor de tal judeu não vem dos homens, mas de Deus” (TB). O termo grego para louvor é *epainos*. Ao nos voltarmos ao Antigo Testamento (Gênesis 29:35; 49:8) encontramos que o significado original e tradicional do termo *Judá é louvor (epainos)*.

De modo que esta oração significa duas coisas:

(a) Significa que o *louvor* de tal homem não vem dos homens, mas sim de Deus.

(b) Significa que o perfil judeu de tal homem não vem dos homens, mas sim de Deus.

O significado total da passagem é que as promessas de Deus não são para pessoas de uma determinada raça e pessoas que levam certo sinal em seus corpos. As promessas de Deus são para pessoas que vivem certo tipo de vida não importa a raça a que pertençam. Ser um verdadeiro judeu não é uma questão de ascendência, é uma questão de caráter; e freqüentemente pode ocorrer que aquele que não é um judeu de raça é melhor judeu do que quem o é.

Nesta passagem Paulo diz que há judeus cuja conduta faz que o nome de Deus seja blasfemado entre os gentios. É um simples fato histórico que os judeus foram, e freqüentemente são ainda, as pessoas mais odiadas e mais impopulares do mundo.

Vejamos exatamente como os gentios consideravam os judeus nos tempos de Novo Testamento.

Os gentios consideravam o judaísmo como uma "Bárbara superstição". Consideravam os judeus como "a mais desagradável das raças", e como "uma desprezível companhia de escravos". As origens da religião judia eram tergiversados com maliciosa ignorância. Dizia-se que os judeus foram originalmente uma companhia de leprosos que tinham sido enviados pelo rei do Egito para trabalhar nas pedreiras de areia; que Moisés reuniu a essa banda de escravos leprosos e os levou através do deserto até a Palestina. Dizia-se que adoravam uma cabeça de asno, porque no deserto uma récua de asnos selvagens os tinha guiado até a água quando estavam morrendo de sede. Dizia-se que se abstinham da carne de porco porque o porco estava especialmente propenso a uma enfermidade da pele chamada sarna, e esta era a enfermidade da pele que os judeus teriam sofrido no Egito.

Alguns dos costumes judeus eram objeto de zombaria entre os gentios. Sua abstinência de carne de porco era motivo de muitos

escárnios entre os gentios. Plutarco pensava que a razão para tal abstinência bem podia ser que os judeus adoravam o porco como a um Deus. Juvenal declara que a clemência judia concedia ao porco uma longa e boa vida, e que a carne de porco era para eles mais valiosa que a carne do homem. O costume de observar no sábado era visto como pura vadiagem e indolência.

Certas coisas das quais desfrutavam os judeus enfureciam os gentios. Dava-se o estranho caso de que, impopulares como eram, os judeus tinham recebido apesar disso extraordinários privilégios do governo romano.

(a) Era-lhes permitido remeter todos os anos a importância dos impostos do templo a Jerusalém. Estas transferências dos impostos do templo a Jerusalém chegaram a ser tão sérias que, na Ásia, ao redor do ano 60 A. C., proibiu-se a saída de circulante e, segundo os historiadores, foram embargadas não menos de vinte toneladas do ouro de contrabando dos envios feitos pelos judeus a Jerusalém.

(b) Era-lhes permitido, ao menos até certo ponto, ter seus próprios tribunais e viver de acordo com suas próprias leis.

Existe um decreto dado na Ásia por um governador chamado Lúcio Antônio, ao redor do ano 50 A. C., no qual o governador escreveu:

"Nossos cidadãos judeus vieram a mim e me informaram que têm suas próprias assembléias privadas, realizadas de acordo com suas leis ancestrais, e seu próprio lugar privado, onde eles acertam seus próprios assuntos e atendem os pleitos entre uns e outros. Quando me perguntaram se poderiam continuar com tal costume, eu sentenciei que lhes permitiria manter tal privilégio."

Os gentios detestavam o espetáculo de uma raça que vivia como uma sorte de nação separada e especialmente privilegiada.

(c) O governo romano respeitava a observância judia do sábado. Estava estabelecido que um judeu não podia ser chamado a dar testemunho em um júízo no sábado. Estava estabelecido que se fosse distribuída uma dádiva ou favor especial ao povo, e se esta distribuição era feita no sábado, os judeus podiam reclamar seu parte para o dia

seguinte. E — o que era um especial motivo de rancor para os gentios — os judeus gozavam de *astreiteia*, quer dizer que estavam excetuados da conscrição para servir no exército romano. Esta isenção estava diretamente relacionada com o fato de que a estrita observância judia do sábado tornava obviamente impossível o cumprimento dos deveres militares nesse dia. O resultado foi a exceção total, e é fácil imaginar com quanto ressentimento o resto do mundo terá olhado esta exceção do que para outros era uma carga onerosa.

Mas havia duas coisas das quais se acusava especialmente os judeus.

(a) Os acusava de *ateísmo* (*atheotes*). Dava-se o caso de que o mundo antigo tinha grandes dificuldades para conceber qualquer religião sem imagens visíveis de culto. Plínio os chamou "raça que se distingue por seu desprezo a todas as deidades". Tácito disse: "Os judeus concebem sua deidade como uma, só pela mente... daqui que não tenham erigido imagens em suas cidades e nem mesmo em seus templos. Não se rende esta reverencia aos reis, nem esta honra aos césares." Juvenal afirmou: "Eles não veneram mais que às nuvens e à deidade do céu." Mas na verdade o que realmente movia a desgosto aos gentios, não era tanto o culto sem imagens dos judeus como o frio desprezo em que os judeus tinham a todas as outras religiões. Ninguém cuja principal atitude rumo ao semelhante seja o desprezo, pode jamais ser missionário. Este desprezo a outros era uma das coisas em que Paulo estava pensando quando disse que os judeus faziam que fora blasfemado o nome de Deus.

(b) Eram acusados de *ódio a seus semelhantes* (*misanthropia*) e *total insociabilidade* (*amixia*).

Tácito disse a respeito deles: "Entre eles mesmos sua honestidade é inflexível, sua compaixão pronta a agir, mas para com as demais pessoas mostram o ódio do antagonismo."

Em Alexandria corria a história de que os judeus tinham jurado não mostrar nunca amabilidade para com um gentio, e que inclusive cada ano ofereciam um grego em sacrifício a seu Deus.

Tácito disse que a primeira coisa que um gentio convertido ao judaísmo era ensinado a fazer era "desprezar os deuses, repudiar sua nacionalidade e menosprezar os pais, filhos e irmãos".

Juvenal afirmou que se fosse perguntado a um judeu o caminho para um determinado lugar, recusava dar qualquer informação exceto a outro judeu, e que se alguém buscava uma fonte para beber, eles não o guiavam a menos que fosse circuncidado.

Aqui temos a mesma coisa outra vez. A atitude básica do judeu para com outros homens era o desprezo, e o desprezo sempre obtém o ódio como resposta.

Era muito certo que os judeus faziam com que o nome de Deus fosse blasfemado porque se encerravam em uma pequena comunidade rígida, da qual todos os outros estavam excluídos, e porque mostravam aos gentios uma atitude de desprezo por seu culto e uma falta completa de caridade para com suas necessidades. A verdadeira religião é questão de corações abertos e portas abertas; o judaísmo era uma religião de corações fechados e portas fechadas.

Romanos 3

[A fidelidade de Deus e a infidelidade do homem - 3:1-8](#)

[O mundo sem Cristo - 3:9-18](#)

[O único modo de estar bem com Deus - 3:19-26](#)

[O fim do caminho das realizações humanas - 3:27-31](#)

A FIDELIDADE DE DEUS E A INFIDELIDADE DO HOMEM

Romanos 3:1-8

Esta é um das passagens em que Paulo está argumentando do modo mais dificultoso. Será mais fácil de entender se lembrarmos que Paulo está apresentando seu argumento a um opositor imaginário. O argumento se desenvolveria mais ou menos assim:

Opositor: O resultado de tudo o que você disse é que não há diferença entre gentios e judeus, que estão exatamente na mesma posição. É isto o que realmente você quer dizer?

Paulo: De maneira nenhuma.

Opositor: Qual é, então, a diferença?

Paulo: Por um lado os judeus possuem o que os gentios nunca tiveram diretamente — os mandamentos de Deus.

Opositor: Concordo! Mas o que ocorre se alguns dos judeus desobedeceram estes mandamentos e foram infiéis a Deus e caíram sob sua condenação? Você acaba de dizer que Deus deu aos judeus uma posição especial e uma promessa especial. Agora você diz que pelo menos alguns judeus estão sob a condenação de Deus. Significa isto que Deus quebrou sua promessa e se manifestou portanto injusto e indigno de confiança?

Paulo: Longe disto! O que isto amostra é que Deus não tem favoritismo com ninguém, Deus castiga o pecado em qualquer lugar que o vê. O fato de que Deus condene os judeus infiéis é a melhor prova possível da justiça absoluta de Deus. Poderia esperar-se que Ele não levasse em conta os pecados deste povo especial, mas não o fez. Nada poderia mostrar tanto sua justiça imparcial e seu direito de ser o Juiz de toda a Terra.

Opositor: Correto. Tudo o que você conseguiu é demonstrar que minha desobediência deu a Deus uma oportunidade para demonstrar sua justiça. Você está dizendo que minha infidelidade deu a Deus uma maravilhosa oportunidade de manifestar sua fidelidade. Por que me chamar pecador por isso? Meu pecado é algo excelente! Deu oportunidade a Deus para mostrar quão bom Ele é! Pode ser que eu tenha feito mal, mas o resultado foi bom. Certamente não podem condenar a um homem por ter dado a Deus uma oportunidade para demonstrar sua justiça.

Paulo: Esse argumento é desprezível! Seu pouco peso se percebe logo que você termina de expressá-lo.

Esmiuçando assim esta passagem de Paulo, vemos que nele há certos pensamentos básicos com respeito aos judeus.

(1) Até o fim de seus dias Paulo creu que os judeus estavam em uma posição especial com relação a Deus. Isso era, de fato, o que criam os judeus. Mas a diferença consistia em que Paulo cria que essa posição especial era uma posição de responsabilidade especial, enquanto que os judeus a entendiam como uma posição de privilégio.

O que foi que Paulo disse que tinha sido confiado especialmente aos judeus? *Os oráculos de Deus*. O que queria dizer com isto? A palavra que ele utiliza é *logia*, que é uma palavra comum no Antigo Testamento grego para uma especial afirmação ou pronunciamento de Deus. Aqui significa *os Dez Mandamentos*. O que Deus confiou aos judeus foram mandamentos, não privilégios. Disse-lhes: "Vocês são um povo especial; portanto vocês devem levar uma vida especial." Não disse: "Vocês um povo especial, portanto podem fazer o que lhes agrade." Disse: "Vocês são um povo especial, portanto *devem fazer o que eu quero*." Esta eleição especial de Deus suportava um dever especial, e não uma isenção especial do dever.

Quando Lord Dunsany sobreviveu à guerra de 1914-18, diz-nos que disse a si mesmo: "Por alguma estranha circunstância ainda estou vivo. Pergunto-me o que quer Deus que faça com uma vida tão especialmente libertada?" Justamente este pensamento é o que os judeus nunca pensaram. Nunca puderam entender o fato de que a eleição especial de Deus trazia como conseqüência um dever especial.

(2) Em todos os seus escritos Paulo tem em mente três atos fundamentais a respeito dos judeus, os quais aparecem aqui em forma embrionária; de fato Paulo leva a carta inteira para poder desenvolvê-los. Devemos notar que Paulo não coloca todos os judeus sob condenação. Expressa da seguinte maneira: "E daí se alguns deles foram infiéis?"

(a) Paulo estava completamente seguro que Deus tinha razão em condenar os judeus. Eles tinham um lugar especial; tinham suas promessas especiais; e o mesmo fato de que se mostraram infiéis a Deus

fazia sua condenação ser maior. A responsabilidade é sempre o anverso do privilégio. Quanto mais oportunidades de fazer o bem tem um homem, maior será sua condenação, se fizer o mal.

(b) Mas nem todos eram infiéis. Paulo nunca se esqueceu do remanescente fiel; e estava seguro de que esse remanescente fiel — por mais pequeno que fosse quantitativamente — era a verdadeira raça judia. Outros tinham perdido seus privilégios e estavam condenados. Já não eram mais judeus. O remanescente era a verdadeira nação.

(c) Paulo sempre estava seguro de que este rechaço de Israel por parte de Deus *não era terminante*. Devido a esse rechaço, abria-se uma porta aos gentios; e no final, algum dia os gentios trariam de volta ao redil os judeus, e gentios e judeus seriam um em Cristo. A tragédia do judeu era que tinha rechaçado a grande tarefa de evangelização do mundo que poderia ter desempenhado e que lhe tinha sido encomendada. Então esta foi encomendada aos gentios, e finalmente, o plano de Deus se cumpria como se fosse à inversa, e não foi, como devia ter sido, o judeu evangelizando o gentio mas sim o gentio evangelizando o judeu — um processo que ainda continua.

Mas ainda mais, esta passagem contém duas grandes verdades humanas universais.

(1) A raiz de tudo pecado é a desobediência. A raiz do pecado do judeu era a desobediência à conhecida Lei de Deus. Como escreveu Milton, "a primeira desobediência do homem" foi a responsável pela perda do paraíso. Quando o orgulho volta a vontade do homem contra a vontade de Deus, aparece o pecado. Se não houvesse desobediência, não haveria pecado.

(2) Uma vez que o homem pecou, ele manifesta um engenho assombroso para justificar seu pecado. Aqui nos encontramos com um argumento que reaparece vez após vez no pensamento religioso. O argumento era que o pecado dá a Deus uma oportunidade de demonstrar ao mesmo tempo sua justiça e sua misericórdia; portanto o pecado é uma coisa boa porque tem bons resultados. Este argumento não é válido. Da

mesma maneira alguém poderia argumentar — seria de fato o mesmo argumento — que não está errado quebrantar o coração de uma pessoa porque dá a essa pessoa a oportunidade de demonstrar quanto ama àquele a ofende. Este é um argumento que só um homem sem visão e insensível usaria. Quando um homem peca, o que necessita não é de engenho para justificar seu pecado, mas humildade para confessá-lo com contrição e vergonha.

O MUNDO SEM CRISTO

Romanos 3:9-18

Na última passagem Paulo insistiu em que o judeu, apesar de tudo, tinha uma posição especial na economia de Deus. Naturalmente o judeu opositor pergunta então se isso significa que os judeus se destacam de outros povos. A resposta de Paulo foi tanto o judeu como o gentio, enquanto estejam sem Cristo estão sob o domínio do pecado.

A frase que Paulo utiliza para denotar "estar sob o pecado" é muito sugestiva. Em grego é *'upo 'amartian*. Neste sentido *'upo* significa definitivamente *em poder de* ou *sob a autoridade de*.

Em Mateus 8:9 o centurião diz: "Tenho soldados sob minhas ordens (*'upo emauton*),". Isto é, tenho soldados sob minha autoridade.

Um estudante está *'upo paidagogon*, *sob a direção* do escravo encarregado de lhe ensinar. Um escravo está *'upo zugon*, *sob o jugo*, em poder de seu amo. O homem sem Cristo, está sob as ordens, sob a autoridade, sob o domínio do pecado, e incapacitado de escapar deste.

Há outra palavra interessante nesta passagem. Ela está no v. 11. É a palavra *acreioo*, que literalmente significa *fazer inútil*. Um dos usos que tem é em referência ao leite que se cortou, que ficou azedo. A natureza humana sem Cristo é uma coisa azeda e inútil. Aqui vemos Paulo fazendo o que os rabinos judeus faziam habitualmente. Nos vv. 10 a 18 reuniu uma coleção de textos do Antigo Testamento. Não cita com exatidão porque o faz de cor, mas inclui citações do Salmo 14:1-3;

Salmo 5:9; Salmo 140:3; Salmo 10:7; Isaías 59:7-8; Salmo 36:1. Este método de reunir textos desta maneira era muito comum na pregação dos rabinos. Chamava-se *caraz* que literalmente significa *reunir pérolas*.

É em efeito, uma descrição terrível da natureza humana sem Cristo. Vaughan assinalou que quando examinamos estas citações do Antigo Testamento, descrevem três coisas.

1) Um *caráter* cujas características são a ignorância, a indiferença, a falsidade e a falta de frutos proveitosos.

2) Uma *língua* cuja característica é ser destrutiva, enganosa e maligna.

3) Uma *conduta* marcada pela opressão, o prejuízo e a implacabilidade. Estas coisas são o resultado de deixar Deus de lado.

Ninguém como Paulo viu o mal existente na natureza humana; mas sempre devemos notar que para ele o mal na natureza humana era, não um chamado ao desespero, mas um desafio à esperança. Quando dizemos que Paulo cria no pecado original, quando dizemos que cria na depravação da natureza humana nunca devemos interpretá-lo no sentido de que não tivesse esperança na natureza humana, ou que a contemplasse com cínico desdém.

Quando William Jay, de Bath, era ancião, disse uma vez: "A memória está me falhando, mas há duas coisas que nunca esquecerei — que sou um grande pecador e que Jesus Cristo é um grande Salvador."

Paulo nunca subestimou o pecado do homem e tampouco subestimou o poder redentor de Jesus Cristo.

Quando era jovem William Roby, o grande Independente de Lancashire, pregava em Malvern. Sua carência de êxito o levou ao desespero e desejava deixar a tarefa. Então um tal senhor Moody o admoestou nesse momento preciso, perguntando: "É que são muito maus para ser salvos?" Este desafio fez que voltasse para seu trabalho.

Paulo cria que os homens sem Cristo eram maus, mas nunca creu que fossem muito maus para ser salvos. Tinham confiança em que o que Cristo fazia por ele o faria por qualquer outro homem.

O ÚNICO MODO DE ESTAR BEM COM DEUS**Romanos 3:19-26**

Aqui nos deparamos outra vez com uma passagem não muito fácil de entender, mas muito rica em conteúdo quando se compreende seu verdadeiro significado.

Vejamos se podemos chegar à verdade básica escondida nele.

O supremo problema da vida é: Como pode entrar o homem em uma relação correta com Deus? Como pode sentir-se em paz, tranqüilo, à vontade com Deus? Como pode o homem escapar ao sentimento de alienação e medo na presença de Deus? A religião mais antiga, a religião do judaísmo, respondia: "Um homem pode alcançar a relação justa com Deus seguindo ao pé da letra o que diz a Lei. Se cumprir todas as obras da Lei, chegará a estar bem com Deus." Mas dizer isso, é o mesmo que dizer que o homem não tem possibilidade de alcançar a relação justa com Deus. Ninguém poderá nunca guardar cada um dos mandamentos da Lei. Simplesmente porque o homem é uma criatura imperfeita não pode alcançar uma obediência perfeita. Ninguém poderá jamais ser capaz de prestar um serviço perfeito à infinita perfeição de Deus.

Então do que serve a Lei? A Lei serve para que o homem se dê conta do pecado. Somente quando o homem sabe o que tem que fazer, pode dar-se conta de que não o está fazendo. Só quando o homem conhece a Lei e tenta cumpri-la se dá conta de que não a está cumprindo. A Lei tem a finalidade de demonstrar ao homem seu pecaminosidade e sua fraqueza. Está, então, o homem alienado de Deus? Longe disso. Porque o caminho a Deus não é o caminho da Lei, mas o caminho da graça. Não é o caminho das obras, mas o caminho da fé.

Para esclarecer o que quer dizer, Paulo utiliza três metáforas:

(1) Usa a metáfora do "tribunal", que é a metáfora que nós chamamos *justificação*. Lembremos novamente que o problema é como pode o homem entrar em uma relação justa com Deus? Esta metáfora entende que o homem está em juízo perante Deus.

A palavra grega que se traduz como *justificar* é *dikaioun*. Todos os verbos gregos que terminam em *-oun* significam não *fazer algo* a alguém, mas *tentar, julgar, ter em conta* a alguém como algo. Se um homem se apresentar perante um juiz, e esse homem é inocente, então tratá-lo como inocente é *absolvê-lo*. Mas quanto a Deus e o homem, o fato é que quando o homem se apresenta perante Deus, é qualquer coisa menos inocente; é completamente culpado; e no entanto, Deus com sua assombrosa misericórdia, trata-o, julga-o e o considera como se fosse inocente. Isto é o que significa a justificação.

Quando Paulo diz "Deus justifica o ímpio", quer dizer que Deus com sua incrível misericórdia trata o ímpio como se fosse um homem bom. Isto é o que alarmou os judeus no mais íntimo de seu ser. Para eles tratar a um homem mau como se fosse bom, apontava o juiz como corrupto. "O que justifica o ímpio e o que condena o justo abomináveis são para o SENHOR" (Provérbios 17:15). "Porque não justificarei o ímpio" (Êxodo 23:7). Mas Paulo diz que isto é precisamente o que Deus faz.

Mas como posso eu saber como é Deus? Eu sei que Deus é assim *porque Jesus o disse*. Jesus veio para nos dizer que Deus nos ama apesar do ímpio que somos. Veio para nos dizer que pode ser que sejamos pecadores — somos pecadores — mas Deus apesar disso nos estima. Agora tenhamos em conta que quando o descobrimos, e cremos, isso *muda toda nossa relação com Deus*. Estamos conscientes de nosso pecado, mas não persiste o temor, já não estamos alienados; arrependidos e entristecidos nos aproximamos a Deus, como um menino arrependido volta para sua mãe; e sabemos que o Deus a quem nos aproximamos é amor. Isto é o que significa *a justificação pela fé em Jesus Cristo*. Significa que estamos em uma justa relação com Deus, porque cremos de todo coração que o que Jesus Cristo disse a respeito de Deus é verdade. Já não somos mais estrangeiros temerosos de um Deus zangado. Somos filhos, filhos desencaminhados, que confiam no amor de seu Pai para alcançar o perdão. *E nunca teríamos sabido isso se Jesus*

não tivesse vindo viver e morrer para nos dizer isso. Só sabemos quando temos absoluta confiança em que o que Jesus disse a respeito de Deus é verdade.

(2) Paulo utiliza a metáfora do *sacrifício*. Diz de Jesus Cristo que Deus o apresentou como alguém que pode obter o perdão de nossos pecados. A palavra que Paulo usa para descrever a Jesus Cristo é a palavra grega *hilasterion*. A palavra provém do verbo grego que denota *conciliar*. É um verbo que tem que ver com o sacrifício.

Sob o velho sistema, quando alguém quebrantava a Lei, levava a Deus um sacrifício. Sua finalidade era que o sacrifício fizesse Deus propício e afastasse a ira de Deus; que o sacrifício desviasse o castigo que devia cair sobre ele. Para expressá-lo de outra maneira: um homem pecava, esse pecado o colocava em uma relação incorreta com Deus e para poder chegar a uma nova relação justa com Deus oferecia seu sacrifício. *Mas* toda a experiência do homem ao sacrificar animais demonstrou sua inutilidade. “Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; e não te agradas de holocaustos” (Salmo 51:16). “Com que me apresentarei ao SENHOR e me inclinarei ante o Deus excelso? Virei perante ele com holocaustos, com bezerras de um ano? Agradar-se-á o SENHOR de milhares de carneiros, de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo, pelo pecado da minha alma?” (Miquéias 6:6-7). Instintivamente os homens sentiam que uma vez que tinham pecado, o aparato do sacrifício terrestre não podia corrigir o engano. De modo que Paulo diz: “Jesus Cristo, por sua vida de obediência e sua morte de amor, fez o único sacrifício a Deus válido para apagar o pecado.” Paulo insiste em que o que aconteceu na cruz abre a porta de volta à justa relação com Deus, uma porta que nenhum outro sacrifício é capaz de realizar.

(3) Paulo utiliza a metáfora da *escravidão*. Fala da *libertação* operada através de Jesus Cristo. A palavra é *apolutrosis*, que significa resgate, redenção, libertação. Isto quer dizer que o homem estava no

poder, nas garras, sob o domínio do pecado, e do qual só Jesus Cristo pode libertá-lo.

Finalmente, Paulo diz que Deus fez tudo isto porque é justo, e aceita como justos a todos aqueles que crêem em Jesus. Em toda sua vida, Paulo nunca disse nada mais surpreendente que isto. Bengel o chamou "o paradoxo supremo do evangelho".

Pensemos no que significa. Significa que Deus é justo e aceita o pecador como um homem justo. O natural, o inevitável, seria dizer: "Deus é justo, e portanto, condena o pecador como criminoso." Mas aqui nos encontramos com o grande e precioso paradoxo — Deus é justo, mas de algum modo, com essa graça incrível e milagrosa que Jesus veio a me trazer, Ele aceita o pecador, não como um criminoso, mas sim como um filho a quem ainda ama.

Mas qual é a essência de tudo isto? Onde está a diferença entre tudo isto e a forma de proceder da Lei antiga? Basicamente a diferença consiste nisto: o caminho da obediência à Lei tem que ver com o que o homem pode fazer por si mesmo; o caminho da graça tem que ver com o que Deus fez e pode fazer pelo homem. Paulo está insistindo em que nada do que nós podemos fazer pode ganhar o perdão de Deus; só o que Deus fez por nós pode obtê-lo; portanto, o caminho à relação justa com Deus reside não em uma frenética e desesperada inútil tentativa de obter a absolvição por nossas obras; reside na aceitação humilde e contrita do amor e da graça que Deus nos oferece em Jesus Cristo.

O FIM DO CAMINHO DAS REALIZAÇÕES HUMANAS

Romanos 3:27-31

Paulo trata de três pontos aqui:

(1) Se o caminho de Deus é o caminho da fé e a aceitação, então, desaparece toda jactância nas realizações humanas. Certo tipo de judaísmo levava uma sorte de conta de perdas e lucros com Deus. Havia alguns judeus que guardavam estritamente cada detalhe das leis

cerimoniais, e cada vez que cumpriam um desses ínfimos detalhes, anotavam-no a seu crédito. No final, chegavam a formar a idéia de que Deus estava em dívida com eles. A posição de Paulo é que todo homem é pecador, que ninguém poderia jamais retroagir-se a uma justa relação com Deus por seus próprios esforços, que todo homem está em dívida com Deus, que deixa de existir todo fundamento para a própria satisfação e a jactância.

(2) Mas — poderia responder um judeu — isso pode estar certo para um gentio que nunca conheceu a Lei; mas o que ocorre ao judeu que conhece a Lei? A resposta de Paulo foi retroagir-se à frase que é a base do credo judeu, a frase com a qual começava e ainda hoje começa todo serviço em uma sinagoga. “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” (Deuteronômio 6:4). Não há um tipo de Deus para os gentios e outra para os judeus, Deus é um. O caminho para Ele é o mesmo para os gentios e para os judeus. Não é o caminho das realizações humanas; é o caminho da confiança e da fé.

(3) Mas, diz o judeu, significa isto o fim de toda a Lei? Poderíamos ter esperado que Paulo dissesse: "Sim." Em realidade, diz "Não". Diz, com efeito, que a Lei se fortalece. O que quer dizer com isto? Quer dizer o seguinte. até agora o judeu tentou ser uma boa pessoa, tentou guardar os mandamentos, servir a Deus, porque temia a Deus, aterrorizava-o o castigo que a violação da Lei poderia lhe conduzir.

Na verdade esses dias passaram para sempre. Mas o que os substituiu? O que os substituiu é *a amor a Deus*. Agora um homem deve buscar ser bom, deve buscar cumprir as leis de Deus, não porque tenha medo do castigo de Deus, mas sim porque sente que, de algum modo, com sua última gota de energia, deve esforçar-se para merecer esse surpreendente amor. Esforça-se por bondade, não porque teme a Deus, mas sim porque o ama. Agora sabe que o pecado não é tanto quebrantar a Lei de Deus, como destroçar o coração de Deus, e, portanto, pecar é duplamente terrível. Tomemos uma analogia humana. Muitas vezes um homem é tentado a fazer coisas incorretas, mas não as faz. A que se deve

isto? Não é tanto porque tema à Lei; não se preocuparia muito se fosse multado, ou inclusive posto na prisão. O que o mantém no bom caminho é o simples fato de que não poderia suportar a tristeza nos olhos de alguém que o ama, se sua vida naufragasse. Não é a Lei do medo mas a Lei do amor a que o mantém no bem.

Assim deve ser entre nós e Deus. Nós estamos livres para sempre do medo a Deus, mas esta não é uma razão para que façamos algo. Nunca podemos voltar a fazer algo porque agora estamos sentenciados para sempre a ser bondosos pela lei do amor. E esta lei do amor é uma lei muito mais forte do que pode chegar a ser a lei do medo.

Romanos 4

[A fé que toma a Deus pela palavra - 4:1-8](#)

[O pai dos fiéis - 4:9-12](#)

[A graça é tudo - 4:13-17](#)

[Crer no Deus que torna possível o impossível - 4:18-25](#)

A FÉ QUE TOMA A DEUS PELA PALAVRA

Romanos 4:1-8

Paulo se vê motivado a falar de Abraão por três razões.

(1) Os judeus tinham a Abraão como o grande fundador da raça, e como o modelo de tudo o que um homem devia ser. Muito naturalmente o judeu devia perguntar: "Se tudo o que você diz é certo, qual foi o atributo especial que foi dado a Abraão quando Deus o escolheu para ser o antecessor de seu povo escolhido. No que estriba a especial posição de Abraão? O que o faz diferente de outra gente?" Esta é a pergunta que Paulo vai responder.

(2) Paulo justamente esteve tentando provar que o que faz a um homem justo com Deus não é a execução das obras que prescreve a Lei, mas a simples confiança que toma a Deus pela palavra, e que crê que Deus ainda nos ama quando não temos nada para merecer esse amor. A

imediate reação do judeu era: "Isto é algo completamente novo. Isto contradiz tudo o que fomos ensinados a crer. É uma doutrina completamente incrível e jamais ouvida." A resposta de Paulo é: "Longe de ser nova, esta doutrina é tão velha como a fé judia. Longe de ser uma novidade herética, este ensino é a própria base da religião judia."

Isto é o que Paulo vai provar.

(3) Paulo começa a falar a respeito de Abraão, porque era um sábio mestre que conhecia a mentalidade humana e a forma em que ela funciona. Ele esteve falando a respeito da *fé*. Agora, *fé* é um substantivo abstrato e uma idéia abstrata. A mente humana comum encontra que as idéias abstratas são muito difíceis de captar e de entender. O mestre sábio sabe que cada palavra deve transformar-se, encarnar-se, cada idéia deve converter-se em uma pessoa, que a única forma em que uma pessoa comum pode captar uma idéia abstrata é ver essa idéia em ação e vê-la encarnada em uma pessoa. Assim, pois, Paulo, com efeito, diz: "Estive falando sobre a fé. Se querem ver o que é a fé, olhem para Abraão." Paulo se aproxima de Abraão para fazer seus leitores verem a idéia abstrata da fé em ação concreta, para que eles possam realmente captar o que ele entende por fé.

Quando Paulo começou a falar a respeito de Abraão entrou em um terreno que todo judeu conhecia e entendia. Nos pensamentos dos judeus Abraão ocupava uma posição única. Ele era o fundador da nação. Ele era o homem a quem Deus falou pela primeira vez. Ele era o homem que foi escolhido por Deus em uma forma única e que tinha ouvido e obedecido a Deus. Os rabinos tinham suas próprias discussões sobre Abraão. Para Paulo a essência da grandeza de Abraão era esta. Deus tinha vindo a Abraão e lhe ordenou que deixasse seu lar e seus amigos, seus parentes e seus meios de vida, e lhe disse: "Se fizer esta grande aventura de fé, Eu transformarei você no pai de uma grande nação e de um grande povo." Dali em adiante Abraão tinha tomado a Deus pela palavra. Não discutiu; não duvidou; saiu sem saber aonde ia (Hebreus 11:8); confiou em Deus completamente e sem discutir o tomou pela palavra. Não foi o fato de

Abraão ter executado meticulosamente as demandas da Lei o que o pôs em tão especial relação com Deus; foi sua completa fé em Deus, sua completa aceitação de Deus, sua completa disposição para abandonar sua vida nas mãos de Deus. Isto era para Paulo a fé, e foi esta fé de Abraão a que fez com que Deus o reconhecesse como um homem bom.

Agora, uns poucos, pouquíssimos dos rabinos mais avançados criam nisto. Um comentário rabínico dizia: "Abraão, nosso pai, herdou este mundo e o mundo por vir somente pelo mérito da fé pela que creu em Deus: porque está escrito: 'E creu no Senhor e foi contado por justiça'."

Mas a grande maioria dos rabinos transformavam a história de Abraão para que servisse a suas próprias crenças. Sustentavam que Abraão foi o único homem justo de sua geração, e por conseguinte foi escolhido para ser o antecessor do povo escolhido por Deus. A resposta imediata é: "Mas como pôde Abraão guardar a Lei se viveu centenas de anos antes de ter sido dada a Lei?" Os rabinos aventuravam a estranha teoria de que a cumpriu por *intuição ou antecipação*. "Nesse tempo", diz o Apocalipse de Baruque (57:2), "nomeava-se entre eles a lei não escrita e se cumpriam então as obras do mandamento." "Ele cumpriu a lei do Altíssimo", diz o Eclesiástico (44:20-21), "e com ele entrou em aliança... Por isso Deus lhe prometeu com juramento abençoar por sua linhagem às nações."

Os rabinos estavam tão apaixonados por sua teoria das obras, que insistiam em que Abraão foi escolhido por suas obras, embora tivessem que sustentar que ele conheceu a Lei com antecipação, embora a Lei ainda não tivesse chegado.

Aqui encontramos novamente a ruptura básica entre o legalismo judeu e a fé cristã. O pensamento básico dos judeus era que o homem devia *ganhar* o favor de Deus. O pensamento básico da cristandade é que o homem nunca pode ganhar o favor de Deus, que tudo o que pode fazer é tomar a Deus pela palavra e arriscar tudo sobre a fé de que as promessas de Deus são certas. O argumento de Paulo era — e, por certo,

Paulo tinha inquestionavelmente razão — que Abraão entrou em uma relação justa com Deus, não porque tivesse feito todo tipo de obras legais, mas sim porque se lançou, tal como era, sobre a promessa de Deus.

A maior descoberta da vida cristã é que não precisamos nos torturar com uma batalha perdida para ganhar o amor de Deus, que tudo o que precisamos é aceitar com completa confiança o que Deus nos oferece. Verdade é que, depois disto todo homem de honra está na obrigação de ser merecedor deste amor ao longo de toda sua vida. Mas já não é o criminoso tentando obedecer uma lei impossível; é um amante oferecendo sua totalidade Àquele que o ama quando não é merecedor desse amor.

Sir James Barrie contou uma vez uma história sobre Robert Louis Stevenson. "Quando Stevenson foi a Samoa, construiu uma pequena choça e logo foi a uma grande casa. A primeira noite que entrou nesta grande casa se sentiu muito cansado e pesaroso por não ter tido a prevenção de ter pedido a seu servo que lhe trouxesse café e cigarros. Justamente quando estava pensando nisto, abriu-se a porta e o moço nativo entrou com uma bandeja levando cigarros e café. E Stevenson lhe disse, em sua língua nativa: "Grande é sua previsão"; e o moço o corrigiu, dizendo: "Grande é o amor." O serviço foi feito, não porque existisse a coerção da servidão, mas sim pela compulsão do amor. Esta é também a origem da bondade cristã.

O PAI DOS FIÉIS

Romanos 4:9-12

Para entender esta passagem, devemos entender a importância que os judeus atribuem à circuncisão. Para um judeu, um homem não circuncidado não era literalmente judeu, fosse qual fosse sua parental. A prece judia da circuncisão diz: "Bendito é aquele que santificou a seus amados do ventre e pôs sua ordenança em sua carne, e selou sua prole

com o sinal da santa aliança." Os regulamentos rabínicos dizem: "Não comerá da Páscoa a menos que o selo de Abraão esteja em sua carne." Se um gentio aceitava a fé judia, não podia entrar totalmente a ela sem três coisas — batismo, sacrifício e circuncisão. Para o judeu nenhum homem incircunciso era judeu.

De maneira que o judeu que objetava ao que Paulo está respondendo todo o tempo, está ainda argumentando na retaguarda. "Suponhamos que admito", diz, "tudo o que diz sobre Abraão e sobre o fato de que foi sua plena confiança o que lhe permitiu estabelecer uma justa relação com Deus, mesmo assim deverá estar de acordo em que Abraão era circuncidado." Paulo tem um argumento incontestável. A história do chamado de Abraão, e da bênção de Abraão por Deus, está em Gênesis 15:6; a história da circuncisão de Abraão está em Gênesis 17:10 ss. Em realidade não foi Abraão circuncidado até quatorze anos depois que respondeu ao chamado de Deus, e havia já entrado em uma relação única com Deus. A circuncisão não foi a entrada a uma justa relação com Deus, foi só o sinal e o selo de que o homem tinha entrado já nessa relação. Abraão foi considerado justo enquanto ainda era incircunciso. O fato de que foi considerado justo não teve nada que ver com a circuncisão e sim muito que ver com seu ato de fé. Deste indiscutível fato histórico, Paulo tira duas grandes deduções.

(1) Abraão não é o pai daqueles que foram circuncidados, é o pai daqueles que fizeram o mesmo ato de fé em Deus que ele fez. É o pai de todo aquele que, em todos os tempos, toma a Deus pela palavra, como ele o fez. Isto significa que o verdadeiro judeu não é o racialmente judeu e fisicamente circuncidado. O verdadeiro judeu é aquele que crê em Deus como Abraão o fez. A palavra judeu deixou que ser uma palavra que descreve uma nacionalidade para passar a ser uma palavra que descreve uma forma de vida e uma reação para com Deus. Os descendentes de Abraão não são os membros de alguma nação em particular, mas os que em qualquer nação pertencem à família de Deus.

(2) O oposto disto também é verdade. A pessoa pode ser judeu da mais pura linhagem; pode ser circuncidado e, contudo pode não ser descendente de Abraão no verdadeiro sentido. Não tem direito de chamar Abraão seu pai, não tem direito às promessas de Deus, porque não tem feito essa aventura de confiança e fé que fez Abraão.

Em um breve parágrafo Paulo fez em pedaços todo o pensamento judeu. Os judeus sempre creram que pelo fato de serem judeus, automaticamente desfrutavam do privilégio da bênção de Deus e a imunidade ao castigo de Deus. A prova de que alguém era judeu era a circuncisão. Alguns rabinos tomavam isto tão literalmente, que em realidade diziam que, se um judeu era tão mau que devia ser condenado por Deus, havia um anjo que se encarregava de anular sua circuncisão, e fazê-lo de novo incircunciso, antes de que o castigo fosse aplicado.

Paulo deixou sentado o grande princípio de que o caminho para com Deus não consiste em ser membro de uma nação em particular, nem em alguma ordenança que faz uma marca no corpo de um homem; a única forma de chegar a Deus é através da fé que toma a Deus pela palavra, que faz com que tudo dependa, não das realizações ou do histórico de alguém, mas somente da graça de Deus.

A GRAÇA É TUDO

Romanos 4:13-17

Deus fez a Abraão uma grandíssima e maravilhosa promessa. Prometeu-lhe que se tornaria uma grande nação, e que nele seriam benditas todas as famílias da Terra (Gênesis 12:2-3). Na verdade, a terra lhe seria dada em herança. Agora, Abraão recebeu essa promessa por causa de sua fé, e da confiança, e da crença, e da rendição que mostrou Abraão para com Deus. Não porque tivesse acumulado méritos fazendo as obras da Lei. Não foi por nada que ele fez. Foi a generosa resposta da graça de Deus à absoluta fé de Abraão. A promessa, como o diz Paulo, dependia de duas coisas, e só delas — a livre graça de Deus e a perfeita

fé de Abraão. Os judeus estavam ainda perguntando: "Como pode um homem entrar em uma correta relação com Deus de maneira que possa herdar sua grande promessa?" Sua resposta era: "Deve obtê-lo vencendo, ganhando, adquirindo méritos aos olhos de Deus fazendo as obras que a lei prescreve." Quer dizer, deve obtê-lo por seu próprio esforço.

Agora, Paulo via com absoluta clareza exatamente o que a atitude do judeu tinha feito — *tinha destruído completamente a promessa*. E o tinha feito por esta razão — ninguém pode cumprir fielmente a Lei; ninguém vive uma vida tão perfeita como para nunca transgredir a Lei; ninguém pode jamais em sua imperfeição, satisfazer a perfeição que é Deus; portanto, se a promessa depender de guardar a Lei, a mesma nunca pode ser cumprida.

Paulo via as coisas em termos de branco ou preto. Via dois únicos caminhos para tentar entrar em uma justa relação com Deus. Por um lado, está a dependência do esforço humano; pelo outro, a dependência da graça divina. Por um lado está a constante batalha perdida por obedecer uma lei impossível de ser obedecida; pelo outro, a fé que simplesmente toma a Deus pela palavra.

Em cada lado havia três coisas.

(1) De um lado, estava *a promessa* de Deus. Em grego há duas palavras que significam promessa. Uma é *hyposquesis*, que significa uma promessa sujeita a condições. "Eu prometo fazer isto se você promete fazer aquilo." A outra é *epaggelia*, que significa uma promessa feita pela bondade do coração de alguém, e em forma incondicional. É *epaggelia* a que Paulo usa ao referir-se à promessa de Deus. É como se dissesse: "Deus é como um pai humano: promete amar a seus filhos, não importa o que eles façam." Na verdade, o amar a alguns o fará feliz, enquanto o amar a outros o entristecerá, mas em ambos os casos seu amor não nos abandonará. Não depende de nosso mérito, mas sim do próprio generoso coração de Deus.

(2) Logo está *a fé*. Fé é a certeza de que Deus é como é. É descansar recostando-nos neste amor do qual o medo está eliminado para sempre.

(3) Logo está *a graça*. O dom da graça é sempre algo que não se ganhou e não se merece. A verdade é que o homem nunca pode ganhar o amor de Deus. Deve achar sempre sua glória, não no que ele faz por Deus, mas no que Deus tem feito por ele.

(1) Do outro lado está *a Lei*. Agora, o problema quanto à Lei foi sempre que pode diagnosticar o mal mas não pode efetuar uma cura. A Lei mostra ao homem quando se equivoca, mas não lhe ajuda a evitar equivocar-se. Existe na Lei, como Paulo o acentuará mais adiante, certo terrível paradoxo. É próprio da natureza humana que, quando uma coisa está proibida, há uma tendência a fazê-la desejável. "As frutas roubadas são as mais doces." E, portanto, a Lei pode em realidade impulsionar alguém a desejar precisamente o que ela proíbe. O complemento essencial da Lei é o juízo e enquanto o homem viva em uma religião cujo pensamento dominante é a Lei, não poderá ver-se a si mesmo nada mais que como um criminoso condenado, no tribunal da justiça de Deus.

(2) Está *a transgressão*. Cada vez que se introduz uma lei, vem a transgressão. Ninguém pode quebrantar uma lei que não existe; e ninguém pode ser condenado por violar uma lei cuja existência ignora. Se introduzirmos uma lei e nos detemos ali, se fizermos da religião somente questão de obedecer a Lei, então a vida consiste em uma longa série de transgressões que esperam ser castigadas.

(3) Está *a ira*. Pensemos na Lei, pensemos na transgressão e inevitavelmente o próximo pensamento é *a ira*. Pensemos em Deus em termos da Lei, e não poderemos fazer outra coisa senão pensar em Deus em termos de justiça ultrajada. Pensemos no homem em termos da Lei e não podemos fazer outra coisa senão pensar no homem como destinado a ser condenado por Deus.

Assim, Paulo deixa estabelecidos perante os romanos os dois caminhos. Um é o caminho em que o homem busca relacionar-se com Deus por seus próprios esforços. É um caminho que está destinado ao fracasso. O outro é o caminho no qual o homem, em corajosa fé, entra

em uma relação com Deus, que pela graça de Deus já existe, e no qual só deve entrar com confiança.

CRER NO DEUS QUE TORNA POSSÍVEL O IMPOSSÍVEL

Romanos 4:18-25

A última passagem termina dizendo que Abraão creu no Deus que chama os nossos à vida e que inclusive cria coisas que não têm existência. Esta declaração transporta os pensamentos de Paulo a outro exemplo sobressalente da vontade de Abraão de crer em Deus, de confiar nEle e de tomá-lo pela palavra. A promessa de que todas as famílias da Terra seriam benditas em seus descendentes, foi dada a Abraão quando era um homem velho. Sua mulher, Sara, tinha noventa anos de idade (Gênesis 17:17), e ali surgiu a promessa de que lhes nasceria um filho. Parecia uma promessa além de toda esperança de ser cumprida, por quanto Abraão tinha passado em muito a idade de procriar, e Sara tinha passado em muito a idade de conceber um filho. E entretanto, mais uma vez, Abraão tomou a Deus pela palavra; creu que a promessa de Deus era certa; creu que o que Deus dizia Ele o faria. Mais uma vez, foi esta fé a que foi contada por justiça. Foi esta vontade de tomar a palavra de a Deus pela palavra aquilo que o pôs em uma correta relação com Deus.

Os rabinos judeus tinham uma declaração à qual Paulo se refere aqui. Diziam: "O que está escrito de Abraão, está escrito também de seus filhos." Queriam dizer que qualquer promessa que Deus tivesse feito a Abraão, estendia-se também a seus filhos. Portanto, se a disposição de Abraão de tomar a Deus pela palavra o pôs em uma correta relação com ele, o mesmo deve ser conosco. Não são as obras da Lei, é essa fé confiante a que estabelece a relação que deve existir entre Deus e o homem.

A essência da fé de Abraão neste caso era que creu que Deus podia tornar possível o impossível. Se continuamos crendo que tudo depende de nossos esforços, estamos limitados a ser pessimistas, porque a

experiência demonstrou a triste verdade de que nossos esforços podem realizar muito pouco. Quando compreendermos que não é nosso esforço, mas a graça e o poder de Deus o que importa, então nos transformaremos em otimistas, porque estamos obrigados a crer que com Deus nada é impossível.

Diz-se que uma vez Santa Teresa partiu para construir um convento com uma soma equivalente a meia coroa por todo recurso. Alguns lhe disseram: "Nem sequer Santa Teresa pode realizar muito com meia coroa." Ela respondeu: "É verdade, mas Santa Teresa, e meia coroa e *Deus* podem fazer qualquer coisa."

Um homem pode muito bem duvidar de empreender uma empresa arriscada por si só, mas não tem por que duvidar ao empreendê-la com Deus.

Ann Hunter Small, a grande professora missionária, conta como seu pai, que era também um missionário, estava acostumada a dizer: "Ó, quão maus e tolos são os que não fazem a não ser grasnar!" E ela mesma tinha um dito favorito: "Uma igreja que vive se atreve a fazer algo."

Esse atrevimento só se faz possível para um homem e para uma igreja que toma a Deus pela palavra.

Romanos 5

[Confiança em Deus - 5:1-5](#)

[A prova final do amor - 5:6-11](#)

[Ruína e resgate - 5:12-21](#)

CONFIANÇA EM DEUS

Romanos 5:1-5

Esta é um das grandes passagens líricas de Paulo, na qual canta a alegria profunda de confiança em Deus. A confiança da fé, a aceitação de Deus por sua palavra, fez o que o esforço por realizar as obras da Lei nunca pôde fazer; deu ao homem paz com Deus. Antes que viesse Jesus,

e antes de que o homem aceitasse como verdadeiro o que Jesus disse a respeito de Deus, ninguém pôde jamais intimar com Deus. Há os que viram a Deus não como o supremo bem, mas sim como o supremo mal. Há os que o viram como o completamente estranho, o totalmente inalcançável.

Em um dos livros do H. G. Wells encontra-se a história de um homem de negócios cuja mente estava tão tensa e forçada que estava em sério perigo de uma crise nervosa e mental total. Seu médico lhe disse que a única coisa que poderia salvá-lo era achar a paz que a relação com Deus podia dar-lhe. "O que", respondeu, "pensar que aquilo, lá encima, possa ter comunhão comigo? Seria-me mais fácil pensar em refrescar minha garganta com a via Láctea ou estreitar as estrelas com as mãos!" Deus, para ele, era completamente inalcançável.

Rosita Forbes, a viajante, relata que uma noite buscou refúgio em um templo de uma aldeia chinesa porque não havia onde dormir. Despertou durante a noite e a luz da Lua incidia obliquamente através das janelas sobre os rostos das imagens dos deuses, e em cada rosto se desenhava um grunhido e um gesto de desprezo, como os homens se odiassem.

Só quando nos damos conta de que Deus é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo chega à nossa vida essa intimidade com Deus, essa nova relação que Paulo chama de justificação.

Por meio de Jesus Cristo — diz Paulo — temos entrada à graça na qual permanecemos firmes. O termo que Paulo utiliza para entrada é *prosagoge*. É um termo que implica duas grandes figura.

(1) É o termo comum para referir-se à introdução ou apresentação de alguém perante a presença da realeza; e é o termo comum para referir-se à aproximação do adorador a Deus. É como se Paulo dissesse: "Jesus nos introduz à própria presença de Deus. Jesus nos abre as portas à presença do Rei dos reis; e quando essas portas se abrem o que achamos é *graça*; não condenação, nem juízo, nem vingança, mas a pura, imerecida, não motivada, incrível bondade de Deus."

(3) Mas o termo *prosagoge* contém outra figura. No grego posterior é o termo usado para referir-se ao lugar onde atracam os barcos. É o termo para *enseada* ou *porto*. Se tomarmos neste sentido, significa que por mais que tentemos depender de nossos próprios esforços somos varridos pela tempestade, como marinheiros que enfrentam um mar que ameaça destruí-los totalmente, mas agora ouvimos a palavra de Cristo, alcançamos enfim o porto da graça, e conhecemos a calma de depender não do que podemos fazer por nós mesmos, mas sim do que Deus tem feito por nós. Porque por meio de Jesus entramos na presença do Rei dos reis; entramos no porto da graça de Deus.

Mas nem bem Paulo disse isto, sua atenção é despertada a outra parte da questão. Tudo isto é verdadeiro, tudo isto é glorioso; mas o certo é que nesta vida os cristãos se acham em situação difícil. Era difícil ser cristão em Roma. Recordando isto, Paulo alcança um alto clímax. "A tribulação", diz, "produz paciência." A palavra utilizada para *tribulação* é *thlipsis*, que significa literalmente *pressão*. Todo tipo de coisas pode fazer pressão sobre os cristãos — a pressão da privação e a necessidade, e a estreiteza das circunstâncias, a pressão do pesar, a pressão da perseguição, a pressão da impopularidade e a solidão. Toda esta pressão, diz Paulo, produz paciência.

A palavra utilizada para *paciência* é *hypomone*. *Hypomone* significa mais que fortaleza; significa o espírito que pode vencer o mundo; não significa o espírito que resiste passivamente, mas sim vence e conquista ativamente as provas e tribulações da vida.

Quando Beethoven estava ameaçado pela surdez, a prova mais terrível para um músico, ele disse: "Agarrarei a vida pelo pescoço." Isto é *hypomone*.

Quando Scott se viu envolto na ruína por causa da quebra de seus editores, disse: "Ninguém dirá 'Pobre homem!'; minha própria mão direita pagará a dívida." Isto é *hypomone*.

Alguém disse uma vez a uma alma nobre que estava passando por uma grande tristeza: "A tristeza dá cor à vida, não é certo?" Voltou a

réplica: "Certo! E eu me proponho escolher a cor!" Isto é *hypomone*. *Hypomone* não é o espírito que se deita e permite que o cubram as águas; é o espírito que enfrenta as coisas e as supera.

"A paciência", continua Paulo, "produz prova." A palavra que utiliza para *prova* é *dokimé*. *Dokimé* se utiliza para referir-se ao metal que foi submetido ao fogo para limpá-lo de todas as suas impurezas. É usada com referência ao ato de cunhar moedas da maneira como usamos o termo *acrisolar*. Descreve algo do qual se eliminou toda liga de impurezas. Quando se enfrenta a aflição com paciência, o homem emerge da batalha mais forte, mais puro, melhor e mais perto de Deus.

"A prova", continua Paulo, "produz esperança." Dois homens podem enfrentar uma situação igual. Esta pode levar um ao desespero, e pode acicatar o outro para realizar ações triunfantes. Para um pode ser o fim da esperança, para o outro pode ser um desafio de grandeza.

"Eu não gosto das crises", disse Lord Reith, "mas eu gosto das oportunidades que elas proporcionam." Agora, a diferença corresponde à diferença que existe no interior do homem. Se um homem se deixou converter em um ser fraco, impotente e frouxo; se tiver deixado que as circunstâncias o abatam; se se deixou afligir e rebaixar pela aflição; preparou-se a si mesmo de tal maneira que quando sobrevém o desafio da crise não pode fazer outra coisa senão desesperar-se. Se, por outro lado, um homem insistiu em enfrentar a vida com a frente erguida; se sempre a enfrentou e, enfrentando-a, conquistou coisas; então quando sobrevier o desafio ele o enfrentará com olhos inflamados de esperança. O caráter que agüentou a prova sempre emerge com esperança.

E logo Paulo faz uma longa declaração: "A esperança cristã nunca desilude porque está fundada no amor de Deus."

Omar Khayyam escreveu agudamente a respeito das esperanças humanas:

"As esperanças humanas em que os homens põem seus corações se fazem cinzas — ou prosperam; mas dali a pouco, como a neve sobre a face poeirenta do deserto, brilha uma horinha ou duas — e vai embora."

Quando a esperança do homem está posta em Deus não se pode tornar pó e cinza. Quando a esperança do homem está posta em Deus não pode ser frustrada. Quando a esperança do homem está posta no amor de Deus nunca pode ser uma ilusão, porque Deus nos ama com um amor eterno, o qual está respaldado por um poder eterno.

A PROVA FINAL DO AMOR

Romanos 5:6-11

O fato de que Jesus morreu por nós é a prova final do amor de Deus. Seria muito difícil conseguir que um homem morresse por um justo. Seria possível persuadir alguém a morrer por um bom e grande princípio. Alguém poderia ter tão grande amor que fosse movido a dar sua vida por um amigo. Mas o maravilhoso de Jesus Cristo é que morreu por nós quando éramos pecadores, homens maus e numa situação de inimizade e de hostilidade com Deus. O amor não pode ir mais além do que isto.

Rita Snowden relata um incidente na vida do coronel T. E. Lawrence. Em 1915 estava realizando uma viagem através do deserto com alguns árabes. A situação era desesperada. A comida quase tinha acabado e só ficavam umas gotas de água. Levavam os capuzes postos na cabeça para resguardar do vento que era como uma labareda, e que estava carregado de incômodos grãos de areia da tormenta: de repente alguém disse: "Onde está Jasmim?" O outro disse: "Quem é Jasmim?" Um terceiro respondeu: "Aquele homem amarelo de Maan. Matou a um coletor de impostos turco e fugiu ao deserto." O primeiro disse: "Olhem, o camelo de Jasmim não tem cavaleiro. Seu rifle está ajustado aos arreios, mas Jasmim não está." Um segundo disse: "Alguém o baleou sobre a marcha." Um terceiro disse: "Ele não é de cabeça forte, talvez se extraviou em uma miragem; ele não é de corpo forte, possivelmente desfaleceu e caiu do camelo." Logo, o primeiro disse: "E o que importa? Jasmim não valia nem meia coroa." E os árabes se encurvaram sobre

seus respectivos camelos e continuaram, cavalgando. Mas Lawrence voltou e voltou pelo caminho andado. Sozinho, no calor ardente, com o risco de sua própria vida, voltou. Depois de uma cavalgada de hora e meia viu algo na areia. Era Jasmim, cego e enlouquecido com calor e sede, Jasmim que estava sendo assassinado pelo deserto. Lawrence o ergueu sobre seu camelo, deu-lhe alguns dos últimos goles da preciosa água, e lentamente se uniu outra vez à sua companhia. Quando chegaram os árabes olharam estupefatos. "Aqui está Jasmim", disseram, "Jasmim, que não vale nem meia coroa, salvo com muito risco por Lawrence, nosso Senhor." Esta é uma parábola.

Não foi para salvar homens bons que morreu Cristo; eram pecadores. Não foi para resgatar amigos de Deus que morreu Cristo; eram homens que estavam em inimizade com Deus.

E logo Paulo avança mais um passo. Por meio de Jesus nossa *situação* com Deus foi mudada. Pecadores como éramos, fomos postos em uma correta relação com Deus. Mas isto *não é suficiente*. Não só precisa mudar nossa *situação*, mas também nosso *estado*. O pecador salvo não pode continuar sendo pecador; deve chegar a ser um homem bom. Agora, a morte de Cristo mudou nossa situação; e a ressurreição de Cristo muda nosso estado. Ele não está morto, Ele vive; está conosco sempre, para nos ajudar e nos guiar e nos dirigir, para nos encher com seu poder de modo que sejamos capazes de vencer a tentação, para revestir nossas vidas com algo de seu resplendor se vivermos para sempre em sua presença ressuscitada. Aquele que mudou nossa *situação* com relação a Deus pode também mudar nosso *estado*. Começa pondo os pecadores em correta relação com Deus quando são ainda pecadores; continua, por sua graça, fazendo a esses pecadores capazes de renunciar ao pecado e chegar a ser homens bons.

Há nomes técnicos para estas coisas. A mudança de nossa *situação* é a *justificação*; isto é, quando começa todo o processo da salvação. A mudança de nosso *estado* é a *santificação*; isto é, quando o processo de

salvação continua, para não terminar até que o vejamos face a face e sejamos semelhantes a Ele.

Aqui há uma coisa que devemos notar. É algo de extraordinária importância. Paulo é inteiramente claro em que o processo total de salvação, a vinda de Cristo, a morte de Cristo, é a prova do amor de *Deus*. Tudo aconteceu para nos mostrar que *Deus* nos ama. Tudo aconteceu porque *Deus* nos ama. Agora, muitas vezes a coisa se apresenta como se por um lado houvesse um Cristo benévolo e amante, e pelo outro um Deus colérico e vingativo. A coisa é muitas vezes apresentada como se Cristo fizesse algo que mudou a atitude de Deus para com os homens, que transformou a Deus de um ser colérico em um ser benévolo. Nada poderia estar mais longe da verdade. Todo o processo brota do amor de Deus. Jesus não veio para mudar a atitude de Deus; veio para mostrar qual é e sempre foi a atitude de Deus para com os homens. Ele veio para provar aos homens incontestavelmente que Deus é amor.

RUÍNA E RESGATE

Romanos 5:12-21

Não há nenhuma passagem no Novo Testamento que tenha tido tanta influência sobre a teologia como esta; e não há passagem que seja mais difícil de entender para a mente moderna. É difícil porque Paulo se expressa de um modo difícil. Podemos ver, por exemplo, que a primeira oração, tendo começado, nunca termina, mas sim se perde no ar, enquanto Paulo persegue outra idéia lateral. Mas, mais ainda, é difícil, porque está pensando e escrevendo em termos que eram familiares para os judeus e perfeitamente compreensíveis para eles, mas que não são familiares para nós.

Se puséssemos o pensamento desta passagem em uma só oração, a qual, de fato seria o que Paulo se propôs a escrever desde o começo, e que deixou de lado, seria esta: "Pelo pecado de Adão todos os homens

chegaram a ser pecadores e alienados de Deus; pela justiça de Jesus Cristo todos os homens chegaram a ser justos e foram restaurados a uma correta relação com Deus." Paulo, de fato, diz isto muito mais claramente em 1 Coríntios 15:21-22: "Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo."

Quais são, pois, as idéias básicas judias à luz das quais devemos ler esta passagem? Há duas dessas idéias que são de suma importância.

1. Está a idéia de *solidariedade*. Verdaderamente o judeu nunca se considerou a si mesmo como um indivíduo; ele sempre se considerou como parte de um clã, de uma família, de uma nação; e além daquela sociedade não tinha verdadeira existência. No dia de hoje se diz que se alguém pergunta a um aborígine australiano qual o seu nome, ele não dá seu nome; dá o nome de sua tribo ou clã. Ele não se considera a si mesmo como uma pessoa, mas sim como membro de um clã.

Um dos exemplos mais claros deste tipo de coisas em uma ação evidente é a inimizade de sangue entre povos primitivos.

Suponhamos que um homem de uma tribo mata um homem de outra tribo. Então é dever da tribo da qual era membro o homem assassinado vingar essa morte sobre a outra tribo; resulta uma inimizade, não uma luta entre pessoas, mas uma luta entre tribos. É a tribo que foi prejudicada e a tribo que toma vingança.

No Antigo Testamento há um vívido caso disto. É o caso do Acã relatado em Josué 7. No sítio de Jericó, Acã tinha tomado para si certo despojo, em aberto desafio ao mandamento de Deus com relação a que todo despojo devia ser destruído. Acã havia pecado. O passo seguinte na campanha foi o sítio de Ai, que deveria ter caído sem problemas. A campanha contra ela, entretanto, fracassou desastrosamente. Por que? Porque Acã havia pecado, e, pelo fato de Acã ter pecado, toda a nação foi assinalada como pecadora e foi castigada por Deus. O pecado de Acã não foi o pecado de um homem, foi o pecado da nação. A nação não era

uma coleção de indivíduos; era uma massa compacta. O que fazia o indivíduo, o fazia a nação. Quando o pecado de Acã foi admitido e descoberto não foi executado somente Acã. Foi extirpada toda sua família. Novamente, Acã não era um indivíduo solitário, só responsável por si mesmo; era um da compacta massa de gente da qual não podia ser separado.

Agora, assim é como Paulo vê a Adão. Adão não era um indivíduo. Adão era um da humanidade, e, porque Adão era um da humanidade, toda a humanidade pecou nele. Seu pecado foi o pecado de todos os homens.

Paulo diz que todos os homens pecaram em Adão. Se queremos entender o pensamento de Paulo aqui, devemos estar completamente seguros do que ele quer dizer e de que ele quis dizer exatamente o que diz. Durante toda a história do cristianismo fizeram-se esforços para interpretar este conceito da relação entre o pecado de Adão e a humanidade em diferentes maneiras.

(1) A passagem foi tomado no sentido de que "cada homem é seu próprio Adão". Isto significa realmente que, exatamente como pecou Adão, todos os homens pecaram, mas que não há outra relação entre o pecado de Adão e o pecado da humanidade, que a de que o pecado de Adão é típico do pecado de toda a humanidade.

(2) Houve o que se chamou de a *interpretação legal*. Esta interpretação sustentava que Adão era o *representante* da humanidade, e que a raça humana participa das ações de seu representante. Mas um representante deve ser *escolhido* pelas pessoas às quais representa; e em nenhum sentido podemos dizer isto a respeito de Adão.

(3) Existe a interpretação segundo a qual o que herdamos de Adão é a *tendência* para pecar. Isto é muito certo, mas não é o que Paulo quis dizer. De fato, não quadraria absolutamente com seus argumentos.

(4) A única interpretação possível da passagem é a que poderíamos chamar a *interpretação realista*, segundo a qual, por causa da solidariedade da raça humana, toda a humanidade pecou em Adão, literal

e realmente. Esta não era uma idéia estranha para um judeu. Era a crença real dos pensadores judeus. O autor de 2 Esdras é totalmente claro a respeito. "Uma semente de pecado foi semeada no coração de Adão desde o começo e muita perversidade engendrou até este tempo; e muita engendrará ainda até o tempo da ceifa que se mora" (4:30). "Porque o primeiro Adão, possuidor de um perverso coração, transgrediu e foi aniquilado; e não somente ele, mas todos os que dele nasceram" (3:21).

2. A segunda idéia básica está estreitamente relacionada com esta na argumentação de Paulo. *A morte é consequência direta do pecado.* Era crença dos judeus que se Adão não tivesse pecado, o homem teria sido imortal. A morte entrou neste mundo como consequência do pecado. Sirach (2:23) diz: "Uma mulher foi o começo do pecado e por meio dela todos morrem." O Livro da Sabedoria contém isto: "Deus criou o homem para a imortalidade e o fez à imagem de sua própria natureza; mas pela inveja do maligno a morte entrou no mundo." No pensamento judeu o pecado e a morte estão integralmente relacionados. Isto é o que Paulo está insinuando na complicada e difícil linha de pensamento dos versículos 12-14. Podemos traçar seu pensamento, expresso nestes versículos, em uma série de idéias:

(1) Adão pecou porque rompeu um mandamento direto de Deus — o mandamento de não comer do fruto da árvore proibida — e por ter pecado, Adão, que estava destinado a ser imortal, morreu.

(2) A Lei não se promulgou a não ser até o tempo de Moisés; agora, se não há lei não pode haver quebrantamento da lei; quer dizer, se não há lei, e não há mandamento, não pode haver pecado. Portanto, os homens que viveram entre Adão e Moisés de fato pecaram, mas não podem ser culpados porque ainda não havia lei, e não poderiam ser condenados por quebrantar uma lei que não existia.

(3) Mas, apesar do fato de que não podia ser tomado em conta o pecado, eles entretanto morreram. A morte reinou sobre eles embora não pudessem ser acusados de quebrantar uma lei que não existia.

(4) Por que morreram, então? Morreram porque tinham pecado em Adão. Foi sua implicação no pecado de Adão a causa de suas mortes, embora não havia lei que pudessem quebrantar. Isto, de fato, é para Paulo a prova de que todos os homens pecaram em Adão.

Assim, pois, extraímos a essência de uma face do pensamento de Paulo. Por causa desta idéia da completa solidariedade da humanidade, todos os homens pecaram literalmente em Adão; e porque a morte é a consequência do pecado, reinou a morte sobre todos os homens.

Mas este mesmo conceito, que pode ser usado para produzir um ponto de vista tão desesperado da situação humana, pode ser usado à inversa para encher toda a situação com um resplendor de glória. Nesta situação aparece Jesus. Jesus oferece a Deus perfeita obediência e justiça e bondade. E, assim como todos os homens estão implicados no pecado de Adão, todos estão implicados na bondade de Jesus Cristo; e assim como o pecado de Adão foi a causa da morte, assim a bondade perfeita de Jesus vence a morte e dá aos homens vida eterna. O argumento triunfal de Paulo é que da mesma maneira que a humanidade foi solidária com Adão, e foi por isso condenada à morte, assim a humanidade é solidária com Cristo e por isso absolvida para a vida. Mesmo quando veio a Lei e tornou muito mais terrível o pecado, esta graça de Cristo supera a condenação que a Lei deve acarretar.

Este é o argumento de Paulo, e sobre os fundamentos judeus é inatacável. Mas contém uma grande falha assim como tem uma grande e resplandecente verdade.

(1) A falha é esta. Supondo que a história de Adão é literalmente certa, *nossa relação com Adão é uma relação material*. Nós não temos nada que decidir nisto; não temos mais ingerência no assunto, que a que tem um menino para escolher seus pais. Estamos relacionados com Adão simplesmente por uma descendência física que não podemos aceitar nem rechaçar. É uma relação simplesmente independente de algo que possamos fazer. Por outro lado, *nossa relação com Cristo é voluntária*. A união com Cristo é algo que o homem pode aceitar ou rechaçar. Pode

unir-se a Cristo ou pode negar-se a fazê-lo. A relação é em realidade totalmente diferente. Esta é uma séria falha no argumento de Paulo.

(2) A grande virtude é esta. Paulo conserva a grande verdade de que a humanidade está envolta em uma situação da qual não tem escapamento. O pecado tem o homem em seu poder. Não há esperança. Nesta situação aparece Jesus Cristo, e traz consigo algo que abre caminho em meio da velha situação. Pelo que Ele faz, pelo que Ele é, pelo que Ele dá, Ele é capaz de fazer o homem sair de uma situação na qual o homem estava dominado sem esperanças pelo pecado. Qualquer outra coisa que possamos dizer sobre o argumento de Paulo, isto podemos dizer: é completamente certo que o homem foi arruinado pelo pecado e resgatado por Cristo.

Romanos 6

[Morrer para viver - 6:1-11](#)

[A prática da fé - 6:12-14](#)

[A possessão exclusiva - 6:15-23](#)

MORRER PARA VIVER

Romanos 6:1-11

Como o faz freqüentemente nesta Carta, nesta passagem Paulo está mais uma vez desenvolvendo um argumento contra um tipo de oponente imaginário. O argumento surge da grande declaração do final do capítulo anterior: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça.” O argumento seria mais ou menos assim:

Oponente: Tem-se dito que a graça de Deus é bastante grande para achar perdão para todo pecado.

Paulo: Assim é.

Oponente: De fato, estão dizendo que a graça de Deus é a coisa maior e maravilhosa do mundo.

Paulo: Assim é.

Oponente: Bem, se isto for assim, continuemos pecando. Quanto mais pecar mais abundará a graça. Não importa pecar, pois Deus perdoará de qualquer maneira. De fato podemos ir mais além e dizer que o pecado é uma coisa excelente, porque o pecado dá à graça de Deus uma oportunidade para agir. A conclusão de seu argumento é que o pecado produz graça; por isso o pecado está destinado a ser uma coisa boa já que produz a maior coisa do mundo.

A primeira reação de Paulo é rechaçar horrorizado tal argumento. "Sugere", pergunta, "que continuemos pecando para dar à graça mais oportunidade de agir?" "Deus não permita", responde, "que continuemos um proceder tão incrível."

Mas logo, tendo reagido desta maneira, continua com outra coisa. "Alguma vez vocês pensaram", pergunta, "o que aconteceu quando vocês foram batizado?" Agora, quando tentamos compreender o que Paulo vai continuar dizendo, devemos lembrar que o batismo no tempo de Paulo era diferente do que usualmente é o batismo hoje.

(a) Era um batismo de adultos. Isto não significa que o Novo Testamento se oponha em algum sentido ao batismo de crianças, mas o batismo de crianças é resultado da família cristã, e dificilmente se poderia dizer que existisse a família cristã em uma época tão anterior como a de Paulo. Na Igreja primitiva, o homem acudia a Cristo como um indivíduo, freqüentemente abandonando a sua família.

(b) O batismo na Igreja primitiva estava estreitamente relacionado com a confissão de fé. Um homem era batizado quando entrava na Igreja. E entrava na Igreja diretamente do paganismo. O batismo marcava uma linha divisória em sua vida. No batismo o homem chegava a uma decisão que cortava sua vida em duas, uma decisão que freqüentemente significava que tinha que desarraigá-lo a si mesmo, uma decisão que era tão definitiva que para ele freqüentemente significava nada menos que começar de novo toda sua vida.

(c) Usualmente, o batismo era por imersão total, e esta prática se prestava a um simbolismo ao qual a aspensão não se presta tão

facilmente. Quando um homem submerge na água e a água cobre sua cabeça é como se tivesse sido sepultado em uma tumba. Quando emerge da água é como se tivesse ressuscitado da tumba. O batismo era simbolicamente como morrer e ressuscitar. O homem morria para um tipo de vida e ressuscitava para outro tipo de vida. Morria para a antiga vida de pecado e ressuscitava para a nova vida da graça. Descia à água um homem do mundo e ressuscitava um homem em Cristo.

Agora, outra vez, se queremos compreender isto totalmente, devemos lembrar que Paulo estava usando uma linguagem e figuras que quase qualquer um de seus dias e de sua geração podia compreender. Pode parecer estranho para nós, mas não era estranho absolutamente para os contemporâneos de Paulo. A linguagem que ele usava era a mesma que eles usavam.

Os judeus o compreendiam. Quando alguém entrava na religião judia proveniente do paganismo, isso envolvia três coisas: sacrifício, circuncisão e batismo. Os gentios entravam na fé judia pelo batismo. O ritual era o seguinte: a pessoa a ser batizada cortava as unhas e o cabelo; despia-se completamente; o banho batismal continha ao menos quarenta *seahs*, isto é dois barris, de água. Cada parte de seu corpo devia ser tocada pela água. Enquanto estava na água fazia confissão de sua fé diante de três padrinhos, e lhe eram feitas certas exortações e bênçãos. Agora, sustentava-se que o efeito deste batismo era a completa regeneração; o homem era um homem novo; nascido outra vez. Era chamado recém-nascido, menino de um dia. Todos os pecados eram perdoados, porque Deus não podia castigar os pecados cometidos antes de ter nascido. A mudança completa se vê no fato de que certos rabinos sustentavam que o filho de um homem nascido depois de seu batismo era seu primogênito, embora tivesse tido filhos antes de seu batismo. Teoricamente se sustentava — embora a crença nunca foi posta em prática — que um homem era tão completamente novo, que podia casar-se com sua própria irmã ou sua própria mãe. Não era somente um homem mudado, era um homem novo, um homem diferente. Qualquer

judeu podia compreender totalmente as palavras de Paulo a respeito da necessidade de um batizado de ser um homem totalmente novo.

Os gregos podiam entendê-lo. Naquela época a única verdadeira religião grega se encontrava nas religiões de mistérios. Estas religiões de mistérios eram uma coisa maravilhosa. Ofereciam aos homens libertação dos cuidados, pesar e temores desta Terra; e essa libertação se realizava pela união com algum deus. Todos os mistérios eram dramas de paixão. Estavam baseados no relato de algum deus que tinha sofrido, morto e ressuscitado. A história do deus se representava como um drama. Antes que um homem pudesse presenciar o drama devia ser iniciado. Era submetido a um longo curso de instrução sobre o significado profundo do drama. Era submetido a um curso de disciplina ascética. Era cuidadosamente formado e preparado. O drama era representado com todos os recursos de música e iluminação, e de incenso e mistério. À medida que o drama se representava, o homem se sentia um com o deus. Padecia uma experiência emocional de identificação com o deus. Antes de chegar a isto era iniciado. Agora, a iniciação sempre era considerada como uma morte seguida de um novo nascimento, pelo qual o homem era *renatus in aeternum*, renascido para a eternidade.

Alguém que passou pela iniciação nos diz que foi submetido a "uma morte voluntária". Sabemos que em um dos mistérios o iniciado era chamado *moriturus*, aquele que vai morrer, e que era sepultado até a cabeça em um poço. Quando tinha sido iniciado era considerado como um menino pequeno e alimentado com leite, como um recém-nascido. Em outro dos mistérios, a pessoa a ser iniciada orava: "Entre você em meu espírito, minha mente, minha vida toda; porque você é eu e eu sou você." Qualquer grego que tivesse passado por isso não teria dificuldade em compreender o que Paulo queria significar por morrer e ressuscitar no batismo, e, fazendo-o assim, chegar a ser um com Cristo.

Não estamos dizendo nem por um momento que Paulo copiasse suas idéias ou suas palavras de tais práticas judias ou pagãs; o que

dizemos é que usou palavras e figuras que tanto os judeus como os gentios podiam compreender e reconhecer.

Nesta passagem se encontram três verdades permanentes:

(1) É terrível procurar negociar com a misericórdia de Deus. É terrível fazer da misericórdia de Deus uma desculpa para pecar. Consideremo-lo em termos humanos. Quão vil seria para um filho ou uma filha considerar-se livre para pecar, por saber que o pai ou a mãe o perdoariam. Isto seria tirar vantagem do amor para quebrantar o coração do amor.

(2) O homem que empreende o caminho cristão é convocado a um tipo de vida diferente de vida; morreu para um tipo de vida e nasceu para outro. É essencialmente um homem diferente. Nos tempos modernos existe a tendência de acentuar o fato de que a aceitação do caminho cristão não faz muita diferença na vida de um homem. Paulo teria dito que deveria fazer toda a diferença do mundo.

(3) Mas quando um homem aceita a Cristo há em sua vida algo mais que uma mera mudança ética. Há uma verdadeira união com Cristo; uma real identificação. De fato, a simples verdade é que não é possível uma mudança ética sem a união com Cristo. O homem está *em Cristo*.

Um grande erudito sugeriu esta analogia para esta frase. Não podemos viver nossa vida física a menos que estejamos no ar, e o ar esteja em nós. Assim é com Cristo. A menos que Cristo esteja em nós, e nós em Cristo, não podemos viver a vida de Deus. Limitar o cristianismo a uma exigência ética, e deixar fora esta essencial união com Cristo, é deixar o cristianismo a menos de metade de caminho.

A PRÁTICA DA FÉ

Romanos 6:12-14

Não há transição mais típica em Paulo que a transição entre esta passagem e aquela que a precede. A passagem anterior era o escrito de um místico. Falava da união mística entre o cristão e Cristo que ocorre

pelo batismo. Falava de que um cristão deveria viver tão perto de Cristo que de toda sua vida se possa dizer que é vivida em Cristo. E agora, depois da experiência mística, chega a exigência prática. O cristianismo não é uma experiência emocional; é um modo de vida. O cristão não está chamado a sentir prazer em uma experiência, por maravilhosa que seja; está chamado a sair e viver certo tipo de vida a despeito dos ataques e problemas do mundo. É a coisa mais comum, no mundo da vida religiosa, sentar-se na igreja e sentir que nos envolve uma onda de sentimento. Não é uma experiência pouco comum a de sentir a Cristo muito perto de nós em momentos que estamos sozinhos. Mas o cristianismo que se detém ali, detém-se na metade de caminho. Esta emoção deve ser traduzida em ação. O sentimento religioso nunca pode ser um substituto da prática religiosa. O cristianismo não pode ser somente uma experiência de um lugar secreto; deve ser uma vida em praça pública.

Quando o homem sai ao mundo é confrontado com uma situação aterradora. O pensamento de Paulo é que tanto Deus como o pecado estão buscando armas para usar. Deus não pode operar sem os homens. Se quer dizer uma palavra, tem que conseguir um homem que a diga. Se quer realizar uma ação, tem que conseguir um homem que a faça. Se quer alegrar, alentar, fortalecer, ajudar a uma pessoa, tem que conseguir um homem que o faça. Deus, como se tem dito, está em todas as partes buscando mãos para usar. E o mesmo é com o pecado. A todo homem foi dado misturar-se no pecado. O convite a pecar foi oferecido a todo homem. O pecado está buscando homens que queiram, por suas palavras ou exemplos, seduzir e convidar outros a pecar. É como se Paulo dissesse: "Neste mundo há uma batalha eterna entre o pecado e Deus; escolha o seu lado." Somos confrontados com a tremenda opção de nos converter em armas nas mãos de Deus ou armas nas mãos do pecado.

Alguém pode responder: "Semelhante escolha é muito para mim. Estou destinado a fracassar." A resposta de Paulo é: "Não desanimem

nem desesperem; o pecado não terá domínio sobre vocês." Por que? A resposta é que já não estamos debaixo da Lei, mas debaixo da graça. Por que tem que consistir nisto toda a diferença? Porque já não estamos mais tentando satisfazer as demandas da Lei; estamos tentando ser dignos dos dons do amor. Já não estamos mais considerando a Deus como o juiz severo; estamos considerando-o como aquele que ama as almas dos homens. Não há em todo mundo inspiração como o amor. Quem saiu jamais da presença de seu amado sem o desejo ardente de ser uma pessoa melhor? A vida cristã já não é mais uma carga intolerável que conduzir; é um privilégio conforme com o qual viver.

Como Denney o expressou: "Não é a restrição, a não ser a inspiração a que nos libera do pecado; não o Monte Sinai, a não ser o Monte Calvário aquele que nos faz Santos."

Há muitos que foram salvos do pecado, não por causa das regulamentações e mandamentos da Lei, mas sim por não ousar ferir e afligir e defraudar a alguém a quem amavam e que sabiam que os amava. Quando muito a Lei sujeita ao homem pelo temor; mas o amor redime ao homem lhe inspirando ser melhor que o melhor que há nele. A salvação do cristão provém, não do temor ao que Deus lhe fará, mas sim da inspiração do que Deus tem feito por ele.

A POSSESSÃO EXCLUSIVA

Romanos 6:15-23

Para certo tipo de mentalidade a doutrina da livre graça é sempre uma tentação. Existe sempre a tentação de dizer: "Se o perdão for tão fácil e tão inevitável, se o único desejo de Deus é perdoar os homens, e se a graça de Deus é suficientemente ampla para cobrir toda mancha e defeito, por que preocupar-se com o pecado? Por que não agir como queremos? Se afinal será tudo a mesma coisa." Quando Paulo disse que o cristão já não está mais debaixo da Lei, mas debaixo da graça, ele disse precisamente isto.

Paulo contradiz este argumento usando uma vívida figura. Diz: "Uma vez vocês foram entregues ao pecado como seus escravos; quando assim o fizeram, a justiça não teve direitos sobre vocês. Mas agora vocês se entregaram a Deus como escravos da justiça; ao fazê-lo assim, o pecado não tem direitos sobre vocês." Para compreender isto devemos compreender a situação do escravo.

Quando pensamos em um servente, em nosso sentido da palavra, pensamos em um homem que dá certa parte combinada de seu tempo a seu amo, e que por fazê-lo recebe certo pagamento combinado. Nesse tempo combinado está à disposição de seu patrão e sob suas ordens. Mas, quando esse tempo acaba, está livre para fazer exatamente o que goste. Como vemos, durante as horas de trabalho o servente pertence inteiramente a seu patrão, mas no tempo livre se pertence a si mesmo. Assim, por exemplo, um homem pode estar empregado num escritório durante o dia, e pode tocar violino numa orquestra de noite. Mas, na época de Paulo, a situação do escravo era completamente diferente. Literalmente não tinha tempo que lhe pertencesse. Não tinha um momento em que fosse livre. Cada instante de seu tempo pertencia a seu amo. Era a posse exclusiva absoluta de seu amo, e não havia um só instante de sua vida em que pudesse fazer o que gostasse. Na época de Paulo um escravo nunca podia fazer o que gostava; era-lhe impossível servir a dois amos, porque era posse exclusiva de um.

Esta é a figura que está na mente de Paulo. Diz: "Em uma época vocês foram escravos do pecado. O pecado tinha sua posse exclusiva. Naquela época vocês não podiam falar de outra coisa que não fosse pecar. Mas agora vocês tomaram a Deus como seu amo; Deus tem sua posse exclusiva. E agora vocês não podem nem sequer falar de pecar; vocês não devem falar a não ser a respeito da santidade."

Paulo realmente se desculpa por usar esta figura. Diz: "Estou usando uma analogia humana para que suas mentes humanas possam compreendê-la." Desculpa-se porque não gostava de comparar a vida cristã com algum tipo de escravidão. Mas a única coisa que esta figura

mostra é o fato de que o cristão não pode ter outro amo a não ser Deus. Não pode dar uma parte de sua vida, uma parte de seu tempo a Deus e outra parte ao mundo. Para Deus é tudo ou nada. Na medida em que alguém reserva algum canto de sua vida sem Deus, na medida em que alguém quer reservar alguma parte de sua vida sem Deus, não é verdadeiramente cristão. Cristão é o homem que deu o domínio total de sua vida a Cristo e não reserva nada para si. E ninguém que tenha feito isto pode pensar em usar a graça como uma desculpa para pecar.

Mas Paulo tem algo mais a dizer. Diz: "Vocês tomaram uma decisão espontânea de obedecer as normas do ensino a que se entregaram." Em outras palavras, Paulo está dizendo: "Vocês sabiam o que faziam e o fizeram por sua própria livre vontade." Isto é interessante.

Recordemos que esta passagem, no começo deste capítulo, surgiu de uma discussão sobre o batismo. Isto portanto significa que o batismo era um batismo com instrução. Agora, vimos que o batismo na Igreja primitiva era, pela natureza das coisas, batismo de adultos, e era confissão de fé. É evidente, pois, que ninguém era permitido entrar na Igreja cristã em um momento de emoção. Era ensinado. Tinha que saber o que estava fazendo. Era-lhe apresentada a questão deliberadamente. Era-lhe mostrado o que Cristo oferecia e o que Cristo exigia. Então, e somente então, podia tomar a decisão de entrar.

Diz-se que quando uma pessoa quer entrar como membro da grande ordem beneditina de monges, é aceito a título de prova por um ano. Durante todo esse tempo as roupas que vestia no mundo penduram em sua cela. Em qualquer momento pode tirar os seus hábitos de monge, vestir suas roupas civis e sair, e ninguém pensará mal dele. Somente no final do ano tiram-lhe definitivamente suas roupas. Deve saber o que está fazendo; deve entrar na ordem com os olhos abertos e uma total apreciação do que está fazendo.

Assim é com o cristianismo. Jesus não queria seguidores que não se detiveram para calcular o custo. Ele não queria uma pessoa que expressasse uma lealdade efêmera no auge de uma onda de emoção. A

Igreja tem o dever de apresentar a fé em toda a riqueza de seu oferecimento e na totalidade de suas demandas àqueles que desejam chegar a ser membros dela.

Paulo traça uma distinção entre a antiga vida e a nova vida. A antiga vida estava caracterizada pela *imundície* e *iniquidade*. O mundo pagão era algo imundo. Não conhecia o significado da castidade. Justino mártir tem uma terrível acuidade, falando a respeito da exposição de crianças. Em Roma, as crianças não desejados, especialmente mulheres, eram literalmente desprezadas. Cada noite muitas delas eram abandonados no fórum. As meninas eram recolhidas por turvos sujeitos, que dirigiam bordéis, e eram criadas para serem prostitutas com as quais se abasteciam os bordéis.

Assim, Justino se volta para seus oponentes pagãos e lhes diz que, em sua imoralidade, eles tinham a probabilidade de ir a um bordel da cidade, e, sem sabê-lo, ter relações com suas próprias filhas. Assim era a vida pagã. O mundo pagão era iníquo. Era iníquo no sentido de que as únicas leis que tinham os homens eram seus apetites. E essa iniquidade gerava mais iniquidade. Esta é verdadeiramente a lei do pecado. O pecado gera pecado. A primeira vez que cometemos algo mau podemos fazê-lo com uma dúvida e um tremor e um estremeamento. A segunda vez que o fazemos é mais fácil; e se continuamos fazendo-o chegamos a fazê-lo sem esforço; o pecado perde seu terror. A primeira vez que praticamos algum excesso podemos ficar satisfeitos com muito pouco; mas chega o momento em que necessitamos mais e mais para produzir a mesma emoção. O pecado conduz ao pecado. A iniquidade produz iniquidade. Começar no caminho do pecado é avançar mais e mais.

Mas a nova vida é diferente. É uma vida que é justa. Agora, os gregos definiam a justiça como *dar ao homem e a Deus o que lhes corresponde*. A vida cristã é uma vida que dá a Deus seu próprio lugar, e que respeita os direitos da personalidade humana. O cristão nunca desobedecerá a Deus, nem usará nunca a um ser humano para satisfazer de modo algum seus desejos de prazer ou de luxúria.

Esta vida leva ao que chamamos *santificação*. O termo em grego é *hagiasmos*. Todos os substantivos gregos que terminam em *asmos* descrevem, não um estado acabado, mas um *processo*. A santificação não é um estado acabado; é o caminho à santidade. Quando um homem entrega sua vida a Cristo, não se detém ali e então se converte em um homem perfeito; a luta de maneira nenhuma concluiu. Mas o cristianismo considerou sempre a direção na qual um homem se dirige como mais importante que o estágio particular que tenha alcançado. Uma vez que é de Cristo, começou o processo de santificação, o caminho da santidade.

Robert Luis Stevenson disse: "Viajar esperançosamente é melhor que atracar." O certo é que é uma grande coisa partir para uma grande meta, mesmo que nunca cheguemos a percorrer a totalidade do caminho.

Paulo conclui esta seção com uma grande declaração que contém uma dupla metáfora. "O salário do pecado é morte", diz, "mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna." Paulo aqui usa dois termos militares. Para salário utiliza o termo *opsonia*. *Opsonia* era o pagamento do soldado, algo que ele ganhava com o risco de seu corpo e com o suor de sua frente, algo que lhe era devido e não se podia tirar dele.

Para dom usa o termo *carisma*. O *carisma* ou, em latim, *donativum*, era a retribuição totalmente livre e imerecida que algumas vezes o exército recebia. Em ocasiões especiais, por exemplo em seu aniversário, ou em sua ascensão ao trono, ou no aniversário desta ascensão, um imperador entregava uma dádiva de dinheiro ao exército. Esta não tinha sido ganha; era um presente; um dom da benevolência e graça do imperador. Assim diz Paulo: "O pecado merece a morte. Se recebermos o pagamento que merecemos seria a morte. A morte é a dívida a que temos direito." E logo continua: "Mas o que recebemos é uma dádiva; não ganhamos; não o merecíamos; merecíamos a morte; mas em sua graça ele nos deu a vida."

Romanos 7

A nova aliança - 7:1-6

A extraordinária perversidade do pecado - 7:7-13

A situação humana - 7:14-25

A NOVA ALIANÇA**Romanos 7:1-6**

Paulo raramente escreveu uma passagem tão dificultosa e complicada como esta. C. H. Dodd disse desta passagem que quando a estudássemos devíamos tentar esquecer-nos do que Paulo diz e tentar descobrir o que ele quer dar a entender. O pensamento básico desta passagem se funda no princípio legal de que a morte cancela todos os contratos. Paulo começa com a ilustração desta verdade, e quer usar esta figura como um símbolo do que acontece com o cristão.

Enquanto o marido de uma mulher vive, ela não pode tornar a casar-se. Se o fizer, está em adultério. Mas se seu marido morre, o contrato é, por assim dizer, cancelado, e ela fica livre para casar-se com quem quiser. Agora, em vista disto, Paulo diria que estamos casados, com o pecado; que este pecado foi morto por Cristo; e que, portanto, estamos livres para nos casar com Deus. Isto é indubitavelmente o que Paulo se propôs a dizer.

Mas nesta figura aparece a Lei. Paulo até poderia ter posto a coisa de modo mais simples. Poderia ter dito que estávamos casados com a Lei; que a Lei foi morta pela obra de Cristo; e que agora ficamos livres para nos casar com Deus. Mas, repentinamente, põe-no de outra maneira, e, em seu figura repentinamente mudada, somos *nós* os que morremos para a Lei. Como pode ser isto? Pelo batismo temos participação na morte de Cristo. Isto significa que tendo morrido somos exonerados de toda obrigação e dever para com a Lei, e que ficamos livres para nos casar novamente. Desta vez nos casamos, não com a Lei, mas com Cristo. Quando isto acontece, a obediência cristã resulta baseada, não em

uma obediência externamente imposta a um código escrito de leis, mas em uma submissão interior de nosso espírito a Jesus Cristo.

Paulo está traçando um contraste entre os dois estados do homem: o estado sem Cristo e o estado com Cristo. Antes de conhecer a Cristo tentávamos governar nossa vida pela obediência ao código escrito da Lei. Isto era quando estávamos *na carne*. Agora, pela carne, Paulo não quer dizer simplesmente o corpo, porque o homem conserva um corpo físico até o fim de seus dias. No homem há algo que responde à sedução do pecado; se não houvesse nada no homem a que o pecado pudesse apelar, o ataque do pecado seria inócuo; mas há algo no homem que provê uma cabeça de ponte para o pecado. É a essa parte do ombro que provê uma cabeça de ponte para o pecado a que Paulo chama *a carne*. A carne é a natureza humana separada de Deus e sem seu ajuda. Paulo diz que, quando faltou a ajuda de Deus à nossa natureza humana, a Lei em realidade moveu nossas paixões para pecar.

O que quer significar com isto?

Mais de uma vez Paulo tem a idéia de que a Lei produz pecado, porque o próprio fato de uma coisa estar proibida pela Lei presta ao pecado certa atração. O fruto proibido tem uma fascinação por si mesmo; e, portanto, a própria proibição da Lei despertava o desejo de pecar. Quando não tínhamos nada mais que a Lei, estávamos à mercê do pecado. Logo Paulo volta ao estado do homem com Cristo. Quando a pessoa governa sua vida pela união com Cristo, não a governa pela obediência a uma lei escrita que, de fato pode despertar o desejo de pecar; governa-a pela submissão a Jesus Cristo em seu espírito e em seu coração. Não a Lei, mas o amor, é o motivo de sua vida; agora a inspiração do amor pode capacitá-lo a fazer o que a imposição da Lei era impotente para ajudá-lo a fazer.

A EXTRAORDINÁRIA PERVERSIDADE DO PECADO**Romanos 7:7-13**

Com esta passagem começa uma das maiores seções do Novo Testamento, e um das passagens mais comovedoras; porque aqui Paulo nos dá sua própria autobiografia espiritual e despe seu próprio coração e alma.

Aqui Paulo enfrenta o torturante paradoxo da Lei. Em si mesma a Lei é uma coisa valiosa e esplêndida.

É *Santa*. Isto quer dizer que é a própria voz de Deus. O significado básico do termo santo (*hagios*) é *diferente*. Descreve algo que provém de uma esfera alheia a este mundo, algo que pertence a um campo de vida e existência que está além da vida humana. A Lei é divina e tem nela a própria voz de Deus.

É *justa*. Já vimos que a base da idéia grega de justiça é que a justiça consiste em dar ao homem e a Deus o que lhes corresponde. Portanto a Lei é aquilo que estabelece todas as relações, humanas e divinas. Se uma pessoa guardar perfeitamente a Lei deveria estar em perfeita relação tanto com seu Deus como com seus semelhantes.

A Lei é *boa*. Isto quer dizer, a Lei não foi promulgada para outra coisa senão o nosso supremo bem-estar e nosso supremo bem. Está destinada a fazer do homem um homem bom. Tudo isto é verdadeiro.

E entretanto, subsiste o fato de que esta mesma Lei é o mesmo por meio do qual o pecado obtém uma entrada e cabeça de ponte no homem.

Como acontece isto? Há dois modos nos quais se pode dizer que a Lei é, em um sentido, a raiz e a origem do pecado.

(1) *A Lei define o pecado*. O pecado sem a Lei, como diz Paulo, carece de vida; não tem existência. Até que a Lei não defina algo como pecado, o homem não pode saber o que é pecado. Podemos tirar certa remota analogia das regras de qualquer jogo.

Tomemos o tênis. Uma pessoa pode não conhecer as regras, e pode, quando está jogando, permitir que a bola pique mais de uma vez antes de

devolvê-la por sobre a rede. Enquanto não houver regras, não pode ser acusada de nenhuma falta. Mas então se fazem as regras, e se estabelece que a bola deve ser devolvida por cima da rede depois de um só pique, e que se se permitir que pique duas vezes se incorre em falta. As regras definem o que é uma falta, e aquilo que era permitido antes de que fossem feitas as regras, converte-se em falta depois de feitas as regras. Assim a Lei define o pecado.

Ou podemos tomar uma analogia melhor. Aquilo que é perdoável num menino, ou num homem incivilizado de um país selvagem, não está permitido a uma pessoa amadurecida de um país civilizado. A pessoa amadurecida e civilizada é consciente de normas de conduta que o menino e o selvagem não conhecem; portanto, o que neles é perdoável nela é uma falta.

A Lei cria pecado no sentido de que o define. Pode ser legal por longo tempo conduzir um carro numa outra direção ao longo de uma rua; então aquela rua é declarada de mão única; feita esta lei, criou-se com efeito uma nova infração à lei — a falta por conduzir numa direção proibida. O novo regulamento criou com efeito uma nova falta. A Lei, ao tornar os homens conscientes do que é o pecado, cria o pecado.

(2) Mas há um sentido muito mais grave no qual a Lei produz pecado. Um dos atos extravagantes e estranhos da vida é a fascinação das coisas proibidas. Neste ponto, os rabinos e pensadores judeus viam esta tendência humana em operação no Jardim de Éden. Adão viveu primeiro em inocência; foi dado um mandamento de não tocar na árvore proibida, e este mandamento não tinha mais propósito que o seu bem; era uma salvaguarda. Mas chegou a serpente e sutilmente converteu a própria proibição em tentação. O fato de a árvore estar proibida a fazia com efeito desejável; assim Adão foi seduzido ao pecado pelo fruto proibido; e o resultado foi a morte.

Filo alegorizou todo o relato. A *serpente* é o *prazer*; *Eva* representa os *sentidos*; o prazer, como sempre o faz, quis a coisa proibida; atacou

por meio dos sentidos; *Adão é a razão*; e, pelo ataque da coisa proibida sobre os sentidos, a razão se desencaminhou, e sobreveio a morte.

Nas *Confissões* de Agostinho há uma famosa passagem na qual Agostinho relata a fascinação da coisa proibida.

"Havia perto de nosso vinhedo uma pereira carregada de frutas. Uma noite tormentosa, nós, jovens maus, preparamo-nos para roubar e arrebatamos nosso despojo. Tiramos um grande carga de pêras, não para nos deleitar a nós mesmos, mas para jogá-las nos porcos, embora comemos o justo para ter o prazer do fruto proibido. Eram pêras saborosas, mas não eram as pêras o que minha mísera alma cobiçava, porque tinha melhores e em abundância em casa. Arrebatei-as simplesmente para me converter em ladrão. O único deleite que obtive foi o deleite da iniquidade, e isto me encheu de alegria. O que foi que eu amei naquele roubo? Foi o prazer de agir contra a lei, para que eu, um prisioneiro das normas, pudesse ter uma contrafeita falsificação da liberdade, fazendo o que estava proibido, com uma escura semelhança de impotência?... O desejo de roubar foi despertado simplesmente pela proibição de roubar."

Ponha-se algo na categoria de coisa proibida, fique um lugar fora dos limites, e imediatamente este lugar e aquela coisa virão a ser fascinantes. Neste sentido a Lei produz pecado.

Paulo tem uma palavra reveladora que aplica ao pecado. "O pecado", diz "seduz-me." No pecado há sempre desilusão. Vaughan diz que o desengano e desilusão do pecado agem em três direções.

(1) Enganamo-nos ao considerar a *satisfação* que encontraremos no pecado. Ninguém teria tomado uma coisa proibida se não pensasse que o faria feliz, e ninguém encontrou nunca que assim fosse.

(2) Enganamo-nos ao considerar a *desculpa* que podemos dar por isso. Todo homem pensa que pode apresentar uma defesa por fazer o mal; mas toda defesa do homem soou sempre futilmente, quando a fez na presença de Deus.

(3) Enganamo-nos ao considerar a *probabilidade de escapar de suas conseqüências*. Ninguém peca sem a esperança, e até a certeza, de

que pode, como dissemos, sair-se bem. Mas o certo é que, mais cedo ou mais tarde, nosso pecado nos apanhará.

É, pois, a Lei algo mau porque, com efeito, produz pecado? Paulo está seguro de que há sabedoria em toda a seqüência.

(1) Primeiro, está convencido de que, qualquer que seja a conseqüência da Lei, o pecado tem que ser exibido como pecado. Qualquer que seja a conseqüência, o pecado tem que ser definido.

(2) A totalidade do processo mostra a natureza terrível do pecado, porque o pecado tomou uma coisa — a Lei — que era santa, justa e boa, e a torceu em algo que serve aos fins do pecado. O terror do pecado se vê no fato de que pode tomar uma coisa valiosa, esplêndida e formosa e fazer dela um instrumento do mal. Isto é o que o pecado faz. Toma o encanto do amor e o converte em luxúria. Toma o respeitável desejo de independência e o converte na cobiça de dinheiro e de poder. O pecado pode tomar a beleza da amizade e usá-la como sedução para as coisas más. Isto é o que Carlyle chamou "a infinita maldição do pecado". O mesmo ato pelo qual tomou a Lei e a fez uma cabeça de ponte para o pecado, mostra a suprema perversidade do pecado. Todo o terrível processo não é acidental; está tudo designado para nos mostrar que coisa tão terrível é o pecado, porque pode tomar as coisas mais encantadoras e envilecê-las com um toque corruptor.

A SITUAÇÃO HUMANA

Romanos 7:14-25

Nesta passagem Paulo está despindo sua própria alma; fala de uma experiência que é da essência mesma da situação humana. Ele sabia o que era o bem; desejava fazer o bem; e entretanto não podia fazê-lo. Sabia o que era o mal; a última coisa que teria querido era fazer o mal; e entretanto, ele o fazia. Sentia-se como uma personalidade dividida. Era como se dois homens estivessem dentro da mesma pele. Sentia-se miserável em duas direções. Ele se reconhecia como uma guerra civil

andante. Ele se sentia acossado por esse sentimento de frustração, essa capacidade para ver o que era bom, e essa incapacidade para fazê-lo; essa capacidade para reconhecer o que era mau, e essa incapacidade para conter-se de fazê-lo.

Os contemporâneos de Paulo conheciam bem esse sentimento, como, certamente, nós o conhecemos. Sêneca falou de "nossa impotência nas coisas necessárias".

A respeito de como os homens odeiam seus pecados e os amam ao mesmo tempo, Ovídio, o poeta romano, escreveu a famosa máxima: "Eu vejo as coisas melhores e as passo, mas sigo as piores."

Ninguém conhecia este problema melhor que os judeus. Eles haviam resolvido dizendo que em cada homem há duas naturezas, duas tendências, dois impulsos. Chamaram-nos o *Yester hatob* e o *Yester hara*. Era convicção judia que Deus tinha feito os homens desta maneira, que todos os homens tinham dentro de si um impulso bom e um impulso mau. Havia rabinos que criam que o impulso mau estava no próprio embrião na matriz, quer dizer, antes que nascesse o ser. Era "uma segunda personalidade malévola". Era "o inimigo implacável do homem". Estava ali esperando, se fosse necessário toda uma vida, uma oportunidade para enfim arruiná-lo. Mas para eles era igualmente evidente, em teoria, que ninguém tinha por que sucumbir a esse impulso mau. Para os judeus todo era uma questão de escolha.

Ben Sirac escreveu:

O Senhor odeia toda espécie de abominação,
E nenhuma é amável para os que o temem.
Desde o princípio ele criou o homem,
e o abandonou nas mãos de sua própria decisão.
Se quiseres, observarás os mandamentos,
a fidelidade está no fazer a sua vontade.
Ele colocou diante de ti o fogo e a água,
Para o que quiseres estenderás a tua mão.
Diante dos homens está a vida e a morte,
Ser-te-á dado o que preferires.

É grande, pois, a sabedoria do Senhor,
ele é todo-poderoso e vê tudo.
Seus olhos vêem os que o temem,
ele conhece todas as obras do homem.
Não ordenou a ninguém ser ímpio,
não deu a ninguém licença de pecar.
Eclesiástico 15:13-20 (B.J.)

Havia certas coisas que guardavam ao homem do ceder ao mau impulso. Uma era a *Lei*. Imaginavam a Deus dizendo:

"Eu criei para ti o impulso mau; eu criei para ti a Lei como um anti-séptico."

"Se você se ocupar com a Lei não cairá no poder do mau impulso."

Havia também a *vontade* e a *mente*.

"Quando Deus criou o homem, implantou nele seus afetos e suas disposições; e então, sobretudo, entronizou a sagrada mente governante."

Quando o mau impulso atacava, sustentavam os judeus que a sabedoria e a razão podiam rechaçá-lo; estar ocupado no estudo da palavra de Deus é segurança; a Lei é uma profilaxia; em momentos tais se pode ir em defesa do bom impulso.

Agora, Paulo sabia tudo isto; e não duvidava de que tudo era teoricamente certo; não duvidava de que *deveria* ser certo; e contudo — não o duvidava — não era certo. No homem subsiste esta batalha. Há coisas na natureza humana — que é o que Paulo quer dizer com *este corpo de morte* — que respondem à tentação e sedução do pecado. É parte da situação humana que conheçamos o bem e façamos o mal; que nunca sejamos tão bons como sabemos que deveríamos ser. É parte da situação humana que ao mesmo tempo estejamos acossados pela bondade e acossados pelo pecado.

De um ponto de vista esta passagem pode ser chamada uma demonstração do inadequado.

(1) *Demonstra o inadequado do conhecimento humano.* Se conhecer o bem fosse fazê-lo, a vida seria fácil. Mas o conhecimento por si mesmo não faz do homem um homem bom. O mesmo é em todos os aspectos da vida. Podemos saber exatamente como jogar golfe — mas isto está muito longe de sermos capazes de jogá-lo. Podemos saber como se deve escrever uma poesia — mas isto está muito longe de sermos capazes de escrevê-la. Podemos saber como devemos nos conduzir em uma dada situação — mas isto está muito longe de sermos capazes de nos conduzir assim. Esta é a diferença entre religião e moralidade. Moralidade é o conhecimento do que se deve fazer; religião é o conhecimento de Jesus Cristo. Moralidade é o conhecimento de um código; religião é o conhecimento de uma pessoa; e somente quando conhecemos Cristo é que somos capazes de fazer o que sabemos que devemos fazer.

(2) *Demonstra o inadequado da decisão humana.* Decidir fazer algo está muito longe de fazê-lo. Há na natureza humana uma fraqueza essencial da vontade. A vontade se defronta com os atos, os problemas, as dificuldades, a oposição — e fracassa. Uma vez Pedro fez uma grande resolução: “Ainda que me seja necessário morrer contigo, não te negarei” (Mateus 26:35). A vontade humana sem a fortaleza de Cristo está destinada a fracassar.

(3) *Demonstra as limitações da diagnose.* Paulo sabia com toda clareza o que era mau; mas era totalmente incapaz de corrigi-lo. Era como o médico que pode diagnosticar com exatidão uma enfermidade, mas que é totalmente impotente para prescrever uma cura. Jesus é a única pessoa que não só sabe o que é o mal, mas também pode corrigir o mal. Ele não oferece uma crítica, mas uma ajuda.

Romanos 8

[A libertação de nossa natureza humana - 8:1-4](#)

[Os dois princípios da vida - 8:5-11](#)

[A entrada na família de Deus - 8:12-17](#)

A esperança gloriosa - 8:18-25

Tudo é de Deus - 8:26-30

O amor do qual nada nos pode separar - 8:31-39

A LIBERTAÇÃO DE NOSSA NATUREZA HUMANA

Romanos 8:1-4

Esta é uma passagem muito dificultosa porque está muito resumida, e porque, através dele, Paulo faz alusões a coisas que já havia dito.

Através de todo este capítulo duas palavras se repetem e ocorrem várias vezes. Estas duas palavras são *carne* (*sarx*) e *espírito* (*pneuma*). Não entenderemos a passagem a menos que compreendamos o modo em que Paulo usa estas palavras.

(1) Em primeiro lugar, tomemos a palavra *sarx*. Literalmente significa carne, e a mais superficial leitura das cartas de Paulo mostrará quão freqüentemente usa o termo, e como o usa em um sentido que lhe é totalmente próprio. Em termos gerais, usa-a de três maneiras diferentes:

(a) Usa-a em sentido totalmente literal. Fala de circuncisão na carne (Romanos 2:28). Isto significa simplesmente a circuncisão corporal.

(b) Várias vezes usa a frase *kata sarka*, que significa literalmente segundo a carne. Mais freqüentemente esta frase significa *olhar as coisas de um ponto de vista humano*. Por exemplo, Paulo diz que Abraão é nosso antecessor *kata sarka*, segundo a carne, que é, *do ponto de vista humano*. Diz que Jesus é filho de Davi *kata sarka*, segundo a carne (Romanos 1:3). Quer dizer, pelo lado humano de sua ascendência Jesus é filho de Davi. Fala dos judeus como seus parentes *kata sarka* (Romanos 9:3). Isto quer dizer, falando de relações humanas e em termos humanos, os judeus são parentes de Paulo. Quando Paulo usa a frase *kata sarka*, indica sempre que está considerando as coisas do ponto de vista humano.

(c) Mas Paulo tem um uso do termo *sarx* que lhe é totalmente próprio. Quando está falando dos cristãos, fala dos dias em que estava *na carne* (*em sarki*) (Romanos 7:5). Fala daqueles *que andam segundo a*

carne em oposição àqueles que vivem a vida cristã (Romanos 8:4-5). Diz que aqueles que vivem *segundo a carne* não podem agradar a Deus (Romanos 8:8). Diz que o *ocupar-se da carne* é morte, e que esta é hostil a Deus (Romanos 8: 6-8). Fala a respeito de *viver segundo a carne* (Romanos 8:12). Diz a seus amigos cristãos: “Vós não viveis *segundo a carne*” (Romanos 8:9, Reina-Valera 1995).

Agora, é evidente, especialmente no último exemplo, que Paulo não está usando o termo *carne* simplesmente no sentido do corpo, como nós dizemos *carne e sangue*. Como o usa então? Quando Paulo usa o termo *carne* desta maneira se refere realmente à natureza humana em toda sua fraqueza, sua impotência e seu desamparo. Refere-se à natureza humana em sua vulnerabilidade ao pecado e à tentação. Refere-se àquela parte do homem que dá ao pecado sua oportunidade e sua cabeça de ponte. Ele se refere à natureza humana pecaminosa sem Cristo e sem Deus. Significa todas as coisas que atam o homem ao mundo em lugar de a Deus. *Viver segundo a carne* é viver uma vida mundana, viver uma vida dominada pelos ditados e desejos da pecaminosa natureza humana em lugar de uma vida dominada pelos ditados de Deus e seu amor. A carne é o lado mais baixo da natureza do homem. Deve-se notar cuidadosamente que quando Paulo pensa a respeito do tipo de vida que vive um homem dominado pela *carne, sarx*, não está de maneira nenhuma pensando exclusivamente em pecados sexuais e corporais. Não está pensando absolutamente no que chamamos pecados carnis. Quando dá uma lista das obras da carne, em Gálatas 5:19-21, inclui os pecados sexuais e corporais; mas também inclui idolatria, ciúmes, iras, lutas, heresias, invejas, homicídios. A carne para Paulo não era algo físico; era algo espiritual. A carne era a natureza humana com todo seu pecado e fraqueza, e impotência e frustração; a carne é tudo o que o homem é sem Deus e sem Cristo.

(2) Vem a palavra *Espírito*. Só neste capítulo a palavra *Espírito* aparece não menos de trinta vezes. Agora, a palavra *Espírito* tem um pano de fundo bem definido no Antigo Testamento. Em hebraico o termo é *ruach*, e contém duas idéias básicas.

(a) *Ruach* não somente quer dizer *Espírito*; também quer dizer *vento*. Leva sempre implícita a idéia de poder, poder como o de um poderoso vento impetuoso.

(b) *Ruach*, no Antigo Testamento, sempre expressa a idéia de algo que é mais que humano, algo que não é do homem e não está ao alcance do homem. Para Paulo, *Espírito* representava um poder divino

Assim Paulo diz nesta passagem que houve um tempo em que o cristão, antes de ser cristão, estava à mercê de sua própria natureza humana pecaminosa. Nesse estado a Lei tinha chegado a ser simplesmente algo que o movia a pecar, e nesse estado ia de mal a pior, derrotado e frustrado. Mas, quando chegou a ser cristão, entrou em sua vida o impetuoso poder do Espírito de Deus, e, porque agora havia em sua vida um poder que não era dele, entrou em uma vida vitoriosa em lugar de uma existência derrotada.

Na segunda parte da passagem Paulo fala do efeito da obra de Jesus sobre nós. É uma passagem muito complicada e difícil, mas o ponto a que Paulo quer chegar é ao seguinte. Recordemos que começou tudo isto dizendo que todos os homens pecaram em Adão. Vimos como a concepção judia da solidariedade fez possível a Paulo argüir que, literalmente, todos os homens pecaram em Adão e que todos estavam envoltos naquele pecado e sua conseqüência — a morte.

Mas este quadro tem outro lado. A este mundo veio Jesus. Veio como um homem; veio com uma natureza total e verdadeiramente humana. Vivendo como homem foi sem pecado; derrotou o pecado; condenou o pecado; nele o pecado foi vencido e conquistado; e levou uma vida de perfeita obediência a Deus, de perfeito cumprimento da Lei de Deus. Agora, porque Jesus foi completamente homem, exatamente como nós fomos um com Adão, agora somos um com Ele; e, exatamente como estávamos envoltos no pecado de Adão, estamos envoltos na perfeição de Jesus. NEle a humanidade cumpriu a Lei de Deus, exatamente como em Adão a humanidade a quebrou. NEle a humanidade rendeu a Deus perfeita obediência, exatamente como em

Adão a humanidade mostrou a Deus uma fatal desobediência. Os homens são salvos porque uma vez estiveram envoltos no pecado de Adão, mas agora estão envoltos na bondade de Jesus.

Este é o argumento de Paulo, e para ele e para aqueles que o escutavam era totalmente convincente, por mais difícil que seja para nós compreendê-lo. Porque o que Jesus fez abre aos cristãos uma vida que já não está dominada pela carne, pela pecaminosa e impotente natureza humana, mas uma vida que está dominada por esse Espírito de poder, esse Espírito de Deus, que enche o homem de um poder que não é dele. Elimina-se o castigo do passado, assegura-se a fortaleza para o futuro.

OS DOIS PRINCÍPIOS DA VIDA

Romanos 8:5-11

Nesta passagem Paulo traça um contraste entre dois tipos de vida.

(1) Existe a vida dominada pela natureza humana pecaminosa; a vida cujo foco e centro é o eu; a vida absorvida pelas coisas que fascinam a natureza humana pecaminosa; a vida cuja única lei são os seus próprios desejos; a vida que toma o que quer onde quer. Em diferentes pessoas esta vida será descrita de diferentes maneiras. Pode estar dominada pela paixão, ou pela luxúria, ou pelo orgulho, ou pela ambição. Sua característica é sua absorção pelas coisas sobre as quais a natureza humana sem Deus põe o seu coração.

(2) Existe a vida dominada pelo Espírito de Deus. No coração do homem está o Espírito. Assim como vive no ar, vive em Cristo, nunca separado dele. Como respira o ar, e o ar o enche, assim o cheia Cristo. Não tem uma mente própria. Cristo é sua mente. Não tem desejos próprios; a vontade de Cristo é sua única lei. Está dominado pelo Espírito, dominado por Cristo, focalizado em Deus.

Estas duas vidas partem em direções diametralmente opostas. A vida dominada pelos desejos e pelas atividades da natureza humana

pecaminosa está no caminho da morte. No sentido mais literal, não tem futuro. Isto se deve a que se aparta cada vez mais de Deus. Permitir que as coisas do mundo dominem completamente a vida é auto-extinguir-se; é um suicídio espiritual; é, novamente no sentido mais literal, a destruição da alma. Ao viver nela o homem torna-se totalmente inepto para apresentar-se perante a presença de Deus. É hostil a Deus; está ressentido com a Lei de Deus e com o domínio de Deus. Deus não é seu amigo, mas seu inimigo, e ninguém jamais ganhou a última batalha contra Deus.

A vida dominada pelo Espírito, a vida centrada em Cristo, a vida focada em Deus está a caminho da Vida. Diariamente se vai aproximando do céu mesmo que ainda esteja na Terra. Diariamente se assemelha mais a Cristo, é mais um com Cristo. É uma vida em tão firme progresso para com Deus que a transição final da morte é só uma etapa natural e inevitável no caminho. É como Enoque que caminhou com Deus e Deus o arrebatou. Como disse um menino: "Enoque era um homem que ia caminhando com Deus — e um dia não voltou."

Mas logo que Paulo acabou de dizer isto, ocorre-lhe uma objeção inevitável. Alguém pode dizer: "Você diz que o homem dominado pelo Espírito está a caminho da vida; mas de fato todos os homens têm que morrer. O que exatamente quer dar a entender?"

A resposta de Paulo é a seguinte. Diz que todos os homens morrem porque todos estão envolvidos na situação humana. O pecado entrou neste mundo, e com o pecado entrou a morte. A morte é a consequência do pecado. Portanto, todos os homens morrem inevitavelmente; mas o homem que está dominado pelo Espírito, e cujo coração está ocupado por Cristo, morre só para ressuscitar. A idéia básica de Paulo é que o cristão é indissolúvelmente um com Cristo. Agora, Cristo morreu e ressuscitou; venceu a morte; e o homem que é um com Cristo é um com o vencedor da morte e participa dessa vitória. Ainda continua sendo certo que o homem dominado por Cristo, possuído por Cristo, está a

caminho da vida; a morte não é mais que um inevitável interlúdio que deve atravessar-se no caminho.

A ENTRADA NA FAMÍLIA DE DEUS

Romanos 8:12-17

Nesta passagem Paulo introduz outra das grandes metáforas com que descreve a nova relação do cristão com Deus. Aqui Paulo fala do cristão como adotado na família de Deus. Somente quando compreendemos quão sério e complicado era um trâmite romano de adoção, compreendemos realmente o profundo significado desta passagem. A adoção romana se fazia mais séria e mais difícil por causa do *pátrio poder* romano. O *pátrio poder* era o poder do pai sobre a família; este poder era absoluto; era em realidade o poder de absoluta disposição e controle, e na época primitiva era em realidade o poder de vida e morte. Aos olhos de seu pai um romano nunca chegava a ser maior de idade. Não importa quão velho fosse, estava ainda sob o *pátrio poder*, na absoluta possessão, e sob o absoluto controle, de seu pai. Obviamente isto fazia da adoção em outra família um passo muito difícil e muito sério. Na adoção uma pessoa passava de um *pátrio poder* a outro. Tinha que passar da possessão e controle de um pai à idêntica possessão e controle de outro. Havia dois passos. O primeiro era conhecido como *mancípio*, e se concretizava com uma venda simbólica, na qual se utilizavam simbolicamente moedas de cobre e balanças. O simbolismo da venda se repetia três vezes. Duas vezes o pai vendia simbolicamente o seu filho, e duas vezes voltava a comprá-lo; e na terceira vez não voltava a comprá-lo, e assim se sustentava que se rompia o *pátrio poder*. Depois da venda seguia uma cerimônia chamada *vindicação*. O pai que adotava se apresentava ao *pretor*, um dos magistrados romanos, e apresentava uma demanda legal para a transferência da pessoa adotada a seu *pátrio poder*. Quando tudo isto se

completava então a adoção estava realizada. Evidentemente este era um trâmite sério e solene.

Mas as conseqüências da adoção são o mais significativo para a figura que Paulo tem em mente. Há quatro conseqüências principais.

(1) A pessoa adotada perdia todos os direitos em sua antiga família, e ganhava todos os direitos de um filho totalmente legítimo na nova família. No sentido mais literal, e com a maior obrigatoriedade legal, conseguia um novo pai.

(2) Segue-se que se tornava herdeiro de todos os bens de seu novo pai. Embora nascessem depois outros filhos, que tinham verdadeira relação sangüínea, isto não afetava os seus direitos. Ele era co-herdeiro com Deus inalienavelmente.

(3) Legalmente, a antiga vida do adotado ficava totalmente cancelada. Por exemplo, todas as dívidas eram legalmente canceladas; eram canceladas como se nunca tivessem existido. A pessoa adotada era considerada como uma nova pessoa que entrava em uma nova vida com a qual o pecado não tinha nada que ver.

(4) Aos olhos da Lei a pessoa adotada era literal e absolutamente filha de seu novo pai. A história romana proporciona um exemplo sobressalente da verdade literal e completa disto.

O imperador Cláudio adotou Nero, para que este pudesse sucedê-lo no trono. Não havia relação de sangue em nenhum sentido. Cláudio já tinha uma filha, Otávia. Para consolidar a aliança Nero quis casar-se com Otávia. Agora, Nero e Otávia não estavam relacionados em nenhum sentido; não tinham em nenhum sentido relação de sangue; entretanto, aos olhos da lei, eram irmão e irmã; e antes de que se pudessem casar o senado romano teve que ditar uma legislação especial que permitisse a Nero desposar a uma jovem que era legalmente sua própria irmã. Nada mostra melhor quão completa era a adoção em Roma.

Era nisso que Paulo está pensando. Utiliza ainda outra figura da adoção romana. Diz que o Espírito de Deus dá testemunho ao nosso espírito que somos realmente filhos de Deus. A cerimônia de adoção se

efetuava em presença de sete testemunhas. Agora, suponhamos que morria o adotivo, e que logo houvesse alguma disputa quanto ao direito do filho adotivo para herdar, então uma ou mais das sete testemunhas originais se adiantavam e juravam que a adoção era genuína e verdadeira. Assim estava garantido o direito da pessoa adotada e recebia sua herança. Assim — diz Paulo — o próprio Espírito Santo é a testemunha de nossa adoção na família de Deus.

Vemos que cada passo na adoção romana tem sentido na mente de Paulo ao transferir a figura a nossa adoção na família de Deus. Numa época estávamos na absoluta possessão do pecado, sob o domínio absoluto de nossa própria natureza humana pecaminosa; mas Deus, em sua misericórdia, trouxe-nos sob a absoluta possessão de si mesmo. A vida antiga já não tem direitos sobre nós; Deus tem direito absoluto. O passado está cancelado; as dívidas do passado estão apagadas; recomeçamos uma nova vida, uma vida com Deus. Convertemo-nos em herdeiros de todas as riquezas de Deus. Se isto for assim, chegamos a ser co-herdeiros com Jesus Cristo, o filho legítimo de Deus. Aquilo que Cristo herdou, e herda, nós também o herdamos. Se Cristo teve que sofrer, também nós herdamos esse sofrimento, mas se Cristo ressuscitou para vida e glória, nós também herdamos essa vida e essa glória.

A figura de Paulo era que quando um homem se torna cristão, ele entra na própria família de Deus. Ele não fez nada para ganhá-lo; não fez nada para merecê-lo; Deus, o supremo Pai, em seu surpreendente amor e misericórdia, tomou o pecador perdido, desamparado, ferido pela pobreza, carregado de dívidas, e o adotou em sua própria família, de maneira que as dívidas são canceladas e herda imerecido amor e glória.

A ESPERANÇA GLORIOSA

Romanos 8:18-25

Paulo esteve falando justamente da glória de ser adotado na família de Deus; e logo, depois da idéia da glória, volta ao estado de luta neste

mundo presente. Aqui traça um grande quadro. Fala com a visão de um poeta. Vai à própria criação, o mundo criado, a natureza toda aguardando a glória que virá. No momento a criação está sujeita à corrupção.

"Vejo em todo meu redor mudança e corrupção." O mundo é um mundo onde a beleza murcha e a beleza se corrompe; é um mundo agonizante; mas está aguardando a libertação de tudo isto e a vinda do estado de liberdade e de glória.

Agora, quando Paulo estava pintando este quadro, trabalhava com idéias que qualquer judeu podia reconhecer e entender. Fala desta idade presente e da glória que será revelada. O pensamento judeu dividia o tempo em duas seções: a idade presente e a idade por vir. Esta idade presente era totalmente má, sujeita ao pecado, à morte e à corrupção. Algum dia viria o Dia do Senhor. Este seria um dia de juízo e um dia em que o mundo seria comovido até seus alicerces e destruído; mas dele sairia um mundo novo. A renovação do mundo era uma das grandes idéias judias. O Antigo Testamento fala dela sem elaboração e sem detalhes. "Eis que eu crio novos céus e nova Terra" (Isaías 65:17). Mas nos dias intertestamentários, dias em que os judeus foram oprimidos, e escravizados e perseguidos, eles construíram seus sonhos dessa nova Terra e esse mundo renovado.

"A videira renderá seu fruto dez mil vezes, e em cada videira haverá mil ramos; e cada ramo produzirá mil cachos; e cada cacho produzirá mil uvas; e cada uva uma medida de vinho. E aqueles que estão famintos se regozijarão; além disso, também verão maravilhas cada dia. Porque o vento sairá de diante de mim para me trazer cada manhã a fragrância das frutas aromáticas, e ao fechar o dia as nuvens destilarão o rocío de saúde" (Apocalipse de Baruque 29:5).

"E a terra, e todas as árvores, e os inumeráveis rebanhos de ovelhas darão seu verdadeiro fruto à humanidade, de vinho e de doce mel e de leite e grão, que para os homens é o dom mais excelente de todos" (Oráculos Sibilinos 3:620-633).

"A terra, mãe universal, dará aos mortais seus melhores frutos em incalculável quantidade de grão, vinho e azeite. Sim, do céu virá uma doce corrente de delicioso mel. As árvores produzirão seus frutos próprios, e ricos rebanhos, e vacas e cordeiros, e cabritos. Ele fará brotar doces fontes de leite. E as cidades estarão cheias de coisas boas, e os campos férteis; nem haverá espada ao longo da terra, nem ruído de batalha; nem nunca mais será convulsionada a terra com profundos gemidos. Nunca mais haverá guerra, nem nunca mais haverá seca sobre a terra, nem fome ou granizo que faça estragos nas colheitas" (Oráculos Sibilinos 3:744-756).

O sonho de um mundo renovado era muito grato aos judeus. Paulo sabia, e aqui dota a criação de consciência. Imagina a natureza desejando o dia em que o domínio do pecado tenha sido quebrado, e a morte e a corrupção tenham desaparecido, e a glória de Deus tenha vindo. Com um toque de intuição imaginativa, Paulo diz que a situação da natureza é ainda pior que a situação dos homens. O homem pecou deliberadamente; mas a natureza foi subjugada involuntariamente, não por sua própria escolha. Inconscientemente a natureza foi envolta na consequência do pecado do homem. "Maldita é a terra por tua causa", disse Deus a Adão depois de seu pecado (Gênesis 3:17). Assim aqui, com olho de poeta, Paulo vê a natureza aguardando a libertação da morte e a corrupção que o pecado do homem trouxe ao mundo.

Se isto for certo a respeito da natureza, é ainda mais certo sobre o homem. Paulo passa, pois, a pensar no desejo humano. Na experiência do Espírito Santo os homens têm uma antecipação, uma primeira entrega, da glória que será; agora desejam de todo coração a completa realização do que implica a adoção na família de Deus. Essa adoção final será a redenção de seus corpos. Paulo não imagina o homem em estado de glória como um espírito imaterial. Neste mundo o homem é corpo e espírito; e no mundo de glória será salvo o homem total. Só que seu corpo já não será mais vítima da corrupção e instrumento do pecado: será um corpo espiritual apto para a vida de um homem espiritual.

Logo vem uma grande expressão: “Na esperança fomos salvos.” Para Paulo a única radiante verdade que iluminava a vida era o fato grandioso de que a situação humana não é uma situação desesperada. Paulo não era pessimista.

H. G. Wells disse uma vez: "O homem, que começou numa cova atrás de um cata-vento, terminará nas ruínas impregnadas de enfermidade de uma cabana." Não assim Paulo. Ele via o pecado do homem; via o estado do mundo e o estado da situação humana; mas também via o poder redentor de Deus, e a conclusão de tudo isto para ele era a esperança. E por isso, para Paulo a vida não era uma desesperadora expectativa de um final inevitável em um mundo encerrado pelo pecado, pela morte e pela corrupção; a vida era uma ofegante expectativa da libertação, a renovação e a recriação operadas pela glória e pelo poder de Deus.

No versículo 19 Paulo usa uma maravilhosa palavra para *desejo ardente*. A palavra é *apokaradokia*; esta descreve a atitude do homem que esquadrinha o horizonte com a cabeça erguida para frente, buscando ansiosamente à distância o primeiro sinal da irrupção da glória. Para Paulo a vida não era uma espera pesada e frustrante; a vida era uma palpitante e vívida expectativa. O cristão está envolto na situação humana. Interiormente deve lutar com sua própria natureza humana pecaminosa. Exteriormente deve viver em um mundo de morte e corrupção. Mas, não só vive no mundo; vive também em Cristo. Não somente vê o mundo; olha mais além do mundo, em direção de Deus. O cristão não só vê a conseqüência do pecado do homem; ele vê o poder da misericórdia e do amor de Deus. E, portanto, a tônica da vida cristã é sempre a esperança e nunca o desespero. O cristão aguarda, não a morte, mas a vida.

TUDO É DE DEUS**Romanos 8:26-30**

Os primeiros dois versículos desta passagem formam um dos textos mais importantes de todo o Novo Testamento sobre a oração. Paulo está dizendo que, por causa de nossa fraqueza, não sabemos por que orar, mas as orações que nós deveríamos oferecer são oferecidas por nós pelo Espírito Santo de Deus.

C. H. Dodd define a oração desta maneira: "A oração é o divino em nós apelando ao divino sobre nós."

Há duas razões muito óbvias pelas quais não podemos orar como deveríamos. Primeiro, não podemos orar corretamente porque não podemos prever o futuro. Nós não podemos ver um ano, nem mesmo algumas horas, rumo ao futuro; e bem podemos pedir ser salvos de coisas que são para nosso bem, e podemos pedir coisas que seriam para nosso dano final, simplesmente porque não podemos ver o futuro e saber o que vai acontecer.

Em segundo lugar, não podemos orar corretamente, porque até numa dada situação não sabemos o que é melhor para nós. Frequentemente estamos na posição do menino que quer algo que serviria só para danificá-lo; e Deus está frequentemente na situação de um pai que tem que rechaçar os requerimentos de seu filho, ou que tem que obrigar o filho a fazer algo que não quer fazer, porque sabe que para o bem do menino é muito melhor que o que o próprio menino faz.

Até os gregos sabiam disso. Pitágoras proibia seus discípulos de orar por si mesmos, porque, dizia, em sua ignorância não podiam saber nunca o que era conveniente para si próprios. Xenofonte nos diz que Sócrates ensinou a seus discípulos simplesmente a orar por coisas boas, e não tentar especificá-las, mas deixar a Deus decidir quais eram as coisas boas.

C. H. Dodd o expressa da seguinte maneira. Nós não podemos conhecer nossa real necessidade; não podemos com nossas mentes finitas

compreender o plano de Deus; em última análise tudo o que podemos levar a Deus é um suspiro inarticulado que o Espírito traduzirá a Deus por nós.

Na opinião de Paulo, a oração, como todas as outras coisas, é de Deus. Paulo sabia que o homem não podia justificar-se por seu próprio esforço; e também sabia que por nenhum esforço de sua inteligência humana é possível ao homem saber por que orar. Em última análise a oração perfeita é simplesmente: "Pai, em tuas mãos encomendo o meu espírito. Não se faça a minha vontade, mas a tua."

Mas Paulo segue adiante. Diz que os que amam a Deus, e que são chamados de acordo com o seu propósito, sabem bem que Deus está combinando todas as coisas para o bem deles. Para o cristão a experiência da vida é que todas as coisas cooperam para o bem. Não precisamos ser muito velhos para olhar para trás na vida e ver quais as coisas que pensávamos serem desastres resultaram para nosso bem; coisas que pensávamos que eram desenganos resultaram em grandes bênçãos. Podemos olhar atrás, e podemos ver uma mão condutora e diretora em tudo e através de tudo.

Mas temos que notar que esta experiência é só para *aqueles que amam a Deus*. Os estóicos tinham uma grande idéia e bem pode ser que a idéia estóica estivesse realmente na mente de Paulo quando escrevia esta passagem. Uma das grandes concepções dos estóicos era a concepção do *logos* de Deus. O *logos* era a mente ou razão de Deus. Os estóicos criam que este mundo estava impregnado e interpenetrado por esse *logos*. Era o *logos* quem punha ordem e sentido no mundo. Era o *logos* quem mantinha as estrelas em seu curso e os planetas em sua órbita assinalada. Era o *logos* quem controlava a ordenada sucessão do dia e da noite, e do verão e do inverno e da primavera e do outono. O *logos* era a razão e a mente de Deus no universo, fazendo do universo uma ordem e não um caos. Agora, os estóicos foram mais adiante. Criam que o *logos* de Deus não somente tinha uma ordem para o universo, mas

sim também tinha uma ordem e um plano e um propósito para a vida de cada homem.

Dito de outro modo, os estóicos criam que nada podia ocorrer a um homem que não proviesse de Deus e que não fosse parte do plano de Deus para esse homem. Epicteto escreveu: “Tenhamos ânimo para olhar a Deus e dizer: ‘de agora em diante me trate como quiser. Eu sou como um contigo; sou teu; não fugirei de nada que Tu penses que é bom. Guia-me aonde Tu quiseres; coloque-me a roupagem que Tu quiseres. Quer me dar uma posição ou me rechaçar, que permaneça ou que fuja, que seja rico ou pobre? Por isso eu te defenderei diante dos homens’.”

Assim os estóicos ensinaram que o dever de todo homem era a *aceitação*. Se aceitava as coisas que Deus lhe enviava, conhecia a paz. Se lutava contra elas, batia a cabeça contra o iniludível propósito de Deus.

Agora, Paulo tem exatamente a mesma idéia. Ele diz que todas as coisas cooperam para o bem, mas só para *os que amam a Deus*. Se alguém ama a Deus e confia em Deus e aceita a Deus, se alguém sentir e sabe e está convencido de que Deus é o Pai sábio e amante, então pode aceitar humildemente tudo o que Deus lhe envia. Um homem pode ir a um médico ou a um cirurgião, e o médico ou o cirurgião podem prescrever uma forma de tratamento que no momento é desagradável ou até penoso; mas o homem confia na sabedoria do perito e aceita as coisas que lhe impõem. Assim é conosco se amamos a Deus. Mas aquele que não ama a Deus e não confia nEle, bem pode ressentir-se pelo que lhe aconteça; bem pode lutar contra a vontade de Deus; bem pode achar que os dissabores e as tristezas e as provas da vida o levam à ira e à rebelião. Somente para o homem que ama e confia, todas as coisas cooperam para o bem, porque para ele elas vêm de um Pai que com perfeita sabedoria, amor e poder está operando sempre para o melhor.

Mas Paulo vai mais adiante; continua falando da experiência espiritual de cada cristão. Na versão Almeida segue aqui uma famosa passagem: “Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para

serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” (8:29, RC)

Esta é uma passagem que foi tremendamente mal usado. Se queremos compreender esta passagem devemos captar o fato básico de que Paulo nunca o entendeu como expressão de uma filosofia ou uma teologia; ele quis que fosse uma expressão quase lírica da experiência cristã. Se nós tomarmos isto como filosofia ou teologia e lhe aplicamos as medidas da fria lógica, poderia significar que Deus escolheu a alguns e não escolheu a outros, que há uma estranha e terrível seletividade no amor de Deus. Mas isto não é o que significa a passagem. Pensemos na experiência cristã. Quanto mais um cristão pensa em sua experiência, mais se convence de que nada tem que ver com ela e que tudo é de Deus. Jesus Cristo veio a este mundo; viveu; foi à cruz; ressuscitou. Nós não fizemos nada para concretizar isto; é obra de Deus. Nós ouvimos a história deste maravilhoso amor. Nós *não fizemos* a história; só a *recebemos*. O amor despertou em nossos corações; sobreveio a convicção do pecado; e com ela sobreveio a experiência do perdão e da salvação; nós não levamos isso a cabo. Tudo é de Deus. Isto é o que Paulo está lembrando aqui.

O Antigo Testamento tem um uso muito esclarecedor do termo *conhecer*. “Eu te *conheci* no deserto”, disse Deus a Oséias sobre o povo de Israel (Oséias 13:5). “De todas as famílias da terra a vós somente *conheci*”, disse Deus a Amós (Amós 3:2). Quando a Bíblia fala de que Deus *conhece* um homem, significa que Deus tem um propósito e um plano e um intuito e uma tarefa para esse homem. E quando nós olhamos para trás em nossa experiência cristã, tudo o que podemos dizer é: “Eu não fiz isso; eu nunca poderia ter feito isso; Deus fez tudo.” E sabemos que isto não nos tira o livre-arbítrio. Deus conheceu Israel, mas chegou o dia em que Israel rechaçou o destino que Deus queria para ele.

A guia invisível de Deus está em nossas vidas, mas no fim da jornada podemos rechaçá-la e tomar nosso próprio caminho. A profunda experiência do cristão é que tudo é de Deus; que ele nada fez e Deus fez tudo. Isto é o que Paulo quer dar a entender aqui. Significa que Deus desde o começo nos escolheu para a salvação; que em seu devido tempo veio a nós o seu chamado; mas Paulo também sabia que o orgulho do coração do homem pode fazer naufragar o plano de Deus e a desobediência da vontade do homem pode rechaçar a chamada.

O AMOR DO QUAL NADA NOS PODE SEPARAR

Romanos 8:31-39

Esta é um das passagens mais líricas que Paulo tenha escrito. No versículo 32 há uma maravilhosa alusão e reminiscência que poderia manter qualquer judeu que conhecesse bem seu Antigo Testamento. Paulo diz com efeito: "Deus por nós não poupou a seu próprio Filho; certamente esta é a garantia final de que ele nos ama suficientemente para suprir todas nossas necessidades."

Agora, as palavras que Paulo usa com referência a Deus são as mesmas palavras que Deus usa com respeito a Abraão, quando Abraão provou sua total lealdade a Deus ao estar disposto a sacrificar a seu próprio filho Isaque pelo mandamento de Deus. Deus disse a Abraão: "Não me negaste o teu único filho" (Gênesis 22:16). Paulo parece dizer: "Pense no maior exemplo no mundo de lealdade do homem a Deus; a lealdade de Deus a ti é semelhante a esta." Exatamente como Abraão foi tão leal a Deus, que esteve disposto a sacrificar a sua possessão mais querida por causa de Deus; assim Deus é tão leal aos homens, que está disposto a sacrificar a seu próprio Filho por eles. Certamente podemos confiar em uma lealdade como esta para qualquer coisa.

É difícil saber exatamente como tomar os versículos 33-35. Há duas maneiras de tomá-los e ambas encerram um excelente sentido e uma preciosa verdade.

(1) Podemos tomar estes versículos como duas declarações, seguidas de duas perguntas que provêm as inferências que se seguem dessas declarações.

(a) É Deus quem absolve os homens — esta é a declaração. Sendo assim quem pode condená-los? Se o homem for absolvido por Deus, então é salvo de qualquer outra condenação.

(b) Nossa fé é em Cristo que morreu e ressuscitou e que vive para sempre — esta é a declaração. Se isto for assim há algo neste ou em qualquer outro mundo que nos possa separar de nosso Senhor ressuscitado? Se o tomamos desta maneira sentamos duas grandes verdades: (a) Deus nos absolveu; portanto ninguém pode nos condenar; (b) Cristo ressuscitou; portanto nada pode nos separar dEle.

(2) Mas há outra maneira de tomá-lo. Deus nos absolveu. Quem, pois, pode levantar-se em juízo contra nós e nos condenar? A resposta é que o Juiz de todos os homens é Jesus Cristo. Ele é o único que tem direito a condenar; mas longe de condenar, Ele está sentado à mão direita de Deus e intercede por nós, e portanto estamos seguros. Pode ser que no versículo 34 Paulo esteja fazendo algo maravilhoso. Vejamos o que diz de Jesus. Diz quatro coisas a respeito de Jesus: (a) Ele morreu, (b) Ele ressuscitou, (c) Ele está à mão direita de Deus, (d) Ele ali intercede por nós e advoga por nós.

Agora, o credo mais primitivo da Igreja, um credo que ainda é a essência de todos os credos cristãos, reza assim; "Foi crucificado, morto e sepultado; ao terceiro dia ressuscitou dentre os mortos; e está sentado à direita de Deus; *de onde virá para julgar os vivos e os mortos.*" Note-se agora, três pontos da declaração de Paulo e do credo primitivo são os mesmos. Os três são que: Jesus morreu, ressuscitou e está sentado à direita de Deus. *Mas o quarto é diferente.* No credo o quarto é que Jesus voltará para ser *o juiz dos vivos e dos mortos.* Em Paulo o quarto é que Jesus está à mão direita de Deus para *interceder por nós e advogar por nossa causa.* É como se Paulo dissesse: "Vocês imaginam a Jesus como o Juiz que está ali para condenar; e bem pode fazê-lo porque ganhou esse

direito; mas estão equivocados; Ele não está ali para ser nosso advogado acusador; está ali para ser o advogado defensor de nossa causa; não está ali para formular a acusação contra nós; está ali para formular nossa defesa; não está ali para ser nosso juiz; está ali para ser o amigo que defende nossa causa."

Penso que a segunda maneira de considerar isto é a correta. Com um tremendo salto e ousadia de pensamento Paulo viu a Cristo, não como o Juiz do credo, mas sim como Aquele que ama as almas dos homens.

Assim Paulo continua com um ardor de poeta e ardor de amante cantando como nada pode nos separar do amor de Deus em nosso Senhor ressuscitado.

(1) Nem a tribulação, nem a angústia, nem o perigo pode nos separar (versículo 35). Embora o mundo se desmorone perante nós, podemos ter ainda doces momentos com Cristo. Os desastres do mundo não podem separar o homem de Cristo; aproximam-no ainda mais.

(2) Nos versículos 38-39 Paulo faz uma lista de coisas terríveis. *Nem a vida nem a morte* podem nos separar de Cristo. Na vida vivemos com Cristo; na morte morremos com Ele: e porque morremos com Ele, ressuscitamos também com Ele; e a morte, longe de ser uma separação, é só um passo mais para com sua presença. A morte não é o fim; é só "a porta no céu" que leva a presença de Jesus Cristo. Os poderes *angélicos* não podem nos separar dEle.

Nesta época particular os judeus tinham uma bem desenvolvida crença nos anjos. Cada coisa no mundo tinha seu anjo. Havia um anjo dos ventos, das nuvens, da neve e do granizo e da geada, do trovão e do relâmpago, do frio e do calor, das estações. Os rabinos diziam que não havia nada no mundo, nem mesmo uma fibra de erva, que não tivesse seu anjo. Estes anjos estavam divididos em classes e famílias e categorias. Segundo os rabinos havia três categorias de anjos. A primeira categoria incluía tronos, querubins e serafins. A segunda categoria incluía poderes, senhorios e potestades. A terceira categoria incluía

anjos, arcanjos e principados. Mais de uma vez Paulo fala destes anjos (Efésios 1:21; 3:10; 6:12; Colossenses 2:10,15; 1 Coríntios 15:24).

Agora, os rabinos — e Paulo tinha sido rabino — criam que esses anjos eram invejosamente hostis aos homens. Criam que os anjos se irritaram quando Deus criou os homens. Era como se não tivessem querido compartilhar Deus com mais ninguém e tomaram ojeriza ao homem por sua criação e sua participação em Deus. Os rabinos tinham uma lenda segundo a qual, quando Deus apareceu sobre o Sinai para dar a Lei a Moisés, foi acompanhado por sua hoste de anjos e estes enviaram a Israel a Lei, e atacaram a Moisés em sua ascensão à montanha e tentaram detê-lo, e teriam conseguido se Deus não tivesse intervindo.

Assim Paulo, pensando em termos de seu próprio tempo, diz: "Nem mesmo os anjos invejosos e ciumentos podem nos separar do amor de Deus, por mais que quisessem fazê-lo." *Nenhum período de tempo* pode nos separar de Cristo. Paulo fala de coisas *presentes* e coisas *por vir*. Sabemos que os judeus dividiam todo o tempo em *idade presente* e *idade por vir*. Paulo diz: "Neste mundo presente nada pode nos separar do amor de Deus em Cristo; virá o dia em que este mundo será destruído e aparecerá a nova era. Não importa, até então, quando este mundo tenha passado e venha o novo mundo, o vínculo será ainda o mesmo." *Nenhuma influência maligna* nos separará de Cristo. Paulo fala sobre *o alto* e *o profundo*.

Agora, estes são termos astrológicos. O mundo antigo estava acossado pela tirania das estrelas. Criam que alguém nascia sob certa estrela com a qual seu destino estava estabelecido. Ainda há aqueles que crêem nisso; mas o mundo antigo estava realmente acossado por esta suposta dominação da vida do homem pela influência das estrelas. *O alto* (*jupsoma*) era o tempo em que uma estrela estava em sua zênite e quando sua influencia era maior; *o baixo* (*bathos*) era quando a estrela estava em seu mínimo, esperando aparecer e pôr sua influência sobre alguém. A esses homens acossados de sua época, diz Paulo: "As estrelas não podem feri-los. Em sua aparição e em seu ocaso são impotentes para separá-los

do amor de Deus." *Nem outro mundo* pode nos separar de Deus. A palavra que Paulo usa para *outro* (*eteros*) quando fala de qualquer *outra* criação tem realmente o sentido de *diferente*. Assim Paulo está dizendo: "Suponhamos que por algum desenfreado vôo da imaginação aparecesse outro mundo diferente, ainda estariam seguros; ainda estariam envolvidos pelo amor de Deus."

Aqui há uma visão para tirar toda solidão e todo temor. Paulo está dizendo: "Podem imaginar algo terrível que este ou qualquer outro mundo possa produzir. Nenhuma delas é capaz de separar os cristãos do amor de Deus que está em Jesus Cristo, que é Senhor de todo terror e amo de todo mundo." Do que, pois, teremos medo?

Romanos 9

[Introdução - O Problema dos judeus](#)

[O trágico fracasso - 9:1-6](#)

[A eleição de Deus - 9:7-13](#)

[A soberana vontade de Deus - 9:14-18](#)

[O oleiro e o barro - 9:19-29](#)

[O erro dos judeus - 9:30-33](#)

INTRODUÇÃO - O PROBLEMA DOS JUDEUS

Nos capítulos 9 a 11 Paulo tenta enfrentar um dos problemas mais perturbadores que a Igreja tenha tido que resolver: o problema dos judeus. Os judeus eram o povo escolhido de Deus; tinham um lugar único e especial nos propósitos de Deus; e contudo quando o Filho de Deus veio ao mundo eles o rejeitaram e o crucificaram. Como se pode explicar este trágico paradoxo? Como explicaremos o fato de que o povo de Deus crucificasse o Filho de Deus? Este é o problema que Paulo tenta enfrentar nestes capítulos. São capítulos complicados e difíceis, e, antes de começar a estudá-los em detalhe, será bom expor as idéias com que Paulo trabalha, e as linhas gerais da solução que propõe.

Uma coisa devemos notar antes de desentranhar o pensamento de Paulo: os capítulos não foram escritos com ira: foram escritos com um coração dolorido. Paulo nunca poderia esquecer que era judeu e teria dado sua própria vida prazerosamente se, fazendo-o assim, tivesse podido levar a seus irmãos a Jesus Cristo.

Paulo nunca negou que os judeus fossem o povo escolhido. Deus os tinha adotado como seu povo próprio; tinha-lhes dado a aliança e o serviço do templo, e a Lei; tinha-lhes dado a presença de sua própria glória; tinha-lhes dado os patriarcas: e, sobretudo, em sua ascendência humana, Jesus tinha sido judeu. Paulo aceita como um axioma o lugar especial dos judeus no plano de salvação de Deus, e toma como ponto de partida de todo o problema.

O primeiro ponto que propõe é este: é verdade que os judeus como nação rejeitaram e crucificaram a Jesus, mas também é verdade que *nem todos os judeus o rejeitaram*; alguns deles o receberam e creram nEle, porque todos os primeiros seguidores de Jesus, nos primeiros dias, eram judeus. Paulo logo volta os olhos à história passada e insiste em que o homem não é judeu por descender racialmente de Abraão. Várias vezes na história judia houve nos caminhos de Deus um processo de seleção — Paulo o chama *eleição* — pelo qual alguns dos descendentes raciais de Abraão foram escolhidos e alguns rejeitados. No caso de Abraão — Isaque, o filho nascido segundo a promessa de Deus, foi eleito, mas Ismael, o filho nascido de um processo e desejo puramente natural, não o foi. No caso de Isaque — seu filho Jacó foi eleito, mas Esaú, que era gêmeo de Jacó, não foi. Esta seleção não tem nada que ver com méritos, não foi algo que aqueles escolhidos tivessem merecido como um direito; foi inteiramente obra da sabedoria eletiva e o poder de Deus.

Além disso, a verdadeira nação de Israel, o verdadeiro povo escolhido, nunca se identificou com a totalidade da nação; sempre se identificou com *o remanescente justo*, os poucos que eram fiéis a Deus quando todos os outros o negavam. Assim foi nos dias de Elias, quando sete mil permaneceram fiéis a Deus enquanto o resto da nação tinha

seguido a Baal. Era parte essencial do ensino de Isaías, quem disse: “Embora o seu povo, ó Israel, seja como a areia do mar, apenas *um remanescente voltará*” (Isaías 10:22, NVI; Romanos 9:27). Assim, o primeiro ponto de Paulo é que em nenhum momento o povo escolhido tinha sido todo o povo. Sempre houve seleção, *eleição* de parte de Deus.

Mas, é isto razoável? É razoável que Deus escolha uns e rechace outros? É esta eleição justa, razoável, equitativa e reta? E, se alguns homens são escolhidos e outros são rechaçados, não por virtude ou falta deles mesmos, como podem ser culpados se rechaçarem a Cristo, e como podem ser elogiados se o aceitam? É aqui onde Paulo usa um argumento no qual a mente vacila, e perante o qual reagimos com toda propriedade. Simplesmente, o argumento de Paulo é que Deus pode fazer o que lhe apraz e que o homem não tem direito a ninguém a questionar as decisões de Deus, por inescrutáveis que possam ser. O barro não pode replicar ao oleiro; a decoração não pode replicar ao artesão que a fez. Um artesão pode fazer dois copos, um para um propósito honorável e outro para um propósito baixo; os copos não têm nada a fazer a respeito. Isto, diz Paulo, é o que Deus tem direito de fazer com os homens.

Cita o exemplo de Faraó (Romanos 9:17) e diz que Faraó foi introduzido no cenário da história simples e somente para ser o instrumento através do qual se demonstrasse o poder reivindicativo de Deus. Em todo caso o povo de Israel tinha sido advertido da eleição dos gentios e de seu rechaço, porque não escreveu acaso o profeta Oséias: “Chamarei povo meu ao que não era meu povo; e amada, à que não era amada” (Romanos 9:25; Oséias 1:10)?

Mas em todo caso este rechaço de Israel não era insensível e insubstancial e casual. Aconteceu para que os gentios pudessem entrar. A porta se fechou aos judeus para que pudesse abrir-se aos gentios. Os judeus foram rechaçados para que os gentios pudessem ser recebidos. Se Deus endureceu os corações dos judeus e cegou seus olhos, Ele o fez com o propósito último de abrir um caminho à fé para os gentios. Aqui há um argumento estranho e terrível. Despojado de todos os elementos

não essenciais, o argumento de Paulo é que Deus pode fazer o que quiser com qualquer homem ou nação, e que deliberadamente obscureceu as mentes e fechou os olhos dos judeus para que os gentios pudessem entrar.

Qual era, pois, o engano fundamental dos judeus? Esta pode parecer uma pergunta curiosa em vista do que já dissemos. Mas, paradoxalmente, Paulo sustenta que embora o rechaço dos judeus foi obra de Deus, contudo não precisava ter acontecido. Paulo não pode escapar do eterno paradoxo — nem o deseja — de que ao mesmo tempo tudo é de Deus e o homem tem livre-arbítrio. O engano fundamental dos judeus foi que tentaram alcançar uma correta relação com Deus por meio de seus próprios esforços humanos, pela obediência à Lei. Tentaram ganhar a salvação autonomamente; enquanto que os gentios simplesmente aceitaram o oferecimento de Deus em confiança perfeita e total. Agora, os judeus sabiam que o único caminho a Deus era o caminho da fé, e que os interesses humanos não levam a lugar nenhum. Não disse acaso Isaías: “Todo aquele que nele crê não será confundido” (Isaías 28:16; Romanos 10:11)? E não disse Joel: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Joel 2:32; Romanos 10:13)? Certamente, ninguém pode ter fé até que ouça o oferecimento de Deus; mas este oferecimento tinha sido feito aos judeus. Eles se aferraram ao caminho do interesse humano pela obediência à Lei; apostaram tudo nas obras; mas deveriam ter sabido que o caminho de Deus era o caminho da fé, porque os profetas o haviam dito assim.

Agora, mais uma vez terá que acentuar que tudo isto está concertado por Deus; e que foi concertado assim para permitir os gentios entrarem. Por conseguinte Paulo se volta para os gentios. Ordena-lhes não ter orgulho. Eles estão na situação do renovo de oliveira brava que foi enxertada em uma oliveira de jardim. Não conseguiram sua salvação por si mesmos, como tampouco os judeus a conseguiram; de fato, dependem dos judeus; são somente ramos enxertados; a raiz e o pé é ainda o povo eleito. O fato de sua própria eleição e o fato do rechaço dos

judeus não têm que combinar-se para produzir orgulho no coração dos gentios. Se isto acontecer, eles também podem ser rechaçados e o serão.

Mas é isto o fim? Longe disso. O propósito de Deus é que os judeus sejam levados à inveja pela relação dos gentios com Deus, e que cheguem a solicitar ser admitidos também. Não disse acaso Moisés: “Eu os provocarei a zelos com aquele que não é povo; com louca nação os despertarei à ira” (Deuteronômio 32:21; Romanos 10:19)? Enfim os gentios serão o instrumento pelo qual os judeus serão salvos. “E, assim, todo o Israel será salvo” (Romanos 11:26).

Paulo conclui, pois, o argumento. Podemos resumir seus passos, sem todos os detalhes.

(1) Israel é o povo, eleito.

(2) Ser membro de Israel significa mais que uma descendência racial. Sempre houve eleição na nação; e o melhor da eleição foi sempre o remanescente fiel.

(3) Esta seleção de Deus não é irrazoável, porque Deus tem o direito de fazer o que lhe apraz.

(4) Deus endureceu os corações dos judeus, mas só o fez para abrir a porta aos gentios.

(5) O engano de Israel foi depender dos interesses humanos fundados na Lei; a aproximação necessária a Deus é o de um coração totalmente crédulo.

(6) Os gentios não devem ser orgulhosos, porque só são oliveiras bravas enxertadas na oliveira de pura cepa. Eles deviam recordar isto.

(7) Este não é o fim; os judeus serão impulsionados a uma maravilhosa inveja pelo privilégio que os gentios receberam, de modo que enfim serão introduzidos pelos gentios.

(8) Assim, pois, ao final todos, judeus e gentios, serão salvos.

A glória está no final do argumento de Paulo. Começa dizendo que alguns estavam escolhidos para ser admitidos e outros para ser

rechaçados. Enfim deve dizer que a vontade de Deus é que todos os homens sejam salvos.

O TRÁGICO FRACASSO

Romanos 9:1-6

Com esta passagem Paulo inicia seu intento de explicar o rechaço de Jesus Cristo pelos judeus. Começa, não com ira, mas sim com tristeza. Não há aqui um estalo de ira, nenhuma erupção de colérica condenação; há a aguda tristeza de um coração dolorido. Paulo era como o Deus a quem amava e servia — odiava o pecado, mas amava o pecador. Nunca ninguém tentaria salvar os homens a menos que os amasse primeiro. Paulo vê os judeus, não como um povo que deve ser castigado com ira, mas sim como um povo pelo qual se tem que suspirar com ofegante amor.

Paulo teria posto voluntariamente sua vida se com isso tivesse podido ganhar os judeus para Cristo. Pode ser que seus pensamentos tenham retrocedido a um dos maiores episódios da história judia. Quando Moisés subiu à cúpula da montanha para receber a Lei das mãos de Deus, o povo que tinha ficado embaixo pecou fazendo o bezerro de ouro e o adorando. Deus se irou com eles; e então Moisés pronunciou a grande oração: “Perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste.” (Êxodo 32:32). Paulo diz que por causa de seus irmãos consentiria em ser maldito, se com isso obtivesse algum bem. O termo que ele utiliza é *anathema* e este é um termo terrível. Uma coisa que era anátema estava *sob excomunhão*. Era entregue a Deus para sua total destruição. Quando uma cidade pagã era tomada todas as coisas nela eram dedicadas à total destruição porque todas as coisas nela estavam contaminadas (Deut. 3:6; 2:34; Josué 6:17; 7:1-26). Se alguém tentava induzir a Israel a separar-se do culto ao verdadeiro Deus, então era condenado sem piedade e sem misericórdia à total destruição (Deut. 13:8-11).

O mais querido em toda a vida era para Paulo o fato de que nada podia separá-lo do amor de Deus em Cristo Jesus; mas se podia fazer algo para salvar a seus irmãos, teria aceito até ser afastado de Deus. Aqui outra vez está a grande verdade; o homem que quer salvar o pecador deve amá-lo. Quando um filho ou uma filha fez algo mau e incorre em castigo, muitos pais e mães sofreriam prazerosamente o castigo se tão somente pudessem.

Isto é o que sentiu Deus; isto é o que sentiu Paulo: e isto é o que nós devemos sentir.

Paulo não nega nem por um momento o lugar dos judeus no plano de Deus. Enumera seus privilégios.

(1) Em um sentido especial eles eram filhos de Deus, especialmente escolhidos, especialmente adotados na família de Deus. “Filhos sois do SENHOR, vosso Deus” (Deuteronômio 14:1). “Não é ele teu pai, que te adquiriu, te fez?” (Deuteronômio 32:6)_k “Israel é meu filho, meu primogênito” (Êxodo 4:22). “Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho” (Oséias 11:1). Toda a Bíblia está cheia desta idéia da especial filiação de Israel e do rechaço de Israel a aceitá-la em seu sentido pleno.

Boreham em algum lugar relata uma visita, quando era jovem, à casa de um amigo. Havia uma peça à qual estava proibido entrar. Um dia estava diante do quarto quando se abriu a porta e viu dentro um jovem da mesma idade que a sua, mas em um espantoso estado de idiotice animal. Viu a mãe do sua aproximar-se dele. Ela devia ter visto o jovem Boreham com toda sua saúde e vigor e ter visto logo a seu próprio filho, e a comparação devia ter feito em pedaços o seu coração. Viu-a ajoelhada junto à cama de seu filho idiota e gritar com certa angústia: “Eu te alimentei e te vesti e te amei, e você nunca me conheceu.”

Isto é o que Deus podia ter dito a Israel; só que neste caso era pior, porque o rechaço de Israel tinha sido deliberado e lúcido. É terrível romper o coração de Deus.

(2) Israel tinha a **glória**. A *shekinah* ou *kaboth* aparece várias vezes na história de Israel. Era o divino esplendor luminoso que descia quando Deus visitava seu povo (Êxodo 16:10; 24:16, 17; 29:43; 33:18-22). Israel tinha contemplado a glória de Deus e tinha rechaçado a Deus. Foi-nos dado contemplar a glória do amor de Deus e da misericórdia de Deus no rosto de Jesus Cristo. É algo terrível contemplar a glória de Deus e logo escolher os caminhos da Terra.

(3) Israel tinha as **alianças**. Uma aliança é uma relação contraída entre duas pessoas. É um convênio para o proveito mútuo; um compromisso de amizade mútua. Na história de Israel várias vezes Deus se aproximou do povo de Israel e entrou numa relação especial com ele. Assim o fez com Abraão, com Isaque, com Jacó e sobre o Monte Sinai quando deu a Lei.

Irineu distingue quatro grandes ocasiões em que Deus entrou neste acordo com os homens. A primeira aliança foi a aliança com Noé depois do dilúvio, e seu sinal foi o arco íris no céu que confirmava a promessa de Deus de que não voltaria a haver outro dilúvio. A segunda aliança foi a aliança com Abraão e seu sinal foi o sinal da circuncisão. A terceira aliança foi a aliança com a nação, lavrado no Monte Sinai e sua base foi a Lei. A quarta aliança é a nova aliança em Jesus Cristo.

É uma coisa maravilhosa pensar que Deus se aproxima dos homens e entra com eles em uma relação jurada. É a simples verdade que Deus nunca deixou os homens sozinhos. Deus não se aproximou dos homens e depois os abandonou. Realizou aproximação após aproximação aos homens; e até realiza aproximação após aproximação à alma humana individual. Ele está à porta e chama; e a tremenda responsabilidade da vontade humana é que o homem pode rechaçar a Deus.

(4) Tinham a **Lei**. Israel nunca poderia alegar ignorância da vontade de Deus; Deus lhes havia dito o que ele desejava que fizessem. E se eles pecavam, pecavam conscientemente e não por ignorância, e o pecado consciente é o pecado contra a luz, que é o pior de todos.

(5) Tinham o **culto** do templo. A adoração é em essência a aproximação da alma a Deus; e no culto do templo Deus tinha dado aos judeus um caminho especial para aproximar-se dEle. Se estava fechada a porta a Deus, eles mesmos a tinham fechado.

(6) Tinham as **promessas**. Israel nunca poderia ter dito que não conhecia seu destino. Deus lhes tinha falado a respeito da tarefa e do privilégio que tinha destinados para eles em seu propósito. Eles sabiam o que no plano de Deus estavam escolhidos para grandes coisas.

(7) Tinham os **patriarcas**. Tinham uma tradição e uma história; e é um pobre homem aquele que se atreve a falsear suas tradições e afrontar a herança na qual entrou.

(8) Logo vem a culminação. Deles saiu o Ungido de Deus. Todo o resto tinha sido uma preparação para isto. Tudo tinha estado levando a isto; e contudo, quando Ele veio, eles o rechaçaram. A maior aflição que um homem pode ter é dar a seu filho todas as oportunidades de êxito, sacrificar-se e economizar e trabalhar para dar uma oportunidade ao filho, e logo encontrar que este, por sua própria desobediência ou rebeldia ou negligência, fracassou no intento. Nisto há uma tragédia, porque nisto está o desperdício da obra do amor e da destruição dos sonhos do amor. A tragédia de Israel foi que Deus o tinha preparado para o dia da vinda de seu Filho — e toda a preparação foi destruída e frustrada. Não era porque tivesse sido quebrantada a Lei de Deus; era que tinha sido menosprezado o amor de Deus. Não é a ira, mas o coração quebrantado de Deus, o que jaz atrás das palavras de Paulo.

A ELEIÇÃO DE DEUS

Romanos 9:7-13

Se, pois, os judeus rechaçaram e crucificaram a Jesus, o Filho de Deus, significa isto que o propósito de Deus foi frustrado e anulado o plano de Deus? Paulo elabora um estranho argumento para provar que não é assim. De fato nem todos os judeus rechaçaram a Jesus; alguns

deles o aceitaram, porque é obvio, todos os primeiros seguidores de Jesus foram judeus, antes que o Evangelho chegasse aos gentios, e Paulo mesmo era judeu. Agora — diz Paulo — se retrocedermos na história de Israel veremos agir várias vezes um processo de seleção. Várias vezes vemos que não foram todos os judeus os que entraram no propósito e desígnio de Deus. Alguns estavam e outros não estavam. A linha da nação através da qual Deus operava, e na qual levava a cabo seu plano, não esteve em nenhum momento integrada por todos aqueles que podiam pretender uma descendência física de Abraão.

No fundo de todo o plano não está meramente a descendência física; há seleção, a eleição de Deus. Para provar seu caso, Paulo cita dois exemplos da história judia e os apóia com textos de prova. Abraão teve dois filhos — Ismael que era filho da serva Agar, e Isaque que era filho de sua esposa Sara. Tanto Ismael como Isaque eram verdadeiros descendentes de sangue de Abraão. Fisicamente ambos eram seus filhos. Sara era muito anciã quando teve a seu filho, tanto que, humanamente falando, era uma impossibilidade. Quando Isaque nasceu e cresceu, chegou um dia em que Ismael escarneceu de Isaque. Sara se ressentiu, e exigiu que Agar e seu filho Ismael fossem expulsos e que só Isaque herdasse. Abraão não tinha muita vontade de expulsar Agar e Ismael, mas Deus lhe disse que o fizesse, seus descendentes preservariam seu nome em Isaque (Gênesis 21:12).

Agora, Ismael tinha sido o filho de um processo humano natural e normal e de um desejo humano; mas Isaque tinha sido o filho da promessa de Deus, nascido quando, do ponto de vista humano, teria sido impossível que nascesse (Gênesis 18:10-14). O direito de descendência foi dado ao filho da promessa. Aqui está pois, a primeira prova de que nem todo descendente físico de Abraão deve ser considerado como judeu, como escolhido. Dentro da nação a seleção e eleição de Deus tinha continuado

Logo Paulo procede a citar outro exemplo. Quando Rebeca, a esposa de Isaque, esperava um menino, foi dito por Deus que em seu

seio levava dois meninos que seriam os pais de duas nações; mas que nos dias por vir o mais velho serviria e estaria sujeito ao mais novo (Gênesis 25:23). Assim nasceram os gêmeos Esaú e Jacó, e Esaú foi de fato o gêmeo mais velho, e com toda a eleição de Deus recaiu em Jacó, e foi pela linha de Jacó que teria que realizar a vontade de Deus. Para reforçar o argumento Paulo cita Malaquias 1:2-3, onde Deus é representado dizendo ao profeta: “Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú.”

O argumento de Paulo é que o caráter de judeu é mais que a descendência de Abraão, que o povo eleito não era simplesmente a soma total de todos os seus descendentes físicos, que dentro dessa família havia um processo de eleição através de toda a história. Um judeu podia compreender e aceitar totalmente o argumento até aqui. Os árabes eram descendentes de Ismael que era filho de carne e sangue de Abraão, mas nunca teriam sonhado dizer que os árabes pertenciam ao povo eleito. Os edomitas foram os descendentes do Esaú — o que de fato é o que Malaquias quer dar a entender — e Esaú era filho legítimo de Isaque, mais ainda irmão gêmeo de Jacó, mas nenhum judeu jamais teria dito que os edomitas tinham alguma participação no povo eleito.

Do ponto de vista judeu, Paulo demonstrou seu ponto; *havia* eleição dentro da família dos descendentes físicos de Abraão. Paulo formula o seguinte ponto no sentido de que esta seleção não tem nada que ver com atos e mérito e merecimento humano disso. A prova disto é que Jacó foi eleito e Esaú rechaçado *antes de ter nascido*. A eleição foi feita enquanto eles eram ainda fetos no seio de sua mãe.

Inevitavelmente nossas mentes vacilam com este argumento. Enfrenta-nos com a figura de um Deus que aparentemente com total arbitrariedade escolhe a uns e rechaça a outros. Para nós não é um argumento válido, porque faz Deus o responsável por uma ação que não nos parece estar eticamente justificada. Mas subsiste o fato de que, embora nos seja estranho e inaceitável, era um argumento familiar para um judeu. E até para nós, no coração deste argumento, permanece uma

grande verdade. Tudo é de Deus; atrás de tudo está a ação de Deus; até as coisas que parecem arbitrárias e fortuitas se remetem a Deus. Não há nada neste mundo que se mova sem propósito.

A SOBERANA VONTADE DE DEUS

Romanos 9:14-18

Paulo começa agora a refutar os mesmos argumentos e objeções que surgem em nossas próprias mentes. Estabeleceu que em toda a história de Israel o processo de seleção e eleição foi contínuo; além disso acentuou o fato de que esta eleição não estava baseada em mérito ou merecimento algum da pessoa escolhida; dependia nada mais que da vontade do próprio Deus.

O impedimento pergunta: "Mas, é isso razoável? É isso justo? É justo que Deus pratique uma política de seleção totalmente arbitrária, como se fosse totalmente por cima das cabeças dos homens?" A resposta de Paulo, para pô-la simplesmente, é que Deus pode fazer o que quer. Nos dias terríveis do Império Romano, quando ninguém tinha a vida segura, quando qualquer um podia morrer pelo capricho de um imperador irresponsável e malicioso, Galba, um dos imperadores, disse, quando chegou a ser imperador, que agora "ele podia fazer o que queria e a quem queria". Honestamente, isto é o que Paulo está dizendo a respeito de Deus nesta passagem.

Novamente Paulo cita dois exemplos para provar este ponto e o reforça com citações das Escrituras.

O primeiro exemplo é de Êxodo 33:19. Neste exemplo Moisés pede alguma prova real de que Deus está verdadeiramente com o povo de Israel. A resposta de Deus é que Ele terá misericórdia daqueles de quem quiser ter misericórdia. A seleção da nação e a atitude de amante misericórdia de Deus para com a nação depende só de Deus.

O outro exemplo é da luta de Israel por libertar-se do Egito e do poder de Faraó. Quando Moisés foi pela primeira vez a pedir a

libertação, preveniu a Faraó que Deus havia trazido para Faraó o cenário da história simplesmente para demonstrar o poder divino, e tornar claro o que aquele poder divino faria ao homem que se opusesse. Faraó foi introduzido na história para servir de exemplo a todos os homens do que acontece ao homem que se opõe a Deus (Êxodo 9-16).

Mais uma vez, a mente vacila perante este argumento. Certamente, em nenhum sentido se pode dizer que Deus pode fazer qualquer coisa. Deus não pode fazer nada que contradiga sua própria natureza. Não pode ser responsável por qualquer ato que seja injusto e que, de fato, quebrante suas próprias leis. Encontramos difícil, e até impossível, conceber um Deus que irresponsavelmente dá misericórdia a uns e não a outros, e que levanta um rei para ser mero boneco ou manequim por meio do qual possa ser demonstrado o poder reivindicativo de Deus. Outra vez, o argumento seria válido e convincente para um judeu, porque novamente, em essência, significa que Deus está por trás de todas as coisas.

E contudo, quando chegamos à raiz deste argumento, ele conserva uma grande verdade. É impossível pensar a respeito da relação entre Deus e o homem em termos de *justiça*. O homem não tem direito algum sobre Deus. A criatura não tem direito algum sobre o Criador. Quando seja que entre a justiça, a resposta é que o homem não merece nada de Deus e não pode pretender nada. O argumento esclarece que, na relação de Deus com os homens, o essencial nunca pode ser o direito do homem sobre Deus, senão somente a vontade de Deus e a misericórdia de Deus.

O OLEIRO E O BARRO

Romanos 9:19-29

Nas passagens anteriores Paulo esteve mostrando que através de toda a história de Israel houve um contínuo processo de seleção e eleição por parte de Deus. Surge uma objeção muito natural: Se no fundo de todo processo está a eleição e o rechaço de Deus, como pode Deus

condenar os homens que a rejeitaram? A falta não é deles absolutamente; é realmente de Deus. A responsabilidade não recai sobre eles; recai sobre Deus.

A resposta de Paulo é simples, quase próxima da crueldade. Sua resposta é que ninguém tem direito de discutir com Deus. Quando um oleiro faz um vaso, este não pode replicar ao oleiro; o oleiro tem absoluto poder sobre ele; do mesmo montão de barro pode fazer um vaso para um propósito honroso e outro para um propósito desonroso, e o barro não tem nada que ver com isso e nem sequer tem direito a protestar. Quanto a isto Paulo toma a figura de Jeremias (Jer. 18:1-6).

Terá que dizer duas coisas sobre isto.

(1) É uma má analogia. Um grande comentarista do Novo Testamento disse que esta é uma daquelas poucas passagens que desejaríamos que Paulo não tivesse escrito. Há uma diferença entre um montão de barro e um ser humano. O ser humano é uma pessoa e o montão de barro uma coisa. Pode ser que alguém possa fazer o que quiser com uma coisa, mas não pode fazer o que quiser com uma pessoa. O barro não deseja replicar; o barro não deseja questionar. O barro não pode sentir nem pensar; o barro não pode ser angustiado, nem afligido e torturado. Se alguém padeceu inexplicavelmente alguma tristeza tremenda, que lhe rompe o coração e lhe entristece a alma, não seria de muita ajuda dizer-lhe que não tem direito a lamentar-se, porque Deus pode fazer o que quiser. Este é o sinal de um tirano, não de um Pai amante. É um fato básico do Evangelho que Deus não trata os homens como o oleiro trata o montão de barro; trata-os como um pai amante trata a seu filho.

(2) Mas uma vez dito isto, devemos recordar uma coisa: esta passagem surgiu de um coração angustiado. Paulo estava diante do fato entristecedor de que o próprio povo de Deus, seus próprios parentes, tinham rejeitado e crucificado o próprio filho de Deus. Não era que Paulo *queria* dizer isto; viu-se *forçado* a dizê-lo. A única explicação possível que pôde encontrar foi que, para seu próprio propósito, Deus tinha tido que cegar de algum modo a seu próprio povo.

De qualquer maneira, Paulo não deixa o argumento aqui. Continua dizendo que este rechaço dos judeus aconteceu para que pudesse ser aberta a porta aos gentios. Agora, mais uma vez, o argumento de Paulo não é satisfatório. Uma coisa quer dizer que Deus *usou* uma situação pecaminosa para curar dela algo bom; mas é uma coisa completamente diferente dizer que Deus *elaborou* uma situação pecaminosa para tirar algo bom dela. De fato quer dizer que Deus fez o mal para que pudesse surgir o bem. O que Paulo está dizendo é que Deus obscureceu deliberadamente as mentes, e cegou os olhos, e endureceu os corações, da massa do povo judeu para que se pudesse abrir o caminho de entrada aos gentios. Novamente, devemos recordar que este não é o argumento de um teólogo tranqüilamente sentado pensando em seu estudo; é o argumento de um homem cujo coração estava desesperado por encontrar alguma razão para uma situação completamente incompreensível. Enfim a única resposta que Paulo pode encontrar é que Deus o fez.

Agora, Paulo estava argüindo com judeus, e sabia que a única maneira em que podia sustentar seu argumento era reforçá-lo com citações de suas próprias Escrituras. Assim, pois, continua citando textos para provar que este rechaço dos judeus e esta aceitação dos gentios tinha sido realmente antecipada pelos profetas. Oséias havia dito que Deus faria seu povo de um povo que não era seu povo (Oséias 2:23). Disse que um povo que não era o povo de Deus seria chamado filhos de Deus (Oséias 1:10). Mostra como Isaías tinha previsto uma situação na qual Israel teria sido consumido se não tivesse ficado um remanescente (Isaías 10:22-23, 13:10). O argumento de Paulo é que Israel teria previsto sua destruição se só a tivesse compreendido.

É fácil criticar a Paulo nesta passagem; mas a única coisa que terá que lembrar é que Paulo, em sua desesperada angústia por seu próprio povo, aferrava-se ao fato que de algum modo tudo é obra de Deus. Para ele isto era a única coisa que ficava por dizer.

O ERRO DOS JUDEUS**Romanos 9:30-33**

Aqui Paulo traça um contraste entre duas maneiras de sentir para com Deus. Havia a maneira judia. O propósito do judeu era ficar ele próprio em correta relação com Deus. Seu ponto de vista era que podia conseguir isso por meio da estrita obediência à Lei. Os judeus consideravam a correta relação com Deus como algo que podia ganhar. Agora, há outra maneira de expressar isto que mostrará o que realmente significa. Fundamentalmente, a idéia judia era que, por meio da estrita obediência à Lei, a pessoa podia finalmente acumular um crédito a seu favor. Uma vez adquirido esse saldo favorável Deus era seu devedor; Deus lhe devia a salvação.

Essencialmente, o judeu considerava a amizade com Deus como algo que podia ser merecido e ganho e conseguido pelo mérito humano. Era obviamente uma batalha perdida, porque a imperfeição do homem nunca pode satisfazer a perfeição de Deus; o pecado do homem nunca pode merecer o direito de satisfazer a santidade de Deus; nada que possa fazer o homem jamais pode nem mesmo começar a recompensar o que Deus tem feito por ele. Este foi precisamente o achado de Paulo. Como ele disse, os judeus passavam a vida na busca de uma lei, a obediência a qual pudesse colocá-los como justos diante de Deus, e nunca a encontraram porque não existe tal lei.

Os gentios nunca se dedicaram a essa busca. Mas quando, repentina e inesperadamente, foram confrontados com o incrível amor de Deus em Jesus Cristo, simplesmente se entregaram a este amor com total confiança. Foi como se os gentios ao ver a cruz de Cristo tivessem dito: "Se Deus me ama desta maneira, posso confiar nEle com toda mim vida e com toda minha alma." Os judeus tentaram fazer de Deus seu devedor; os gentios se contentavam em ser devedores de Deus. O judeu cria que podia ganhar a salvação fazendo coisas para Deus; o gentio se maravilhava perante o que Deus tinha feito por ele. O judeu tentava

encontrar o caminho a Deus pelas obras; o gentio chegava pelo caminho da confiança. Paulo estava convencido de que ninguém podia ganhar o favor de Deus.

No final desta passagem temos a referência à *pedra*. Esta é uma das referências características dos primitivos escritores cristãos. No Antigo Testamento há uma série de referências mas bem misteriosas à *pedra*. Em Gênesis 49:24 se descreve a Deus como o pastor e a *pedra* (rocha) de Israel. Em Isaías 8:14 se diz que Deus será por *pedra de tropeço* e por rocha de escândalo para armadilha às casas de Israel. Em Isaías 28:16 Deus diz que pôs no Sião por fundamento *uma pedra, pedra preciosa angular*, de alicerce estável. Em Daniel 2:34-35, 44-45 há uma referência a uma misteriosa *pedra*. No Salmo 118:22 o salmista escreve: "A *pedra* que desprezaram os edificadores veio a ser cabeça de esquina."

Agora, quando os cristãos começaram a buscar no Antigo Testamento prenúncios de Cristo, encontraram-se com essas referências a essa maravilhosa pedra. E nelas identificaram a Jesus. Sua justificação para fazê-lo assim foi que o relato do Evangelho mostra a Jesus mesmo fazendo esta identificação e tomando o versículo do Salmo 118:22 para aplicá-lo a si mesmo. O representa fazendo-o assim ao final da parábola dos lavradores maus (Mateus 21:42). Os cristãos pensaram a respeito da pedra maravilhosa, que era o fundamento firme, a pedra que era a pedra angular que sustentava unida a totalidade do edifício, a pedra que tinha sido rechaçada e tinha chegado a ser a pedra principal, como a figura de Cristo mesmo.

A entrevista que Paulo usa aqui é uma combinação de Isaías 8:14 e 28:16. Os cristãos, inclusive Paulo, tomaram para significar isto: Deus tem proposto a seu Filho para ser o fundamento da vida de todo homem, mas quando ele veio os judeus o rechaçaram, e porque o rechaçaram este dom de Deus que tinha sido proposto para sua salvação chegou a ser causa de sua condenação. Esta figura da pedra fascinava os cristãos. Encontramo-la várias vezes no Novo Testamento (Atos 4:11; Efésios 2:20; 1 Pedro 2:4-6).

A verdade eterna atrás desta idéia é esta: Jesus Cristo foi enviado a este mundo para ser o Salvador dos homens. Mas Jesus Cristo é também a pedra de toque pela qual todos os homens são julgados. Se o coração do homem transbordar amor e submissão a Jesus, Jesus é para ele salvação. Se o coração de um homem é inteiramente insensível ou totalmente rebelde, Jesus é para ele condenação. Jesus veio ao mundo para nossa salvação, mas por sua atitude para com Jesus um homem pode obter a salvação ou merecer a condenação.

Romanos 10

O zelo equivocado - 10:1-13

A destruição das desculpas - 10:14-21

O ZELO EQUIVOCADO

Romanos 10:1-13

Paulo esteve falando sobre os judeus em forma muito dura. Esteve dizendo algumas coisas difíceis de ouvir e digerir por eles. A totalidade da passagem desde Romanos 9 a 11 é uma condenação do proceder dos judeus e sua atitude rumo à religião. E, entretanto, devemos notar que de principio a fim não há rancor nele. Não há outra coisa que uma sábia saudade e um sentido desejo. É o desejo de Paulo que os judeus sejam salvos. E se nós tivermos que aproximar os homens à fé cristã, nossa atitude deve ser a mesma.

Os grandes pregadores souberam disso. "Não fustiguem", dizia um. "Lembre sempre que deve manter a voz baixa", dizia outro. Um grande pregador de nossos dias disse que pregar era "argüir com os homens". Jesus chorou sobre Jerusalém. Há um tipo de prédica que machuca; há uma pregação que golpeia o pecador com palavras tempestuosamente azedas; mas Paulo sempre diz a verdade, e a diz com amor.

Paulo estava inteiramente disposto a admitir que os judeus eram zelosos por Deus, mas também via que esse zelo carecia de direção, era

mal orientado. Toda a religião judia estava baseada em uma obediência meticulosa à Lei. Agora, está claro que essa obediência à Lei só podia dar-se em um homem que estivesse desesperadamente zeloso por sua religião. E isso não era coisa fácil; deve ter sido freqüentemente muito inconveniente, e muito freqüentemente deve ter feito da vida algo muito penoso.

Tomemos por exemplo a Lei do sábado. Estava estabelecido com exatidão que distância podia caminhar um homem no sábado. Estava estabelecido que não podia carregar uma carga que pesasse mais que o peso de duas passas de figo. Estava estabelecido que não se devia cozinhar nos sábados. Estava estabelecido que, em caso de enfermidade, podiam tomar-se medidas para assegurar que o paciente não piorasse, mas não para melhorá-lo. Até nossos dias, existem judeus ortodoxos que não atizam ou acendem o fogo no sábado, nem acendem uma luz. Se tiver que atizar o fogo, pedirá a um gentio que o faça. Se um judeu for suficientemente rico, às vezes instalará uma chave automática para que se acendam as luzes no sábado ao entardecer sem que ele tenha que fazê-lo diretamente. Isto não é algo que deve causar risada. É algo para admirar. Os caminhos da Lei não eram fáceis. Ninguém podia transitá-los sem estar completamente seguro de sua religião.

Os judeus eram zelosos e o são. Paulo não tinha dificuldade em admiti-lo, mas tal zelo era mal dirigido e mal aplicado. No quarto livro dos Macabeus há o surpreendente incidente do Eleazar, o sacerdote. Ele foi trazido à presença de Antíoco Epifânio cujo objetivo era apagar do mapa a religião judia. Antíoco ordenou-lhe comer carne de porco. O ancião recusou. "Nós, ó Antíoco", disse-lhe, "que vivemos sob uma Lei divina, consideramos que não existe compulsão mais poderosa que a obediência a nossa Lei." Negou-se a tocar no porco. "Não, nem que me vazes os olhos, e consuma minhas vísceras no fogo." Se devia morrer, seus pais o receberiam "santo e puro". Ordenou-se que fosse golpeado. "Sua carne foi despedaçada pelas chicotadas, e correu seu sangue, e seus lados foram abertos pelas feridas." Caiu e um soldado o chutou. No final,

os soldados se compadeceram dele e lhe levaram carne, que não era porco, dizendo que a comesse e dissesse que tinha comido porco. Ele se negou a fazê-lo. No final, foi assassinado. "Morro em meio de grandes torturas por amor à Tua Lei", orou a Deus. "Resistiu", diz o escritor, "inclusive até as agonias da morte, por amor à Lei." E em torno de que gira tudo isto? *Gira em torno de comer ou não porco.* Parece incrível que um homem deva morrer dessa maneira por uma lei como essa. Mas os judeus morriam assim. Verdadeiramente eles tinham zelo pela Lei. Ninguém pode negá-lo. Pensavam que procedendo assim eram fiéis a Deus. Ninguém pode dizer que eles não fossem desesperadamente zelosos de seu serviço a Deus.

Todo o enfoque judeu era que, através desse tipo de obediência à Lei, um homem ficava em uma correta relação com Deus; ganhava crédito e favor com Deus. Nada mostra mais claramente a atitude judia que as três classes em que dividiam a humanidade. Havia aqueles que eram bons, e cujo balanço estava no lado bom; havia aqueles que eram maus, e cujo balanço lança um saldo negativo; e havia aqueles que eram metade e metade, e aqueles que, fazendo mais uma boa obra, podiam transformar-se em bons. Tudo era uma questão de Lei e de realizações.

A isto Paulo responde: "Cristo é o fim da Lei." O que queria dizer era: "Jesus Cristo é o fim do legalismo." A relação entre Deus e o homem não é mais que a relação entre credor e devedor, entre um juiz e um homem parado perante o tribunal de justiça. Porque Jesus Cristo viveu e trouxe sua mensagem aos homens, o homem não deve confrontar mais a tarefa de satisfazer a justiça de Deus; só deve aceitar o amor de Deus. Já não deve ganhar o favor de Deus; deve tomar a graça, o amor, a misericórdia que Deus lhe oferece livremente.

Para explicar seu ponto de vista, Paulo usa duas citações do Antigo Testamento. Primeiro, cita Levítico 18:5 onde diz que se alguém obedecer meticulosamente os mandamentos da Lei, achará a vida através deles. Isto é verdade — mas *ninguém jamais o fez*, pela simples razão de que a imperfeição humana não pode jamais satisfazer a perfeição divina.

Logo Paulo cita Deuterônimo 30:12-13. Nesta passagem encontramos a Moisés dizendo que a Lei de Deus não é distante nem inacessível nem impossível; está na boca do homem, em sua vida, em seu coração. Paulo faz uma alegoria com essa passagem. Não é nosso esforço o que trouxe Cristo a nosso mundo ou o ressuscitou dos mortos. Não é nosso esforço o que ganha bondade. As coisas estão feitas e só devemos tomar ou deixá-las.

Os versículos 9 e 10 são de primeira importância. Eles sentam as bases do credo cristão.

(1) O homem deve dizer: *Jesus Cristo é Senhor*. A palavra que significa senhor é *kyrios*. Esta é a palavra chave do cristianismo primitivo. E tem quatro significados.

(a) É o típico título de respeito, como em inglês *sir*, em francês *monsieur*, ou em alemão *herr*.

(b) Era o título corrente dos imperadores romanos.

(c) Era o típico corrente dos deuses gregos. Ia antes do nome do deus. *Kyrios Serapis* significa Senhor Serapis.

(d) Na tradução grega das escrituras hebréias, é a tradução corrente do nome divino Jahveh ou Jeová.

De maneira que, se alguém chamava Jesus *kyrios* o comparava com o imperador e com Deus; dava-lhe o supremo lugar em sua vida; estava dando-lhe implicitamente reverência e obediência. Chamar Jesus *kyrios* era chamá-lo Único. Acima de tudo, pois, para ser cristão, a gente tem que ter o sentido da absoluta *unicidade* de Jesus Cristo.

(2) Alguém deve crer que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. A ressurreição era fundamental na crença cristã. O cristão deve crer, não só que Jesus *viveu*, mas também *vive*. Não só deve saber a respeito de Cristo, mas também deve *conhecer Cristo*. Está estudando, não um personagem histórico, por grande que seja; está vivendo com uma presença real. Deve conhecer, não só o *sacrifício* de Cristo, mas também a *conquista* de Cristo. Deve conhecer não só a Cristo o *mártir*, mas também Cristo o *vitorioso*.

(3) Mas a pessoa deve não só crer em seu coração; deve confessar com os lábios. Cristianismo é crença mais confissão. Compreende atestar perante os homens. Não só a Deus, mas também a nossos semelhantes, devem saber que somos cristãos. O homem deve declarar aos homens de que lado está.

Agora, para o judeu era difícil crer que o caminho a Deus não passasse pela *Lei*; esta forma de confiança e de aceitação era para ele incrivelmente nova e frustrante. Além disso, era-lhe realmente difícil crer que Deus estivesse *aberto* a todos. O judeu não imaginava que os gentios estivessem na mesma posição que os judeus. De maneira que Paulo conclui seu argumento citando dois textos do Antigo Testamento que provam seu caso. Primeiro, cita Isaías 29:16 “*Todo aquele que nele crer não será confundido*” (Rom. 10:11). Aqui não há nada a respeito da Lei; tudo se baseia na fé. Em segundo lugar, cita Joel 2:32: “*Todo aquele que invocar o nome de Jeová, será salvo.*” (Rom. 10:13). Não há limitação alguma; a promessa é para *todos*; portanto, não há diferença entre judeus e gregos.

Assim, pois, em essência esta passagem é uma chamada aos judeus para que abandonem o caminho do legalismo e aceitem o caminho da graça. É um chamado para que vejam que todo seu zelo é vão e fora de lugar. É uma chamada para ouvir os profetas que muito tempo antes declararam que a fé é o único caminho para Deus, e que esse caminho está aberto a todos.

A DESTRUIÇÃO DAS DESCULPAS

Romanos 10:14-21

Todos os comentaristas concordam em que esta é uma das passagens mais difíceis e escuras da carta aos romanos. Parece-nos que o que temos aqui não é tanto uma passagem terminada, como as notas para uma passagem. O que diz aqui está como se fosse em estilo telegráfico. Poderia ser muito bem que o que aqui temos fossem as notas de um

discurso que Paulo costumava dirigir aos judeus para convencê-los de sua incompreensão e de seu engano.

Basicamente o esquema da passagem é este — na passagem anterior, Paulo esteve dizendo que o caminho para Deus não é o caminho das obras e o legalismo — é o caminho da fé e confiança. A objeção é: E daí se os judeus alguma vez ouviram uma palavra disso? Esta é a objeção que Paulo dirige, e ao fazê-lo, em várias formas, em cada ocasião reforça sua resposta com um texto das Escrituras.

Analisemos as objeções e as respostas dos textos das Escrituras uma a uma.

(1) A primeira objeção é: "Não pode acudir a Deus a não ser que creia nEle. Você não pode crer nele a não ser que ouça sobre nEle. Você não pode ouvir a respeito dEle a não ser que haja alguém que proclame a boa nova. Não pode haver quem proclama a boa nova a menos que Deus comissione e envie alguém para fazê-lo." Paulo responde esta objeção citando Isaías 52:7. Ali o profeta assinala quão bem-vindos são aqueles que trazem a boa nova de coisas agradáveis. De maneira que a primeira resposta de Paulo é: "Vocês não podem dizer que não houve mensageiros: Isaías descreve esses mesmos mensageiros, e Isaías viveu faz bastante tempo."

(2) A segunda objeção é: "Mas, em realidade, Israel, *não* obedeceu à boa nova, embora seu argumento seja verdadeiro. O que você tem dizer sobre isto?" A resposta de Paulo é: "A incredulidade de Israel era de esperar, já que, faz muito tempo, Isaías foi movido a dizer com desespero: 'Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR?' (Isaías 53:1)". É verdade que Israel não aceitou nem obedeceu a boa nova de Deus, e que seu rechaço e sua desobediência eram de esperar; a história estava repetindo-se.

(3) A terceira objeção é uma reafirmação da primeira: "Mas, e daí se não aceitar o fato de que eles em realidade ouviram? E daí se insistir em que eles alguma vez tiveram oportunidade de ouvir?" Desta vez, Paulo cita o Salmo 19:4: "Por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as

suas palavras, até aos confins do mundo.” Sua resposta, com efeito, é: "Não se pode dizer que Israel nunca teve a oportunidade de ouvir, porque a Escritura diz claramente que a mensagem de Deus foi espalhada por *todo* o mundo. Em vista disto, ninguém pode dizer que não tiveram oportunidade de ouvir."

(4) A quarta objeção é: "Mas o que ocorre se Israel não entendeu?" Aparentemente o significado é: "E daí se a mensagem foi tão difícil de captar, tão obscura e ininteligível, que, embora Israel o tenha ouvido, foi incapaz de compreender seu alcance e significado?" Aqui é quando a passagem se torna realmente difícil. Mas a resposta de Paulo é: "*Israel* pode não ter entendido, mas não os *gentios*. Eles captaram perfeitamente o significado desta oferta, quando chegou a eles tão inesperadamente."

Para provar isto, Paulo cita duas passagens. Uma delas é Deuteronômio 32:21 onde Deus diz que, devido à desobediência e rebelião de Israel, ele transferirá seu favor a outro povo, e eles se verão forçados a sentir ciúmes de uma nação que não era nação; e a zangar-se com um povo que não tinha a possibilidade de entender o que eles tinham. A segunda passagem é Isaías 65:1 onde Deus diz que, em um modo estranho, Ele foi achado por um povo que de modo algum o estava buscando.

Finalmente, Paulo insiste em que, através da história, Deus esteve estendendo a mão em aproximação a Israel, e Israel foi sempre desobediente, contrário e perverso.

Quando lemos uma passagem como esta devemos lembrar que pode parecer-nos estranho; pode parecer-nos pouco convincente; pode parecer-nos, como em realidade é, que ao menos alguns dos textos de que cita Paulo foram arrancados de seu contexto e lhes tem feito dizer o que nunca tentaram dizer. Entretanto, há na passagem algo que tem permanente valor e significado. Por debaixo desta passagem corre a convicção de que há certos tipos de ignorância que são indesculpáveis.

(1) Existe a ignorância que provém do descuido do conhecimento. Há uma máxima legal que diz que a ignorância genuína pode ser uma

defesa, mas o descuido do conhecimento nunca o é. Ninguém pode ser culpado por ignorar aquilo que nunca teve oportunidade de conhecer; mas sim pode ser culpado por ignorar o que sempre esteve ao alcance de seu conhecimento.

Por exemplo, se um homem assinar um contrato sem ter lido as condições, não pode queixar-se ao descobrir depois que as condições são muito diferentes do que cria que eram. Quando não nos preparamos para uma determinada tarefa quando nos deram todas as possibilidades de fazê-lo, devemos ser condenados. Um homem é responsável por ignorar aquilo que devia ter sabido.

(2) Existe a ignorância que provém de uma cegueira consciente. Os homens têm uma infinita e fatal capacidade para fechar sua mente para aquilo que não querem ver, e fechar seus ouvidos ao que não querem ouvir. Um homem pode estar bem consciente de que um hábito, um vício, uma forma de vida, uma amizade, uma associação pode ter resultados fatais e desastrosos. Ele pode ser informado disso; pode ver os fatais resultados nas vidas de outros; mas pode simplesmente negar-se a ver a realidade em seu próprio caso. Fechar os olhos a algo pode ser em alguns casos uma virtude; mas na maioria dos casos é uma insensatez.

(3) Existe a ignorância que é, em essência, uma mentira. As coisas das quais duvidamos, são muitas menos do que nós gostaríamos. São em realidade, muito poucas as vezes que podemos dizer honestamente: "Nunca soube que as coisas resultariam assim." Deus nos deu consciência, Deus nos deu a guia de seu Espírito Santo; e, freqüentemente, nós alegamos ignorância, quando, se fôssemos honestos, deveríamos admitir que no íntimo de nosso coração, conhecíamos a verdade.

Uma coisa fica por dizer desta passagem. Se tivermos ido seguindo e recordando os argumentos, até este momento, uma coisa deve nos haver comovido. Há nele uma contradição e um paradoxo. Através de toda esta seção, Paulo esteve insistindo na responsabilidade pessoal dos judeus. Eles deviam ter sabido melhor o que faziam; tinham todas as

oportunidades de sabê-lo; e termina esta passagem com uma figura de Deus com suas mãos estendidas à nação judaica, aproximação que a nação rechaça.

Agora, começou tudo seu argumento dizendo que tudo pertencia a Deus, e que os homens não têm a fazer quanto a isso mais que o que o barro tem a fazer quanto ao trabalho do oleiro. Paulo pôs duas coisas lado a lado: primeiro, tudo é de Deus, e, segundo, tudo está ao alcance da escolha humana. Paulo não tenta resolver este dilema; e o fato é que não tem solução. É um dilema da experiência humana.

Sabemos que atrás de tudo está Deus, mas, ao mesmo tempo, sabemos que temos livre-arbítrio e que podemos aceitar ou rechaçar a oferta de Deus. Não existe, com efeito, resposta a isto. É o paradoxo da situação humana e Deus tem o controle, e, entretanto, a vontade humana é livre. Não é tanto que Paulo se contradisse como que se aproximou do próprio problema, primeiro do ângulo divino, e logo, do humano.

Romanos 11

[A dureza de coração - 11:1-12](#)

[A oliveira brava – privilégio e advertência - 11:13-24](#)

[Que tudo seja por misericórdia - 11:25-32](#)

[O pranto do coração que adora - 11:33-36](#)

A DUREZA DE CORAÇÃO

Romanos 11:1-12

Cabe agora uma pergunta, uma pergunta que todo judeu está compelido a fazer. Significa tudo isto que Deus rechaçou e repudiou a seu povo? Esta é uma pergunta que o coração de Paulo não podia suportar. Depois de tudo, ele mesmo era membro desse povo. De maneira que se retroage a uma idéia que se repete no Antigo Testamento:

Nos dias de Elias, este estava desesperado (1 Reis 19:10-14). Tinha chegado à conclusão de que era o único que sobrou como fiel a Deus.

Mas Deus lhe disse que não só não era assim, mas também ficavam em Israel sete mil que não tinham dobrado os joelhos perante Baal. Surgiu assim no pensamento judeu a idéia do *Remanescente*.

Os profetas começaram a ver que nunca tinha havido tempo, nem jamais o haveria, em que toda a nação fosse fiel a Deus; mas, ao mesmo tempo, sempre houve dentro da nação um remanescente que nunca abandonou sua lealdade ou compromisso de sua fé. Um profeta após outro começou a ver isso.

Amós (9:8-10) viu a Deus peneirando os homens como se peneira o grão em uma peneira, até que só ficavam nele os bons.

Miquéias (2:12; 5:3) teve uma visão de Deus reunindo o remanescente de Israel.

Sofonias (3:12-13) teve a mesma idéia.

Jeremias viu com antecipação a todos os remanescentes sendo reunidos de todas as nações através das quais tinham sido disseminados (Jeremias 23:3).

Ezequiel, o individualista, convenceu-se de que um homem não podia ser salvo por uma bondade nacional ou herdada; os justos deviam entregar sua própria alma por sua justificação (Ezequiel 14:14,20,22).

Esta idéia domina sobretudo o pensamento de Isaías. Ele chama seu filho *Sear-Jasube*, que significa *A Salvação do Remanescente*. Várias vezes recorre à idéia deste remanescente crente que será salvo por Deus (Isaías 7:3; 8:2, 18; 9:12; 20:21; 6:9-13).

Aqui começa a aflorar uma tremenda verdade. Como disse um grande erudito: "Nenhuma Igreja ou nação se salva *em massa*." Por esta razão elementar a idéia do *povo escolhido* não se sustentará. A relação com Deus é individual. A pessoa deve entregar seu coração, fazer sua própria submissão, render sua própria vida a Deus. Deus não chama os homens em multidão; Deus tem "Sua própria escada secreta para cada coração". Ninguém se salva porque seja membro de uma nação, ou porque seja membro de uma família, ou por ter herdado retidão e salvação de seus antepassados; salva-se fazendo uma decisão pessoal e

individual por Deus. Não é agora a nação inteira a que se amontoa em massa como o povo escolhido. São aqueles homens e mulheres que deram individualmente seus corações a Deus, que lhe obedeceram, e dos quais se compõe o remanescente. Esse remanescente é o corpo de homens e mulheres consagrados, dedicados que há na nação.

Logo, o argumento de Paulo é que não é a nação judia a que foi rechaçada; mas os verdadeiros judeus não são a nação inteira, mas sim o remanescente fiel que há nela.

E o que ocorre com os outros? É aqui onde Paulo tem um pensamento terrível. Tem a idéia de que Deus envia uma sorte de torpor sobre eles, uma letargia no qual não podem nem querem ouvir. Para prová-lo reúne uma série de passagens do Antigo Testamento (Deuteronômio 29:4; Isaías 6:9-10; 29:10). Cita o Salmo 69:22-23: “Sua mesa torne-se-lhes diante deles em laço.” A idéia é que os homens estão sentados confortavelmente desfrutando de um banquete; e sua mesma tranqüilidade, sua própria segurança, seu próprio sentido da segurança se converteu em sua ruína. Estão tão tranqüilos, tão cômodos, tão seguros em sua imaginária segurança, que o inimigo vem e toma de surpresa. Assim eram os judeus. Estavam tão seguros, tão satisfeitos de si mesmos, tão tranqüilos em sua confiança de que eram o povo escolhido, que a própria idéia de ser o povo escolhido se converteu naquilo que os arruinou. Chegará o dia em que já não possam ver, e em que andem Tateando, encurvados, como homens que tropeçam às cegas na escuridão.

No versículo 7, *endurecidos*, pertence ao verbo *poroun*. O nome *porosis* nos dará o significado mais claramente. É uma palavra médica que significa *calo*. Aplicava-se especialmente ao calo que se forma ao redor de uma fratura quando se quebrou um osso, a formação dura que ajuda a curar a fratura. Um calo cresceu sobre o coração das pessoas. Quando um calo cresce em qualquer parte do corpo, tal parte perde sua sensibilidade. transforma-se em insensível. As mentes da massa das pessoas se tornaram insensíveis; já não podem ouvir nem sentir o chamado de Deus.

Isto pode acontecer a qualquer um. Se um homem insistir por bastante tempo em seguir seu próprio caminho, termina ficando insensível ao chamado de Deus. Se viver egoisticamente durante o tempo suficiente, ficará-se insensível à atração das coisas boas. Se vive pecando, no final se voltará insensível ao horror do pecado e à fascinação da bondade. Se um homem viver longamente em péssimas condições, enfim se torna Insensível a elas.

Assim como um calo pode crescer em uma mão, pode crescer no coração. Isto é o que aconteceu à massa de Israel. Deus nos livre disso!

Mas Paulo tem algo mais a dizer. Isto é trágico, mas desta tragédia, Deus jogou bem, pois essa mesma insensibilidade de Israel foi a que abriu o caminho para que entrassem os gentios. Porque Israel não aceitou a mensagem das boas novas, este passou a pessoas que estavam prontas para recebê-lo e aceitá-lo. Se o rechaço de Israel enriqueceu ao mundo abrindo a porta aos gentios, como serão as riquezas enfim do dia, quando o plano de Deus se cumprir e entrem Israel e os gentios?

Assim, no final, depois da tragédia vem a esperança. Israel se tornou insensível, uma nação com o coração calejado; os gentios vieram por fé e confiando no amor de Deus; mas chegará o dia em que o amor de Deus agirá como um solvente, até sobre o calo do coração e quando gentios e judeus serão reunidos. Paulo está convencido de que no final, nada pode derrotar ao amor de Deus.

A OLIVEIRA BRAVA – PRIVILÉGIO E ADVERTÊNCIA

Romanos 11:13-24

Até agora Paulo esteve falando com os judeus, e agora se volta para os gentios. Ele é o apóstolo dos gentios, mas não pode esquecer o seu próprio povo. Em realidade, chega a dizer que um de seus principais objetivos é provocar a ciúmes os judeus, mostrando o que a cristandade tem feito pelos gentios. Um dos modos mais seguros de fazer com que

alguém deseje o cristianismo é fazê-lo ver na vida real, o que aquele pode fazer.

Houve uma vez um soldado que foi ferido em combate. O capelão se arrastou até ele e fez o que pôde por ajudá-lo. Permaneceu ali quando o resto das tropas se retirou. No calor do dia lhe deu água de sua própria bolsa, enquanto ele mesmo estava sedento. De noite, quando descia o frio da geada, cobriu o ferido com seu próprio casaco, e finalmente o envolveu com outros de seus objetos para protegê-lo do frio. No final, o ferido olhou ao capelão e lhe disse: "Pai, é você um cristão?" "Tento ser", respondeu-lhe o pai. "Então", disse o ferido, "se o cristianismo pode fazer a um homem o que você fez por mim, me fale dele, porque quero tê-lo." Foi a cristandade em ação a que o moveu a invejar uma fé que podia produzir uma vida como essa.

Paulo esperava e orava e ambicionava que um dia os judeus vissem o que o cristianismo tinha feito pelos gentios, e que isso os movesse a desejá-lo.

Para Paulo, seria o paraíso se os judeus respondessem prontamente. Se o rechaço dos judeus tinha feito tanto; se, por ele os gentios se reconciliaram com Deus, quão superlativa glória será quando entrarem os judeus! Se a tragédia do rechaço tinha dado tão maravilhosos resultados, como será o final feliz, quando a tragédia do repúdio se transforme na glória da aceitação? Paulo só pode dizer que será como os mortos voltando à vida.

Logo Paulo usa duas figuras para mostrar que os judeus não podem ser total e finalmente rechaçados. Toda comida devia ser consagrada a Deus. Antes de ser ingerida devia ser oferecida a Deus. Assim a Lei estabelecia (Números 15:19-20) que, se fosse preparada uma massa, a primeira parte dela devia ser ofertada a Deus; feito isto a totalidade da massa se tornava sagrada. Não era necessário, por exemplo, oferecer cada bocado separadamente a Deus. A oferta da primeira parte, santificava o todo.

Era muito comum plantar árvores sagradas em lugares consagrados aos deuses. Quando se plantava a pequena árvore, o renovo era dedicado a Deus e, dali em diante, cada novo ramo que brotava, era sagrado. Não era necessário dedicar cada ramo separadamente; a oferta da arvorezinha fazia com que toda a árvore fosse sagrada. O que Paulo deduz disto é que os patriarcas estavam consagrados a Deus; eles tinham ouvido a Deus de uma maneira muito especial e tinham obedecido a palavra de Deus; tinham sido escolhidos e selecionados de uma maneira especial; e consagrados e dedicados por Deus. Deles surgiu toda a nação e, assim como o primeiro punhado de massa que foi consagrado, tornava sagrada toda a massa, e assim como a oferta da arvorezinha faz com que a árvore inteira seja sagrada, assim a especial consagração dos fundadores da nação fazia com que a nação inteira estivesse de certo modo consagrada a Deus. Aqui há verdade. Não foi por si mesmos que os remanescentes de Israel vieram a ser o que eram; herdaram a fé e a crença de seus antepassados. Cada um de nós vive, até certo ponto, do capital espiritual do passado. Nenhum de nós se fez a si mesmo completamente. Somos o que nossos piedosos pais e antepassados fizeram de nós; e, embora nos tenhamos extraviado e tenhamos ofendido nossa herança, não podemos nos separar totalmente da bondade e da fidelidade que nos fizeram o que somos.

Logo Paulo passa a usar uma longa alegoria. Mais de uma vez os profetas descreveram a nação de Israel como a oliveira de Deus. Isto era natural, já que a oliveira era a árvore mais comum e útil no mundo do Mediterrâneo. “O SENHOR te chamou de oliveira verde, formosa por seus deliciosos frutos” (Jeremias 11:16). “Estender-se-ão os seus ramos, o seu esplendor será como o da oliveira, e sua fragrância, como a do Líbano” (Oséias 14:6). Paulo, pois, considera aqui os gentios como se fossem ramos de oliveira brava enxertadas na oliveira doméstica que era Israel.

É certo que do ponto de vista da horticultura, a figura que usa Paulo é impossível. Em horticultura a oliveira boa é aquela que se enxerta em

um pé silvestre para produzir uma oliveira frutífero. O processo que Paulo descreve de fato nunca se usou, porque não teria sido útil. Mas isso não vem ao caso. O que Paulo quer mostrar é muito claro. Os gentios tinham estado no deserto e na solidão e em meio das sarças selvagens; e agora, por um ato da graça de Deus, foram enxertados na riqueza e fertilidade da oliveira doméstica.

Disto Paulo tem que dizer duas palavras:

(1) A primeira é *uma palavra de advertência*. Teria sido fácil para os gentios desenvolver uma atitude de desprezo. Não foram os judeus rejeitados para que eles entrassem? Em um mundo onde os judeus eram universalmente odiados, tal atitude teria sido muito fácil. A advertência de Paulo é ainda necessária. Com efeito, o que diz é isto: *não teria havido cristianismo sem que primeiro existisse o judaísmo*. O judaísmo é a raiz da qual cresceu o cristianismo. Será um mau dia aquele em que a Igreja cristã esqueça a raiz da qual cresceu. A Igreja cristã tem uma dívida com o judaísmo que só pode ser paga ganhando os judeus para o cristianismo. Paulo alerta, pois, os gentios contra o desprezo. Tristemente, diz que se os verdadeiros ramos foram truncados por causa de sua incredulidade, pior ainda é o que pode ocorrer aos ramos que só foram enxertados.

(2) A segunda é *uma palavra de esperança*. Os gentios experimentaram a bondade de Deus; e os judeus experimentaram a severidade de Deus. Se os gentios permanecerem fiéis a Deus, permanecerão nessa bondade; mas, se os judeus deixarem sua incredulidade e a transformam em fé, eles também serão novamente enxertados; porque, diz Paulo, se um estranho, uma oliveira brava, pôde ser enxertada na oliveira doméstica quanto mais possível é que os próprios ramos da mesma possam ser enxertadas novamente entre si? Mais uma vez, Paulo sonha com o dia em que os judeus devem voltar.

Há muitas coisas nesta passagem que são recônditas e difíceis de entender. Pensa em figuras que estão completamente fora de nosso mundo; mas uma coisa está clara como cristal — a conexão entre

judaísmo e cristianismo, a conexão entre o velho e o novo. Aqui está a resposta daqueles que desejam descartar o Antigo Testamento como um livro simplesmente judeu sem pertinência para o cristianismo. É um parvo que chuta a escada que o elevou à altura que alcançou. Seria um ramo tolo aquele que se amputasse de seu tronco. A nova fé cresceu da velha. A fé judia é a raiz da qual surgiu o cristianismo. A consumação só chegará quando a oliveira brava e a doméstica sejam uma só, e quando não ficarem mais ramos sem enxertar do tronco paterno.

QUE TUDO SEJA POR MISERICÓRDIA

Romanos 11:25-32

Paulo já está chegando ao final de sua argumentação. Enfrentou uma situação confusa e, para um judeu, dolorosa. De algum modo, devia achar uma explicação de por que o povo de Deus rechaçou o Filho de Deus quando veio a este mundo. Paulo nunca fechou os olhos a este trágico fato, mas achou um meio pelo qual toda essa trágica situação podia encaixar no plano de Deus. É verdade que os judeus rechaçaram a Cristo; mas, segundo Paulo, esse rechaço fez possível que Cristo fosse devotado aos gentios. Para manter a soberania do propósito de Deus, Paulo inclusive chega a dizer que foi o próprio Deus quem endureceu o coração dos judeus, para, dessa maneira, abrir o caminho aos gentios, mas até então, por mais contraditório que possa soar, Paulo insiste ainda na responsabilidade pessoal que cabe aos judeus, por não terem aceito a oferta de Deus. Paulo ateve-se firmemente, tanto à soberania divina, como à responsabilidade humana. Mas agora, sobre o final, vem a nota de esperança. Seu argumento é um pouco complicado, e será mais fácil se tentarmos identificar e separar suas diversas partes.

(1) Paulo estava seguro de que esse endurecimento do coração dos judeus não era nem total nem permanente. Era para servir a um propósito, e quando esse propósito fosse completo, então desapareceria.

Operou-se só para abrir o caminho aos gentios e quando este estivesse aberto, seria superado.

(2) Paulo parte do paradoxo do lugar dos judeus no plano de Deus. Para possibilitar que os gentios entrassem, e para que pudesse cumprir o propósito universal do evangelho, os judeus tinham chegado a uma situação em que eram inimigos de Deus. A palavra que Paulo usa é *echthroi*. É uma palavra difícil de traduzir, e de dar-lhe um significado, porque tem um significado ativo e um passivo. Pode significar, *hostil a*, ou *odiado por*. Pode significar *ódio* ou *é odiado*. E pode ser muito bem que nesta passagem seja empregada em ambos os sentidos. Os judeus eram hostis a Deus, tinham rechaçado a oferta de Deus e, portanto estavam sob o descontentamento de Deus. Esta era a realidade presente com relação aos judeus.

Mas havia outro fato. Nada podia alterar o fato de que eram o povo escolhido de Deus e de que tinham um lugar especial nos planos de Deus. Não importa o que tivessem feito, Deus não podia retratar-se de sua palavra e de suas promessas. A promessa de Deus tinha sido feita a seus pais. E essa promessa devia ser cumprida. Portanto, para Paulo era evidente, e cita Isaías 59:20-21 para provar que o rechaço de Deus pelos judeus não podia ser permanente. Para ele estava claro que, no final, eles também se chegariam. No momento, era pela desobediência deles que os gentios tinham recebido a oferta de Cristo e tinham obtido misericórdia; mas, finalmente, eles também obteriam a mesma misericórdia.

(3) Logo Paulo tem um estranho pensamento. Ele diz: “Deus encerrou a todos na desobediência, para usar com todos de misericórdia” (v. 32, TB) O que não pode conceber é que uma pessoa, de qualquer nação, possa alcançar ou merecer sua própria salvação. Agora, se os judeus tivessem seguido um processo de completa obediência à vontade de Deus, poderiam muito bem alegar e pretender que tinham merecido e ganho a salvação de Deus e que a tinham alcançado como um direito e uma recompensa. De maneira que, o que Paulo está dizendo é que Deus fez incorrer os judeus em desobediência a fim de que quando sua

salvação chegasse a eles, fosse sem possibilidade de engano um ato de misericórdia e não devido a seus méritos de maneira alguma. Todo o processo era concebido para mostrar que nem os judeus nem os gentios poderiam ser salvos mas sim pela misericórdia de Deus.

Quando tudo está dito e feito, vemos algo tremendo neste argumento de Paulo. Em muitas formas pode parecer-nos estranho. Em muitos casos as "provas" que ele põe ao alcance da mão podem parecer inconvincentes. Em alguns momentos nossas mentes e corações podem até estremecer-se com repulsão perante algumas coisas que ele diz. Mas o argumento não deixa de ser pertinente, já que uma coisa que o escora tremendamente é *uma filosofia da história*. Para Paulo, Deus *tinha o domínio*. Não existia nada que se movesse em forma anárquica. Nem sequer os mais tremendos acontecimentos ou séries de acontecimentos estavam fora do alcance da vontade e do propósito de Deus. Os acontecimentos nunca se produzem por acaso. Os propósitos de Deus nunca podem ser frustrados.

Conta-se de um menino que uma noite permaneceu parado em frente da janela, enquanto o vento rugia sobre a face da Terra, e quando o temporal alcançava uma aterradora e selvagem velocidade, disse: "Esta noite os ventos devem ter escapado de Deus." Para Paulo isso era precisamente o que nunca havia acontecido. Em sua opinião, homens e coisas, processos e nações, nunca tinham estado fora de controle. Tudo servia ao propósito de Deus. E a isto, Paulo deveria ter agregado outra tremenda convicção. Deveria ter insistido em que nisso e através disso, *o propósito de Deus era um propósito de salvação e não de destruição*. Muito bem pode ser que Paulo chegasse a dizer que o acerto das coisas que Deus fizesse, estava destinado a salvar os homens, *até contra sua vontade*. Em última análise, não é a fúria de Deus que persegue os homens, mas é o amor de Deus que os segue.

Israel manteve uma longa batalha contra Deus. Ainda a está mantendo. Mas o persistente amor de Deus está atrás deles. De qualquer

outra maneira que se possa interpretar Romanos 9 a 11, é, em última instância, a história da ainda incompleta perseguição do amor.

O PRANTO DO CORAÇÃO QUE ADORA

Romanos 11:33-36

Paulo nunca escreveu uma passagem mais característica que esta. Aqui a teologia se torna poesia. Aqui a busca da mente se transforma em adoração do coração. No final, tudo ocorre misteriosamente e o homem não pode compreender, mas é um mistério em cujo coração se encontra o amor. Se podemos dizer que todas as coisas provêm de Deus, que todas as coisas têm seu ser em Deus e que todas as coisas terminam em Deus, que mais podemos dizer? Há um certo paradoxo na situação humana. Deus entregou ao homem uma mente, e é um dever do homem usar essa mente, para pensar até o limite do pensamento humano. Mas também é verdade que há certas circunstâncias nas quais a mente só pode alcançar um ponto, e, quando o faz, tudo o que subtração é aceitar e adorar.

Paulo lutou com um problema desanimador, com todos os recursos que lhe proporciona sua mente privilegiada. Não diz que haja resolvido, como alguém poderia resolver categoricamente um problema geométrico; mas o que diz é que, fazendo todo o possível se contenta em deixar entregue ao amor e ao poder de Deus. Muitas vezes na vida só resta dizer: "Meditei, e não posso ver a razão e o caminho. Não posso captar sua intenção, mas creio em seu amor com todo meu coração. Seja feita sua vontade!"

Romanos 12

[A verdadeira adoração e a mudança essencial - 12:1-2](#)

[Um para todos e todos para um - 12:3-8](#)

[A vida cristã na ação de cada dia - 12:9-13](#)

[O cristão e seus semelhantes - 12:14-21](#)

A VERDADEIRA ADORAÇÃO E A MUDANÇA ESSENCIAL**Romanos 12:1-2**

Aqui vemos Paulo seguindo o padrão que sempre seguia quando escrevia a seus amigos. Sempre termina suas cartas com uma parte de conselhos práticos. Sua mente pode percorrer os infinitos, mas nunca se perde neles; sempre termina com os pés solidamente postos na terra. Pode lutar com os problemas mais profundos que a teologia pode oferecer, mas termina sempre com as demandas éticas que governam a situação na vida de todo homem.

"Apresentem seus corpos a Deus", diz. Não há uma demanda que seja mais caracteristicamente cristã. Vimos que isto é algo que os gregos nunca diriam. Para os gregos, o que importava era o espírito; o corpo era só uma cadeia, uma prisão; o corpo era algo desprezível e inclusive algo do que envergonhar-se. Nenhum verdadeiro cristão jamais creu nisso. O cristão crê que seu corpo pertence a Deus tanto como sua alma, e que pode servir a Deus tanto com seu corpo como com sua mente e seu espírito. O corpo é o templo do Espírito Santo, o lugar onde habita o Espírito Santo, o instrumento mediante o qual o Espírito Santo opera. Depois de tudo, o grande fato da encarnação significa que o próprio Deus não vacilou em tomar um corpo humano e viver nele e operar através dele. Tome-se o caso de uma igreja ou de uma catedral. Está construída para a adoração do espírito do homem a Deus. Mas deve ser desenhada pela mente de um arquiteto; deve ser construída pelas mãos de artesãos e operários; só então se transforma em um santuário onde os homens se reúnem para adorar. É literalmente um produto da mente e do corpo e do espírito do homem.

"Assim", diz Paulo, "tome o seu corpo; tome todas as tarefas que deva fazer cada dia; tome o trabalho cotidiano da loja, da fábrica, da oficina, do escritório; e ofereça tudo isso como um ato de adoração a Deus."

A palavra traduzida *culto racional* no versículo 1, tem uma história interessante. É a palavra *latreia* e é o substantivo para o verbo *latreuein*. Originalmente, a palavra *latreuein* significava *trabalhar por um salário ou pagamento*. Era uma palavra usada pelos trabalhadores que davam seu força a um amo ou empregador em retribuição pelo pagamento que aquele lhes dava. Significa, não escravidão, mas a aceitação voluntária do trabalho. Chegou então a significar, geralmente, *servir*; mas também chegou a significar *aquilo a que homem dedica a totalidade de sua vida*. Por exemplo, um homem pode ser chamado *latreuein kallei*, que significa *dedicar a vida a serviço da beleza*. Nesse sentido, deve significar aproximadamente *dedicar a vida a alguma coisa*. Logo, finalmente, esta palavra chegou a ser a palavra característica e distintivamente usada para *o serviço dos deuses*. Na Bíblia nunca significa serviço humano, sempre se usa como o serviço e culto de Deus.

Encontramos agora algo muito significativo. O verdadeiro culto, o culto realmente espiritual, é a oferta do corpo, e de tudo o que se faz diariamente com ele para Deus. O culto verdadeiro não é a oferta de preces elaboradas a Deus; não é a oferta de uma liturgia por nobre que seja nem de um ritual, por magnífico que seja. *Adorar realmente é oferecer a Deus a vida de cada dia*. A verdadeira adoração não é algo que possa realizar-se em uma igreja; a verdadeira adoração é aquela que vê o mundo inteiro como o templo do Deus vivo e em cada ato comum um ato de adoração.

A gente pode dizer: "Vou à igreja para adorar a Deus", mas também deveria poder dizer: "Vou à fábrica, à loja, ao escritório, à escola, à garagem, ao abrigo das locomotivas, à mina, ao estaleiro, ao campo, ao estábulo, ao jardim para adorar a Deus."

Isto — continua dizendo Paulo — exige uma mudança radical. Diz que não devemos nos adaptar ao mundo, mas ser transformados. Para expressar esta idéia, usa duas palavras gregas virtualmente intraduzíveis — palavras que, em nosso idioma devemos traduzir por meio de frases. A palavra que ele usa para expressar adaptação ao mundo é

susquematzesthai; a raiz desta palavra é *squema*, e *squema* significa a forma exterior, que varia ano após ano e dia após dia. O *squema* de um homem não é o mesmo quando tem dezessete anos que quando tem setenta. Não é o mesmo em roupa de trabalho que quando estiver vestido para jantar. O *squema* de uma pessoa está em contínua mudança. De maneira que Paulo diz: "Não tentem amoldar sua vida com todas as modas do mundo; não sejam como o camaleão que toma a cor do meio que o rodeia; não sigam o mundo; não deixem que o mundo dite como serão." A palavra que usa para ser transformados é *metamorfousthai*; a raiz desta palavra é *morfé*, e *morfé* significa a forma ou o elemento essencialmente inalterável de algo. Um homem não tem o mesmo *squema* aos dezessete e aos setenta, mas tem a mesma *morfé*; um homem tem distinto *squema* em roupa de trabalho que em roupa de noite, mas tem a mesma *morfé*; seu aspecto externo vai variando, mas ele é invariavelmente a mesma pessoa.

Assim, pois, diz Paulo, que para adorar e servir a Deus devemos experimentar uma mudança, não de nossa forma externa, mas sim de nossa personalidade interna, da própria essência de nosso ser. O que significa esta mudança? Para dizê-lo em linguagem paulina — Paulo diria que, entregues a nosso arbítrio, vivemos uma vida *kata sarka*, dominada pelo mais baixo da natureza humana; em Cristo vivemos uma vida *kata criston* ou *kata pneuma*, dominada por Cristo ou pelo Espírito. Produziu-se uma mudança interior; a essência do homem foi mudada; agora já não vive uma vida centrada em si mesmo, mas uma vida que gira em torno de Cristo.

Isto deve ocorrer, diz Paulo, pela renovação de nossa mente. A palavra que usa para renovação é *anakainosis*. Em grego há duas palavras para novo: *neos* e *kainos*. *Neos* significa novo com respeito ao tempo. *Kainos* significa novo em seu caráter e natureza. Um lápis recentemente fabricado é *neos*, mas um homem que foi uma vez um pecador, e que agora está a caminho de ser um santo, é *kainos*.

Quando Cristo irrompe na vida de um homem é um novo homem, o centro de seu ser é diferente; o poder impulsor de sua vida é diferente; sua mente é diferente; porque a mente de Cristo está nele. Quando Cristo se transforma no centro de nossas vidas, podemos oferecer a Deus um culto verdadeiro, o culto que é a oferta de cada momento e cada ação de nossa vida.

UM PARA TODOS E TODOS PARA UM

Romanos 12:3-8

Um dos pensamentos favoritos de Paulo é a idéia da Igreja cristã como um corpo (1 Coríntios 12:12-27). Os membros do corpo não discutem entre si nem invejam uns aos outros nem disputam a respeito de sua importância relativa. Cada parte do corpo desenvolve sua própria função, não importa quão preeminente ou quão humildemente oculta seja essa função. Era convicção de Paulo que assim devia ser a Igreja cristã. Cada membro da mesma tem uma tarefa a desenvolver, e somente quando cada membro contribui com a ajuda de sua própria função, o corpo da Igreja funciona como é devido.

Desta passagem se desprendem importantes normas de vida.

(1) Acima de tudo, esta passagem insiste em que nos conheçamos. Um dos mandamentos básicos dos sábios gregos era: "Conhece-te a ti mesmo." Não chegamos muito longe neste mundo enquanto não sabemos o que podemos chegar a fazer e o que não podemos. Uma franca avaliação de nossas capacidades é, sem presunção nem falsa modéstia, uma das coisas essenciais de uma vida útil.

(2) Além disso, esta passagem nos insiste a nos aceitar. Insiste-nos a usar o dom que Deus nos deu. Não devemos invejar o dom de outros; não devemos nos queixar e nos lamentar porque não nos foi atribuído os dons de outros. Devemos nos aceitar como somos e usar os dons que possuímos. Isto freqüentemente significa que temos que aceitar o fato de

que para nós o serviço pode significar alguma esfera humilde, e o desempenho de um papel virtualmente invisível.

Uma das grandes crenças básicas dos estóicos era que em toda criatura vivente existia uma parte de Deus. Se algo tinha vida, os estóicos criam que, ao menos em certa medida continha a Deus. Deus existia na vida. Os cétricos riam desta doutrina. "Deus nos vermes?", perguntavam. "Deus nos escaravelhos do esterco?" Ao que os estóicos respondiam: "Por que não? Não pode uma lombriga servir a Deus? Supõem que só um general pode ser um bom soldado? Não podem o soldado mais raso ou um assistente de campo lutar com todas as suas forças e dar sua vida pela causa? Felizes serão se estão servindo a Deus e levando adiante o grande propósito tão lealmente como uma lombriga." A eficiência da vida do universo depende das mais humildes criaturas.

Paulo aqui diz que um homem deve aceitar-se a si mesmo; mas mesmo que descubra que a contribuição que tem a fazer será invisível e ignorada, sem louvores e sem proeminência, deve fazê-la, com a certeza de que ela é essencial, e que sem ela a vida e a Igreja não podem ser o que devem.

(3) Também, Paulo realmente está dizendo que qualquer que seja o dom que um homem possua, o mesmo provém de Deus. Chama os dons *carismata*. No Novo Testamento, *carisma* é algo que foi dado por Deus a um homem, que ele mesmo não teria podido obter ou adquirir. É um dom pessoal, individual que Deus lhe deu. Em realidade, assim é a vida. A pessoa pode praticar toda a vida e mesmo assim não tocar piano como Curtinho ou o violão como Segovia. Estes têm algo mais que uma simples prática: têm algo mais — o *carisma* — que é um dom de Deus.

A pessoa pode trabalhar toda a vida e mesmo assim não ser destro no uso de ferramentas, madeira e metais; outro homem pode trabalhar madeira e moldar metais com uma destreza especial e as ferramentas parecem parte de seu corpo; tem esse extra, o *carisma*, que é um dom de Deus. A pessoa pode praticar oratória dia após dia, e, entretanto, não adquirir nunca esse algo mágico que sacode um auditório ou uma

congregação; outro salta sobre uma plataforma ou sobe a um púlpito e tem o seu auditório na mão; tem esse algo extra, esse *carisma* que é um dom de Deus. A pessoa pode trabalhar toda sua vida sem poder adquirir o dom de passar seus pensamentos ao papel em forma vívida e inteligível; outro vê sem esforço como seus pensamentos crescem em uma folha de papel diante dele; o segundo tem esse algo extra, esse *carisma*, que é um presente de Deus.

Cada qual tem seu próprio *carisma*. Pode ser para escrever sermões, construir casas, semear, trabalhar madeira, manipular números, tocar piano, cantar, ensinar, jogar futebol ou jogar golfe. Seja o que for, todos o têm e é um *carisma*, alguma coisa em alguma parte, que Deus lhes deu. Eles o devem a Deus.

(4) Por fim, qualquer que seja o dom que alguém tenha, deve usá-lo, e o motivo de seu uso deve ser, não seu prestígio pessoal, mas a convicção de que é ao mesmo tempo seu dever e um privilégio que Deus lhe deu para que faça sua própria contribuição ao bem comum.

Deitemos um olhar aos bens que Paulo escolhe assinalar aqui especialmente.

(1) Um é o dom da *profecia*. No Novo Testamento, profecia só raramente tem que ver com a predição do futuro; geralmente se refere à proclamação da palavra de Deus. O profeta é o homem que deve anunciar a mensagem cristã com a autoridade de que sabe. Para anunciar Cristo a outros, um homem deve primeiro conhecê-lo por si mesmo. "O que necessita esta paróquia", dizia o pai do Carlyle, "é um homem que conheça a Deus em primeira mão."

(2) Outro é o dom de *servir* (*diakonía*) (v. 8, NVI). Certamente é significativo que este serviço prático vá à mente de Paulo em um lugar tão importante da lista, talvez alguém nunca tenha o privilégio de ficar de pé diante de um público para proclamar a Cristo, mas não há ninguém que não possa cada dia de sua vida mostrar seu amor por Cristo em atos de serviço a seus semelhantes.

(3) Outro é o *ensino*. A mensagem de Cristo não só deve ser proclamada, também precisa ser explicada. Pode ser verdade que uma das grandes falhas da Igreja no presente seja que constantemente se está urgindo e convidando os homens a se tornarem cristãos, sem nunca dizer-lhes o que significa o cristianismo. A exortação e o convite sem um fundo de ensino são coisas vazias.

(4) Outro é a *exortação* (v. 8, NKJV). A *exortação* deve ter uma nota dominante, e ela deve ser o *estímulo*. Existe uma regra naval que diz que nenhum oficial deve falar com outro em forma desalentadora em nenhuma eventualidade em que precise agir. Há um tipo de exortação que intimida e desalenta. Tal verdadeira exortação aponta nem tanto a intimidar um homem com as chamas do inferno, como a acicatá-lo com a sorte de uma vida em Cristo.

(5) Outro é o *contribuir*. Deve contribuir com *singela bondade*. A palavra que usa Paulo é *japlotes*, uma palavra de difícil tradução, porque tem dois significados: simplicidade e generosidade.

Um grande comentário cita uma passagem do *Testamento de Issacar*, que ilustra perfeitamente o significado de *japlotes*.

"E meu pai me abençoou vendo que eu andava em simplicidade (*japlotes*). E não era inquisitivo em minhas ações, nem mau nem invejoso com meu próximo. Não falava mal de ninguém nem atacava a vida de ninguém, mas sim andava com um olho simples (literalmente com *japlotes*, em meus olhos). A todo pobre ou aflito lhe provia das coisas boas da terra, com simplicidade (*japlotes*) do coração. O homem simples (*japlotes*) não deseja ouro, não saqueia o seu vizinho, não gosta de toda classe de comidas deliciosas, não quer uma diversidade de roupas, não se promete longa vida mas sim recebe só vontade de Deus. Anda em retidão de vida e contempla tudo com simplicidade (*japlotes*)."

Há uma maneira de dar que fareja nas circunstâncias daquele a quem se dá; que dá, mas junto com o dom dá uma lição moral de crítica; que dá nem tanto para aliviar a necessidade do outro para encobrir a

própria vaidade e satisfação, que dá com um triste sentido de obrigação, em vez de um radiante sentido de alegria, que sempre dá com algum motivo ulterior, nunca pela pura alegria de dar. Dar e compartilhar de modo cristão é dar em *japlotes*, na simples bondade que se deleita no mero prazer de dar por dar.

(6) Outro é dom de *exercer liderança* (v. 8, NVI). Paulo diz que se somos chamados a fazer isto, devemos fazê-lo com zelo. Um dos problemas mais difíceis da Igreja de hoje é conseguir dirigentes para todos os departamentos de seu trabalho. Há cada vez menos pessoas com sentido de serviço e responsabilidade. Há cada vez menos pessoas que estejam dispostas a declinar seus ócios e seus prazeres para tomar a responsabilidade do líder. Em muitos casos se alegam inconvenientes e incapacidade, quando a verdadeira razão é a falta de inclinação e a preguiça. Além disso, se for assumida tal liderança, diz Paulo, deve-se fazê-lo com zelo.

Há duas maneiras em que um diácono pode entregar uma comunicação — pode jogá-la na caixa-de-correio, ou pode entregá-la pessoalmente em uma visita. Há duas formas em que o professor pode preparar a lição — pode prepará-la com a mente e o coração, ou pode ser preparada do modo mais rotineiro. A pessoa pode realizar alguma tarefa na Igreja em forma opaca e monótona, ou pode fazê-lo com júbilo e a emoção do zelo. A Igreja de nossos dias necessita dirigentes, e dirigentes que sejam homens e mulheres com zelo em seus corações.

(7) Outro é o dom de *exercer misericórdia*. E deve mostrar-se com graciosa bondade, diz Paulo. É possível perdoar alguém de maneira que o próprio perdão seja um insulto. É possível perdoar e ao mesmo tempo demonstrar uma atitude crítica e depreciativa. Se alguma vez devemos perdoar um pecador, devemos lembrar que somos irmãos no pecado.

"Ali iria eu, se não fosse pela graça de Deus", disse Jorge Whitefield vendo um criminal a caminho do patíbulo.

Há uma forma de perdoar que lança o pecador mais fundo no poço. E há uma forma de perdoar que o eleva e o tira da lama. O verdadeiro perdão se baseia sempre no amor e nunca na superioridade.

A VIDA CRISTÃ NA AÇÃO DE CADA DIA

Romanos 12:9-13

Aqui Paulo se apresenta ao seu pessoal com dez concisas regras para a vida cotidiana. Vamos examiná-las uma por uma.

(1) O amor deve ser completamente sincero. Não deve haver no amor cristão hipocrisia, simulação ou motivos ocultos. Existe o amor de despesa que dá afeto com um olho posto no ganho que pode proporcionar. Existe o amor egoísta cujo objetivo é obter muito mais do que dá. O amor cristão é um amor liberto do eu. É o vôo puro do coração para com outros.

(2) Devemos odiar o mal e nos apegar ao bem. Tem-se dito que nosso único seguro contra o pecado está em que este nos escandalize.

Carlyle disse que o que precisamos é ver a infinita beleza da santidade, e a infinita maldição do pecado.

As palavras que Paulo usa são duras. Tem-se dito que nenhuma virtude está segura se não ser apaixonada. A pessoa não está a salvo quando sua vida consiste em evitar prudentemente o mal e numa calculada adesão ao que é bom. Devemos *aborrecer* o mal e *amar* o bem. De uma coisa devemos estar seguros — o que a gente aborrece não é *o mal*, mas *suas conseqüências*. Ninguém é bom quando o é simplesmente porque teme as conseqüências de ser mau.

Não temer as conseqüências da desonra, mas amar a honra com amor apaixonado, é o caminho da verdadeira bondade.

(3) Devemos ser afetuosos uns com os outros em amor fraternal. A palavra que Paulo usa para afetuoso é *filóstorgos* e *storge* é a palavra grega que define o amor familiar. Devemos nos amar uns aos outros, porque somos membros de uma mesma família. Dentro da Igreja cristã

não somos estranhos, muito menos somos unidades isoladas; somos irmãos e irmãs, porque temos um mesmo pai, Deus. A Igreja cristã não é uma coleção de conhecidos, nem mesmo uma reunião de amigos; é uma família em Deus.

(4) Devemos nos dar uns aos outros, prioridade na honra. Mais da metade dos problemas que surgem nas Igrejas têm que ver com direitos e privilégios, cargos e prestígio. Alguém não recebeu seu cargo; alguém foi menosprezado ou não recebeu agradecimento; alguém recebeu um lugar na plataforma mais proeminente que o outro — e se produz um problema. A marca do verdadeiro cristão foi sempre sua humildade.

Um dos homens mais humildes foi o grande santo e erudito Cairns. Alguém recolheu um incidente que mostra tal como era. Ele mesmo se encontrava em uma plataforma de uma grande reunião. Quando Cairns apareceu, houve um tremendo estalo de aplausos. Cairns retrocedeu e deixou passar o homem próximo a ele, e começou ele mesmo a aplaudir. Nunca sonhou que o aplauso fosse para ele, cria que era para outro.

Não é fácil dar a outro prioridade nas honras. Na maioria de nós há muito do homem comum para nos fazer desejar nossos direitos; mas o cristão sabe que ele não tem direitos — que só tem deveres.

(5) Não devemos ser preguiçosos em nosso zelo. Há uma certa intensidade na vida cristã. Não há nela lugar para a letargia. O cristão não pode tomar as coisas levemente, porque para ele a vida é sempre uma escolha entre a vida e a morte; o mundo é sempre um campo de batalha entre o bem e o mal; o tempo é curto e a vida é um lugar de preparação para a eternidade. O cristão pode inflamar-se, mas nunca oxidar-se.

(6) Devemos manter nosso espírito no ponto de ebulição. A única coisa que Cristo não podia suportar era o cristão que não era frio nem quente (Apocalipse 3:15-16). A pessoa hoje olhe com receio o entusiasmo; o moderno grito de batalha é: "Não poderia me interessar menos." Mas o cristão é um homem que é desesperadamente fervoroso: tem fogo nos ossos, e, portanto, arde por Cristo.

(7) A sétima regra de Paulo pode ser uma de duas coisas. Os antigos manuscritos variam entre duas leituras. Alguns lêem: "Sirvam ao Senhor", e outros: "Sirvam ao tempo", isto significa: "Apanha suas oportunidades." A razão para esta dupla interpretação é a que segue.

Todos os antigos escrivães usavam contrações em seus escritos. Em particular, as palavras mais comuns eram sempre abreviadas. Uma das maneiras correntes de abreviar era suprimir as vocais — como faz um taquígrafo — e colocar uma marca sobre as restantes letras. E assim, a palavra para senhor é *kyrios*, e a palavra para *tempo* é *kairós*, logo, a abreviatura para ambas as palavras é *krs*. Em uma passagem tão cheia de avisos práticos, é mais que possível que Paulo dissesse a seu povo: "Aproveitem suas oportunidades à medida que se presentem."

A vida nos apresenta todo tipo de oportunidades — a oportunidade de aprender algo novo, ou de desterrar algo velho e equivocado; a oportunidade de dizer uma palavra de fôlego ou de prevenção; a oportunidade de ajudar ou confortar. Uma das tragédias desta vida é que tão freqüentemente não aproveitamos as oportunidades quando elas chegam.

"Há três coisas que não retornam — a flecha lançada, a palavra proferida e a oportunidade perdida."

(8) Devemos nos regozijar com a esperança. Não é concebível um cristão sem esperança.

Quando Alexandre Magno estava partindo para uma de suas grandes campanhas orientais, distribuiu todo tipo de obséquios entre seus amigos. Em sua generosidade se despreendeu de quase todos os seus pertences. "Senhor", disse-lhe um de seus amigos, "não ficará nada para você." "Ó, sim, algo fica", disse-lhe Alexandre. "Ainda conservo minhas esperanças."

O cristão deve ser essencialmente otimista. Justamente porque Deus é Deus, o cristão sabe sempre que "o melhor ainda está por vir". Justamente porque conhece a graça suficiente para todas as coisas, e a força que se aperfeiçoa na fraqueza, o cristão sabe que não há empresa

demasiado grande para ele. "Não há na vida situações desesperadas; só há homens que desesperaram de si mesmos."

(9) Devemos enfrentar as tribulações com triunfante fortaleza. Alguém uma vez disse a um paciente corajoso: "O sofrimento dá cores a toda a vida, não é?" "Sim", respondeu-lhe o paciente, "mas eu me proponho escolher as cores."

Quando a tremenda aflição da surdez completa caiu sobre Beethoven e a vida parecia um desastre total, ele disse: "Agarrarei a vida pelo pescoço."

Quando Nabucodonosor, segundo a antiga história, lançou Sadraque, Mesaque e Abede-Nego no forno ardente, surpreendeu-se de que o fogo não os afetasse. Perguntou se não tinham arrojado ao fogo três homens. Disseram-lhe que sim. "E ele disse: "Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, e nada há de lesão neles; e o aspecto do quarto é semelhante ao filho dos deuses" (Daniel 3:24-25). O homem enfrenta tudo quando o enfrenta *com Cristo*.

(10) Devemos perseverar na oração. Não é certo que existem períodos em que transcorrem dias e semanas sem falar com Deus? Quando um homem deixa de orar se despoja a si mesmo da força de Deus nosso Senhor. Ninguém pode surpreender-se se sua vida entra em colapso, se insistir em vivê-la solitariamente.

(11) Devemos compartilhar com os que estão em necessidade. Em um mundo que está governado pelo afã de obter, o cristão se inclina a dar, porque sabe que "o que guardamos, nós perdemos, e o que damos, nós temos."

(12) O cristão deve ser hospitaleiro. Várias vezes o Novo Testamento insiste sobre este dever de ter as portas abertas (Hebreus 13:2; 1 Timóteo 3:2; Tito 1:8; 1 Pedro 4:9). Tyndale usou uma palavra magnífica. Traduziu que o cristão deve ter uma disposição *acolhedora*. Um lar não pode ser um lar feliz quando é egoísta. O cristianismo é a religião da mão aberta, o coração aberto e a porta aberta.

O CRISTÃO E SEUS SEMELHANTES**Romanos 12:14-21**

Aqui Paulo oferece uma série de regras e princípios que devem reger nossas relações com nossos semelhantes.

(1) O cristão deve suportar a perseguição com uma oração pelos que o perseguem. Muito tempo antes, Platão havia dito que o homem bondoso preferirá antes suportar o mal que cometê-lo, e odiar é sempre o mal. Quando o cristão é ferido, insultado, maltratado, tem diante de si o exemplo de seu Mestre, quem sobre a cruz orou pedindo perdão para aqueles que o estavam matando. Não houve maior força para aproximar dos homens ao cristianismo que esse sereno perdão que mostraram os mártires de todas as épocas.

Estêvão morreu pedindo perdão para aqueles que o estavam apedrejando (Atos 7:60). Entre os que o mataram havia um jovem chamado Saulo, que logo veio a ser Paulo, o apóstolo dos gentios, escravo de Cristo. Não pode haver dúvida de que a morte de Estêvão foi uma das coisas que aproximou Paulo de Cristo. Como disse Agostinho: "A Igreja deve Paulo à oração de Estêvão". Muitas vezes um perseguidor se converteu em um seguidor da fé que tentava de destruir, porque viu como um cristão pode perdoar.

(2) Devemos nos alegrar com os que se alegram e chorar com os que choram. Há poucos laços como os que cria uma tristeza comum. Um escritor conta a declaração de uma mulher norte-americana de cor negra.

Uma dama em Charleston, encontra a faxineira negra de um vizinho. "Me causa pena a morte de sua tia Luzia", disse-lhe. "Deve sentir muitas saudades. Foram tão amigas." "Sim, senhora", respondeu-lhe a faxineira, "sinto muito sua morte, mas não fomos amigas." "Como!", disse a dama, "pensei que fossem. Eu as vi rindo juntas uma porção de vezes." "Sim, senhora, assim é", foi a resposta da faxineira. "rimos juntas, caminhamos juntas, mas fomos só conhecidas. Você verá,

senhorita Rute, nunca compartilhamos nossas lágrimas. As pessoas devem chorar juntas para transformar-se em amigas."

A união que proporcionam as lágrimas, é a união mais forte. E, entretanto, é muito mais fácil chorar com os que choram, que nos alegrar com os que se alegram.

Há muito tempo Crisóstomo escreveu sobre esta passagem: "Faz falta mais elevado temperamento cristão para alegrar-se com os que se alegram, que para chorar com os que choram. Disto se ocupa a natureza; não há ninguém tão duro de coração que não chore com aquele que sofre uma calamidade; mas o outro requer uma alma verdadeiramente nobre, não só para sobrepor-se à inveja, mas também para sentir prazer com a pessoa que se estima."

É, na verdade, mais difícil felicitar a outro em seu triunfo, especialmente se esse triunfo implica um desengano para nós, que simpatizar com suas tristezas e suas perdas. Só quando o eu morreu podemos nos alegrar tanto no triunfo dos outros como no nosso próprio.

(3) Devemos viver em harmonia. Foi Nelson quem, logo depois de uma de suas grandes vitórias, enviou um despacho em que dava a razão da mesma. "Tive a felicidade de comandar uma partida de irmãos." Isso é o que deve ser a Igreja cristã, uma partida de irmãos.

Leighton escreveu uma vez: "O modo de governar a Igreja não é compulsivo; mas são indispensáveis a paz e a concórdia, e a boa vontade."

Quando na sociedade cristã entra a rivalidade, a possibilidade e a esperança de fazer uma boa obra desaparecem.

(4) Devemos evitar todo esnobismo e orgulho. Devemos sempre lembrar que as normas que usamos para julgar os homens no mundo, não são necessariamente aquelas pelas quais Deus nos julga. A santidade não tem nada que ver com a posição ou com a riqueza ou com o berço.

O doutor James Black, em sua própria vívida forma, descrevia uma cena numa das primeiras congregações cristãs. Converteu-se uma pessoa notável, e o grande homem assiste seu primeiro culto na Igreja. Entra na

habitação onde se está desenvolvendo o serviço. O dirigente lhe indica um assento: "Quer sentar-se ali, por favor?" "Mas", diz o homem, "não posso me sentar ali; estaria ao lado de meu escravo." "Quer sentar-se ali, por favor?", repete o líder. "Mas", diz o homem, "certamente não será junto a meu escravo." "Quer sentar-se ali, por favor?", repete mais uma vez o líder. E o homem, finalmente, cruzamento a habitação, senta-se ao lado do escravo e lhe dá o beijo da paz.

Isto é o que fez o cristianismo. E isto é o que só o cristianismo pôde fazer no império romano. A Igreja cristã era o único lugar em que amo e escravo se sentavam um ao lado do outro. A Igreja cristã é ainda o único lugar da Terra onde desapareceram todas as distinções, porque para Deus não há aceção de pessoas.

(5) Devemos fazer com que nossa conduta tenha bela aparência. Paulo tinha consciência de que a conduta do cristão não só deve ser boa, mas também deve parecer boa. O chamado cristianismo pode ser apresentado na forma mais dura e descomedida; mas o verdadeiro cristianismo é algo belo de ver-se.

(6) Devemos viver em paz com todos. Mas notemos que Paulo acrescenta duas qualificações:

(a) Diz *se possível*. Pode ser que chegue o momento em que a cortesia terá que dar passo aos direitos dos princípios. O cristianismo não é uma fácil tolerância que aceita qualquer coisa e fecha os olhos a tudo. Pode chegar o momento em que devamos dar batalha e quando esse momento chegue, não será o cristão quem vai o fugir.

(b) Diz *quanto depender de vós*. Paulo sabia muito bem que viver em paz é mais fácil para uns que para outros. Sabia muito bem que alguém pode ver-se forçado a dominar-se mais durante uma hora, que outro durante toda sua vida. Faríamos bem em lembrar que a bondade é muito mais natural para uns que para outros. Se lembrarmos disso, nós nos manteremos afastados da crítica e do desalento.

(7) Devemos nos manter separados de todo pensamento de desforra. Paulo dá três razões para isso:

(a) A vingança não nos pertence, pertence a Deus. Em última análise ninguém tem direito a julgar a outro; só Deus pode fazê-lo.

(b) Tratar a um homem com bondade antes que vingativamente é a forma de tocar seu coração. A vingança pode quebrantar seu espírito; mas a bondade conquistará seu coração. "Se formos realmente bondosos com nossos inimigos", diz Paulo, "poremos brasas sobre suas cabeças." Isto significa, não que acumularemos maior castigo para eles, mas sim os envolverão as chamas da vergonha.

(c) Ceder diante da vingança é ser conquistados pelo mal. O mal nunca pode ser vencido pelo mal. Se ao ódio se opõe mais ódio, ele aumenta; mas se ao ódio se opõe amor, achou-se o antídoto para o veneno.

Como dissesse Booker Washington: "Não permitirei que ninguém faça que me degrade odiando-o."

A única maneira de destruir verdadeiramente um inimigo, é fazê-lo nosso amigo.

Romanos 13

O cristão e o estado - 13:1-7

As dívidas que devem ser pagas e

a dívida que nunca se pode pagar - 13:8-10

A ameaça do tempo - 13:11-14

O CRISTÃO E O ESTADO

Romanos 13:1-7

À primeira vista esta é uma passagem extremamente surpreendente, visto que parece aconselhar a absoluta obediência dos cristãos ao poder civil. Mas, em realidade, este é um mandamento que está presente através de todo o Novo Testamento. Em 1 Timóteo 2:1-2 (NVI) lemos: "Exorto, pois, antes de tudo, que se façam súplicas, orações, intercessões, ações de graças por todos os homens, pelos reis e pelos que

estão elevados em dignidade, para que vivamos uma vida sossegada e tranqüila em toda a piedade e honestidade.” Em Tito 3:1 o conselho do pregador é: “Lembra-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para toda boa obra”

“Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos ... Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei.” 1 Pedro 2:13-17.

Poderíamos alegar que estas pesagens são da época em que o governo romano não tinha começado a perseguir e dar caça aos cristãos. Sabemos, por exemplo, que no livro dos Atos, como disse Gibbon, freqüentemente o tribunal dos magistrados pagãos, era o refúgio mais seguro contra a fúria do povo judeu. Várias vezes, vemos Paulo recebendo justiça e amparo de mãos da justiça romana, em forma imparcial. Mas o interessante e significativo é que, muitos anos depois, inclusive séculos, quando já a perseguição tinha começado a rugir e os cristãos estavam fora da lei, os líderes cristãos continuavam dizendo exatamente o mesmo.

Justino Mártir escreve (Apologia 1:17):

"Em todo lugar, nós, mais dispostos que qualquer outro, procuramos pagar os impostos prescritos por vós, tanto os ordinários, como os extraordinários, tal como Jesus nos ensinou. Adoramos somente a Deus, mas em outras questões lhes serviremos gostosos, os reconhecendo como reis e condutores dos homens, e rogando que com seu real poder, possuam também sensato juízo."

Atenágoras, advogando pela paz para os cristãos, escreve (cap. 37):

"Merecemos o favor, porque rogamos por seu governo, para que possam, como é justo, transmitir seu reino, de pai a filho, e que seu império cresça, até que todos os homens estejam sujeitos a seu comando."

Tertuliano (Apologia 30) escreve extensamente:

"Oferecemos preces pela salvação de nosso príncipe ao Deus eterno, verdadeiro, vivo, cujo favor, além de todas as coisas, eles mesmos devem desejar... Oramos sem descanso por todos os nossos imperadores. Rogamos por uma longa vida, pela segurança do império; por amparo para a casa imperial; por exércitos valentes; por um senado leal, um povo virtuoso; o mundo em paz — por tudo o que, seja como homem ou como César, pode desejar um imperador."

E continua dizendo que o cristão não pode mais que admirar o imperador, porque crê que ele mesmo "é chamado por nosso Senhor a sua posição". E termina dizendo que "César é mais nosso que seu, porque nosso Deus o designou". Arnobio (4:36) declara que nas reuniões cristãs se pede "paz e perdão para todos os que estão em autoridade".

O conseqüente ensino oficial da Igreja cristã era que se devia dar obediência e orar pelo poder civil, mesmo que o depositário desse poder fosse um Nero.

Qual é o pensamento e a crença que há por trás disso?

(1) No caso de Paulo, há uma causa imediata que o leva a dar ênfase à obediência à autoridade civil. Os judeus eram notoriamente rebeldes. Na Palestina, e especialmente na Galiléia, explodiam constantemente as insurreições.

Além disso, havia os zelotes, que estavam convencidos de que não existia outro rei para os judeus a não ser Deus; e que não devia pagar-se tributo algum, a não ser a Deus. Eles não se conformavam com uma resistência passiva. Criam que Deus não os ajudaria se não se embarcavam em uma ação violenta para proteger-se a si mesmos. Estavam juramentados e empenhados em uma carreira de morte e assassinatos. Seu propósito era fazer impossível todo governo civil. Eram conhecidos como "os portadores de adagas". Eram nacionalistas fanáticos entregues aos métodos terroristas. Não só utilizavam esse terrorismo para com o governo romano, também destruíam as casas e

queimavam o grão, assassinando as famílias de seus próprios compatriotas judeus que pagavam tributo ao governo romano.

Paulo não via que isto tivesse propósito algum. Era, com efeito, a negação direta de toda conduta cristã. E contudo, ao menos em uma parte da nação judaica, era a conduta normal judaica. Poderia ser que Paulo tivesse escrito aqui tão categoricamente, porque desejasse dissociar ao cristianismo do judaísmo insurrecional, e deixar claro que o cristianismo e a boa cidadania iam necessariamente de mãos dadas.

(2) Mas há mais que uma relação meramente temporal entre o cristão e o Estado. Pode ser que Paulo tivesse presente as circunstâncias causadas pela combatividade dos judeus, mas também havia outros motivos. Primeiro e fundamentalmente havia este — que ninguém pode dissociar-se inteiramente da sociedade da qual forma parte. Ninguém pode, conscientemente, marginalizar-se da nação. Como parte da nação, o indivíduo desfruta de uma série de benefícios que não teria isoladamente. Razoavelmente, não pode pretender todos os privilégios e logo rechaçar todos os deveres. Está preso no feixe da vida; assim como é parte do corpo da Igreja, é parte também do corpo da nação. Não há neste conjunto tal coisa como o indivíduo isolado. O homem tem um dever para com o Estado, deve confrontar esse dever, embora um Nero esteja no trono.

(3) Para o Estado, um homem lhe deve a proteção. A idéia platônica do Estado era que este existia por causa da justiça e a segurança; que assegurava ao homem amparo contra as bestas selvagens e contra os homens selvagens. "Os homens", como alguém escreveu, "amontoaram-se atrás de uma parede para salvar-se." Um Estado é, essencialmente, um corpo de homens que se uniram, que convieram manter certas relações entre eles e observar certas leis. Sem o Estado, sem essas leis, e sem o mútuo acordo das observar, imperaria o mau, o egoísta e o forte. O fraco se veria em apuros. A vida seria regida pela lei da selva. Todo homem comum, deve sua segurança ao Estado, e tem, portanto, um dever e uma responsabilidade para com esse Estado.

(4) Ao Estado o povo comum deve uma ampla gama de serviços que individualmente não poderia desfrutar. Seria impossível que cada um tivesse sua própria água, sua própria luz, serviços sanitários, sistema de transporte. Um indivíduo isolado não poderia desfrutar de um sistema de serviços municipais ou de serviços sociais de segurança. Estas coisas só se obtêm quando os homens concordam em viver juntos. E seria muito equivocado que alguém desfrutasse de tudo o que o Estado provê e rechaçasse toda responsabilidade para com o mesmo. Ninguém pode tomar tudo e não dar nada. Esta, com efeito, é uma razão compulsiva de por que o cristão está preso por sua honra a ser um bom cidadão, e a cumprir seu parte em todos os deveres da cidadania.

(5) Mas o principal conceito de Paulo sobre o Estado era que em seus dias, ele via o império romano como o instrumento divino ordenado por Deus para salvar o mundo do caos. Tirem o império, e segundo Paulo, o mundo se desintegraria em fragmentos voadores. Era, com efeito, a *pax romana*, a paz romana, o que dava ao missionário cristão, a possibilidade de realizar seu trabalho. Idealmente os homens deveriam estar unidos pelo amor cristão; mas não estão, e o zelo que os mantém unidos, é o Estado. Paulo via no Estado um instrumento de Deus; o Estado preservava o mundo do caos; aqueles que o administravam, estavam desempenhando um papel nessa grande tarefa; estavam fazendo a obra de Deus, e era um dever cristão ajudar e não obstruir.

AS DÍVIDAS QUE DEVEM SER PAGAS E A DÍVIDA QUE NUNCA SE PODE PAGAR

Romanos 13:8-10

A passagem anterior tratava sobre o que podemos qualificar de dívidas públicas do homem. O versículo 7 menciona duas dessas dívidas públicas. Em primeiro lugar, a que Paulo chama *tributo*, logo, a que chama *imposto*. Por *tributo*, entende aquele que deve ser pago pelos membros de uma nação subjugada. As contribuições tributárias que o

governo romano cobrava das nações subjugadas eram normalmente três. Havia o *imposto da terra* pelo qual se devia pagar, em efetivo ou em espécie, um décimo de seu grão, e um quinto da fruta e o vinho produzido por sua terra. Logo havia o *imposto aos rendes*, que era o um por cento do total das entradas de um homem. Logo havia o *imposto de captação*, que devia ser pago por toda pessoa entre os quatorze e os sessenta e cinco anos de idade.

Com *impostos*, Paulo se refere aos impostos locais que deviam pagar-se. Havia direitos de alfândega, de importação e exportação, impostos que deviam pagar-se para transitar as estradas principais, por cruzar pontes, por entrar em negociados e portos, pelo direito de possuir um animal ou de dirigir um carro. Paulo insiste em que o cristão deve pagar seus tributos e impostos às autoridades estaduais e locais por pesados que sejam os mesmos.

Logo Paulo se ocupa das dívidas *privadas*. Diz: "A ninguém fiquéis devendo coisa alguma." Parece uma coisa desnecessária de dizer; mas havia aqueles que até tergiversavam a petição do Pai Nosso: "Perdoa-nos as nossas dívidas como nós perdoamos aos nossos devedores", para pretender a absolvição de toda dívida ou obrigação monetária. Paulo tinha que lembrar o seu povo, que o cristianismo não significa uma desculpa para negar nossas obrigações para com nosso próximo; é uma razão para cumpri-las ao máximo.

Logo Paulo passa a falar da única dívida que o homem deve pagar todos os dias, e, entretanto, ao mesmo tempo, continua devendo sempre. É a dívida do amor ao próximo. Orígenes disse: "A dívida do amor permanece sempre conosco, nunca nos deixa, é uma dívida que cobrimos cada dia, e, ao mesmo tempo, devemos para sempre." Paulo afirma que se a pessoa tentar satisfazer honestamente sua dívida de amor, automaticamente cumprirá todos os mandamentos. Se cumprir a sua dívida de amor, não cometerá adultério.

Quando duas pessoas se deixam arrastar por suas paixões físicas, a razão não é que se amem muito, mas sim se amam muito pouco. No

verdadeiro amor há, ao mesmo tempo, respeito e recato, que salvam o homem do pecado. Se cumprir a sua dívida de amor, não matará, porque o amor nunca busca destruir, mas sim construir. O amor nunca pode odiar, porque o amor é sempre bondoso. O amor não pode perseguir a destruição de um inimigo à morte, mas tentando fazê-lo amigo. Se cumprir a sua dívida de amor, nunca roubará, porque o amor sempre está mais preocupado em dar que em receber. Se cumprir a sua dívida de amor, não cobiçará. A cobiça (*epithumia*) é o desordenado e incontrolado desejo da coisa proibida, da coisa que não deve desejar-se, e o amor limpa o coração até que o desejo vai embora.

Há um famosa declaração: "Ame a Deus — e faça o que quiser." Se o amor for a mola principal do coração de um homem, se toda sua vida está dominada pelo amor a Deus e a seu próximo, não necessita outra lei, porque a lei do amor faz desnecessária qualquer outra lei.

A AMEAÇA DO TEMPO

Romanos 13:11-14

Como tantos outros grandes homens, Paulo estava acochado pela escassez do tempo. André Marvell podia ouvir sempre "a alada carruagem do tempo, apurando de perto". E Keats era açoitado pelo medo de deixar de existir, antes que sua pena tivesse espigado em seu fecundo cérebro. Mas Paulo pensava em algo mais que na brevidade do tempo. O que esperava era a crise da história da humanidade, a Segunda Vinda de Cristo. A Igreja primitiva esperava em qualquer momento e, portanto, tinha urgência em estar preparada. Pode ser que essa expectativa se nublou e desvaneceu; mas um fato se mantinha permanente — ninguém sabe quando Deus se levantará e o chamará.

O tempo é cada vez mais escasso, porque cada dia estamos um pouco mais perto desse momento. A vida ainda se vive em espera por esse momento. Nós também, devemos ter tudo preparado.

Os últimos versículos desta passagem serão para sempre famosos, porque, por meio deles se converteu Agostinho. Ele mesmo conta sua história nas *Confissões*. Caminhando pelo jardim, seu coração alterado por seus fracassados intentos de viver uma vida em bondade, repetia desesperado: "Até quando?, até quando? Amanhã e amanhã, por que não hoje? Por que não na mesma hora, terminar com minha depravação?" Falava e pensava e soluçava desta maneira, quando subitamente, ouviu uma voz que dizia: "Tome e leia; tome e leia." Soava como a de um menino; e ele tentou lembrar alguma brincadeira de meninos que contivera essas palavras, mas foi em vão. Retornou disposto ao assento onde estava sentado seu amigo Alípio, porque tinha deixado ali um volume dos escritos de Paulo.

"Recolhi-o e li em silêncio a primeira passagem sobre o qual caíram meus olhos: 'Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências.' Nem desejei, nem precisei ir mais adiante em minha leitura. Com o fim desta frase, como se a luz da eternidade se verteu em meu coração, todas as sombras da dúvida se dissiparam. Coloquei meu dedo na página e fechei o livro. Voltei-me com tranquilidade para o Alípio e lhe contei."

Desde sua palavra, Deus havia falado a Agostinho.

Coleridge disse que ele cria que a Bíblia é inspirada, porque, como diz: "Encontra-me."

A palavra de Deus sempre pode achar o coração humano.

É interessante observar os seis pecados que Paulo considera, por assim dizer, típicos da vida sem Cristo.

(1) Há as orgias (*kómos*). Esta é uma palavra interessante. Originalmente um *kómos* era a banda de amigos que acompanhava um vencedor dos jogos a sua casa, cantando seus louvores e celebrando seu triunfo. Logo devia significar uma ruidosa banda de farristas que

percorriam as noites da cidade. Descreve a classe de farra que degrada um homem e é uma moléstia e um incômodo para outros.

(2) Há a *bebedice (methe)*. Especialmente para os gregos, a bebedice era algo particularmente desgraçado. Os gregos eram grandes bebedores de vinho. Inclusive os meninos o bebiam. O café da manhã era chamado *akratisma*, e consistia em uma fatia de pão embebida em vinho. Mas, contudo, a embriaguez era considerada especialmente vergonhosa, porque o vinho que bebiam era muito aguado, e o bebia porque a água disponível era inadequada e perigosa. Era este um vício que não só um cristão, mas também qualquer pagão respeitável, também teria condenado.

(3) Existem as *luxúrias (koite)*. A palavra *koite* significa literalmente cama. A palavra leva em si o significado do desejo da cama proibida. Esta era o típico pecado pagão. É correto dizer que a castidade era desconhecida; e quase nem tinha começado a ser considerada uma virtude. A palavra traz à mente o homem que não dá valor à fidelidade, e que toma o prazer onde e quando o deseja.

(4) Existe a *lascívia (aselgeia)*. *Aselgeia* é uma das piores palavras do idioma grego. Não só descreve a imoralidade, mas também o homem que perdeu a vergonha. A maior parte das pessoas tratam de encobrir suas maldades e de pecar em segredo; mas o homem em cujo coração aninha a *aselgeia*, superou essa etapa faz tempo. Não se importa com quem o veja; não se importa com a exibição pública que faz de si mesmo; não se importa com o que as pessoas pensam dele; reputação, honra e decência, não significam nada para ele. A *aselgeia* é a qualidade do homem que está tão profundamente abraçado à luxúria que se atreve a fazer publicamente, coisas impróprias para um homem.

(5) Existem as *lutas (Eris)*. *Eris* é o espírito que nasce da competição desenfreada e ímpia. Provém do desejo de posição, poder e prestígio, da aversão a ser superada, da incapacidade e falta de vontade para ocupar um lugar secundário. É essencialmente o pecado que coloca

o próprio eu à frente do quadro. É a total negação do *ágape*, o amor cristão.

(6) Por fim, existe a *inveja* (*zelos*). *Zelos* em grego não é necessariamente más conotações. Pode descrever a nobre emulação de alguém que, vendo-se confrontado pela grandeza de caráter, tenta copiá-la e alcançá-la. Mas pode também significar essa invejosa cobiça que inveja a todo homem seu nobreza e preeminência; aqui descreve o espírito que não se contenta com o que tem, e que olha com olhos ciumentos toda bênção que foi dada a outro e foi negada a ele.

Romanos 14

Respeito pelos escrúpulos - 14:1

Tolerância com as opiniões alheias - 14:2-4

Diferentes caminhos para uma mesma meta - 14:5-6

A impossibilidade do isolamento - 14:7-9

Os homens sob juízo - 14:10-12

O homem e a consciência de seu próximo - 14:13-16

O perigo da liberdade cristã - 14:17-20

Respeito pelo irmão mais fraco - 14:21-23

RESPEITO PELOS ESCRÚPULOS

Romanos 14:1

Neste capítulo, Paulo trata de um problema que pode ter sido um problema transitório e local na Igreja romana, mas que é também um problema que continuamente a Igreja enfrenta, e que está sempre pedindo uma solução. Na Igreja de Roma havia aparentemente duas linhas de pensamento. Havia pessoas que criam que com a liberdade cristã tinham desaparecido os velhos *tabus*; criam que o que um homem pudesse comer ou beber não fazia diferença; que as antigas leis sobre comidas careciam de pertinência; e que as listas de animais limpos e imundos em que se deleita o Levítico não tinham nada que ver com os

cristãos. O cristianismo não consistia na observância especial de um dia ou dias; que o sábado judeu, tão meticulosamente observado, já não tinha vigência.

Agora, indubitavelmente, Paulo deixa claro que este é o ponto de vista da fé cristã real e plena. Mas, por outro lado, havia aqueles que estava cheios de escrúpulos. Criam que era mau comer carne, e que o homem devia ser vegetariano; criam na estrita e rígida observância de um dia, até que o dia se convertia em uma tirania. Paulo o chama o ultra escrupuloso de *fraco na fé*. O que quer dizer com isto? E por que o chama fraco na fé?

Esses homens são fracos em sua fé por duas razões.

(1) Por não ter descoberto ainda o significado da liberdade cristã; no fundo de seu coração, ainda são legalistas; vêem o cristianismo como uma questão de regras e regulamentos. Seu meta é governar sua vida com uma série de leis e observâncias; estão é obvio, atemorizados perante a liberdade cristã.

(2) Porque não se libertaram ainda da crença na eficácia das obras. Em seu coração, crêem que pode ganhar o favor de Deus fazendo certas coisas e abstendo-se de fazer outras. Basicamente, estão tentando ganhar uma correta relação com Deus, e ainda não aceitaram o caminho da graça. Ainda estão pensando mais no que podem fazer por Deus que no que Deus tem feito por eles.

Paulo ordena os irmãos mais fortes, que acolham essas pessoas, e não as cerquem e ataquem com contínuas critica.

Este problema não está circunscrito à época de Paulo. Até nossos dias há na Igreja dois pontos de vista. Um é o ponto de vista mais amplo e liberal que não vê nenhum perigo em muitas coisas, e que aceitam que muitos prazeres inocentes — a seu modo de ver — se desenvolvam na Igreja. E há o ponto de vista mais estreito, mais estrito, que se escandaliza e ofende com muitas coisas nas quais a pessoa liberal não vê dano alguém.

As simpatias de Paulo estão com o ponto de vista mais amplo; mas, ao mesmo tempo, diz que, quando um destes irmãos de miras estreitas entra na Igreja, deve ser recebido com fraternal simpatia. Quando estamos diante de alguém que tem um ponto de vista mais estreito, devemos evitar três atitudes.

(1) Devemos evitar a atitude de *irritação*. Estar incomodado e impaciente com tal pessoa não conduz a nada. Não importa quanto possamos dissentir e quanto possamos diferir, primeiro devemos nos esforçar por ver o ponto de vista dessa outra pessoa, de simpatizar com ela, de entendê-la.

(2) Devemos evitar a tentativa de *ridicularizar*. Ninguém permanece inalterado quando o que ele crê precioso desperta risadas. Não é pequeno pecado o rir das crenças de outrem. Poderão parecer-nos preconceitos mais que crenças; isso não importa; ninguém tem direito de rir do que outro considera sagrado. Em todo caso, a risada nunca o conduzirá a uma visão mais ampla; só o fará enquadrar-se mais decididamente ainda em sua rigidez.

(3) Devemos evitar a atitude de *desdém*. É um grande engano qualificar a uma pessoa com pontos de vista estreitos, como um parvo antiquado cujas opiniões podem ser tratadas com desprezo. As crenças de um homem devem ser tratadas com respeito. Não é possível sequer ganhar alguém para nossa posição a menos que tenhamos um genuíno respeito pela sua. De todas as atitudes para com nossos semelhantes, a menos cristã é o desdém.

Antes de deixar este versículo, devemos fazer notar que há outra tradução perfeitamente possível. "Recebam ao fraco na fé, mas não o introduzam diretamente numa discussão de questões que só podem criar dúvidas."

Há pessoas que têm uma fé tão sólida, que não há debate ou questionamento que possa comovê-la. Há pessoas cuja aproximação à religião é intelectual, e que se deleitam na discussão de temas difíceis. Mas há outros que possuem uma fé simples que uma discussão

engenhosa e ardilosa só consegue alterar desnecessariamente. Bem pode ser que nossa época seja muito afeita a discutir por discutir. É sempre fatal dar a impressão de que o cristianismo consiste só em uma série de questões em debate.

"Achamos", diz G. K. Chesterton, "todas as perguntas que se podem achar. É tempo de que deixemos de buscar perguntas e comecemos a buscar respostas."

"Diga-me suas certezas", disse Goethe, "tenho suficientes dúvidas próprias."

Há uma excelente regra que deveria dirigir e guiar o processo de toda discussão — toda discussão, mesmo que tenha sido uma discussão confusa e embora tenha versado sobre temas que não têm solução, sempre deve finalizar com uma *afirmação*. Em um grupo de discussão de uma Igreja ou de uma sociedade, nunca devemos ir com uma série de perguntas que permanecem escuras. Podem ficar muitos pontos sem resposta, mas, ao mesmo tempo, deve ficar alguma certeza incomóvel.

TOLERÂNCIA COM AS OPINIÕES ALHEIAS

Romanos 14:2-4

Aqui surge um dos pontos definidos em debate na Igreja de Roma. Havia aqueles que não observavam nenhuma regra com respeito a comidas e a *tabus* e comiam qualquer coisa; os que conscientemente se abstinham de comer carne, que só comiam vegetais.

Existiam no mundo antigo muitas seitas e religiões que observavam as mais estritas leis alimentares. Os próprios judeus as possuíam. Levítico 11 dá uma lista dos animais que se pode comer e dos que não se podem. Uma das seitas judias mais estritas eram os essênios. Eles em suas comunidades, realizavam comidas comunais para as quais se banhavam e usavam objetos especiais. As comidas eram especialmente preparadas por sacerdotes, e, a menos que essas comidas estivessem assim preparadas não as comiam.

No mundo pagão, os pitagóricos tinham suas próprias leis distintivas sobre comidas. Pitágoras ensinava que a alma de um homem era uma deidade caída que tinha ficado confinada em um corpo como em uma tumba. Cria na reencarnação através da qual a alma podia habitar num homem, num animal, ou numa planta, numa cadeia interminável de seres. A libertação dessa cadeia, achava-se mediante a absoluta pureza e a disciplina; e esta disciplina incluía o silêncio, o estudo, a autocontemplação e a abstenção de toda carne. É correto afirmar que em quase todas as congregações cristãs, achavam-se alguns que observavam leis especiais sobre mantimentos.

Aqui aparece novamente o mesmo problema. Dentro da Igreja havia um partido estrito, estreito, e um partido mais amplo e liberal. Paulo expõe sem equívocos o perigo que poderia apresentar-se. Quase com certeza, o partido liberal desprezaria os escrúpulos do partido estrito, e, mais certamente, o partido estreito emitiria juízos censurando o que cria ser uma lassidão do partido liberal. Esta é uma situação tão real e arriscada na Igreja de nossos dias, como o era nos tempos de Paulo.

Para encarar este problema, Paulo estabelece um grande princípio. Ninguém tem direito a criticar o servo de outro. O servo responde só a seu amo. Agora, todos os homens são servos de Deus. Não temos direito de criticá-los, achar falhas neles, e muito menos, condená-los. Esse direito só pertence a Deus. Não é por nosso juízo que um homem se eleva ou cai; é pelo juízo de Deus. E, continua, Paulo, se um homem vive honestamente segundo seus princípios, tal como o entende, Deus pode capacitá-lo para manter-se firme.

Há na Igreja quantidade de congregações que se dividiram em duas porque os que sustentam opiniões mais amplas e liberais, são rudemente desdenhosos com aqueles que consideram conservadores retrógrados e puritanos, enquanto os mais estritos, são críticos e condenatórios em suas apreciações para com aqueles que se crêem com direito de fazer coisas que eles consideram más. Não corresponde a nós criticar e condenar uns aos outros.

"Rogo-lhes pelas vísceras de Cristo", disse Cromwell aos rígidos escoceses de seus dias, "que pensem que é possível que estejam equivocados."

Devemos eliminar da comunidade da Igreja tanto a censura como o menosprezo. Devemos deixar a Deus o juízo de outros, e buscar só simpatias e entendimentos.

DIFERENTES CAMINHOS PARA UMA MESMA META

Romanos 14:5-6

Aqui Paulo introduz outro tema em que os partidos liberal e estrito podem diferir. Os mais rígidos dão grande importância à observância do dia especial. Esta era, por certo, uma característica dos judeus. Mais de uma vez, Paulo teve que preocupar-se com pessoas que faziam um fetiche do dia especial. Aos Gálatas escreveu: "Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco" (Gálatas 4:10-11). Escreve também aos colossenses: "Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo" (Col. 2:16-17).

Os judeus tinham feito uma tirania do sábado, rodeando-o de um matagal de regras e regulamentos e proibições. Não era que Paulo queria eliminar o dia do Senhor — longe disso; mas temia uma atitude que de fato fazia consistir o cristianismo na observância de um determinado dia. O cristianismo é muito mais que a observância do dia do Senhor.

Quando a famosa missionária Maria Slessor, passou três solitários anos em meio da selva, freqüentemente os dias se mesclavam, já que não tinha calendário. Uma vez a acharam realizando os cultos na segunda-feira, e, outra vez, acharam-na um domingo martelando no telhado, convencida de que era segunda-feira. Ninguém pode argumentar que os serviços de Maria Slessor foram menos válidos porque foram realizados

numa segunda-feira; ou que ela houvesse de algum modo quebrantado os mandamentos porque estivesse trabalhando num domingo.

Paulo nunca teria negado que o dia do Senhor é um dia precioso e que, com efeito, na prática, é o dia que deve ser ofertado a Deus, mas teria insistido igualmente em que, nem sequer o dia do Senhor deve converter-se numa tirania, e muito menos transformar-se em um fetiche; não é o dia que devemos adorar, mas Àquele que é Senhor de todos os dias.

Ainda assim, a despeito de tudo isso, Paulo roga que reine a simpatia entre os irmãos mais liberais e os mais estreitos. Seu ponto de vista é que, não importa quão diferentes sejam as práticas, suas metas são as mesmas. Em suas diferentes atitudes para com os dias, ambos crêem servir a Deus; quando se sentarem a comer, um come carne e o outro não, mas ambos dão graças a Deus. Faremos bem em lembrar isto. Se tento chegar desde Glasgow a Londres, há muitas rotas que posso usar. Não estou constrangido a escolher uma em particular. Posso, com efeito, chegar ali sem usar meia milha que use outro homem. Paulo advoga por que a meta comum nos una, e que não permitamos que as diferentes práticas nos dividam.

Mas Paulo insiste numa coisa. Qualquer que seja o curso que alguém escolha, deve fazê-lo com plena convicção. Suas ações devem ser ditadas, não pelo *costume*, muito menos pela *superstição*, mas sim pela *convicção*. Não devemos fazer coisas simplesmente porque outros as fazem, e simplesmente porque seja "o que se faz". Não devemos fazê-las porque, no íntimo de nosso coração, estamos governados por um sistema de tabus semi supersticiosos. Devemos fazê-las por ter meditado e ter alcançado a convicção de que ao menos para nós, são o que corresponde fazer.

E Paulo poderia ter agregado a isto algo mais — que ninguém pode fazer de sua própria prática a norma universal para todos os outros. Esta é, com efeito, uma das calamidades da Igreja; estamos tão inclinados a

pensar que nossa maneira de adorar, nossa prática, são a única maneira de adorar e a única prática.

T. R. Glover em algum lado cita uma declaração de Cambridge: "Qualquer coisa que sua mão encontre para fazer faça-a com todas suas forças, mas lembra que algum pensa diferente." Faríamos bem em lembrar que, em muitos assuntos, é um dever ter nossas próprias convicções, mas que igualmente é um dever permitir a outros que tenham as suas, sem considerá-los como pecadores e párias.

A IMPOSSIBILIDADE DO ISOLAMENTO

Romanos 14:7-9

Aqui Paulo estabelece a grande verdade de que é impossível viver uma vida de isolamento. Não existe neste mundo tal coisa como um indivíduo completamente isolado. Isto é, com efeito, duplamente certo. "O homem", diz M'Neile Dixon, "tem uma relação com os deuses e uma relação com os mortais." Nenhum homem pode desentender-se com seus semelhantes nem de Deus.

O homem não pode desligar-se de seus semelhantes em três sentidos.

(1) Não pode isolar-se *do passado*. Ninguém se tem feito totalmente a si mesmo. "Sou uma parte", dizia Ulisses, "de tudo o que encontrei." O homem é um receptor de tradições, de descendência de uma herança. É um amálgama de tudo o que seus antepassados dele fizeram. É certo que ele mesmo contribui a tal amálgama; mas não parte de zero. Para bem ou para mal, vem da base de tudo o que o passado lhe legou. Uma nuvem invisível de testemunhas, não só o rodeia, mas também habita nele. Um homem não pode dissociar-se do tronco de que emerge e da rocha da que foi desprendido.

(2) Tampouco pode isolar-se *do presente*. Vivemos em uma civilização que diariamente está estreitando mais e mais os vínculos entre os homens. Ninguém pode fazer nada, que só o afete a ele mesmo.

Tem o terrível poder de fazer a outros felizes ou tristes por meio de sua conduta; tem o poder ainda mais terrível de fazer bem ou mal a outros com sua conduta. De todo homem surge uma influência que torna mais fácil para outros tomar o bom caminho ou o caminho mau. Os atos de todo homem têm conseqüências que afetam mais ou menos de perto a outros homens. O homem está preso no feixe da vida, e dele não pode escapar.

(3) Não pode isolar-se *do futuro*. Assim como recebe a vida, o homem a transmite. Entrega a seus filhos uma herança de vida física e de caráter espiritual. O homem não é uma unidade auto-suficiente e individual, é só um elo de uma cadeia.

Alguém conta de um jovem que vivia despreocupadamente e que começou a estudar biologia. Através do microscópio, observava algumas dessas coisas vivas que se pode observar vivendo, morrendo e gerando a outras num momento. Ele se levantou do microscópio. "Agora o vejo", disse. "Eu sou um elo da cadeia e já não serei mais um elo fraco."

É nossa terrível responsabilidade que deixemos algo de nós mesmos no mundo ao deixar em outros algo de nós mesmos. O pecado seria muito menos terrível se afetasse só ao que o comete. O terrível de todo pecado é que começa uma nova corrente de maldade no mundo.

Mas, menos ainda pode alguém desprender-se de Jesus Cristo.

(1) Nesta vida, Jesus Cristo é para sempre uma presença viva. Não precisamos falar de viver como se Cristo nos visse; Cristo nos vê. Toda vida se vive diante de seus olhos. O homem não pode escapar do Cristo ressuscitado e sempre vivo, mais do que pode escapar de sua própria sombra. Não há lugar onde possa deixar para trás a Cristo, e não pode fazer nada sem ser visto.

(2) Nem sequer a morte rompe essa presença. Neste mundo vivemos na presença invisível de Cristo; no próximo o veremos em sua presença real e viva. A morte não é o abismo que termina na extinção; é a porta que leva a Cristo.

Nenhum ser humano pode seguir uma política de isolamento. Está unido ao resto dos homens e ligado a Cristo por laços que nem o tempo nem a eternidade podem romper. Não pode viver para si, nem morrer para si.

OS HOMENS SOB JUÍZO

Romanos 14:10-12

Há uma razão fundamental, básica por que não temos direito de julgar a outros; e essa razão é que nós mesmos estamos sob o juízo. É a própria essência da humanidade que nós não sejamos os juízes, mas os julgados. Para provar isto, Paulo cita Isaías 45:23. Este era um pensamento com aquele que todo judeu estaria de acordo. Há uma declaração rabínica: "Não deixe que sua imaginação te faça crer que a tumba é um refúgio; por mandato foste feito, por mandato nasceste, por mandato vives, por mandato morres e por mandato deves agir e reconhecer o Rei dos reis, o Santo, bendito seja." A única pessoa que tem direito a julgar alguém é Deus e, menos que ninguém, o homem, que deverá confrontar no tribunal o juízo de Deus, tem direito alguém de julgar a um semelhante que também estará perante esse tribunal.

Justamente antes disto Paulo tinha estado refletindo sobre a impossibilidade de uma vida isolada. Mas há uma situação em que o homem está isolado, e é quando o homem deve comparecer perante o trono do juízo de Deus.

Nos antigos tempos da república romana, na esquina do Fórum mais afastada do Capitólio, estava o *tribunal*, o assento da justiça, onde o pretor urbano se sentava a administrar justiça. Nos tempos de Paulo, a justiça requeria mais de um assento; de modo que também nas grandes basílicas, nos grandes pórticos de colunas ao redor do Fórum, os magistrados sentavam-se para administrar justiça. O romano conhecia muito bem o espetáculo que oferecia um homem, de pé em frente do

assento da justiça. Isto é o que acontece a todo homem; e é um juízo que cada qual deve confrontar sozinho.

Às vezes, neste mundo, pode usar-se méritos de outra pessoa. Muitas vezes um jovem se salvou de alguma pena ou condenação, por consideração de seus pais; muitas vezes um marido foi perdoado por consideração a sua esposa ou seu filho; mas no juízo perante Deus, o homem comparece sozinho. Às vezes, quando morre algum grande, o ataúde, no serviço fúnebre, está na frente da congregação que chora por ele sobre ele jazem suas togas acadêmicas, ou as insígnias de suas dignidades oficiais; mas não pode levá-las consigo. Nus viemos ao mundo, e nus o abandonamos. Comparecemos perante Deus na terrível solidão de nossa alma; a Deus não podemos levar nada mais que o eu e o caráter que estivemos construindo na vida.

Mas não é esta ainda toda a verdade. Não estamos sozinhos perante o tribunal de Deus, porque a nosso lado está Jesus Cristo. Não precisamos ir despojados de tudo; podemos ir revestidos com os méritos que lhe pertencem.

Collin Brooks, o famoso escritor e jornalista, escreve em um de seus livros: "Deus pode ser mais bondoso do que pensamos. Se não puder dizer: 'Bem, servo bom e fiel!', pode ser que enfim exclame: 'Não se preocupe, servo mau e infiel; não me desagrada totalmente!'"

Esta foi uma curiosa maneira de declarar sua fé; mas não é só isso. Não é que Deus simplesmente não se desgoste, é que, pecadores como somos, ama-nos pela graça de Jesus Cristo nosso Senhor. Verdade é que, devemos confrontar o juízo perante Deus sozinhos, na nudez de nossas almas; mas se tivermos vivido com Cristo na vida, estaremos a seu lado na morte, e, diante de Deus, ele será nosso advogado defensor.

O HOMEM E A CONSCIÊNCIA DE SEU PRÓXIMO**Romanos 14:13-16**

Os estóicos estavam acostumados a ensinar que existem muitas coisas que eles chamavam *adiafora*, isto é, *indiferentes*. Essas coisas, em si mesmos, eram completamente neutras, não eram nem boas nem más. Tudo depende — diziam — do cabo por onde alguém tome. Esta é uma profunda verdade. Um quadro para um estudante de arte pode ser uma obra de arte; para outra pessoa pode parecer um desenho obsceno. Uma discussão, para um grupo de pessoas, pode ser uma experiência interessante, estimulante da mente; para outros, a mesma discussão pode parecer uma sucessão de heresias, e inclusive blasfêmias. Uma atividade, uma diversão, um prazer ou um passatempo, pode parecer para alguns algo genuinamente inofensivo e para outros uma coisa proibida. Mais ainda, há prazeres que não são perigosos para alguns, mas para outros podem significar a ruína. As coisas em si, não são nem limpas nem sujas; seu caráter está determinado pela pessoa que a vê ou a faz.

Paulo chega a esta conclusão aqui. Há certas coisas a fazer que a pessoa forte na fé pode não ver dano algum; mas se as vê serem feitas por uma pessoa com uma posição mais escrupulosa e estreita, sua consciência será comovida ou ferida; e se tal pessoa fosse persuadida a fazê-las, sua consciência se veria ultrajada e violada.

Podemos tomar um exemplo muito simples. Um homem poderá genuinamente não ver nenhum mal no fato de jogar algum jogo ao ar livre no domingo, e pode estar certo, mas a consciência de outro homem, pode ser escandalizada por uma coisa assim, e, se o persuadissem a tomar parte nele, todo o tempo estaria acompanhado do furtivo e perseguidor sentimento de estar fazendo algo mau.

Há muitos prazeres e passatempos que alguém pode estar genuína e sinceramente convencido por princípio de que são inteiramente legítimos, mas a pessoa mais escrupulosa e estreita os verá como

pecados, e, se fosse persuadida a tomar parte neles, não poderia livrar-se do sentimento de estar participando de um pouco proibido.

O conselho de Paulo é muito claro. *É um dever cristão pensar em tudo, não como nos afeta, mas também como afeta a outros.* Agora, notemos que Paulo não diz que devemos sempre deixar que nossa conduta seja dominada e ditada pelas opiniões, ou até os preconceitos de outros; há questões que são essencialmente questões de princípios, e nelas a pessoa deve escolher seu próprio caminho. Mas há muitas coisas que são neutras ou indiferentes; há muitas coisas que não são em si mesmos nem boas nem más; há muitíssimas coisas que são realmente prazeres e passatempos, hábitos e costumes, que a pessoa não precisa fazer, a menos que queira. Não são partes essenciais da vida e da conduta; pertencem ao que poderíamos chamar extras da vida, e, é a convicção de Paulo, que em tais coisas, não temos o direito de ofender a um irmão mais escrupuloso. Não temos direito de afligir e ultrajar sua consciência pelo ato de nós mesmos fazê-las ou persuadindo a essa pessoa que as faça.

A vida deve ser guiada pelo princípio do amor; se fizermos isto, nosso guia na vida será pensar, não tanto em nossos supostos direitos a fazer o que quisermos, como em nossas responsabilidades para com os outros. Não temos direito a afligir a consciência de outro nas coisas que realmente não importam. A liberdade cristã nunca deve ser usada como uma desculpa para atropelar os sentimentos genuínos de outros. Nenhum prazer é tão importante que justifique o ofender e angustiar e até causar a ruína de outros.

Agostinho costumava a dizer que toda a ética cristã, podia incluir-se no dito "Ame a Deus e faça o que quiser." Em certo sentido é verdade, mas o cristianismo não consiste só em amar a Deus, consiste também em amar o próximo como a nós mesmos.

O PERIGO DA LIBERDADE CRISTÃ**Romanos 14:17-20**

Em essência Paulo trata aqui do perigo e abuso da liberdade cristã. Para um judeu, especialmente, a liberdade cristã tinha seus perigos. Toda sua vida, tinha sido regulada por uma multiplicidade de regras e regulamentações. Tais coisas eram impuras e tais coisas eram puras. Tais animais não deviam ser comidos e tais animais podiam ser comidos; tais leis de purificação deviam ser observadas. Quando o judeu chegou ao cristianismo, viu que de repente eram abolidas todas as regras e regulamentações, e o perigo era que interpretasse a liberdade cristã como liberdade para fazer exatamente o que quisesse. Os homens devem lembrar que a liberdade cristã e a caridade cristã devem ir de mãos dadas, devem aferrar-se à verdade de que a liberdade cristã e o amor fraternal e a consideração mútua estão intimamente ligados.

Paulo lembra a seu povo que o cristianismo, o Reino dos céus, não consiste em comer ou beber o alguém imagina. Consiste em três grandes coisas, todas as quais são essencialmente *alheias ao* egoísmo.

Uma é a *justiça*, e a justiça consiste em dar aos homens e a Deus o que lhes corresponde. Então, o primeiro que devemos oferecer a um semelhante na vida cristã é simpatia e consideração; no momento em que nos transformamos em cristãos, os sentimentos de outros se tornam mais importantes que os nossos próprios; o cristianismo significa colocar primeiro a outros e depois o eu. Não podemos dar a outro o que corresponde e, ao mesmo tempo, fazer o que queremos.

Logo vem a *paz*. No Novo Testamento, a paz não significa somente ausência de problemas; a paz não é algo negativo, é intensamente positiva; significa tudo aquilo que tende ao bem supremo do homem. Os próprios judeus freqüentemente pensavam que a paz significava um estado de corretas relações entre homem e homem. Se insistirmos em que a liberdade cristã significa fazer tudo o que queiramos, isto é precisamente um estado de coisas que nunca poderemos alcançar. O

cristianismo consiste inteiramente em relações pessoais com os homens e com Deus. A ilimitada liberdade cristã está condicionada pela obrigação cristã de viver em boas relações, em paz, com nossos semelhantes.

Logo vem a *alegria*. No cristianismo, a alegria nunca pode ser egoísta. A alegria cristã não consiste em que sejamos felizes, consiste em fazer os outros felizes. Uma mau chamada felicidade que angústia e ofende a outros, não é uma felicidade cristã. Se em sua própria busca da felicidade alguém machuca o coração ou fere a consciência de outro, o fim último de sua busca não será alegria mas tristeza. A alegria cristã não é individualista; é algo interdependente. A liberdade cristã não é liberdade para pisar os sentimentos de outros. O cristão se alegra só quando dá alegria a um semelhante, embora seja à custa de limitações pessoais para ele.

Quando a pessoa segue este princípio, transforma-se em escravo de Cristo. Eis aqui a verdadeira essência da questão. A liberdade cristã significa que somos livres, para fazer, não o que queremos mas o que Cristo quer. Significa que somos livres, não para fazer algo, mas para nos abster de fazê-lo. Sem Cristo, um homem é escravo de seus hábitos, de seus prazeres, de suas práticas. Não faz realmente o que quer. Faz o que as coisas às quais se mantém sujeito o levam a fazer. Uma vez que o poder de Cristo penetra nele, transforma-se em dono de si mesmo e então, só então, entra em sua vida a plena liberdade. Então somos livres, não para tratar aos homens e para viver como nos dita nossa natureza humana egoísta e tempestuosa, mas sim com a mesma atitude de amor que Jesus mostrou por nós.

Paulo termina, pois, reafirmando a meta do cristão dentro da congregação.

(a) Existe a meta da paz; a meta deveria ser que todos os membros da irmandade estivessem em boas relações entre si. Uma Igreja onde há lutas e contendas, onde há disputas e amarguras, onde há divisões e fissuras, perdeu todo direito a chamar-se Igreja. Já não é um fragmento do Reino dos céus, é simplesmente uma sociedade ligada à Terra.

(b) Logo está a meta da *edificação*. A descrição da Igreja como um edifício corre ao longo de todo o Novo Testamento. Os membros são pedras dentro do edifício. Tudo aquilo que afrouxa a estrutura da Igreja, está contra Deus; tudo o que a torna mais forte e segura, é de Deus. A tragédia é que, em muitos casos, as pequenas coisas sem importância são as que perturbam a paz da irmandade, questões de leis e procedimentos, de precedentes e prestígios. Uma nova época amanheceria na Igreja se lembrássemos que nossos direitos são muito menos importantes que nossas obrigações, se lembrássemos que, enquanto temos a liberdade cristã, sempre será uma ofensa usá-la como se nos outorgasse o direito de ferir e danificar o coração ou a consciência de outros. A menos que a Igreja seja um conjunto de pessoas que se respeitam mutuamente em amor, não tem direito a chamar-se Igreja.

RESPEITO PELO IRMÃO MAIS FRACO

Romanos 14:21-23

Mais uma vez voltamos ao tema de que o que é justo para um pode ser a ruína de outro. O conselho de Paulo é muito prático.

(1) Tem conselhos para o homem de sólida fé. Aquele que tem uma fé sólida, sabe que as comidas e bebidas não fazem diferença alguma. Compreendeu o princípio da liberdade cristã. Sendo assim, então, que essa liberdade seja algo entre ele e Deus. Alcançou esse estágio da fé; e Deus sabe bem que o tem feito. Mas essa não é uma razão pela qual ele possa lançar essa liberdade na cara do que ainda não a obteve.

Muitos insistiram em seu direito de ser livres, e logo tiveram que lamentar o tê-lo feito, quando viram as conseqüências. A pessoa pode chegar à conclusão de que sua liberdade cristã lhe dá perfeito direito a fazer um uso razoável do álcool. E, no que respeita a ele, pode ser um prazer perfeitamente seguro, e não corre perigo alguém. Mas pode ser que um jovem que o admire, observe-o e tome como exemplo. E pode

também ser que este jovem seja uma dessas pessoas para quem o álcool é algo fatal, e àquelas que que uma pequena quantidade afeta muito.

Pode o homem mais velho usar sua liberdade cristã para continuar dando um exemplo que pode ser a ruína do jovem admirador? Ou deve limitar-se, não por si mesmo, mas sim por causa daquele que segue seus passos? Certamente, a limitação consciente por causa de outros, é o mais cristão. Aquele que não a exercita pode encontrar-se com que algo que ele creu genuinamente permissível, trouxe a ruína a algum outro. É certamente melhor limitar-se deliberadamente que ter o remorso de saber que o que alguém considerou um prazer, causou a morte de outra pessoa.

Várias vezes, em todas as esferas da vida, o cristão se vê confrontado com o fato de que deve examinar as coisas, não só na medida em que o afetam, mas também na medida em que afetam a outros. O homem, em certa medida, é sempre o guardião de seu irmão. É responsável, não só por si mesmo, mas também por todo aquele que esteja em contato com ele.

"Sua amizade me prejudicou", diz Burns do homem de idade que encontrou em Irvine quando estudava a arte de trabalhar o linho. Queira Deus que ninguém possa dizer isto de nós, por termos usado mal a glória da liberdade cristã!

(2) Paulo tem um conselho para o homem de fé fraco, o homem de consciência escrupulosa. Pode ser que este homem desobedeça ou silencie seus escrúpulos. Pode às vezes fazer algo porque outros o fazem. Pode fazê-lo porque não quer ser a exceção. Pode fazê-lo porque não deseja ser diferente. Pode fazê-lo porque não quer parecer ridículo e impopular. A resposta de Paulo é que, se por qualquer destas razões, um homem desafia a sua consciência, é culpado de pecado. Se a pessoa crer, no fundo de seu coração, que algo é mau, se não puder livrar-se do sentimento certo de que é algo proibido, então, se o fizer, para ele é pecar.

Uma coisa neutra só se torna boa, quando se faz por fé, com a real e pensada convicção de que é o que corresponde. O único motivo para

fazer algo é que aquele que o fizer o considere correto. Quando se faz algo porque é um convencionalismo social, por medo à impopularidade, para agradar os homens, então é mau. Ninguém é guardião da consciência alheia, e a consciência de cada um deve ser, nas coisas indiferentes, o árbitro do que é correto ou errado.

Romanos 15

As marcas da comunidade - 15:1-6

A Igreja inclusiva - 15:7-13

As palavras revelam o homem - 15:14-21

Planos presentes e futuros - 15:22-29

Visão clara do perigo - 15:30-33

AS MARCAS DA COMUNIDADE

Romanos 15:1-6

Paulo prossegue tratando dos deveres mútuos dos que estão na comunidade cristã, e especialmente os deveres dos irmãos mais fortes para com os mais fracos. Esta passagem nos dá um magnífico sumário das marcas que deveriam caracterizar à comunidade cristã.

(1) A comunidade cristã deveria estar marcada pela *consideração* de seus membros uns pelos outros. Seu pensamento deveria ser sempre, não para si mesmos, mas uns pelos outros. Mas deve notar-se que esta consideração não deve degenerar em lassidão fácil, sentimental e flexível. Deve estar sempre dirigida ao bem do outro e à sua edificação na fé. Não é a tolerância que tolera porque é muito preguiçosa para fazer outra coisa. É a tolerância que sabe que um homem pode ser ganho muito mais facilmente para uma fé plena, cercado-o de uma atmosfera de amor que atacando-o com uma bateria de críticas.

(2) A comunidade cristã deveria estar marcada pelo *estudo das Escrituras*; e deste estudo das Escrituras o cristão tira *estímulo*. As Escrituras, deste ponto de vista, provêem-nos duas coisas.

(a) Dão-nos o registro dos entendimentos de Deus com uma nação, um registro que é a demonstração de que sempre é melhor estar bem com Deus e sofrer, que estar mal com os homens e evitar problemas. A história de Israel é a demonstração, nos acontecimentos históricos, de que em última instância os bons vão bem e aos maus vão mal. As Escrituras demonstram, não que o caminho de Deus é sempre um caminho fácil, mas sim no final é o único caminho para com tudo o que faz a vida digna no tempo e na eternidade.

(b) Dá-nos as grandes e preciosas promessas de Deus. Diz-se que Alexander Whyte às vezes tinha o costume de pronunciar um texto quando deixava um lar depois de seu visita pastoral; e, uma vez pronunciado, dizia: "Ponha-o debaixo de sua língua e chupe-o como um caramelo." Estas promessas são as promessas de um Deus que nunca quebra sua palavra. São coisas tremendas com as quais podemos sair para enfrentar a vida. Nestes caminhos as Escrituras dão, ao homem que as estuda, consolo em sua tristeza e estímulo em seu luta.

(3) A comunidade cristã deveria estar marcada pela integridade. A integridade é uma atitude do coração para com vida. Outra vez, e no Novo Testamento, achamos este grande termo *hypomone*. É muito mais que paciência; é a adequação triunfante que pode fazer frente à vida, é a força que não somente aceita as coisas, mas sim, aceitando-as, transforma-as em glória.

(4) A comunidade cristã deveria estar marcada pela *esperança*. O cristão é sempre realista, nunca pessimista. A esperança cristã não é uma esperança barata. A esperança cristã não é a esperança imatura de que é otimista porque não vê as dificuldades e não enfrentou as experiências da vida. Pode ser que esta esperança seja prerrogativa do jovem; mas os grandes artistas não pensavam assim.

Quando Watts desenhou "A Esperança" desenhou-a como uma figura abatida e inclinada com uma só corda em sua lira. A esperança cristã é a esperança que viu tudo e o sofreu tudo, e mesmo assim não desesperou, porque crê em Deus. A esperança cristã não é a esperança no

espírito humano, na bondade humana, na resistência humana, nos interesses humanos; a esperança cristã é esperança no poder de Deus.

(5) A comunidade cristã deveria estar marcada pela *harmonia*. Por muito ornamentada que esteja uma igreja, por muito perfeitos que sejam seu culto e sua música, por muito liberal que seja seu oferecimento, se tiver perdido a harmonia, perdeu a antiga essência da comunidade cristã. Isto não quer dizer que não haja diferença de opinião; não quer dizer que não haja discussões e debates; significa que aqueles que estão na comunidade cristã resolverão juntos os problemas da vida. Estarão completamente seguros de que o Cristo que os une é bem maior que as diferenças que possam dividi-los.

(6) A comunidade cristã deveria estar marcada pelo *louvor*. Não é uma má prova um homem perguntar se o acento principal de sua voz é de azedo descontentamento ou de prazerosa ação de graças. "O que posso fazer eu, que sou um pobre velho aleijado", disse Epicteto, "exceto dar louvor a Deus?" O cristão deveria ter alegria da vida porque tem alegria de Deus. Ele levará consigo seu segredo, porque estará seguro de que Deus está fazendo com que todas as coisas cooperem para o bem.

(7) E toda a essência da questão é que a comunidade cristã toma seu modelo e seu exemplo, sua inspiração e sua dinâmica de Jesus Cristo. Ele não se agradou a si mesmo. A citação que Paulo usa é do Salmo 69:10. É significativo que, quando fala de *suportar* a fraqueza dos outros, usa a mesma palavra que se usa com referência a Cristo levando sua cruz (*bastazein*). Quando o Senhor da glória escolheu servir a outros em vez de agradar-se a si mesmo, assentou o modelo que deve aceitar todo aquele que busca ser seu seguidor.

A IGREJA INCLUSIVA

Romanos 15:7-13

Aqui Paulo faz um último apelo quanto a que todos na Igreja deveriam estar sujeitos uns aos outros, que os que são fracos na fé, e os

que são fortes na fé, deveriam ser um corpo unido, que judeus e gentios deveriam encontrar uma fraternidade comum na família da Igreja. Pode haver muitas diferenças mas há um só Cristo, e o laço da unidade é uma comum lealdade a Ele. A obra de Cristo foi a mesma para judeus e gentios. Ele nasceu judeu, esteve sujeito à lei judia; veio ao mundo como membro da raça judia. Fez com que se cumprissem todas as grandes promessas que tinham sido feitas aos pais da raça judia, e que a salvação viesse primeiro aos judeus. Mas veio não somente para os judeus, mas também para os gentios.

Para provar que esta não é sua própria idéia novidadeira e herética, Paulo cita quatro passagens do Antigo Testamento; ele os cita da Septuaginta, que é a versão grega do Antigo Testamento, e por isso é que varia da tradução do Antigo Testamento que nós conhecemos. As passagens que Paulo cita são Salmo 18:50; Deuteronômio 32:43; Salmo 117:1; Isaías 11:10. Em todas estas passagens Paulo encontra antigas previsões da recepção dos gentios na fé. Paulo está convencido de que, assim como Jesus Cristo veio a este mundo para salvar a todos os homens, a Igreja deve acolher a todos, não importa as diferenças que possa haver. Cristo foi um Salvador inclusivo, e portanto sua Igreja deve ser uma Igreja inclusiva.

Então, Paulo, mais uma vez passa a fazer ressoar as notas da fé cristã. Devemos ver como os grandes termos da fé cristã relampejam um após outro nesta passagem.

(1) Temos a *esperança*. É fácil, à luz da experiência, desesperar-se de si mesmo. É fácil, à luz dos atos, desesperar-se do mundo. É fácil cair na cínica aceitação de uma situação sem esperança, ou em uma derrotada resignação quanto a que nem os homens nem o mundo poderão nunca ser melhores.

Alguém conta a respeito de uma reunião em certa igreja em uma situação de emergência. A reunião se iniciou com uma oração a acusação do presidente. Ele se dirigiu a Deus como "Todo-poderoso e eterno Deus, cuja graça é suficiente para todas as coisas." Usou as expressões

usuais que todos os homens usam em oração. Logo, acabada a oração, começou a parte de negócios da reunião; e o mesmo presidente que tinha orado apresentou os assuntos dizendo: "Senhores, a situação nesta Igreja é totalmente desesperada, e nada se pode fazer." Ou a oração estava composta de palavras vazias e sem sentido, ou esta declaração era falsa.

Tem-se dito faz tempo que não há situações desesperadas; há somente homens que chegaram a se desesperar com relação a elas.

Relata-se que houve uma reunião de gabinete nos mais escuros dias da guerra, justo depois de a França ter capitulado. O senhor Churchill esboçou a situação com suas cores mais severas. Em sentido totalmente literal, Grã-Bretanha tinha ficado sozinha. Quando terminou de falar houve um silêncio; e nos rostos de alguns se via escrita o desespero, enquanto alguns teriam desistido da luta. Churchill esteve silencioso por um momento; logo olhou em torno àquela desalentada companhia. "Senhores", disse, "eu encontro isto mas bem inspirador."

Há na esperança cristã algo que nada pode matar, que nem todas as trevas podem obscurecer; e esse algo é a convicção de que Deus está ainda vivo. Não podemos desesperar de ninguém enquanto exista tal coisa como a graça de Jesus Cristo; e nenhuma situação é desesperada enquanto exista tal coisa como o poder de Deus.

(2) Temos a alegria. Existe toda a diferença do mundo entre prazer e alegria. Os filósofos cínicos, nos dias antigos, declararam que o prazer era o pecado não mitigado.

Antístenes fez a estranha declaração de que ele queria "estar antes louco que satisfeito". Seu argumento era que "o prazer é somente a pausa entre duas dores". A pessoa deseja algo; esta é a dor; obtém-no; o desejo é satisfeito e há uma pausa na dor; desfruta-o e o momento passa; e a dor volta outra vez. E, de verdade, esta é a forma em que o prazer opera. Mas a alegria cristã não depende de coisas que estão fora do homem; sua raiz está no homem, não nas circunstâncias. Provém da consciência da presença viva do Senhor vivo, a certeza de que nada pode nos separar do amor de Deus nele.

(3) Temos a *paz*. Os filósofos antigos buscavam o que chamavam *ataraxia*, a vida sem inquietação. Queriam sobretudo serenidade, essa serenidade que é a prova tanto dos golpes destrutivos como das pequenas moléstias desta vida. A gente poderia quase dizer que hoje a serenidade é uma possessão perdida.

Há duas coisas que tornam impossível a serenidade.

(a) Existe a *tensão interna*. Os homens vivem uma vida demente, porque a palavra *demente* significa literalmente *separar*. Na medida em que um homem é uma guerra civil andante, na medida em que ele mesmo é um campo de batalha, na medida em que é uma personalidade dividida, não pode obviamente ter tal coisa como serenidade. Há um só caminho para sair disso, e é que o eu abdique em favor de Cristo. Quando Cristo governa, a tensão desaparece.

(b) Existe a *preocupação pelas coisas externas*. Há muitos que estão acoçados pelas oportunidades e as mudanças da vida.

H. G. Wells conta como, no porto de Nova Iorque, esteve uma vez em um vapor. Havia neblina, e de repente dentre a neblina apareceu outro vapor, e os dois barcos passaram com apenas uns metros de separação. Viu-se de repente face a face com o que chamou a grande periculosidade geral da vida.

É difícil não preocupar-se, porque o homem é caracteristicamente uma criatura que olha para frente para conjeturar e temer. O único fim para esta preocupação é a total convicção de que, seja o que for que aconteça, a mão de Deus nunca provocará a seu filho um pesar inútil. Acontecerão coisas que não poderemos compreender, mas se estivermos suficientemente seguros do amor, podemos aceitar com serenidade até aquelas coisas que ferem o coração e aturdem a mente.

(4) Existe o *poder*. Aqui está a suprema necessidade dos homens. Não é que não conheçamos o bem; não é que não reconheçamos o valioso; o problema é fazê-lo. O problema é superar e conquistar as coisas, concretizar em atos reais da vida o que Wells chamou "o secreto esplendor de nossas intenções". Nunca poderemos fazê-lo sozinhos.

Somente quando o ímpeto do poder de Cristo enche a fraqueza do homem, podemos governar a vida como deve ser governada. Não podemos fazer nada por nós mesmos; mas com Deus todas as coisas são possíveis.

AS PALAVRAS REVELAM O HOMEM

Romanos 15:14-21

Há poucas passagens que revelam o caráter de Paulo melhor que este. Está chegando ao final de sua carta e quer preparar o campo para a visita que esperava logo fazer a Roma. Quando lemos esta passagem vemos o menos algo do segredo de Paulo para ganhar nos homens.

(1) Paulo se revela como um *homem de tato*. Não há aqui uma irada recriminação. Não censura os irmãos de Roma, nem lhes fala como um zangado professor de escola. Diz-lhes que está somente recordando a eles o que eles sabiam bem, e lhes afirma que está seguro de que eles têm capacidade em si mesmos para emprestar um relevante serviço uns aos outros e a seu Senhor. Paulo estava muito mais interessado no que um homem podia ser que no que era. Via as faltas com total clareza, e as tratava com total fidelidade; mas todo o tempo estava pensando, não na desventurada criatura que era o homem, mas na brilhante criatura que podia ser.

Conta-se que uma vez, quando Miguel Ângelo começou a esculpir um enorme bloco de mármore bruto, disse que seu propósito era libertar o anjo aprisionado na pedra. Da massa disforme lavrou o anjo que seus olhos viam ali.

Paulo também era assim. Ele não queria derrubar e afligir o homem; não criticava para causar ferida e dor; falava com honestidade e com severidade, mas sempre falava porque queria capacitar os homens para o que deviam ser e ainda não tinham alcançado a ser.

(2) A única glória que Paulo reclamou foi ser *ministro de Cristo*. A palavra que utiliza (*leitourgos*) é uma palavra magnífica. Na antiga

Grécia havia certas cargas públicas chamadas *liturgias (leitourgiai)* que eram algumas vezes impostas e outras assumidas voluntariamente pelos homens que amavam a seu país. Havia cinco destes serviços voluntários que cidadãos muito patriotas estavam acostumados a assumir.

(a) Havia a *coregia*, que era o dever de ocupar um lugar no coro. Quando Tosquio e Sófocles e Eurípides estavam produzindo seus imortais dramas, era necessário em cada um deles um coro falado. Havia grandes festivais, como o da cidade de Dionísia, onde deviam ser postas em cena como oitenta novas peças dramáticas. Os homens que amavam a sua cidade se ofereciam como voluntários para reunir, manter, instruir e equipar tais coros com seus próprios recursos.

(b) Havia a *gymnasiarquia*. Os atenienses estavam divididos em dez tribos; e eram grandes atletas. Em certos grandes festivais havia famosas carreiras de tochas, nas quais equipes das várias tribos competiam entre si. Nós ainda falamos de passar *a tocha*. Ganhar a carreira das tochas era uma grande honra, e eram homens de animado espírito público aqueles que, às suas própria custas, selecionavam e sustentavam e treinavam uma equipe para representar sua tribo.

(c) Havia a *cestiasis*. Havia ocasiões em que as tribos se reuniam em uma comida comum e um comum festejo; e eram homens generosos aqueles que assumiam a tarefa de fazer frente aos gastos de tais reuniões.

(d) Havia a *arquetheoria*. Algumas vezes a cidade de Atenas enviava um embaixador a outra cidade ou para consultar o oráculo de Delfos ou Dodona. Em tais ocasiões tudo devia ser feito de maneira tal que se mantivesse a honra da cidade; e eram homens patriotas aqueles que voluntariamente ajudava os gastos de tais embaixadas.

(e) Havia a *trierarquia*. Os atenienses eram a grande potencializa naval do mundo antigo. E uma das coisas mais patrióticas que um homem podia fazer era assumir voluntariamente os gastos de manutenção de um barco de guerra por todo um ano. Este é o pano de fundo desta palavra *leitourgos*. Em épocas mais tardias tais liturgias chegaram a ser obrigatórias e não voluntárias, na medida em que morreu

o patriotismo. Mais tarde o termo chegou a ser usado para referir-se a qualquer classe de serviço; e até mais tarde chegou a ser usado especialmente com referência ao culto e ao serviço prestado nos templos dos deuses. Mas o termo sempre teve esse pano de fundo de serviço generoso. Exatamente como nos dias antigos, alguém deixava sua fortuna sobre o altar do serviço a sua amada Atenas; assim Paulo deixou todas suas coisas sobre o altar do serviço a Cristo, e estava orgulhoso de ser o servo de seu Senhor.

(3) Paulo se via si mesmo, no esquema das coisas, como um *instrumento nas mãos de Cristo*. Ele não falava do que tinha feito; mas sim do que Cristo fazia com ele. Nunca dizia de algo: "Eu o fiz." Sempre dizia: "Cristo me usou para fazê-lo."

Conta-se que a mudança na vida de D. L. Moody sobreveio quando foi a uma reunião e ouviu um pregador dizer: "Se só um homem se entregasse inteiramente e sem reservas ao Espírito Santo, que não poderia fazer com ele esse Espírito!" Moody disse a si mesmo: "Por que não poderia ser eu esse homem?" E todo mundo sabe o que o Espírito de Deus fez com D. L. Moody.

Quando um homem cessa de pensar no que pode fazer e começa a pensar no que Deus pode fazer com ele, é quando começam a acontecer coisas.

(4) A ambição de Paulo era ser *um iniciador*. Diz-se que, quando Livingstone se ofereceu como missionário à Sociedade Missionária de Londres, foi-lhe perguntado aonde gostaria de ir. "Aonde quer que seja", disse, "contanto que seja para frente." E quando chegou à África foi atraído pela fumaça de mil aldeias que viu à distância.

A ambição de Paulo era levar as boas novas de Deus aos homens que nunca as tinham ouvido. E toma um texto de Isaías 52:15 para expressar seu propósito.

PLANOS PRESENTES E FUTUROS**Romanos 15:22-29**

Aqui temos Paulo falando de um plano imediato e de um futuro.

(1) Seu plano futuro era ir a Espanha. Havia duas razões pelas quais Paulo queria ir a Espanha. Primeiro, Espanha estava no próprio limite oeste da Europa. Era em um sentido o limite do mundo civilizado, e pelo próprio fato de ser tal coisa atraía a Paulo para pregar ali. Ele queria caracteristicamente levar as boas novas de Deus tão longe que não pudesse ir mais longe.

(2) Nesta época a Espanha estava experimentando uma esperança do estalo do gênio. Muitos dos grandes homens do Império eram espanhóis. Lucano, o poeta épico; Marcial, o mestre dos epigramas; Quintiliano, o maior dos mestres de oratória de seus dias; todos eram espanhóis. E, sobretudo, Sêneca, o grande filósofo estóico, e, primeiro tutor, e depois primeiro-ministro de Nero, o imperador romano, era espanhol. Bem pode ser que Paulo dissesse para si mesmo que com apenas poder tocar essa terra da Espanha para Cristo podiam acontecer grandes coisas.

(3) O plano imediato de Paulo era ir a Jerusalém. Paulo tinha tido um plano muito querido para seu coração. Fazia acertos para que em suas jovens Igrejas se levantasse uma coleta para os pobres da Igreja de Jerusalém. Não há dúvida de que esta coleta era necessária. Numa cidade como Jerusalém, muitos dos empregos disponíveis deviam estar ligados ao Templo e às necessidades do Templo. Todos os sacerdotes e as autoridades do Templo eram saduceus, e os saduceus eram os maiores inimigos de Jesus. Portanto em Jerusalém deve ter acontecido que muitos dos nomes, quando se fizeram cristãos, perderam seus empregos e caíram na pobreza. A ajuda que as Igrejas jovens podiam dar era muito necessária. Mas havia pelo menos outras três grandes razões por que Paulo estava tão ansioso por levantar essas ofertas para Jerusalém.

(a) Para ele mesmo era o pagamento de uma dívida e um dever. Quando se tinha acordado que Paulo devia ser o apóstolo aos gentios, os dirigentes da Igreja lhe impuseram um requisito: que se lembrasse dos pobres (Gálatas 2:10). “O que” diz Paulo, “também me esforcei por fazer”, e Paulo não era homem de romper uma promessa ou esquecer uma dívida, e agora esta dívida estava a ponto de ser paga, ao menos em parte.

(b) Não havia melhor maneira de demonstrar em forma prática a unidade da Igreja. Esta era uma maneira de ensinar às Igrejas jovens que não eram unidades isoladas, mas membros de uma grande Igreja através de todo o mundo. O grande valor de dar para outros é que nos faz lembrar que não somos membros de uma congregação, mas sim de uma Igreja que é tão ampla como o mundo.

(c) Não havia melhor maneira de pôr em prática o cristianismo. Era muito fácil falar a respeito da generosidade cristã e pregar a respeito dela; aqui estava a oportunidade de converter as palavras cristãs em ações cristãs.

Assim, pois, Paulo está a caminho de Jerusalém, e planejando uma viagem a Espanha. Até onde sabemos, Paulo nunca chegou a Espanha, já que em Jerusalém enfrentou os problemas que o levaram a seu longo encarceramento e a sua morte. Ao que parece este foi um plano do grande pioneiro que nunca se concretizou.

VISÃO CLARA DO PERIGO

Romanos 15:30-33

Chegamos ao final da última passagem dizendo que, na medida do que sabemos, o plano de Paulo para ir a Espanha nunca se concretizou. Sabemos com certeza que, quando Paulo foi a Jerusalém, foi detido ali e que passou os seguintes quatro anos na prisão, dois deles em Cesaréia e dois em Roma. Aqui aparece outra vez o grande caráter de Paulo.

(1) Quando Paulo foi a Jerusalém sabia o que estava fazendo. Era bem consciente dos perigos que o aguardavam. Sabia que estava colocando-se na boca do leão e ficando sob o poder daqueles que o odiavam. Exatamente como seu Mestre tinha manifestado no semblante a decisão de ir para Jerusalém (Lucas 9:51), também o fez Paulo. A coragem maior é saber que algum perigo nos aguarda e continuar. Esta é a coragem que mostrou Jesus; esta é a coragem que mostrou Paulo; e esta é a coragem que todos os seguidores de Cristo devem mostrar.

(2) Em tal situação Paulo pediu as orações da Igreja cristã em Roma. É uma grande coisa continuar sabendo que estamos envoltos pelo calor das orações daqueles que nos amam. Por mais separados que estejamos daqueles que amamos, sejam quais forem os perigos em que possam estar, nós e eles podemos nos encontrar ao redor do assento da misericórdia de Deus.

(3) Paulo lhes deixa sua bênção ao ir embora. Indubitavelmente, isso era tudo o que podia lhes dar. Mesmo que não tenhamos nada mais, podemos ainda apresentar a nossos amigos e amados em oração a Deus.

(4) Foram as bênçãos do Deus de paz o que Paulo enviou a Roma e foi com a presença do Deus de paz que ele mesmo foi a Jerusalém com todas as suas ameaças. O homem que tem a paz de Deus em seu coração pode enfrentar sem temor todos os perigos da vida.

Romanos 16

Uma carta de recomendação - 16:1-2

A casa que era Igreja - 16:3-4

Para cada nome uma recomendação - 16:5-11

Romances ocultos - 16:12-16

Uma última apelação de amor - 16:17-20

Saudações - 16:21-23

O final é louvor - 16:25-27

UMA CARTA DE RECOMENDAÇÃO**Romanos 16:1-2**

Quando uma pessoa está buscando um novo emprego ou uma nova posição, geralmente apresenta referências ou um testemunho de alguém que a conhece bem e que pode certificar seu caráter e sua capacidade. Quando uma pessoa vai viver em algum povo desconhecido, freqüentemente leva consigo alguma carta de apresentação de alguém que conhece alguma pessoa nesse povo. No mundo antigo estas cartas eram muito comuns. Eram conhecidas como *sustatikai epistolai*, cartas de recomendação ou apresentação. Ainda conservamos muitas destas cartas escritas em papiros, e recuperadas dentre montões de lixo enterrados nas areias do deserto no Egito.

Um tal Mystarión, olivicultor egípcio, enviou a seu servo com um recado para o Stotoetis, um sumo sacerdote, e lhe deu uma carta de apresentação:

Mystarión a seu Stotoetis, muitas saudações.

Envio a você meu Blasto por veredas para meu olival.

Veja, pois, para não demorar, porque sabe quanto o necessito a toda hora.

A Stotoetis, sumo sacerdote da ilha.

Esta é uma carta de recomendação para apresentar a Blasto, quem foi com um recado. Assim Paulo escreve para apresentar ao Febe à Igreja em Roma.

Febe procedia de Cencreia, que era o porto de Corinto. Algumas vezes é chamada *diaconisa*, mas não é provável que ocupasse o que poderíamos chamar uma posição oficial na Igreja. Pode não ter havido época na Igreja cristã em que o trabalho das mulheres não fosse de infinito valor. E deve ter sido especialmente assim nos dias da Igreja primitiva. No caso do batismo por imersão total, como se fazia então, na visita aos doentes, na distribuição de mantimentos aos pobres, as

mulheres devem ter desempenhado uma grande parte na vida e o trabalho da Igreja, mas naquele tempo não tinham nenhuma posição oficial.

Paulo encomenda ao Febe às boas-vindas da Igreja de Roma. Pede às pessoas de Roma que a recebam como as pessoas dedicadas a Deus devem receber umas a outras. Não deveria haver estranhos na família de Cristo; entre os cristãos não deveriam ser necessárias as apresentações formais, porque certamente eles são filhos e filhas do mesmo Pai, e portanto irmãos entre si. Mas contudo uma Igreja não é sempre a instituição acolhedora que deveria ser. É possível que as Igrejas, e ainda mais as organizações eclesíásticas, cheguem a ser pequenas camarilhas, quase pequenas sociedades fechadas que não têm verdadeiro interesse em receber ao estranho. Quando um estranho chega entre nós, o conselho de Paulo até segue sendo bom: recebam ao tal da maneira que as pessoas dedicadas a Deus devem receber umas as outras.

A CASA QUE ERA IGREJA

Romanos 16:3-4

Não há no Novo Testamento um casal mais fascinante que Priscila e Áqüila. Priscila é um diminutivo afetuoso da Prisca. Começemos com os fatos a respeito sobre eles dentre os que estamos seguros.

Aparecem pela primeira vez em Atos 18:2. Por esta passagem sabemos que anteriormente estavam residindo em Roma. Cláudio promulgou um decreto, em 52 d. C., expulsando os judeus de Roma. O anti-semitismo não é uma coisa nova, e os judeus foram odiados no mundo antigo como eles são freqüentemente odiados hoje em dia. Quando os judeus foram expulsos de Roma, Priscila e Áqüila se radicaram em Corinto. Eram fabricantes de tendas, que era o mesmo ofício de Paulo, e ele encontrou um lar com eles. Quando Paulo deixou Corinto e foi a Éfeso, Priscila e Áqüila foram com ele e se radicaram ali (Atos 18:18). O primeiro incidente que deles se relata os caracteriza.

Tinha chegado a Éfeso aquele douto e brilhante Apolo; mas por então Apolo não tinha uma completa compreensão e apreciação da fé cristã; assim Priscila e Áqüila o levaram a sua casa e lhe brindaram amizade e instrução na fé cristã (Atos 18:24-26). Desde o começo Priscila e Áqüila foram pessoas que conservaram um coração aberto e uma porta aberta.

A vez seguinte que ouvimos falar já deles estão em Éfeso. Paulo escreveu sua primeira carta aos coríntios de Éfeso e nela envia saudações de Priscila e Áqüila e da Igreja que está em sua casa (1 Coríntios 16:10). Isto foi muito antes dos dias em que chegaria a haver tal coisa como edifícios especiais para as Igrejas; e o lar da Priscila e Áqüila servia como lugar de reunião para um grupo de cristãos. Quando voltamos a ouvir falar deles estão aqui em Roma. O decreto de Cláudio, pelo qual os judeus tinham sido expulsos, tinha deixado de ter vigência e Priscila e Áqüila não duvidaram, como muitos outros judeus, em voltar para seu antigo lar e a seus antigos negócios. E mais uma vez descobrimos que são exatamente os mesmos: outra vez há uma Igreja, um grupo de cristãos que se reúne em seu lar. Em outra ocasião, pela última vez, aparecem em 2 Timóteo 4:19, e mais uma vez estão em Éfeso; e uma das últimas mensagens que possivelmente Paulo tenha enviado foi uma mensagem de saudação a este casal de cristãos que tinham passado tantas coisas com ele.

Priscila e Áqüila viviam uma curiosa vida nômade e instável. O próprio Áqüila tinha nascido no Ponto, na Ásia Menor (Atos 18:2). Encontramo-los primeiro residindo em Roma, logo em Corinto, logo em Éfeso, logo depois de volta a Roma, e logo finalmente de volta a Éfeso; mas em qualquer lugar os encontrarmos, achamos que seu lar é um centro de comunidade e serviço cristão. Cada lar deveria ser uma Igreja, porque uma Igreja é um lugar onde habita Jesus. O lar da Priscila e Áqüila, em qualquer lugar estivesse, irradiava amizade, comunhão e amor. Se alguém for um estranho em um povo estranho ou em um país estranho, uma das coisas mais valiosas do mundo é ter um lar aonde ir. Tal lar tira a solidão e protege da tentação. Às vezes pensamos a respeito de um lar

como de um lugar com a porta fechada, um lugar ao qual podemos entrar e fechar a porta e deixar o mundo fora; mas também um lar deveria ser um lugar com uma porta aberta. Porta aberta, mão aberta e coração aberto são as características da vida cristã.

Isto é o que sabemos a respeito de Priscila e Áqüila; mas pode ser até que haja um romance maior em seu historia. Até hoje, há em Roma uma Igreja da Santa Priscila em Aventino. Há também um cemitério de Priscila. Agora, este cemitério é o lugar de sepultura de uma antiga família romana conhecida como a família Aquiliana. Nele jaz sepultado Aquilio Glabro. Aquilio Glabro foi cônsul de Roma, em 91 d. C., e esta era a mais alta função que Roma podia lhe oferecer; e parece extremamente provável que este Aquilio Glabro tenha morrido como um mártir cristão. Deve ter sido um dos primeiros grandes romanos que veio a ser cristão e sofrer por sua fé. Agora, quando as pessoas recebiam sua liberdade no Império Romano, anexava-as a uma das grandes famílias e tomavam um dos nomes da família como seu nome. Um dos nomes femininos mais comuns na família Aquilina era Priscila; e Aquilio é muito semelhante a Áqüila. Aqui nos enfrentamos com duas fascinantes possibilidades:

(1) Possivelmente Priscila e Áqüila receberam sua liberdade de parte de algum membro da família Aquiliana, na qual poderiam ter sido escravos. Poderia ser que estas duas pessoas tenham semeado a semente do cristianismo naquela família de modo que um dia um membro dela — Aquilio Glabro, nada menos que um cônsul romano — chegasse a ser cristão? Poderia ser que o cristianismo alcançasse às mais altas pessoas no Estado Romano porque Priscila e Áqüila o levaram primeiro à família da qual tinham saído?

(2) Há uma possibilidade ainda mais romântica. É um coisa estranha que, em quatro das seis menções deste casal no Novo Testamento, Priscila é nomeada *antes* que seu marido. Normalmente o nome do marido deveria vir primeiro; nós dizemos "senhor e senhora". Mas neste caso o nome da Priscila precede regularmente ao nome de seu

marido. Existe justamente a possibilidade de que isto se deva a que Priscila mesma não seria uma liberta, mas uma grande dama, realmente um membro por nascimento da família Aquiliana. Poderia ser que, em alguma reunião dos cristãos, esta grande dama romana se encontrasse com Áqüila, o humilde judeu fabricante de tendas, que os dois se apaixonassem, que o cristianismo destruía as barreiras de raça e posição e riquezas e nascimento, e que ambos, a aristocrata romana e o artesão judeu, se unissem para sempre no amor cristão e no serviço cristão.

Destas especulações nunca poderemos estar seguros, mas sim podemos ter certeza de que muitos em Corinto, em Éfeso e em Roma deviam suas almas a Priscila e Áqüila e àquele lar que era uma Igreja.

PARA CADA NOME UMA RECOMENDAÇÃO

Romanos 16:5-11

Sem dúvida atrás de cada um destes homens há uma história que é um romance em Cristo. Não conhecemos nenhuma dessas histórias, mas em alguns casos podemos conjecturar e especular. Neste capítulo há vinte e quatro nomes individuais.

Há duas coisas interessantes para notar.

(1) Dos vinte e quatro, seis são mulheres. Isto é digno lembrar-se, porque freqüentemente se acusa a Paulo de menosprezar a situação das mulheres na Igreja. Se quisermos realmente ver a atitude de Paulo para com as mulheres na Igreja, deveremos ler uma passagem como esta, onde sua apreciação pelo trabalho que elas podiam fazer na Igreja brilha e reluz através de suas palavras.

(2) Dos vinte e quatro nomes, treze aparecem em inscrições ou documentos que têm que ver com a casa imperial e o palácio do imperador em Roma. Muitos deles são nomes muito comuns, mas não obstante isto é sugestivo. Em Filipenses 4:22 Paulo fala dos santos que estão na casa de César. Talvez fossem em seu maior parte escravos, mas

contudo é importante que o cristianismo ao que parece tenha penetrado tão cedo em palácios e na casa imperial.

Andrônico e Júnias formam um par de nomes interessantes, porque o mais provável é que Júnias seja um nome de mulher. Isto significaria que na Igreja primitiva uma mulher podia ser distinguida e honrada como apóstolo. Os apóstolos neste sentido eram pessoas que a Igreja enviava para anunciar a história do evangelho de Jesus. Paulo diz que Andrônico e Júnias eram cristãos antes que ele o fosse. Isto significa que deviam provir diretamente do tempo de Estêvão; deviam ter um enlace direto com a mais primitiva Igreja em Jerusalém.

Atrás do nome de Ampliato bem pode haver uma história interessante. Ampliato é um nome muito comum entre os escravos. Agora, no cemitério de Domitila, que é a mais primitiva das catacumbas romanas, há uma tumba decorada com o simples nome de *Ampliatius* (Ampliato) gravado com letras artísticas e decorativas. Agora, o fato de que o simples nome de Ampliato só esteja gravado na tumba — os romanos que eram cidadãos tinham três nomes: *nomen*, *praenomen* y *cognomen* — indicaria que este Ampliato era um escravo; mas a tumba trabalhada e as letras artísticas indicariam que era um homem de alta posição na Igreja. E disto resulta simples ver que, nos primeiros dias da Igreja, as distinções de cargo e posição eram de tal maneira omitidas que era possível para um homem ser ao mesmo tempo um escravo e um príncipe da Igreja. Diferenças sociais não existiam. Não temos meios de saber se o Ampliato de Paulo é o Ampliato da tumba do cemitério da Domitila, mas não é impossível que o fosse.

A casa de Aristóbulo pode também ser uma frase que oculte uma interessante história. Em Roma, o termo casa não descrevia somente a família e relações pessoais de um homem; incluía também a seus servos e escravos, como poderíamos dizer seu estabelecimento total. Agora, em Roma, por longo tempo, tinha vivido um neto de Herodes o Grande cujo nome era Aristóbulo. Este Aristóbulo viveu sempre como um indivíduo particular e não havia herdado nenhum dos domínios de Herodes; mas

era amigo íntimo do imperador Cláudio. Quando morreu, seus servos e escravos passaram a ser propriedade do imperador e vieram a ser sua propriedade, mas continuaram sendo uma seção do estabelecimento do imperador conhecido como *a casa de Aristóbulo*. Assim, esta frase bem pode descrever os servos e escravos judeus que uma vez tinham pertencido a Aristóbulo, o neto de Herodes, e que então tinham chegado a ser propriedade do imperador. Isto se faz muito mais provável pelos nomes que se mencionam a cada lado desta frase. *Apele* muito bem pode ser o nome adotado por um judeu chamado *Abel*; e *Herodião* é um nome que obviamente quadraria a quem tivesse alguma relação com a família de Herodes.

A casa de Narciso pode ter até outra interessante historia. Narciso era um nome comum; mas o Narciso mais famoso foi um liberto que tinha sido secretário do imperador Cláudio e que exerceu uma notória influência sobre o imperador. Diz-se dele que chegou a acumular uma fortuna privada de quase dez milhões de dólares. Seu poder residia no fato de que toda a correspondência dirigida ao imperador tinha que passar por suas mãos e nunca chegavam ao imperador a menos que ele o permitisse. Amassou sua fortuna pelo fato de que as pessoas lhe pagavam grandes subornos para assegurar-se de que suas petições e solicitudes chegassem ao imperador. Quando Cláudio foi assassinado e Nero subiu ao trono, Narciso sobreviveu por um curto tempo, mas finalmente foi compelido a suicidar-se, e toda sua fortuna e toda sua casa de escravos passou ao poder de Nero. Bem pode ser que aqui se faça referência aos que tinham sido escravos deles. Se Aristóbulo for realmente o Aristóbulo que foi neto de Herodes, e se Narciso é realmente o Narciso que foi secretário de Cláudio, então isto significa que muitos dos escravos da corte imperial já eram cristãos.

A levedura do cristianismo tinha alcançado os mais altos círculos do Império.

ROMANCES OCULTOS**Romanos 16:12-16**

É indubitável que atrás de cada um destes nomes há uma história; mas somente sobre uns poucos deles podemos fazer conjeturas e tentar uma reconstrução.

(1) Quando Paulo escreveu suas saudações a Trifena e Trifosa — que muito provavelmente fossem irmãs gêmeas — o fez certamente com um sorriso, porque na maneira em que os colocou soa como uma completa contradição de termos. Três vezes, nesta lista de saudações, Paulo usa certo termo grego para referir-se ao trabalho e trabalho cristãos. Usa-o com referência a Maria (versículo 6), e a Trifena e Trifosa e de Pérside, nesta passagem. É o verbo *kopian*, e *kopian* significa *trabalha até o cansaço*; significa dar ao trabalho tudo o que alguém pode dar; significa trabalhar até o esgotamento total. Isto é o que Paulo diz que Trifena e Trifosa costumavam fazer; e o interessante é que os nomeie *Trifena* e *Trifosa* significa respectivamente *refinada* e *delicada*.

É como se Paulo dissesse: "Vocês duas podem ser chamadas *refinada* e *delicada*, mas desmentem seus nomes trabalhando como troianos pela causa da Igreja e de Cristo." Podemos imaginar uma piscada nos olhos de Paulo e um sorriso cruzando seu rosto ao dedicar esta saudação.

(2) Há um dos grandes romances do Novo Testamento oculto depois do nome de Rufo e sua mãe, que era também uma mãe para Paulo. É óbvio que Rufo era um espírito seleta e um homem afamado por sua obra e santidade na Igreja romana; e é igualmente óbvio que Paulo sentia que tinha uma profunda dívida de gratidão com a mãe de Rufo, pelos favores que tinha recebido dela.

Quem era este Rufo? Retrocedamos a Marcos 15:21. Ali lemos de um Simão Cireneu que foi obrigado a levar a cruz de Jesus no caminho ao Calvário; e a este Simão se faz referência como *o pai de Alexandre* e

de Rufo. Agora, se um homem é identificado pelo nome de seus filhos significa que, embora ele mesmo possa não ser pessoalmente conhecido pela comunidade a qual é relatada a história, os filhos sim são.

A que Igreja escreveu Marcos seu evangelho? É quase certo que escreveu para a Igreja de Roma, e sabia que essa Igreja saberia quem eram Alexandre e Rufo. E, é quase certo que aqui voltamos a encontrar a Rufo. Era o filho daquele Simão que levou a cruz de Jesus. Aquele deve ter sido um dia terrível para Simão. Ele era um judeu; tinha chegado da longínqua Cirene, na África do Norte. Sem dúvida teria reunido pouco a pouco e economizado quase toda sua vida para celebrar uma Páscoa em Jerusalém. Veio, e logo que entrou na cidade naquele dia, com o coração transbordante pela grandiosidade da festa que veio celebrar, repentinamente, a ponta da lança de um romano lhe tocou no ombro; foi recrutado para o serviço romano; encontrou-se levando a cruz de um criminoso.

Quanto terá comovido seu coração o ressentimento! Quanta ira e amargura terá tido com esta terrível indignidade! Todo o caminho desde Cirene para isto! Ter vindo de tão longe para ter um lugar na glória da Páscoa e ter passado tudo isto tão terrível e vergonhoso! Sem dúvida se terá proposto, logo que chegasse ao Calvário, arrojar a cruz e fugir com seu coração cheio de repugnância. Mas algo deve ter acontecido. No caminho ao Calvário, o feitiço daquela figura quebrantada deve ter tendido seus brincos ao redor de seu coração. Deve ter-se detido a observar, e aquela figura na cruz atraiu para si a Simão para sempre. A oportunidade do encontro no caminho ao Calvário mudou a vida de Simão para sempre. Tinha vindo para participar da Páscoa judia e se tornou escravo de Cristo. Deve ter ido a seu lar e deve ter levado sua esposa e filhos à mesma experiência que ele teve. Podemos tecer todo tipo de especulações sobre isto.

Houve homens *de Chipre e de Cirene* que foram a Antioquia, que foram os primeiros em pregar o Evangelho ao mundo gentio (Atos 11:20). Foi Simão um dos homens de Cirene? Estava Rufo com ele?

Estavam eles entre os que deram o primeiro grande passo para converter a mundo à fé cristã? Estavam eles entre os que ajudaram a Igreja a romper os laços do judaísmo nos quais poderia ter ficado encadeada?

Pode ser que em algum sentido nós hoje devamos o fato de ser cristãos ao estranho episódio no qual um homem de Cirene foi obrigado a levar uma cruz no caminho ao Calvário?

Voltemos a Éfeso quando há um alvoroço ocasionado pelo povo que servia a Diana dos efésios, e quando a multidão teria linchado a Paulo se tivessem podido prendê-lo. Quem se levantou para olhar àquela multidão diretamente? Um homem chamado Alexandre (Atos 19:33). É este o outro irmão, que enfrenta as coisas com Paulo? E quanto a sua mãe: certamente ela, em alguma hora de necessidade, deve ter levado a Paulo a ajuda e o ânimo e o amor que sua própria família lhe tinha negado quando se tornou cristão. Tudo isto podem ser meras conjeturas, porque os nomes Alexandre e Rufo eram comuns; mas pode ser certo e pode ser que as coisas mais surpreendentes tenham acontecido a partir daquele encontro casual no caminho ao Calvário.

(3) Fica outro nome que pode ter uma história possivelmente mais surpreendente ainda — o nome de Nereu. Em 95 d. C. aconteceu um fato que comoveu Roma. Duas das pessoas mais distinguidas de Roma foram condenadas por serem cristãos. Eram marido e mulher. O marido era Flávio Clemente. Tinha sido cônsul de Roma. A mulher era Domitila e era de sangue real. Era neta do Vespasiano, o anterior imperador, e sobrinha de Domiciano, o imperador te reinem. De fato, os dois filhos de Flávio Clemente e Domitila tinham sido designados sucessores de Domiciano no poder imperial. Flávio foi executado e Domitila foi desterrada à ilha de Pontia, onde anos depois Paula viu a cova onde "ela resistiu um longo martírio pelo nome de Cristo". E agora a questão — o nome do servo de Flávio e Domitila era Nereu. É possível que o escravo Nereu tenha tido algo que ver com a conversão ao cristianismo do ex-cônsul Flávio Clemente e a princesa de sangue real Domitila? Outra vez

pode ser uma especulação ociosa, porque Nereu é um nome comum, mas bem poderia ser certo.

Há outro fato de interesse para adicionar a esta história. Flávio Clemente era filho de Flávio Sabino. Agora, Flávio Sabino, o pai, tinha sido prefeito da cidade de Nero, nos dias em que este tinha açoitado sadicamente os cristãos, depois de tê-los culpado de ser os responsáveis pelo espantoso incêndio que tinha devastado a Roma no ano 64 d. C. Como prefeito da cidade, Flávio Sabino deve ter sido o oficial executor de Nero naquela perseguição. Foi então quando Nero ordenou que os cristãos fossem melados com resina e foi-lhes prendido fogo para formar tochas viventes para seus jardins; que fossem costurados em peles de animais selvagens e jogados aos ferozes cães de caça; que fossem encerrados em barcos que se afundariam no líber.

É possível que trinta anos antes de morrer por Cristo, Flávio Clemente, jovem como então devia ter sido, tenha visto a intrépida coragem e heroísmo dos mártires, e tenha perguntado maravilhado o que os fazia capazes de morrer de tal maneira? Cinco versículos de nomes e saudações, mas que abrem perspectivas que emocionam o coração!

UMA ÚLTIMA APELAÇÃO DE AMOR

Romanos 16:17-20

Romanos é uma carta que Paulo encontrou muito difícil de acabar. Tinha enviado suas saudações; mas antes de concluir faz uma última apelação aos cristãos de Roma, para que se guardem de toda má influência. Seleciona duas das características dos homens que são daninhas para a Igreja e para a comunidade dos cristãos.

(1) Há pessoas que causam dissensão entre os irmãos. Um homem que faz algo que perturba a paz da Igreja tem muito por que responder.

Uma vez um ministro estava falando com um homem recém vindo a sua congregação de outro povo. O homem, obviamente tinha muito pouco do amor de Cristo nele. Disse-lhe: "Conhece você tal e tal

congregação?" E mencionou a congregação da qual tinha sido membro anteriormente. "Sim", disse o ministro. "Bem", disse o homem com certo maligno deleite, "eu a arruinei!"

Há pessoas que se orgulham de provocar distúrbios, e que não gostam de nada melhor que semear as sementes venenosas da dissensão e aguardar a irrupção da contenda. O homem que é um perturbador da paz, o homem que desatou a luta em qualquer grupo de irmãos terá que responder por isso algum dia Àquele que é o Rei e a Cabeça da Igreja.

(2) Há homens que põem obstáculos no caminho de outros. O homem que torna mais difícil para qualquer outro o ser cristão, também tem muito pelo qual responder. O homem cuja conduta é um mau exemplo, cuja influência é uma armadilha pecaminosa, cujo ensino dilui e castra a fé cristã que pretende ensinar, levará algum dia seu castigo; e não será leve, porque Jesus foi severo com qualquer que escandalizasse a um de seus pequenos.

Há nesta passagem dois termos interessantes. Existe o termo que se traduz com *suaves palavras* (*crestologia*). Os próprios gregos definiam a um *crestologos* como "um homem que fala bem e que age mal". É o tipo de homem que, atrás de uma fachada de palavras pias e religiosas, é uma má influência; o homem que faz desencaminhar, não por um ataque direto, mas sutilmente; o homem que pretende servir a Cristo, mas que na realidade está destruindo a fé. Existe o termo que se traduz *ingênuos*. É o termo *akeraios*, e se aplica ao metal que não tem pinga de liga, do vinho e o leite puros e não adulterados com água. Descreve algo que está absolutamente livre de qualquer tipo de impureza ou corrupção. O cristão deve ser uma pessoa cuja total sinceridade deve estar além de todo questionamento e de toda dúvida.

Nesta passagem é preciso notar uma coisa: está claro que os problemas latentes na Igreja de Roma ainda não tinham feito eclosão. Paulo, certamente, diz que crê que a Igreja romana é bem capaz de enfrentar a situação. Paulo era um pastor sábio, porque cria que a prevenção era melhor que a cura. Frequentemente em uma igreja ou

numa sociedade se permite que uma má situação se desenvolva porque ninguém tem a coragem de enfrentá-la; e freqüentemente, quando a situação se desenvolveu totalmente, já é muito tarde para enfrentá-la. É fácil extinguir uma faísca se se derem imediatamente os passos para isso, mas é quase impossível extinguir o incêndio de um bosque. Paulo teve a sabedoria de enfrentar a tempo uma situação ameaçadora.

A passagem fecha com uma coisa muito sugestiva. Paulo diz que o *Deus da paz* esmagará e derrocará a Satanás, o poder do mal. Devemos notar que a paz de Deus é a paz da ação, da conquista e da vitória. Existe um tipo de paz que pode ser feita à custa de evadir todas as questões, rechaçar toda decisão, fechar os olhos a todas as coisas que reclamam ser enfrentadas, uma paz que provém de uma inatividade letárgica e uma evasão de toda ação decisiva. O cristão deve sempre lembrar que a paz de Deus não é a paz que se submete ao mundo, mas a paz que venceu o mundo.

SAUDAÇÕES

Romanos 16:21-23

É tentador buscar identificar o grupo de amigos que enviam suas saudações junto com as de Paulo. Timóteo era a mão direita de Paulo, o homem a quem Paulo via como seu sucessor, o homem de quem mais tarde Paulo diria que ninguém conhecia tão bem sua mente (Filipenses 2:19-20). Lúcio pode ser o Lúcio de Cirene, quem era um dos profetas e professores de Antioquia que primeiro enviaram a Paulo e Barnabé a suas viagens missionárias (Atos 13:1). Jasom pode ser o Jasom que deu hospitalidade a Paulo em Tessalônica e que sofreu por ele às mãos da multidão (Atos 17:5-9). Sosípatro pode ser o Sópater de Beréia que levou a parte de sua Igreja na coleta, com o grupo que foi a Jerusalém com Paulo (Atos 20:4). Gaio pode ser o Gaio que foi uma das duas pessoas que o próprio Paulo batizou em Corinto (1 Coríntios 1:14).

Por primeira e única vez sabemos o nome do secretário e amanuense que escreveu realmente esta carta ditada por Paulo, já que Tércio proferiu sua própria saudação. Nenhum grande homem pode fazer sua obra sem a ajuda que lhe prestam humildes colaboradores. Os outros escribas e secretários de Paulo são anônimos, de modo que Tércio é o representante daqueles humildes desconhecidos que foram escrivães de Paulo.

Uma das coisas mais interessantes de todo este capítulo é a forma em que várias vezes Paulo caracteriza as pessoas com uma só frase. Não tem espaço para dizer mais, mas várias vezes uma só frase define à pessoa da qual está escrevendo.

Aqui há dois grandes sumários. Gaio é o homem da hospitalidade; Quarto é, em uma palavra, o irmão. É uma grande coisa entrar na história como o homem da casa aberta e o homem de coração fraternal.

Algum dia as pessoas nos definirão em uma frase. Qual será essa frase?

O FINAL É LOUVOR

Romanos 16:25-27

Desta maneira a carta aos romanos chega a um final com doxologia, que é também um resumo do evangelho. Aqui ressoam as notas do evangelho que Paulo pregou e amou.

(1) É um evangelho que faz os homens capazes de manter-se firmes. Deus disse a Ezequiel: “Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo” (Ezequiel 2:1). O Evangelho é aquele poder que faz os homens capazes de erguer-se solidamente contra os embates do mundo e os assaltos da tentação.

Um jornalista relata um grande incidente da guerra civil espanhola. Havia uma pequena guarnição sitiada. O fim estava perto e havia ali alguns que desejavam submeter-se e render-se e assim salvar suas vidas; mas havia outros que desejavam seguir lutando. Enfim o assunto ficou

resolvido quando uma alma valorosa declarou: "É melhor morrer de pé que viver de joelhos."

A vida pode ser difícil; algumas vezes um homem é obrigado a ficar de joelhos pelos golpes que a vida lhe oferece. A vida pode ser perigosa; às vezes um homem pode cair nos escorregadios lugares da tentação. O evangelho é o poder de Deus para salvação; é aquele poder que mantém um homem seguro, que o faz capaz de enfrentar a vida erguido, mesmo que a vida seja tremendamente ameaçadora.

(2) É um evangelho que Paulo pregava e que foi devotado por Jesus Cristo. Quer dizer, o evangelho tem sua fonte em Cristo e é irradiado pelos homens. Sem Jesus Cristo não pode haver evangelho algum; mas sem homens para transmitir esse evangelho, outros homens não podem nunca ouvir dele.

O dever cristão é que o homem uma vez encontrado por Cristo deve ir diretamente a buscar outros para ele. Quando Jesus encontrou a André, João disse dele: "Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias" (João 1:41).

Aqui está o privilégio cristão e o dever cristão. O privilégio cristão é nos apropriar-nos das boas novas; o dever cristão é transmitir essas boas novas a outros.

Há um famoso relato que conta como Jesus, depois da cruz e da ressurreição, voltou para sua glória, levando ainda as marcas de seus sofrimentos. Um dos anjos lhe disse: "Você deve ter sofrido terrivelmente pelos homens lá embaixo." "Assim foi", disse Jesus. "Todos eles sabem a respeito do que fez por eles?", perguntou o anjo. "Não", disse Jesus, "ainda não, somente uns poucos sabem *a respeito* disso na Palestina, não mais." "Então", disse o anjo, "o que tem feito para que todos eles saibam a respeito disso?" "Bem", disse Jesus, "pedi a Pedro e Tiago e João que se ocupem de contá-lo a outros, e os outros a outros mais, até que o homem mais longínquo, no mais amplo círculo, tenha ouvido a história."

O anjo olhou com ar de dúvida, porque sabia quão pobres criaturas eram os homens. "Sim", disse, "mas, e se Pedro e Tiago e João se esquecem? Se eles se cansarem de relatá-lo? Se lá longe, no século vinte, os homens deixam de relatar a história de seu amor por eles? O que ocorrerá então? Fez outros planos?" E Jesus voltou a responder: "Eu não tenho fiz nenhum outro plano. *Conto com eles.*"

Jesus morreu para nos dar o evangelho; e agora conta conosco para transmiti-lo a todos os homens.

(3) É um evangelho que é a consumação da história. É algo que esteve ali por todas as idades e que na vinda de Cristo foi revelado ao mundo. Com a vinda de Cristo aconteceu algo único. Com sua vinda a eternidade invadiu o tempo. Com sua vinda Deus irrompeu na Terra. Sua vinda é o eixo da história. Foi o acontecimento para o qual toda a história estava partindo; e é o acontecimento do qual toda a história subsequente flui. O fato singelo é que depois da vinda de Cristo o mundo já não pôde ser mais o mesmo. Aconteceu algo que não pode ser passado por alto. A vinda de Cristo é o fato central da história, ao ponto que, de fato, os homens dividem o tempo em antes de Cristo e depois de Cristo. É como se com sua vinda a vida e o mundo tivessem começado de novo outra vez.

(4) É um evangelho proposto para todos, e que *sempre* esteve destinado a todos. Não foi um evangelho destinado aos judeus: a abertura do evangelho aos gentios não foi uma idéia posterior. Os profetas, talvez sem saber muito o que estavam dizendo, tiveram seus prognósticos e suas previsões de uma época em que todos os homens, de todas as nações, conheceriam a Deus. Esta época não chegou ainda; mas é o sonho de Deus que algum dia seu conhecimento cubra a Terra como as águas cobrem o mar, e é a glória do homem poder ajudar a fazer com que o sonho de Deus se cumpra verdadeiramente.

(5) É um evangelho que cria um mundo obediente, um mundo onde Deus é Rei. Mas esta obediência não é uma obediência fundada na submissão a uma lei de ferro que destrói o homem que se opõe a ela; é

uma obediência fundada na fé, em total confiança, em completa entrega; está fundada em uma submissão que é resultado do amor. É a obediência que provém do coração que não pode fazer outra coisa senão a de submeter-se em amor ao amor que o amou que tal maneira. Para Paulo, o cristão não é o homem que se submeteu a um poder iniludível; é o homem que se apaixonou por Deus amante de todas as almas dos homens, e cujo amor está para sempre plenamente manifesto em Jesus Cristo.

E desta maneira, o longo argumento da carta aos romanos termina em um canto de louvor.